



GUY
de
MAUPASSANT
CONTOS

ESCOLHIDOS

TRADUÇÃO de PEDRO TAMEN



D. QUIXOTE

Ficha Técnica

Título original: *Contos Escolhidos de Guy de Maupassant*

Tradução: Pedro Tamen

Capa: Joana Tordo

Edição: Cecília Andrade

Revisão: Clara Boléo

ISBN: 978-989-23-1047-3

Publicações Dom Quixote

[Uma chancela do grupo Leya]

Rua Cidade de Córdoba, n.º 2

2610-038 Alfragide – Portugal

Tel. (+351) 21 427 22 00

Fax. (+351) 21 427 22 01

© Publicações Dom Quixote, 2011

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

www.dquixote.leya.com

www.leya.pt

O tradutor desta selecção de contos de Guy de Maupassant deseja deixar aqui claramente expresso o seu profundo agradecimento a Miguel Viqueira, que não apenas lhe inspirou a ideia de traduzir de novo este grande autor hoje quase esquecido em Portugal, como ainda colaborou de uma maneira dedicada, activa e decisiva na escolha dos textos e na organização interna do presente volume.

I
CONTOS MUNDANOS, AMOROSOS,
ERÓTICOS E GALANTES

A Casa Tellier

1.

Iam lá todas as noites, por volta das onze, simplesmente como quem vai ao café.

Eram seis ou oito os que ali se encontravam, sempre os mesmos, não uns pândegos quaisquer, mas homens respeitáveis, comerciantes e gente nova da cidade; e tomavam o seu licor fazendo algumas brincadeiras travessas às raparigas, ou então conversavam gravemente com a *Madame*, que toda a gente respeitava.

E depois saíam para se irem deitar antes da meia-noite. Às vezes os jovens ficavam.

Era uma casa de família, pequenina, pintada de amarelo, na esquina de uma rua por trás da igreja de Santo Estêvão; e das janelas avistava-se a doca cheia de navios a descarregar, o grande brejo salgado a que chamavam «A Retenção» e, lá atrás, a costa da Virgem com a sua velha capela enegrecida.

A *Madame*, oriunda de uma boa família de camponeses do departamento do Eure, aceitara aquela profissão exactamente como poderia ter sido modista ou fanqueira. O preconceito desonroso ligado à prostituição, tão violento e vivaz nas cidades, não existe nas terras de província normandas. O camponês diz: «É um bom ofício»; e destina ao filho a gestão de um harém de raparigas do mesmo modo que lhe daria a gerir um internato de meninas.

De resto, aquela casa viera por herança de um velho tio seu proprietário. O *Senhor* e a *Madame*, em tempos estalajadeiros nos arredores de Yvetot, haviam imediatamente liquidado o seu negócio, por considerarem que o de Fécamp lhes seria mais vantajoso; e tinham chegado um belo dia para assumir a direcção da empresa que estava periclitando na ausência dos patrões.

Eram boas pessoas, que desde logo conquistaram a estima do pessoal e dos vizinhos.

O *Senhor* morreu de uma congestão passados dois anos. Como a sua nova profissão lhe proporcionava uma vida de indolência e imobilidade, engordara muito e a saúde liquidara-o.

A *Madame*, depois de enviudar, era desejada em vão por todos os frequentadores habituais do estabelecimento; mas tinha a fama de ser absolutamente honesta, e nem sequer as suas pensionistas haviam descoberto fosse o que fosse.

Era alta, cheia de carnes, elegante. A pele, empalidecida na obscuridade daquela casa sempre fechada, brilhava como que untada por um verniz gorduroso. Rodeava-lhe a testa um esguio enfeite de cabelos travessos, o que lhe dava um aspecto juvenil que destoava da maturidade das suas formas. Invariavelmente alegre e de expressão franca, era dada a gracejos, com uma tonalidade comedida que as suas novas ocupações ainda não lhe tinham feito perder. As palavras feias chocavam-na sempre um pouco; e, quando um rapaz mal educado chamava pelo nome próprio o estabelecimento que dirigia, zangava-se, revoltada. Tinha, enfim, uma alma delicada e, embora tratasse as suas mulheres como amigas, não se cansava de repetir que «não era da mesma laia».

Às vezes, durante a semana, saía num carro de aluguer com uma parte do seu grupo; e iam folgar na

relva à beira de um regato que corre nas terras de Valmont. Havia então pensionistas que desapareciam fugidas, correrias loucas, brincadeiras infantis, toda uma alegria de reclusas inebriadas pelo ar livre. Comiam enchidos deitadas na relva bebendo cidra, e voltavam ao entardecer com um delicioso cansaço, com uma doce comoção; e no carro beijavam a *Madame* que era tão boa mãe, cheia de mansidão e complacência.

A casa tinha duas entradas. Na esquina da rua havia uma espécie de café de ruim aparência, que abria à noite para a gente do povo e para os marinheiros. Duas das pessoas encarregadas do comércio específico do local eram particularmente destinadas às necessidades daquela parte da clientela. Com a ajuda do criado, chamado Frédéric, um loirinho imberbe e forte como um boi, serviam os quartilhos de vinho e as litradas nas mesas desengonçadas de mármore, e, com os braços à roda do pescoço dos bebedores, sentadas de viés nas pernas deles, encorajavam-nos a consumir.

As três outras damas (elas eram ao todo cinco) formavam uma espécie de aristocracia, e permaneciam reservadas ao grupo do primeiro andar, a não ser quando precisavam delas lá em baixo e o andar de cima estava vazio.

O salão de Júpiter, onde se reuniam os burgueses do lugar, era forrado a papel azul e enfeitado com um grande desenho que representava Leda estendida debaixo de um cisne. Chegava-se até lá através de uma escada de caracol que terminava numa porta estreita, de aparência humilde, que dava para a rua, e por cima da qual brilhava toda a noite, atrás de uma grade, uma pequena lanterna daquelas que se acendem ainda em certas cidades aos pés das Nossas Senhoras encastradas nas paredes.

O prédio, húmido e velho, cheirava ligeiramente a mofo. De vez em quando perpassava pelos corredores um hálito de água-de-colónia, ou então uma porta entreaberta lá em baixo fazia ressoar por toda a casa, como a explosão de uma trovoadas, os gritos popularunchos dos homens das mesas do rés-do-chão, e provocava nas caras dos senhores do primeiro andar um esgar de inquietação e repugnância.

A *Madame*, íntima dos seus amigos clientes, não saía da sala, e interessava-se pelos boatos que corriam na cidade e que através deles lhe chegavam. A sua conversa séria contrastava com as frases incoerentes das três mulheres; ela era como que uma pausa na jovialidade brejeira dos senhores barrigudos que todas as noites se entregavam àquele honesto e medíocre deboche de beberem um cálice de licor na companhia de mulheres públicas.

As três damas do primeiro andar chamavam-se Fernanda, Rafaela e Rosa Pileca.

Como o pessoal era pouco, tinha-se procurado que cada uma delas fosse uma espécie de amostra, de um resumo do tipo feminino, para que todos os consumidores pudessem encontrar ali, ao menos aproximadamente, a realização do seu ideal.

A Fernanda representava a *loiraça*, muito alta, quase obesa, mole, rapariga do campo cujas sardas se recusavam a desaparecer, e cujo cabelo amarelo-desbotado, encurtado, claro e sem cor, que parecia cânhamo penteado, mal lhe cobria o crânio.

A Rafaela, uma marselhesa, prostituta dos portos de mar, representava o papel indispensável da *bela judia*, magra, com as maçãs do rosto cobertas de vermelhão. Os cabelos pretos, postos a brilhar com medula de boi, encaracolavam-se-lhe nas têmporas. Os olhos teriam sido bonitos se o direito não tivesse a marca de uma catarata. O nariz arqueado descaía sobre uma queixada proeminente,

onde dois dentes novos, de cima, contrastavam com os de baixo, que, com o tempo, tinham tomado uma coloração escura como a das madeiras antigas.

A Rosa Pileca, uma bolinha de carne toda ela barriga com umas pernas minúsculas, cantava de manhã até à noite, numa voz rouca, umas cantigas ora licenciosas ora sentimentais, contava histórias intermináveis e insignificantes, só parava de falar para comer e de comer para falar, e andava sempre de um lado para o outro, ágil como um esquilo apesar da gordura e da exiguidade das patas; e o seu riso, uma cascata de gritos agudos, estalava constantemente, por aqui e por ali, num quarto, no sótão, no café, por toda a parte, a propósito de tudo e de nada.

As duas mulheres do rés-do-chão, a Luísa, apelidada de Cocote, e a Flora, chamada Baloioço por coxear um bocado, uma sempre vestida de *Liberdade* com uma faixa tricolor à cintura, e a outra de espanhola de fantasia com cequins de cobre que lhe dançavam no cabelo cor de cenoura a cada um dos seus passos desiguais, dir-se-iam serventes de cozinha mascaradas para um carnaval. Semelhantes a todas as mulheres do povo, nem mais feias nem mais bonitas, verdadeiras criadas de estalagem, eram designadas no porto pela alcunha de «as duas Chancas».

Reinava entre estas cinco mulheres uma paz ciumenta, mas raramente perturbada, graças à sabedoria conciliadora da *Madame* e ao seu inesgotável bom humor.

O estabelecimento, único naquela pequena cidade, era muito frequentado. A *Madame* soubera infundir-lhe uma apropriada elegância: mostrava-se tão amável, tão obsequiosa para com toda a gente, e o seu bom coração era tão bem conhecido que era rodeada de uma espécie de consideração. Os frequentadores habituais eram capazes de fazer tudo por ela e sentiam-se triunfantes quando ela lhes demonstrava uma amizade mais evidente; e quando durante o dia se encontravam nos seus locais de trabalho diziam uns para os outros: «Até logo à noite, onde a gente sabe», como quem diz: «No café, não é verdade? Depois do jantar.»

Enfim, a casa Tellier era um refúgio, e raramente alguém faltava ao encontro quotidiano.

Ora aconteceu que uma noite, em fins de Maio, o primeiro a chegar, o senhor Poulin, negociante de madeiras e antigo presidente da Câmara, deparou com a porta fechada. O lanternim, atrás da sua grade, não brilhava e não saía qualquer ruído da casa, que parecia morta. Bateu à porta, primeiro devagarinho e depois com mais força, mas não respondeu ninguém. Tornou então a subir a rua em passinhos curtos e, ao chegar à praça do Mercado, encontrou o senhor Duvert, o armador, que se dirigia para o mesmo lugar. Voltaram lá juntos sem melhor êxito. Mas um grande barulho estalou de repente muito perto deles, e, dando a volta à casa, viram um ajuntamento de marinheiros ingleses e franceses que davam murros nas portadas fechadas do café.

Os dois burgueses puseram-se imediatamente em fuga para não se verem comprometidos; mas foram detidos por um leve «pssst»: era o senhor Tournevau, o da salga de peixe, que, tendo-os reconhecido, estava a chamá-los. Contaram-lhe o que se passava, o que ainda mais o afectou a ele, que, casado, pai de família e muito vigiado, só lá ia aos sábados «*securitatis causa*», dizia ele, aludindo assim a uma medida de polícia sanitária cujas periódicas sequências o doutor Borde, seu amigo, lhe havia revelado. Aquela era justamente a noite dele, e ia assim ficar privado uma semana inteira.

Os três homens deram uma grande volta até ao cais, e encontraram no caminho o jovem senhor Philippe, filho do banqueiro, um frequentador habitual, e o senhor Pimpesse, recebedor dos

impostos. Regressaram então todos juntos pela rua «dos Judeus» para fazerem uma última tentativa. Mas os marinheiros exasperados cercavam a casa, atiravam pedras, berravam; e os cinco clientes do primeiro andar, arrepiando caminho o mais depressa possível, puseram-se a vaguear pelas ruas.

Encontraram então o senhor Dupuis, agente de seguros, e depois o senhor Vasse, juiz do tribunal do comércio; e assim principiou um longo passeio que começou por levá-los até ao molhe. Sentaram-se alinhados no parapeito de granito e ficaram-se a contemplar a ondulação. A espuma na crista das ondas criava na sombra umas brancuras luminosas que se extinguíam logo mal apareciam, e o ruído monótono do mar quebrando-se contra as rochas prolongava-se na noite ao longo de toda a falésia. Já os tristes viandantes estavam ali há algum tempo quando o senhor Tournevau declarou: «É triste.» «Lá isso é», continuou o senhor Pimpesse; e lá se foram em passinhos miúdos.

Percorrida a rua que segue pela base da falésia e a que chamam «Debaixo da Mata», voltaram pela ponte de pranchas para a «Retenção», passaram junto da linha férrea e foram desembocar de novo na praça do Mercado, onde de repente começou uma discussão entre o recebedor dos impostos, o senhor Pimpesse, e o negociante de sal, o senhor Tournevau, a propósito de um cogumelo comestível que um deles afirmava ter encontrado ali perto.

Os espíritos estavam azedados pelo tédio, e teriam certamente chegado a vias de facto se os outros não se tivessem interposto. O senhor Pimpesse, furioso, retirou-se; e logo estalou nova altercação entre o antigo presidente da Câmara, o senhor Poulin, e o agente de seguros, o senhor Dupuis, acerca dos vencimentos do recebedor dos impostos e dos benefícios que podia obter. As afirmações injuriosas choviam de ambos os lados, quando estoirou uma tempestade de gritos formidáveis, e o bando dos marinheiros, cansados de esperar em vão diante de uma casa fechada, entrou na praça. Vinham agarrados uns aos outros pelos braços, dois a dois, formando uma longa procissão, e vociferavam furiosamente. O grupo dos burgueses escondeu-se debaixo de um portal, e a horda aos uivos desapareceu na direcção da abadia. Ainda durante muito tempo se ficou ouvindo o clamor que diminuía como um temporal que se afasta; e voltou o silêncio.

O senhor Poulin e o senhor Dupuis, irritados um com o outro, foram-se embora, cada um para o seu lado, sem se cumprimentarem.

Os outros quatro continuaram a andar e tornaram a descer instintivamente na direcção do estabelecimento Tellier. Continuava fechado, mudo, impenetrável. Um bêbado, tranquilo e obstinado, dava pancadinhas na frontaria do café, e depois interrompia-se para chamar a meia-voz pelo criado Frédéric. Vendo que não lhe respondiam, decidiu sentar-se no degrau da porta e aguardar os acontecimentos.

Os burgueses iam retirar-se quando o bando tumultuoso dos homens do porto reapareceu ao fim da rua. Os marinheiros franceses berravam *A Marselhesa*, os ingleses o *Rule Britannia*. Todos arremeteram contra as paredes, e depois a vaga de brutamontes retomou o seu percurso para o cais, onde estalou uma batalha entre os marítimos das duas nações. Durante a briga, um inglês ficou com um braço partido e um francês com o nariz rachado.

O bêbado, que tinha ficado diante da porta, chorava agora como choram os bêbados ou as crianças contrariadas.

Por fim, os burgueses dispersaram.

A pouco e pouco a calma regressou à cidade perturbada. De praça em praça ainda de vez em quando se erguia um ruído de vozes que depois se extinguia ao longe.

Apenas um homem continuava a deambular, o senhor Tournevau, o negociante de sal, desolado por ter de esperar até ao sábado seguinte; estava à espera de um acaso qualquer, porque não compreendia aquilo, exasperado por a polícia deixar fechar assim um estabelecimento de utilidade pública que lhe cabe vigiar e ter à sua guarda.

Voltou lá, colado às paredes, em busca de uma razão; e descobriu que havia um letreiro colado na frontaria. Apressou-se a acender um fósforo e leu estas palavras traçadas numa letra grande e desigual: «*Fechado por motivo de primeira comunhão.*»

Então afastou-se, percebendo assim que era assunto arrumado.

O bêbado estava agora a dormir, estendido ao comprido e atravessado na porta pouco hospitaleira.

E no dia seguinte todos os clientes habituais, um após outro, acharam maneira de passar na rua com papéis debaixo do braço por uma questão de aparência; e, numa olhadela furtiva, todos liam o misterioso aviso: «*Fechado por motivo de primeira comunhão.*»

2.

Acontecia que a *Madame* tinha um irmão estabelecido como marceneiro na sua terra natal, Virville, no Eure. No tempo em que a *Madame* era ainda estalajadeira em Yvetot fora ela que levara à pia baptismal a filha daquele irmão, a que deu o nome de Constance, Constance Rivet, pois ela própria era Rivet pelo lado do pai. O marceneiro, que sabia que a irmã estava numa boa situação, não a perdia de vista, embora não se encontrassem muitas vezes, ambos retidos que estavam pelas respectivas ocupações e, além disso, por viverem longe um do outro. Mas, como a menina ia completar doze anos e nesse ano fazia a sua primeira comunhão, ele aproveitou a oportunidade para promover uma aproximação, e escreveu à irmã que contava com ela para a cerimónia. Os velhos pais tinham morrido e ela não podia recusar aquilo à afilhada: aceitou. O irmão, que se chamava Joseph, esperava que, valendo-se destas atenções, talvez conseguisse um testamento a favor da pequena, já que a *Madame* não tinha filhos.

A profissão da irmã não bulia de modo algum com os seus escrúpulos e, aliás, ninguém lá da terra sabia de nada. Ao falar dela dizia-se apenas: «A senhora Tellier é uma burguesa de Fécamp», o que dava a entender que estava em condições de viver dos rendimentos. De Fécamp até Virville distavam pelo menos vinte léguas; e vinte léguas de terra são, para camponeses, mais difíceis de percorrer que o Oceano para um civilizado. O povo de Virville nunca tinha ido além de Ruão; e nada atraía as gentes de Fécamp a uma aldeola de quinhentos fogos, perdida no meio das planícies e que pertencia a outro departamento. Enfim, não se sabia de nada.

Mas, ao aproximar-se a época da comunhão, a *Madame* sentiu um grande embaraço. Não tinha nenhuma patroa substituta e não lhe agradava nada deixar a casa, mesmo por um dia. Todas as rivalidades entre as damas lá de cima e as lá de baixo iriam infalivelmente estalar; além disso, o Frédéric havia de embebedar-se de certeza, e quando estava bêbado importunava as pessoas por tudo

e por nada. Acabou por se decidir a levar consigo toda a sua gente, excepto o criado, a quem deu férias até dali a dois dias.

Consultado o irmão, este não levantou qualquer objecção, e encarregou-se de arranjar alojamento para todo o grupo por uma noite. E assim, no sábado de manhã, o comboio expresso das oito transportava a *Madame* e as suas companheiras numa carruagem de segunda classe.

Até Beuzeville foram sozinhas e palraram como pegas. Mas nessa estação entrou um casal. O homem, um velho camponês que envergava uma bata azul com gola plissada, mangas largas apertadas nos pulsos e adornadas de um bordadinho branco, de cabeça coberta por um antiquado chapéu alto cujo pêlo ruço parecia eriçado, trazia numa das mãos um imenso chapéu-de-chuva verde, e na outra um grande cesto donde espreitavam as cabeças assustadas de três patos. A mulher, hirta na sua roupagem rústica, tinha cara de galinha, com um nariz afilado como um bico. Sentou-se de frente para o seu homem e deixou-se ficar sem se mexer, impressionada por se encontrar rodeada de uma tão bela companhia.

Com efeito, a carruagem era um deslumbramento de cores brilhantes. A *Madame*, toda de azul, de seda azul dos pés à cabeça, trazia por cima um xaile de falsa casimira francesa, vermelho, ofuscante, fulgurante. A Fernanda ofegava num vestido escocês cujo corpete, atado com todas as forças das companheiras, lhe soerguia o peito em riscos de se desmoronar numa dupla cúpula sempre agitada que parecia líquida debaixo do tecido.

A Rafaela, com um penteado emplumado a fingir um ninho cheio de passarinhos, usava um vestido lilás, semeado de lantejoulas de ouro, uma coisa como que oriental que calhava bem com a sua cara de judia. A Rosa Pileca, de saia cor-de-rosa com amplos folhos, tinha o aspecto de uma menininha excessivamente gorda, de uma anã obesa; e as duas Chancas pareciam ter escolhido de propósito uns adornos estranhos por entre velhas cortinas de janela, as velhas cortinas com ramagens do tempo da Restauração.

Mal deixaram de estar sozinhas no compartimento, as senhoras assumiram um comportamento sério, e puseram-se a falar de coisas elevadas para criarem boa opinião a seu respeito. Mas em Bolbec apareceu um sujeito de suíças loiras, com anéis e uma corrente de ouro, que arrumou na rede por cima da sua cabeça vários pacotes embrulhados em oleado. Tinha um ar trocista e de boa pessoa. Cumprimentou, sorriu e perguntou com todo o à-vontade: «Estas senhoras vão mudar de quartel?» A pergunta lançou no grupo uma confusão embaraçada. Por fim a *Madame* recuperou a presença de espírito e respondeu secamente, para vingar a honra do pelotão: «O senhor podia ser mais bem educado!» Ele desculpou-se: «Perdão, eu queria dizer de convento.» A *Madame*, como não encontrou nada para responder, ou talvez por achar a rectificação suficiente, fez um cumprimento digno franzindo os lábios.

Então o senhor, que estava sentado entre a Rosa Pileca e o velho camponês, pôs-se a piscar o olho aos três patos cujas cabeças espreitavam do grande cesto; e depois, quando sentiu que o seu público já estava cativado, começou a fazer festas aos animais debaixo do bico, dirigindo-lhes frases engraçadas para alegrar a companhia: «Com que então deixámos o nosso charco!, quáquá!, quáquá!, quáquá!, para conhecermos o belo espeto, não é?, quáquá!, quáquá!, quáquá!» Os infelizes animais reviravam o pescoço para evitar os seus afagos, faziam terríveis esforços para saírem da sua prisão

de vime; e depois, de repente, os três em conjunto, soltaram um lamentoso grito de aflição: – Quáquá! quáquá! quáquá! Houve então uma explosão de gargalhadas entre as mulheres. Elas debruçavam-se, empurravam-se umas às outras para espreitar; estavam loucamente interessadas nos patos; e o senhor redobrava de graciosidade, de espírito e de carícias.

A Rosa meteu-se no assunto e, debruçando-se por sobre as pernas do seu vizinho, beijou os três animais no nariz. E logo todas as mulheres os quiseram beijar também; e o senhor sentava as senhoras nos seus joelhos, fazia-as dar saltos, beliscava-as; não tardou e estava a tratá-las por tu.

Os dois camponeses, ainda mais desorientados que os patos, arregalavam uns olhos de possessos sem se atreverem a fazer qualquer movimento, e os seus velhos rostos enrugados não mostravam qualquer sorriso, nem qualquer sobressalto.

Então o cavalheiro, que era caixeiro-viajante, ofereceu por brincadeira uns suspensórios às senhoras e abriu um dos seus embrulhos. Era um ardil, porque o pacote continha ligas de mulher.

Havia-as de seda azul, de seda cor-de-rosa, de seda encarnada, de seda roxa, de seda cor de malva, de seda cor de papoila, com anéis de metal formados por dois amores enlaçados e dourados. As raparigas soltaram gritos de alegria, e depois puseram-se a examinar as amostras, possuídas de novo pela gravidade natural de qualquer mulher quando mexe num objecto de *toilette*. Consultavam-se umas às outras com os olhos ou com palavras segredadas, respondiam do mesmo modo, e a *Madame* manuseava com desejo um par de ligas alaranjadas, mais largas, mais imponentes que as outras: verdadeiras ligas de patroa.

O cavalheiro esperava, e ao mesmo tempo ia alimentando uma ideia: «Vamos lá, minhas gatinhas, é preciso prová-las», disse ele. Soltou-se uma tempestade de exclamações; e elas apertavam as saias entre as pernas como se temessem violências. Ele, tranquilamente, esperava a sua hora. Declarou: «Se não querem, torno a embrulhar.» E depois, com toda a esperteza: «Ofereço um par, à escolha, às que fizerem a experiência.» Mas elas não queriam, muito dignas, muito direitas. Porém, as duas Chancas pareciam tão infelizes que ele repetiu-lhes a proposta. Sobretudo a Flora Baloioço, torturada pelo desejo, hesitava visivelmente. Ele pressionou-a: «Vá lá, menina, um pouco de coragem; olha este par lilás, que vai bem com a tua *toilette*.» Então ela decidiu-se e, erguendo o vestido, pôs à mostra uma perna forte de vaqueira, dificilmente apertada numa meia grosseira. O cavalheiro, baixando-se, prendeu a liga primeiro abaixo do joelho e depois acima; e titilava suavemente a rapariga para a obrigar a soltar uns gritinhos com bruscos estremecimentos. Quando acabou, deu o par lilás e perguntou: «Quem se segue?» Todas juntas gritaram: «Eu! Eu!» Ele começou pela Rosa Pileca, que pôs à mostra uma coisa informe, toda redonda, sem tornozelo, uma verdadeira «perna chouriço», como dizia a Rafaela. A Fernanda foi cumprimentada pelo caixeiro-viajante, entusiasmado pelas suas poderosas colunas. As magras tíbias da bela Judia não tiveram tanto êxito. A Luísa Cocote, de brincadeira, lançou a saia por cima da cabeça do cavalheiro; e a *Madame* viu-se obrigada a intervir para acabar com aquela farsa pouco própria. Por fim, a própria *Madame* estendeu a perna, uma bela perna normanda, gorda e musculada; e o caixeiro-viajante, surpreendido e encantado, tirou galantemente o chapéu para saudar aquela supina barriga da perna como um verdadeiro cavalheiro francês.

Os dois camponeses, hirtos de pasmo, olhavam de lado, pelo canto do olho; e pareciam-se tão

absolutamente com frangos que o homem das suíças loiras, levantando-se, lhes gritou em pleno nariz: «Cocorocó!» O que de novo desencadeou um furacão de galhofa.

Os velhos desceram em Motteville, eles e o seu cesto, os seus patos e o seu guarda-chuva; e ouviu-se a mulher dizer para o homem enquanto se afastavam: «São mais mulheres da vida que vão para aquela maldita Paris!»

O divertido vendedor ambulante desceu também em Ruão, depois de se ter revelado tão grosseiro que a *Madame* se viu obrigada a pô-lo severamente no seu lugar. E acrescentou à laia de moral: «É para sabermos que não se deve falar com a primeira pessoa que nos aparece.»

Em Oissel mudaram de comboio e encontraram-se numa das estações seguintes com o senhor Joseph Rivet que as esperava numa grande carreta cheia de cadeiras e puxada por um cavalo branco.

O marceneiro beijou delicadamente todas aquelas senhoras e ajudou-as a subir para o carro. Três sentaram-se em três cadeiras ao fundo; a Rafaela, a *Madame* e o irmão nas três cadeiras da frente, e a Rosa, como não tinha lugar, acoitou-se como pôde nos joelhos da grandalhona Fernanda; e lá se puseram todos a caminho. Mas logo o trote sacudido do garrano agitou o carro tão terrivelmente que as cadeiras começaram a dançar atirando as passageiras ao ar, para a direita e para a esquerda, com movimentos de fantoches, caretas de susto, gritos de pavor de repente cortados por um sacão mais forte. Aferravam-se aos lados do veículo; os chapéus caíam-lhes para as costas, para o nariz ou para os ombros; e o cavalo branco continuava, de cabeça estendida e cauda direita, uma pequena cauda de rato sem pêlo com que açoitava as nádegas de vez em quando. Joseph Rivet, com um pé estendido sobre o varal e a outra perna dobrada debaixo do corpo, de cotovelos erguidos, segurava as rédeas, e da garganta escapava-se-lhe a todo o momento uma espécie de cacarejo que, fazendo erguer as orelhas ao garrano, lhe acelerava o passo.

Os campos verdes estendiam-se de ambos os lados da estrada. As colzas em flor formavam aqui e além uma grande toalha amarela ondulante donde se erguia um saudável e poderoso aroma, um aroma penetrante e doce, que o vento transportava até muito longe. Nos pés de centeio já crescidos as cinerárias mostravam as cabecinhas azuladas que as mulheres queriam colher, mas o senhor Rivet recusou-se a parar. Além disto, por vezes, aparecia um campo inteiro que parecia regado de sangue, de tal modo estava invadido de papoilas. E no meio daquelas planícies assim coloridas pelas flores da terra, a carreta, que parecia também transportar um ramo de flores de tão ardentes cores, passava levada pelo trote do cavalo branco, desaparecia atrás das grandes árvores de uma herdade para reaparecer no fim das ramarias e de novo passear através das culturas amarelas e verdes, sarapintadas de vermelho ou de azul: uma deslumbrante carrada de mulheres correndo debaixo do sol.

Batia uma hora quando chegaram diante da porta do marceneiro.

Estavam moídas de cansaço e pálidas de fome, porque não tinham comido nada desde a partida de casa. A senhora Rivet precipitou-se, ajudou-as a descer uma a uma, beijando-as logo que chegavam ao chão; e não parava de beijocar a cunhada, cujas boas graças queria conquistar. Comeram na oficina, donde tinham retirado os bancos de trabalho para o jantar do dia seguinte.

Uma boa omeleta seguida de uma linguiça grelhada, tudo regado com uma boa cidra cheia de picos, devolveu a alegria a toda a gente. Rivet, para brindar, bebera um copo, e a mulher servia, fazia a

cozinha, trazia os pratos, retirava-os, murmurando ao ouvido de cada uma das visitas: «Não lhe falta nada?» Montes de tábuas encostadas às paredes e pilhas de aparas varridas para os cantos espalhavam um perfume de madeira aplainada, um cheiro a marcenaria, aquele hálito resinoso que penetra até ao fundo dos pulmões.

Queriam ver a pequena, mas ela estava na igreja e só devia regressar à tarde.

Então todo o grupo saiu para dar uma volta pela terra.

Era uma aldeia muito pequena, atravessada por uma estrada principal. Numa dezena de casas arrumadas ao longo dessa via única alojavam-se os comerciantes do sítio, o açougueiro, o merceiro, o marceneiro, o dono do botequim, o sapateiro e o padeiro. A igreja, na extremidade dessa espécie de rua, era rodeada por um estreito cemitério; e quatro tílias desmesuradas, plantadas diante do portal, cobriam-na inteiramente de sombra. Era feita de pederneira talhada, sem qualquer espécie de estilo, e encimada por um campanário de ardósia. A seguir à igreja recomeçava o campo, cortado aqui e além por maciços de árvores que escondiam as herdades.

Rivet, por uma questão de cerimónia, e embora vestido de operário, tinha dado o braço à irmã, que levava a passear majestosamente. A mulher, muito comovida com o vestido com fios dourados da Rafaela, colocara-se entre esta e a Fernanda. A rechonchuda Rosa ia trotando lá atrás com a Luísa Cocote e a Flora Baloíço, que coxeava extenuada.

Os habitantes vinham às portas, as crianças paravam de brincar, uma cortina soerguida deixava entrever uma cabeça com um gorro de chita; uma velha de muletas e quase cega persignou-se como à passagem de uma procissão; e todos seguiam longamente com o olhar todas aquelas belas raparigas da cidade que tinham vindo de tão longe para a primeira comunhão da pequena do Joseph Rivet. Uma imensa consideração ressaltava sobre o marceneiro.

Ao passarem diante da igreja ouviram cânticos de crianças; um canto gritado para o céu por umas vozinhas agudas; mas a *Madame* não deixou que entrassem para não perturbarem os querubins.

Depois de uma volta pelo campo, e da enumeração das principais propriedades, do rendimento da terra e da produção do gado, Joseph Rivet reconduziu o seu rebanho de mulheres e instalou-se na sua casa.

O espaço era muito escasso, e elas tinham sido repartidas aos pares pelos diversos quartos.

Rivet, desta vez, dormiria na oficina, em cima das aparas; a mulher partilharia a cama com a cunhada e, no quarto ao lado, a Fernanda e a Rafaela descansariam juntas. A Luísa e a Flora estavam instaladas na cozinha em cima de um colchão estendido no chão; e a Rosa ocupava sozinha um pequeno cubículo escuro por cima da escada, junto da entrada de um exíguo sótão onde nessa noite dormiria a comungante.

Quando a menina regressou caiu-lhe em cima uma chuva de beijos; todas as mulheres queriam animá-la, com aquela necessidade de expansão terna, aquele hábito profissional de meiguices que na carruagem do comboio as levava a todas a beijar os patinhos. Todas a fizeram sentar ao colo, lhe mexeram nos finos cabelos loiros, a apertaram nos seus braços em impulsos de afecto veemente e espontâneo. A criança, tão ajuizada, intimamente penetrada de piedade, como que fechada pela absolvição, deixava que lhe fizessem tudo, paciente e recolhida.

Como o dia fora difícil para toda a gente, deitaram-se logo a seguir ao jantar. Aquele ilimitado

silêncio dos campos que quase parece religioso envolvia a pequena aldeia, um silêncio tranquilo, penetrante, e amplo até aos astros. As raparigas, acostumadas aos serões tumultuosos da casa pública, sentiam-se comovidas por aquele mudo repouso do campo adormecido. Sentiam arrepios, não de frio, mas arrepios de solidão oriundos do coração inquieto e perturbado.

Mal se meteram na cama, duas a duas, abraçaram-se como para se defenderem daquela invasão do calmo e profundo sono da terra. Mas a Rosa Pileca, sozinha no seu cubículo escuro, e pouco habituada a dormir de braços vazios, sentiu-se invadida por uma emoção vaga e penosa. Revirava-se na cama sem conseguir conciliar o sono, quando ouviu atrás do tabique de madeira a que encostava a cabeça uns débeis soluços, como os de uma criança a chorar. Assustada, chamou em voz baixa, e respondeu-lhe uma vozinha entrecortada. Era a rapariguinha que, tendo sempre dormido no quarto da mãe, tinha medo no seu estreito desvão.

A Rosa, encantada, levantou-se e, devagarinho, para não acordar ninguém, foi procurar a criança. Trouxe-a para a sua cama quentinha, apertou-a contra o peito beijando-a, acalentou-a, envolveu-a na sua ternura de exageradas manifestações, e depois, ela própria mais calma, adormeceu. E até ser dia a comungante dormiu com a testa encostada ao seio nu da prostituta.

Às cinco da manhã, à hora do *Angelus*, o pequeno sino da igreja repicando com toda a sua animação despertou as senhoras que habitualmente dormiam toda a manhã, seu único repouso das fadigas nocturnas. Os camponeses da aldeia já estavam a pé. As mulheres da terra andavam apressadamente de porta em porta, conversando animadamente, transportando cuidadosamente vestidos curtos de musselina engomados como se fossem de cartão, ou círios imensos, com um nó de seda franjada de dourado a meio, e sulcos de cera a indicar o lugar da mão. O sol já alto luzia num céu bem azul que conservava no horizonte uma coloração um tanto rosada, como se fosse um vestígio enfraquecido da aurora. Diante das suas casas passeavam-se famílias de galinhas; e, aqui e além, um galo negro de pescoço lúcido erguia a cabeça coberta de púrpura, batia as asas e soltava ao vento o seu canto de cobre repetido pelos outros galos.

Chegavam carros das comunas próximas, que descarregavam junto das portas as altas normandas de vestidos escuros, com o lenço cruzado no peito e preso por uma jóia de prata secular. Os homens tinham envergado a bata azul por cima da sobrecasaca nova ou do velho fato de tecido verde com as duas abas cruzadas.

Quando os cavalos foram para a cavalaria, viu-se assim ao longo da rua principal uma dupla linha de carripanas rústicas, *charrettes*, cabriolés, *tilburys*, carros de bancos corridos, viaturas de todas as formas e idades, caídas de nariz ou com a traseira no chão e os varais erguidos para o céu.

Em casa do marceneiro vivia-se uma actividade de colmeia. As senhoras, de corpete e saia, com o cabelo caído sobre as costas, uns cabelos magros e curtos que se diriam baços e corroídos pela idade, tratavam de vestir a menina.

A pequena, de pé em cima de uma mesa, não se mexia, enquanto a senhora Tellier dirigia os movimentos do seu batalhão volante. Lavaram-na, pentearam-na, arranjaram-lhe o cabelo, vestiram-na e, servindo-se de uma multidão de alfinetes, orientaram as pregas do vestido, apertaram-lhe a cintura larga de mais, organizaram a elegância da *toilette*. A seguir, terminada esta operação, sentaram a paciente recomendando-lhe que não se movesse mais, e o bando agitado das mulheres

correu a preparar-se também.

A pequena igreja recomeçava os toques. O seu tilintar frágil de sino pobre erguia-se para se perder nos céus, como se fosse uma voz demasiado fraca logo afogada no imenso azul.

Os comungantes saíam das portas, encaminhavam-se para o edifício comunal onde se alojavam as duas escolas e a câmara, e que se situava numa das extremidades da povoação, enquanto a «casa de Deus» ocupava a outra ponta.

Os pais, com roupas de festa, com caras de embaraço e com aqueles movimentos desajeitados dos corpos sempre dobrados sobre o trabalho, seguiam os respectivos rebentos. As raparigas desapareciam numa nuvem de tule nevado que parecia de natas batidas, enquanto os rapazinhos, que pareciam embriões de criados de café, com as cabeças untadas de brilhantina, caminhavam de pernas afastadas para não sujarem os calções pretos.

Era uma glória para uma família quando um grande número de parentes vindos de longe rodeava a criança: por isso o triunfo do marceneiro foi completo. O regimento Tellier, com a patroa à cabeça, ia atrás de Constance; e com o pai a dar o braço à irmã, a mãe caminhando ao lado da Rafaela, a Fernanda com a Rosa e as duas Chancas juntas, o bando desdobrava-se majestosamente como um estado-maior em uniforme de gala.

O efeito na aldeia foi fulminante.

Na escola, as meninas arrumaram-se seguindo a touca da freirinha, e os rapazes o chapéu do professor, um belo homem que representava; e partiram atacando o princípio de um cântico.

As crianças masculinas à cabeça estendiam as suas duas filas entre duas enfiadas de carros desatrelados, e as raparigas seguiam a mesma ordem; e como todos os habitantes, por uma questão de consideração, tinham deixado passar primeiro as senhoras da cidade, estas chegavam imediatamente a seguir às meninas, prolongando ainda mais a dupla linha da procissão, três à esquerda e três à direita, com as suas *toilettes* espantosas como um estralejar de fogo-de-artifício.

A sua entrada na igreja pôs a população em delírio. As pessoas apertavam-se umas contra as outras, viravam-se para trás, empurravam-se para ver melhor. E havia devotas que falavam quase em voz alta, estupefactas com o espectáculo daquelas senhoras mais agaloadas que as casulas do coro. O presidente da Câmara ofereceu o seu banco, o primeiro banco à direita a seguir ao coro, e a senhora Tellier foi lá sentar-se juntamente com a cunhada, a Fernanda e a Rafaela. A Rosa Pileca e as duas Chancas ocuparam o segundo banco na companhia do marceneiro.

O coro da igreja estava cheio de crianças de joelhos, raparigas de um lado e rapazes do outro, e os longos círios que seguravam nas mãos pareciam lanças inclinadas em todos os sentidos.

Diante da estante do coro, três homens de pé cantavam em plena voz. Prolongavam indefinidamente as sílabas do latim sonoro, eternizando os *Amen* com *a-a* indefinidos, que o serpentão mantinha com a sua nota monótona infinitamente sustentada, mugida pelo instrumento de cobre de vasta goela. A voz pontiaguda de uma criança dava a réplica, e de vez em quando um padre sentado numa estala e com um barrete quadrado na cabeça erguia-se, atabalhoava qualquer coisa e sentava-se outra vez, enquanto os três cantores recomeçavam, de olhos fitos no grande livro de cantochão aberto à sua frente e transportado pelas asas abertas de uma águia de madeira montada num eixo.

Depois, fez-se silêncio. Toda a assistência, num só movimento, se ajoelhou, e surgiu o oficiante,

velho, venerável, de cabelos brancos, inclinado sobre o cálice que trazia na mão esquerda. À sua frente caminhavam dois acólitos de toga vermelha, e atrás surgiu uma multidão de cantores de grossos sapatorros que se alinharam de ambos os lados do coro.

Tilintou uma campainha no meio do pesado silêncio. Começava o ofício divino. O sacerdote circulava lentamente diante do tabernáculo de ouro, fazia genuflexões, salmodiava de voz quebrada, tremelicante de velhice, as orações preparatórias. Mal ele se calava, todos os cantores e o serpentão soltavam-se a uma só voz, e havia homens que cantavam também na igreja, numa voz menos forte, mais humilde, como devem cantar os assistentes.

De repente jorrou para o céu o *Kyrie eleison*, impulsionado por todos os peitos e por todos os corações. Até da abóbada antiga, sacudida por esta explosão de gritos, caíram grãos de poeira e fragmentos de madeira roída de caruncho. O sol que iluminava as ardósias do tecto transformava a pequena igreja numa fornalha; e uma grande emoção, uma expectativa ansiosa, a aproximação do inefável mistério, apertavam o coração das crianças e formavam um nó na garganta das mães.

O sacerdote, que se sentara por alguns momentos, tornou a subir para o altar e, de cabeça descoberta, apenas coberta pelos seus cabelos prateados, com gestos trementes, aproximava-se do acto sobrenatural.

Virou-se para os fiéis e, de mãos estendidas para eles, pronunciou: «*Orate, fratres*», «Orai, meus irmãos.» Rezavam todos. O velho prior balbuciava agora baixinho as palavras misteriosas e supremas; a campainha tilintava repetidamente; a multidão prosternada chamava por Deus; as crianças desfaleciam numa ansiedade desmesurada.

Foi então que a Rosa, de cabeça entre as mãos, se lembrou subitamente da sua mãezinha, da igreja da sua aldeia, da sua primeira comunhão. Julgou-se regressada àquele dia, quando era tão pequenina, enfiadinha no seu vestido branco, e desatou a chorar. A princípio chorou baixinho; as lágrimas lentas saíam-lhe das pálpebras, mas depois, com as recordações, a sua emoção aumentou e, de pescoço intumescido, com o peito a bater, soluçou. Puxara do lenço, enxugava os olhos, tapava o nariz e a boca para não gritar; mas foi em vão: saía-lhe da garganta uma espécie de estertor, e dois outros suspiros profundos, dilacerantes, lhe responderam: porque as suas duas vizinhas, curvadas junto dela, a Luísa e a Flora, apertadas pelas mesmas memórias longínquas, igualmente gemiam com torrentes de lágrimas.

Mas como as lágrimas são contagiosas, a *Madame*, por sua vez, não tardou a sentir as pálpebras húmidas, e, virando-se para a cunhada, viu que todo o seu banco estava também a chorar.

O sacerdote criava o corpo de Deus. As crianças já não eram capazes de pensar, atiradas por sobre as lajes por uma devoção ardente; e na igreja, de lugar em lugar, uma mulher, uma mãe, uma irmã, tomada pela estranha simpatia das emoções pungentes, e transtornada também por aquelas belas senhoras ajoelhadas que eram sacudidas por frémitos e soluços, inundava o lenço de chita aos quadrados e, com a mão esquerda, apertava violentamente o coração aos saltos.

Tal como a fagulha que espalha o fogo num campo maduro, as lágrimas da Rosa e das suas companheiras invadiram num instante toda a multidão. Homens, mulheres, velhos, rapagões com blusas novas, em breve todos desatavam a soluçar, e sobre as respectivas cabeças parecia planar algo de sobre-humano, uma alma derramada, o sopro prodigioso de um ser invisível e todo-

poderoso.

Então, no coração da igreja, retiniu um pequeno toque: a freirinha, batendo no seu livrinho, dava o sinal da comunhão; e as crianças, tiritando de divina febre, aproximaram-se da sagrada mesa.

Estava uma fila inteira ajoelhada. O velho prior, segurando na mão o cibório dourado, passava diante deles oferecendo-lhes entre dois dedos a hóstia sagrada, o corpo de Cristo, a redenção do mundo. Abriam a boca com espasmos, com trejeitos nervosos, de olhos fechados e palidez no rosto; e a longa toalha estendida debaixo dos seus queixos estremecia como água corrente.

De repente passou pela igreja uma espécie de loucura, um rumor de multidão em delírio, uma tempestade de soluços com gritos abafados. Passou como aqueles golpes de vento que inclinam as florestas; e o padre permanecia de pé, imóvel, com uma hóstia na mão, paralisado pela emoção, dizendo de si para si: «É Deus, é Deus que está entre nós, que manifesta a sua presença, que desce pela minha voz ao seu povo ajoelhado.» E balbuciava orações atordoadas, sem atinar com as palavras, orações da alma, num furioso ímpeto para o céu.

Acabou de dar a comunhão numa tal exaltação de fé que as pernas lhe desfaleciam debaixo do corpo, e quando ele próprio bebeu o sangue do seu Senhor, abismou-se num acto de agradecimento desvairado.

Atrás dele, o povo acalmava-se a pouco e pouco. Os cantores, promovidos à dignidade da sobrepeliz branca, recomeçavam numa voz menos segura, ainda húmida; e o serpentão parecia também ele enrouquecido como se o próprio instrumento tivesse chorado.

Então o padre, erguendo as mãos, fez-lhes sinal para se calarem, e passando entre as duas filas de comungantes perdidos em êxtases de felicidade, aproximou-se da grade do coro.

A assembleia tinha-se sentado com um ruído de cadeiras, e agora toda a gente se assoava com força. Mal deram pelo prior fizeram silêncio e ele começou a falar num tom muito baixo, hesitante, velado: «Meus queridos irmãos, minhas queridas irmãs, meus meninos, do fundo do coração vos agradeço: acabais de me dar a maior alegria da minha vida. Senti que Deus descia sobre nós ao meu chamamento. Ele veio, estava ali, presente, Ele que enchia as vossas almas, que fazia transbordar os vossos olhos. Eu sou o mais velho sacerdote da diocese, mas sou também, hoje, o mais feliz. Aconteceu um milagre no meio de nós, um verdadeiro, um grande, um sublime milagre. Ao mesmo tempo que Jesus Cristo penetrava pela primeira vez no corpo destas crianças, o Espírito Santo, o pássaro celestial, o sopro de Deus, desceu sobre vós, apoderou-se de vós, agarrou-vos, curvados que estáveis como caniços dobrados pela brisa.»

Depois, numa voz mais clara, voltando-se para os dois bancos onde se achavam as convidadas do marceneiro: «Obrigado sobretudo a vós, minhas queridas irmãs, que viestes de tão longe, e cuja presença no meio de nós, cuja fé visível, cuja piedade tão viva foram para todos um salutar exemplo. Vós sois a edificação da minha paróquia; a vossa emoção aqueceu os nossos corações; se não fôsseis vós, talvez este grande dia não tivesse tido este carácter verdadeiramente divino. Às vezes basta uma só ovelha de escol para decidir o Senhor a descer sobre o rebanho.»

A voz faltava-lhe. Acrescentou: «É a graça que vos desejo. Assim seja.» E tornou a subir para o altar para terminar o ofício.

Agora toda a gente tinha pressa de sair. Até as crianças se agitavam, cansadas de uma tão longa

tensão espiritual. Além disso, tinham fome, e os pais iam saindo a pouco e pouco sem esperar pelo último evangelho, para terminar os preparativos da refeição.

Houve barafunda à saída, uma barafunda ruidosa, uma algazarra de vozes berrantes onde cantava o sotaque normando. A população formava duas filas e, quando apareceram as crianças, cada família correu para a sua.

Constance viu-se agarrada, rodeada, beijada por todo o grupo de mulheres. A Rosa, sobretudo, não se cansava de a abraçar. Por fim, pegou-lhe numa das mãos e a senhora Tellier apoderou-se da outra; a Rafaela e a Fernanda soergueram a comprida saia de musselina para não a deixarem arrastar pelo pó; a Luísa e a Flora fechavam a marcha com a senhora Rivet; e a criança, recolhida, inteiramente penetrada pelo Deus que levava dentro de si, pôs-se a caminho no meio daquela escolta de honra.

O festim era servido na oficina em cima de longas tábuas apoiadas em travessas.

Pela porta aberta, que dava para a rua, entrava toda a alegria da aldeia. Havia festa por toda a parte. Através de todas as janelas viam-se mesas compridas de gente endomingada e das casas saíam gritos com uma pontinha de pinga. Os camponeses, em mangas de camisa, bebiam copos cheios de cidra pura e no meio de cada grupo distinguiam-se duas crianças, aqui duas meninas, além dois rapazes, comendo numa das duas famílias.

Às vezes, sob o pesado calor do meio-dia, um carro de bancos corridos atravessava a terra ao trote saltitante de um velho garrano, e o homem de bata que o conduzia lançava um olhar invejoso a toda aquela comezaina ostentada.

Em casa do marceneiro a jovialidade mantinha um certo ar de reserva, um resto da emoção da manhã. Só Rivet começava a ficar toldado e bebia de mais. A senhora Tellier via as horas a todo o momento, visto que para não fechar dois dias seguidos era preciso apanhar o comboio das 3h55, que as poria em Fécamp à tardinha.

O marceneiro fazia todos os esforços para desviar as atenções e ficar com a sua gente até ao dia seguinte; mas a *Madame* não se deixava distrair e nunca brincava em negócios.

Logo que tomaram o café, ordenou às suas hóspedes que se preparassem depressa; e depois, virando-se para o irmão, disse: «Quanto a ti, vais mandar aparelhar imediatamente»; e ela própria foi terminar os seus últimos preparativos.

Quando tornou a descer, a cunhada estava à sua espera para lhe falar da pequena; e desenrolou-se uma longa conversa em que nada ficou resolvido. A camponesa desfazia-se em delicadezas, falsamente enternecida, e a senhora Tellier, que tinha a criança sentada nos seus joelhos, não se comprometia com nada, prometia vagamente; haviam de tratar dela, tinham tempo, aliás haviam de tornar a ver-se.

Entretanto o carro não chegava e as mulheres não desciam. Ouviam-se até lá em cima grandes gargalhadas, empurrões, gritos soltos, bater de palmas. Então, enquanto a mulher do marceneiro se dirigia à cavaliariça para ver se o carro estava pronto, a *Madame* acabou por subir.

Rivet, muito bêbado e meio despido, tentava, mas em vão, violentar a Rosa, que desfalecia de riso. As duas Chancas seguravam-no pelos braços e tentavam acalmá-lo, chocadas com aquela cena depois da cerimónia da manhã; mas a Rafaela e a Fernanda excitavam-no, torcendo-se de riso,

agarradas uma à outra; e soltavam gritos agudos perante cada um dos esforços inúteis do bêbado. O homem, furioso, de cara afogueada, todo esgargalado, sacudindo em esforços violentos as duas mulheres que o agarravam, puxava com todas as suas forças a saia da Rosa, balbuciando: «Porcalhona, então não queres?» Mas a *Madame*, indignada, precipitou-se, segurou os ombros do irmão e empurrou-o com tanta violência que este foi esbarrar contra a parede.

Um minuto depois ouviram-no no pátio a despejar água sobre a cabeça; e quando reapareceu na tipóia já tinha acalmado.

Voltaram a fazer o caminho da véspera, e o cavalinho branco tornou a partir no seu andamento vivo e dançante.

Sob o sol ardente, revelava-se a alegria adormecida durante a refeição. As raparigas divertiam-se agora com os solavancos da carripana, até empurravam as cadeiras das vizinhas, desatavam a rir a todo o instante, aliás animadas pelas vãs tentativas de Rivet.

Uma luz louca enchia os campos, uma luz que cintilava nos olhos; e as rodas levantavam dois sulcos de poeira que esvoaçavam longamente atrás do carro na estrada principal.

De repente, a Fernanda, que gostava de música, pediu à Rosa que cantasse; e esta começou galhardamente o *Padre Gordo de Meudon*. Mas logo a *Madame* a obrigou a calar-se, por achar aquela canção pouco conveniente para aquele dia. E acrescentou: «Canta antes qualquer coisa do Béranger.» Então a Rosa, depois de alguns segundos de hesitação, fez a sua escolha e com a voz desgastada começou *A Avó*:

*A minha avó no seu dia de anos
Tinha bem bebido depois da prova
E pôs-se a cantar com voz de soprano:
Quantos namorados me amaram em nova!
Ai que saudade
Do braço roliço,
Da minha beldade,
Do gozo e do viço!*

E o coro das raparigas, dirigido pela própria *Madame*, repetiu:

*Ai que saudade
Do braço roliço,
Da minha beldade,
Do gozo e do viço!*

«Bem achada!», declarou Rivet, atado pela cadência; e a Rosa continuou imediatamente:

*Ai mãezinha, não tinha juízo!
— Não, só aos quinze ganhei o descaro
e então conheci o meu paraíso
e passava as noites em claro.*

Berraram todos juntos o refrão; e Rivet batia o pé no varal, batia o compasso com as rédeas nas costas do garrano branco que, como se ele próprio fosse levado pelo entusiasmo do ritmo, passou ao galope, um galope tempestuoso, que precipitou as senhoras em montes umas por cima das outras no fundo do carro.

Endireitaram-se a rir como loucas. E a canção continuou, vociferada até mais não através dos campos, sob o céu ardente, no meio das culturas a amadurecer, ao ritmo enraivecido do cavalicoque que se embalava agora de cada vez que voltava o refrão e que de todas as vezes fazia os seus cem metros de galope para grande alegria dos passageiros.

Aqui e além, um ou outro trabalhador que partia pedras endireitava-se e espreitava através da sua máscara de arame aquela carripana excitada e aos berros arrastada no meio do pó.

Quando desceram diante da estação, o marceneiro enterneceu-se: «É uma pena irem-se já embora, muito a gente se tinha divertido!»

A *Madame* respondeu-lhe sensatamente: «Tudo tem o seu tempo, não podemos divertir-nos sempre.» Então uma ideia iluminou o espírito de Rivet: «Olha», disse ele, «vou eu ver-vos a Fécamp no mês que vem.» E olhou para a Rosa com um ar manhoso, com olhos brilhantes e brejeiros. «Vamos», concluiu a *Madame*, «há que ter juízo; tu vens se quiseses, mas não para fazer asneiras.»

Ele não respondeu, e como se ouvia o comboio a apitar, começou imediatamente a beijar toda a gente. Quando chegou a vez da Rosa, obstinou-se em encontrar-lhe a boca, que ela, a rir por trás dos lábios fechados, lhe furtava de todas as vezes num rápido movimento para os lados. Ele segurava-a nos braços, mas não era capaz de conseguir o que queria, incomodado pelo grande chicote que conservara na mão e que, nos seus esforços, agitava desesperadamente atrás das costas da rapariga.

«Passageiros para Ruão, embarquem!», gritou o empregado. Elas subiram.

Soou uma aguda apitadela, imediatamente repetida pelo assobio poderoso da máquina, que cuspiu ruidosamente o seu primeiro jacto de vapor enquanto as rodas começavam a rodar um pouco com visível esforço.

Rivet, deixando o interior da estação, correu para a barreira para ver a Rosa mais uma vez; e quando a carruagem cheia daquela mercadoria humana passava à sua frente, desatou a fazer estalar o seu chicote aos saltos e cantando com todas as suas forças:

*Ai que saudade
Do braço roliço,
Da minha beldade,
Do gozo e do viço!*

E ficou-se a contemplar um lenço branco que alguém agitava.

3.

Dormiram durante toda a viagem, dormiram o sono pacífico das consciências satisfeitas; e quando regressavam, renovadas, retemperadas para o trabalho de cada noite, a *Madame* não pôde deixar de

dizer: «Tanto faz, já estava farta daquela casa.»

Cearam rapidamente e, depois de tornarem a vestir o fato de combate, esperaram pelos clientes habituais; e o lanternim aceso, o lanternim de Nossa Senhora, indicava a quem passasse que o rebanho regressara ao aprisco.

Num abrir e fechar de olhos a notícia espalhou-se, não se sabe como, não se sabe através de quem. O senhor Philippe, o filho do banqueiro, levou mesmo a sua complacência ao extremo de prevenir por portador o senhor Tournevau, preso pela família.

O negociante de sal tinha precisamente vários primos a jantar, como todos os domingos, e estavam a tomar o café quando apareceu um homem com uma carta na mão. O senhor Tournevau, muito comovido, rasgou o sobrescrito e empalideceu: só lá estavam dentro estas palavras escritas a lápis: «*Recuperado o carregamento de bacalhau; navio entrou no porto; bom negócio para si. Venha depressa.*»

Ele remexeu nas algibeiras, deu vinte cêntimos ao portador e, corando de repente até às orelhas, disse: «Tenho de sair.» Então estendeu à mulher o bilhete lacónico e misterioso. Tocou a campainha e quando a criada apareceu pediu: «O meu sobretudo, depressa, depressa, e o meu chapéu.» Mal chegou à rua desatou a correr assobiando uma cançoneta e o caminho pareceu-lhe duas vezes mais comprido, de viva que era a sua impaciência.

O estabelecimento Tellier tinha um ar de festa. No rés-do-chão as vozes turbulentas dos homens do porto faziam uma algazarra ensurdecidora. A Luísa e a Flora não sabiam a quem responder, ora bebiam com um, ora bebiam com outro, mereciam mais que nunca a alcunha de «as duas Chancas». Chamavam-nas de todos os lados ao mesmo tempo; já não davam conta do recado, e a noite anunciava-se-lhes muito trabalhosa.

O cenáculo do primeiro andar já estava cheio às nove horas. O senhor Vasse, o juiz do tribunal do comércio, o apaixonado por excelência, mas platónico, da *Madame*, conversava baixinho com ela a um canto; e sorriam ambos como se estivessem prestes a firmar um acordo. O senhor Poulin, o antigo presidente da Câmara, tinha a Rosa encavalitada nas suas pernas; e ela, juntinha a ele nariz com nariz, passeava as mãos curtas pelas suíças brancas do homenzinho. Um pedacinho de coxa à mostra aparecia sob a saia arregaçada de seda amarela, cortando o tecido preto das calças dele, e as meias encarnadas estavam apertadas por umas ligas azuis, presente do caixeiro-viajante.

A enorme Fernanda, estendida no sofá, tinha ambos os pés assentes na barriga do senhor Pimpesse, o recebedor dos impostos, e o tronco recostado no colete do jovem senhor Philippe, cujo pescoço rodeava com a mão direita, enquanto na esquerda segurava um cigarro.

A Rafaela parecia estar em negociações com o senhor Dupuis, o agente de seguros, e acabou a conversa com estas palavras: «Sim, querido, esta noite, para mim está bem.» E a seguir, dando sozinha um passo de valsa rápido pelo salão, gritou: «Esta noite, tudo o que quiserem.»

A porta abriu-se de repente e apareceu o senhor Tournevau. Estalaram gritos entusiastas: «Viva o Tournevau!» E a Rafaela, que continuava a valsar, foi-lhe cair no peito.

Ele agarrou-a num amplexo formidável e, sem dizer palavra, levantando-a do chão como uma pena, atravessou o salão, chegou à porta do fundo e, por entre aplausos, desapareceu na escada que dava acesso aos quartos com o seu fardo vivo.

A Rosa, que estava inflamando o antigo presidente da Câmara, beijando-o sucessivamente e puxando-lhe pelas duas suíças ao mesmo tempo para lhe manter a cabeça direita, aproveitou o exemplo: «Vá, faz como ele», disse ela. Então o homenzinho levantou-se e, recompondo o colete, foi atrás da rapariga remexendo na algibeira onde lhe dormia o dinheiro.

A Fernanda e a *Madame* ficaram sozinhas com os quatro homens, e o senhor Philippe exclamou: «Eu pago champanhe: senhora Tellier, mande buscar três garrafas.» Então a Fernanda, abraçando-o com força perguntou-lhe ao ouvido: «Põe-nos a dançar, vá lá, não te importas?» Ele levantou-se e, sentando-se diante da espineta secular adormecida a um canto, fez sair uma valsa do ventre gemebundo da máquina, uma valsa rouca, lacrimejante. A corpulenta rapariga enlaçou o recebedor dos impostos, a *Madame* abandonou-se nos braços do senhor Vasse; e os dois pares rodopiaram trocando beijinhos. O senhor Vasse, que em tempos dançara em bailes da sociedade, fazia habilidades, e a *Madame* olhava para ele com olhos cativados, com aqueles olhos que respondem «sim», um «sim» mais discreto e mais delicioso que uma palavra!

O Frédéric trouxe o champanhe. Saltou a primeira rolha e o senhor Philippe tocou o arranque de uma quadrilha.

Os quatro dançarinos marcharam-na à maneira mundana, conforme às regras, com dignidade, ademanos, inclinações e saudações.

E depois começaram a beber. Então o senhor Tournevau reapareceu, satisfeito, aliviado, radioso. Exclamou: «Não sei o que tem a Rafaela, mas esta noite está perfeita.» E então, como lhe estendiam um copo, esvaziou-o de um trago ao mesmo tempo que murmurava: «Arre, não há luxo como este!»

O senhor Philippe iniciou imediatamente uma polca agitada, e o senhor Tournevau saltou com a bela judia, que segurava no ar, sem deixar que os pés lhe tocassem no chão. O senhor Pimpesse e o senhor Vasse tinham-se lançado num novo entusiasmo. De vez em quando um dos pares detinha-se junto da lareira para emborcar uma taça de vinho espumoso; e aquela dança ameaçava eternizar-se, quando a Rosa entreabriu a porta com uma vela na mão. Estava despenteada, de chinelas, em camisa, muito animada, muito vermelha: «Quero dançar», gritou. A Rafaela perguntou: «E o teu velho?» A Rosa desmanchou-se a rir: «Ele? Já está a dormir. Dorme logo.» Agarrou-se ao senhor Dupuis, que ficara desocupado no divã, e a polca recomeçou.

Mas as garrafas estavam vazias: «Eu pago uma», declarou o senhor Tournevau. «Eu também», anunciou o senhor Vasse. «E eu também», concluiu o senhor Dupuis. Então toda a gente bateu palmas.

Estava tudo a organizar-se, estava a tornar-se um verdadeiro baile. De vez em quando, até, a Luísa e a Flora subiam às pressas, davam rapidamente uma voltinha de valsa, enquanto os respectivos clientes, lá em baixo, se impacientavam; e depois regressavam a correr ao seu café, com o coração inchado de nostalgias.

À meia-noite ainda se dançava. Por vezes uma das raparigas desaparecia, e quando a procuravam para fazer par percebia-se de repente que também faltava um dos homens.

«Então donde vem você?», perguntou graciosamente o senhor Philippe, precisamente no momento em que o senhor Pimpesse regressava com a Fernanda. «Venho de ver dormir o senhor Poulin», respondeu o recebedor dos impostos. A frase fez um enorme êxito; e todos, cada um por sua vez, subiam para ir ver dormir o senhor Poulin com uma ou outra das meninas, que nessa noite se

mostraram de uma complacência inconcebível. A *Madame* fechava os olhos: e tinha pelos cantos longas conversas privadas com o senhor Vasse, como que para resolver os últimos pormenores de um negócio já feito.

Por fim, à uma da manhã, os dois homens casados, o senhor Tournevau e o senhor Pimpesse, declararam que se retiravam e quiseram pagar a conta. Só fizeram a conta ao champanhe e, mais ainda, a seis francos a garrafa em vez de dez, que era o preço habitual. E quando eles se espantaram com aquela generosidade, a *Madame*, radiosa, respondeu-lhes:

«Nem todos os dias são de festa.»

(Maio de 1881)

Uma Aventura Parisiense

Haverá na mulher sentimento mais vivo que a curiosidade? Ah!, saber, conhecer, chegar àquilo que se sonhou! Do que seria ela capaz para o conseguir! Uma mulher, quando a sua curiosidade impaciente desperta, será capaz de cometer todas as loucuras, todas as imprudências, todas as audácias, não recuará diante de nada. Falo das mulheres verdadeiramente mulheres, dotadas daquele espírito de fundo triplo que à superfície parece racional e frio, mas cujos três compartimentos secretos estão cheios: um, de inquietação feminina sempre agitada; outro, de manha colorida de boafé, daquela astúcia dos devotos, sofisticada e temível; e o último, por fim, de canalhice encantadora, de refinado embuste, de deliciosa perfídia, de todas aquelas perversas qualidades que levam ao suicídio os amantes imbecilmente crédulos, mas que deixam os outros encantados.

Esta cuja aventura pretendo contar era uma pobre provinciana, até então insipidamente honesta. A sua vida, aparentemente calma, decorria no lar, entre um marido muito ocupado e dois filhos, que ela educava como mulher irrepreensível que era. Mas o seu coração fremia de uma insaciada curiosidade, de uma sofreguidão de desconhecido. Pensava em Paris incessantemente e lia avidamente os jornais mundanos. A descrição das festas, das *toilettes*, das alegrias, punha-lhe os desejos a ferver; mas o que sobretudo misteriosamente a perturbava eram os ecos cheios de subentendidos, os véus mal soerguidos em frases hábeis, e que deixam entrever horizontes de prazeres culposos e devastadores.

Lá de longe, via Paris numa apoteose de luxo magnífico e corrupto. E durante as longas noites de sonhos, embalada pelo ressonar compassado do marido que dormia a seu lado, deitada de costas, com um lenço na cabeça, pensava naqueles homens conhecidos cujos nomes aparecem nas primeiras páginas dos jornais como sendo grandes estrelas num céu escuro; e imaginava a vida entontecedora que levavam, com constantes deboches, orgias à antiga assustadoramente voluptuosas e refinamentos de sensualidade tão complicados que nem sequer era capaz de imaginá-los.

Os bulevares pareciam-lhe ser uma espécie de abismo das paixões humanas; e todas as suas casas tinham de certeza lá dentro prodigiosos mistérios de amor.

Ela, porém, sentia-se envelhecer. Envelhecia sem nada ter conhecido da vida, a não ser aquelas ocupações regulares, odiosamente monótonas e banais que constituem, segundo se diz, a felicidade do lar. Era bonita ainda, conservada naquela existência tranquila como um fruto de Inverno num armário fechado; mas roída, devastada, transtornada por secretos ardores. Perguntava a si mesma se haveria de morrer sem ter conhecido todas aquelas exaltações de embriaguez condenatória, sem se ter lançado inteirinha uma vez, ao menos uma só vez, naquela onda de volúpias parisienses.

Com uma longa perseverança, preparou uma viagem a Paris, inventou um pretexto, fez-se convidada por uns parentes, e, como o marido não podia acompanhá-la, foi sozinha.

Mal chegou, foi capaz de imaginar razões que, se fosse preciso, lhe permitiriam ausentar-se dois dias ou, antes, duas noites, na melhor das hipóteses, por ter encontrado, dizia ela, uns amigos que viviam no campo perto da cidade.

E procurou. Percorreu os bulevares sem ver nada, a não ser o vício errante e numerado. Sondou com os próprios olhos os grandes cafés, leu atentamente a pequena correspondência do *Figaro* que lhe surgia em cada manhã como um toque a rebate, uma chamada ao amor.

E nunca nada a punha na pista daquelas grandes orgias de artistas e de atrizes; nada lhe revelava os templos daqueles deboches que imaginava fechados por uma palavra mágica como a caverna das *Mil e Uma Noites* e aquelas catacumbas de Roma, onde se oficiavam em segredo os mistérios de uma religião perseguida.

Os parentes, pequenos burgueses, não podiam dar-lhe a conhecer nenhum daqueles homens conhecidos cujos nomes lhe zumbiam na cabeça; e, desesperada, pensava já em não pensar mais nisso, quando o acaso veio em seu auxílio.

Um dia, descia ela a rua da Chaussée-d'Antin, parou a contemplar uma loja cheia daqueles bibelôs japoneses tão coloridos que põem nos olhos uma espécie de alegria. Estava examinando os pequenos marfins cómicos, os grandes vasos de esmaltes flamejantes, os estranhos bronzes, e eis que ouviu, no interior da loja, o patrão que, com grandes reverências, mostrava a um senhor gordo e baixo, de cabeça calva e queixo cinzento, um enorme mono barrigudo, peça única, dizia ele.

E a cada frase do comerciante, o nome do amator, um nome célebre, soava como um toque de clarim. Os outros clientes, mulheres novas, senhores elegantes, contemplavam com uma olhadela furtiva e rápida, com um olhar conveniente e manifestamente respeitoso, o famoso escritor que, por seu lado, contemplava apaixonadamente o mono de porcelana. Eram tão feios um como o outro, feios como dois irmãos saídos da mesma costela.

O comerciante dizia: «Por ser para si, senhor Jean Varin, deixo-o por mil francos; é precisamente o que ele me custa. Para qualquer outra pessoa seriam mil e quinhentos; mas eu tenho consideração pela minha clientela de artistas e faço-lhe preços especiais. Vêm todos à minha casa, senhor Jean Varin. Ainda ontem o senhor Busnach me comprou uma grande taça antiga. No outro dia vendi dois tocheiros como estes (são ou não são uma beleza?) ao senhor Alexandre Dumas. Olhe, essa peça que aí tem, se o senhor Zola a visse já estaria vendida, senhor Varin.» O escritor, muito perplexo, hesitava, solicitado pelo objecto, mas a pensar no montante de dinheiro; e dava tanta atenção aos olhares como se estivesse sozinho num deserto.

Ela tinha entrado temerosa, de olhos descaradamente postos nele, e nem sequer perguntava a si mesma se era belo, elegante ou jovem. Era Jean Varin em pessoa. Jean Varin!

Depois de uma longa luta, de uma dolorosa hesitação, ele poisou o vaso em cima de uma mesa. «Não, é caro de mais.»

O comerciante redobrava de eloquência. «Oh, senhor Jean Varin, caro de mais? Isto vale à vontade uns dois mil francos!»

O homem de letras replicou tristemente sem deixar de olhar para o homenzinho de olhos de esmalte: «Não digo que não; mas é caro de mais para mim.»

Então, ela, tomada de uma audácia enlouquecida, avançou: «Para mim, quanto vale este bonequinho?»

O comerciante, surpreendido, replicou:

«Mil e quinhentos francos, minha senhora.»

«Fico com ele.»

O escritor, que até então nem sequer tinha dado por ela, virou-se de repente e olhou-a dos pés à cabeça com olhos semicerrados de observador; depois, com olhos de conhecedor, observou-a minuciosamente.

Era encantadora, animada, estava de súbito iluminada por aquela chama que até então estava adormecida dentro dela. E além disso uma mulher que compra assim um bibelô por mil e quinhentos francos não é uma qualquer.

Ela teve então um gesto de sedutora delicadeza: virando-se para ele, com a voz a tremer, disse-lhe: «Desculpe, cavalheiro, eu fui decerto um pouco precipitada; provavelmente o senhor ainda não tinha dito a sua última palavra.»

Ele inclinou-se: «Já a tinha dito, minha senhora.»

E logo ela, muito emocionada: «Enfim, meu caro senhor, hoje ou mais tarde, se lhe convier mudar de opinião, este bibelô é seu. Eu só o comprei porque ele lhe tinha agradado.»

Ele sorriu, visivelmente lisonjeado. «Quer dizer que me conhece?», disse.

Então ela falou-lhe da sua admiração, citou-lhe as obras, foi eloquente.

Para conversar, ele tinha-se encostado a um móvel, enquanto mergulhava nela os seus olhos penetrantes. Procurava adivinhá-la.

De vez em quando, o lojista, satisfeito por ter na mão aquela publicidade viva, como tinham entrado novos clientes gritava na outra extremidade da loja: «Ora veja-me isto, senhor Jean Varin, não é belo?» Então todas as cabeças se endireitavam, e ela estremecia de prazer por ser vista assim a conversar intimamente com um ilustre personagem.

Finalmente inebriada, foi então capaz de uma audácia suprema, como a dos generais que vão proceder ao assalto. «Caro senhor, disse ela, dê-me um grande, um grande prazer. Permita-me que lhe ofereça este mono como recordação de uma mulher que o admira apaixonadamente e que o senhor conheceu apenas durante dez minutos.»

Ele recusou. Ela insistia. Ele resistiu, muito divertido, rindo com vontade.

Ela, obstinada, disse-lhe: «Muito bem! Vou entregá-lo já em sua casa; onde é que mora?»

Ele recusou-se a dar-lhe a morada; mas ela ficou a conhecê-la porque a pediu ao lojista e, uma vez paga a compra, escapuliu-se e foi direita a um trem de praça. O escritor correu para a alcançar, pois não queria expor-se a receber aquele presente que não saberia a quem atribuir. Apanhou-a quando ela ia a subir para a tipóia e precipitou-se, quase caiu por cima dela, empurrado pelo carro que começava a andar; e então sentou-se a seu lado, muito aborrecido.

Por mais que ele pedisse, que insistisse, ela mostrou-se intratável. Quando iam a chegar diante da porta, ela apresentou as suas condições: «Aceito não lhe entregar isto se o senhor cumprir hoje todas as minhas vontades.»

A coisa pareceu-lhe tão cómica que ele aceitou.

Ela perguntou: «Habitualmente que é que faz a esta hora?»

Depois de alguma hesitação ele respondeu: «Ando a passear.»

Então, em voz resoluta, ela ordenou ao cocheiro: «Para o Bosque!»

E partiram para lá.

Ele foi obrigado a indicar-lhe os nomes de todas as mulheres conhecidas, sobretudo as devassas, com pormenores íntimos acerca delas, da sua vida, dos seus hábitos, das suas casas, dos seus vícios.

Caiu a tarde. «Que faz o senhor todos os dias a esta hora?», disse ela.

Ele respondeu a rir: «Tomo absinto.»

Então, com uma expressão séria, ela acrescentou: «Então, meu caro senhor, vamos tomar absinto.»

Entraram num grande café do bulevar que ele frequentava e onde foi encontrar confrades. Apresentou-lhos a todos. Ela estava louca de alegria. E na sua cabeça ressoavam incessantemente estas palavras: «Até que enfim! Até que enfim!»

O tempo passava e ela perguntou: «São horas do seu jantar?»

Ele respondeu: «Pois são, minha senhora.»

«Então, caro senhor, vamos jantar.»

E à saída do café *Bignon*: «E à noite, que é que faz?», perguntou ela.

Ele olhou-a fixamente: «Depende. Às vezes vou ao teatro.»

«Muito bem, vamos ao teatro.»

Entraram no Vaudeville, com entradas de favor graças a ele, e, glória suprema, toda a sala a viu ao lado dele, sentada no balcão.

Quando o espectáculo acabou ele beijou-lhe galantemente a mão: «Resta-me, minha senhora, agradecer-lhe este dia delicioso...» Ela interrompeu-o: «A estas horas que é que faz todas as noites?»

«Ora... bem... volto para casa.»

Ela desatou a rir, num riso que tremia.

«Pois bem, caro senhor, vamos para sua casa.»

E não falaram mais. Ela estremecia de vez em quando, sacudida dos pés à cabeça, com vontade de fugir e vontade de ficar, mas no fundo do coração com um muito firme desejo de ir até ao fim.

Na escada, agarrava-se ao corrimão, de tão viva que era a emoção que sentia; e ele subia à frente, ofegante, com um fósforo aceso na mão.

Quando chegou ao quarto ela despiu-se muito depressa e deslizou para dentro da cama sem dizer palavra; e ficou à espera, encolhida contra a parede.

Mas era uma mulher simples, tanto quanto o pode ser a esposa legítima de um notário da província, e ele mais exigente que um paxá de três caudatários. Não se entenderam em nada.

Então ele adormeceu. A noite passou-se, apenas perturbada pelo tiquetaque do relógio, enquanto ela, imóvel, pensava nas noites conjugais; e sob os raios amarelados de uma lanterna chinesa olhava, pesarosa, para aquele homenzinho de costas, ao seu lado, redondinho, cuja barriga soerguia o lençol como uma bola cheia de gás. Ressonava com o ruído de um tubo de órgão, fungava prolongadamente, com estrangulamentos cómicos. Os seus vinte cabelos aproveitavam o repouso para se arrepiarem esquisitamente, fartos da sua longa permanência imóvel por cima da cabeça nua cujos estragos era sua obrigação tapar. E de um canto da boca entreaberta escorria-lhe um fio de saliva.

A aurora insinuou por fim um pouco de luz do dia por entre os cortinados corridos. Ela levantou-se, vestiu-se sem ruído e já tinha a porta meio aberta quando fez ranger a fechadura e ele acordou a esfregar os olhos.

Deixou-se ficar alguns segundos até recuperar completamente a consciência, e depois, quando recordou toda a aventura, perguntou: «Então, vai-se embora?»

Ela permanecia de pé, confusa. Balbuciou: «Pois, já é de manhã.»

Ele sentou-se na cama: «Bem, disse, é a minha vez de ter qualquer coisa a pedir-lhe.»

Ela não respondia. Ele continuou: «Meu Deus, a senhora desde ontem que me deixa espantado. Seja franca, confesse-me porque é que fez isto tudo; é que eu não estou a perceber nada.»

Ela aproximou-se devagarinho, a corar como uma virgem. «Eu quis conhecer... o... o vício... e, pois é... bem... não tem graça nenhuma.»

Fugiu, desceu a escada, precipitou-se para a rua.

O exército dos varredores varria. Varriam os passeios, as calçadas, empurrando todas as imundícies para a valeta. Com o mesmo gesto regular, com um gesto de ceifeiros nos prados, empurravam as lamas em semicírculo à sua frente; e, de rua em rua, ela ia deparando com eles como fantoches montados, caminhando automaticamente movidos pela mesma mola.

E pareceu-lhe que também nela acabavam de varrer qualquer coisa, de empurrar para a valeta, para o esgoto, os seus sonhos excessivamente exaltados.

Voltou a casa ofegante, gelada, guardando apenas na cabeça a sensação daquele gesto das vassouras que limpam Paris de manhãzinha.

E, mal chegou ao seu quarto, caiu em soluços.

(Dezembro de 1881)

A Ferrugem

Ele tivera durante toda a sua vida uma só paixão inesgotável:

a caça. Caçava todos os dias, desde manhã até ao entardecer, com furioso entusiasmo. Caçava de Inverno e de Verão, tanto na Primavera como no Outono, no brejo, quando os regulamentos não deixavam caçar na planície e nas matas; caçava a tiro, com galgos, com cão de parar, com cão de correr, à espera, com espelho, com furão. Só sabia falar de caça, sonhava com a caça, repetia constantemente: «Que infeliz deve ser quem não gosta de caça!»

Tinha agora uns cinquenta anos bem medidos, estava bem de saúde, bem conservado embora calvo, um nadinha gordo mas vigoroso; e rapava toda a parte de cima da boca para pôr os lábios bem à mostra e conservar livre o desenho da boca, para poder tocar a trompa de caça com maior facilidade.

Na região apenas o designavam pelo nome próprio: senhor Hector. O seu nome completo era barão Hector Gontran de Coutelier.

Vivia no meio das matas num pequeno solar que herdara e, embora conhecesse toda a nobreza do departamento e se encontrasse com todos os respectivos representantes masculinos nas caçadas, apenas frequentava com assiduidade uma família: os Courville, uns vizinhos amáveis, aliados da sua família havia séculos.

Nessa casa era recebido com todas as atenções, era amado, era apapricado, e costumava dizer: «Se eu não fosse caçador, gostaria de nunca vos abandonar.» O senhor de Courville era seu amigo e colega desde a infância. Fidalgo agricultor, vivia tranquilamente com a mulher, com a filha e com o genro, o senhor de Darnetot, que não fazia nada a pretexto de se entregar a estudos históricos.

O barão de Coutelier ia muitas vezes jantar a casa daqueles amigos, sobretudo para lhes contar os tiros da sua espingarda. Tinha longas histórias de cães e de furões, dos quais falava como de personagens importantes que tivesse conhecido bem. Revelava-lhes os pensamentos, as intenções, analisava-os, explicava-os: «Quando o Médor viu que a galinhola o obrigava a correr tanto, pensou lá com ele: “Espera aí, espertalhona, que a gente já vai ver quem se fica a rir.” Então, fazendo-me sinal com a cabeça para me ir colocar na esquina do campo de trevo, pôs-se a farejar de viés, com grande ruído, remexendo as ervas para empurrar a caça para a esquina donde já não poderia escapar. Tudo aconteceu como ele tinha previsto: a galinhola, de repente, deu consigo na borda do campo. Não podia avançar sem ficar a descoberto. E pensou: “Fui apanhada, que maçada!”, e agachou-se. Então o Médor ficou parado a olhar para mim; eu fiz-lhe um sinal e ele avança – Brrru! – a galinhola desata a voar – meto a arma à cara – pã! – e ela cai; e o Médor, ao trazê-la, abanava o rabo a dizer-me: “Esta partida está ganha ou não, senhor Hector?”»

Courville, Darnetot e as duas mulheres riam loucamente destas histórias pitorescas em que o barão punha toda a sua alma. Animava-se, agitava os braços, gesticulava com o corpo todo e, quando contava a morte da caça, ria um riso formidável e no fim perguntava sempre: «Não é boa, esta?»

Se se falava de outra coisa deixava de ouvir e sentava-se sozinho a cantarolar fanfarras. E também, mal se fazia um silêncio entre duas frases, naqueles momentos de bruscas acalmias que entrecortam o

rumor das palavras, ouvia-se de repente uma canção de caça: Taratátá, eu já vou lá! – que o barão entoava inchando as bochechas como se tivesse a trompa na boca.

Jamais vivera senão para a caça e envelhecia sem o pressentir nem dar por isso. De repente, teve um ataque de reumatismo e ficou dois meses de cama. Quase morreu de tristeza e de tédio. Como não tinha criada e quem cozinhava para ele era um velho servidor, não conseguia nem cataplasmas quentes, nem pequenos cuidados, nem nada do que os doentes necessitam. O seu moço de cavalos foi o seu enfermeiro, e era um escudeiro que se aborrecia tanto como o patrão, dormindo de dia e de noite num cadeirão, enquanto o barão praguejava e se exasperava entre lençóis.

As senhoras de Courville iam visitá-lo de vez em quando, e essas eram para ele horas de calma e de bem-estar. Elas preparavam-lhe a tisana, cuidavam do lume da lareira, serviam-lhe delicadamente o almoço, na beira da cama, e quando elas se despediam ele murmurava: «Meu Deus! Deviam mesmo vir viver para aqui.» E elas riam-se com vontade.

Como estava melhor e recomeçava a caçar no brejo, foi uma noite jantar a casa dos amigos; mas já não tinha o mesmo entusiasmo nem a mesma jovialidade. Era torturado incessantemente por uma ideia, o receio de ser de novo assaltado pelas dores antes da abertura. Quando estava a despedir-se, enquanto as mulheres o embrulhavam num xaile e lhe atavam um lenço à roda do pescoço, e ele deixava que o fizessem pela primeira vez na sua vida, murmurou num tom decidido: «Se aquilo me voltar, sou um homem tramado.»

Quando ele saiu a senhora de Darnetot disse à mãe: «O que era preciso era casar o barão.»

Toda a gente ergueu os braços ao alto. Como é que ainda não tinham pensado nisso? Passaram o serão a procurar entre as viúvas que conheciam, e a escolha fixou-se numa mulher de quarenta anos, ainda bonita, bastante rica, de belo humor e boa saúde, que era a senhora Berthe Vilers.

Convidaram-na a passar um mês no solar. Ela vivia uma vida aborrecida. E veio. Era animada e jovial; o senhor de Coutelier agradou-lhe imediatamente. Divertia-se com ele como com um brinquedo vivo, e passava horas inteiras a interrogar-se sorrateiramente acerca dos sentimentos dos coelhos e das maquinações das raposas. Distinguia gravemente as maneiras de ver diferentes dos diversos animais, e atribuíam-lhes planos e raciocínios subtis tal como aos homens que conhecia.

A atenção que ela lhe prestava encantou-o e, uma tarde, para lhe demonstrar a sua estima, pediu-lhe que viesse caçar, convite que nunca havia feito a uma mulher. O convite pareceu tão esquisito que ela aceitou. Foi uma festa equipá-la: toda a gente colaborou, lhe ofereceu qualquer coisa e ela apareceu vestida à maneira de amazona, com botas, calções de homem, uma saia curta, um colete de veludo muito apertado no pescoço e um boné de criado dos cães.

O barão parecia comovido como se fosse dar o seu primeiro tiro. Explicou-lhe minuciosamente a direcção do vento, as diversas paradas dos cães, a maneira de atirar à caça graúda; depois empurrou-a para um campo, seguindo-a passo a passo com a solicitude de uma ama que vê o seu bebé andar pela primeira vez.

O Médor encontrou, rastejou, parou, ergueu a pata. O barão, atrás da sua aluna, tremia como varas verdes. Balbuciava: «Cuidado, atenção, são per... são per... são perdizes.»

Ainda não acabara quando se levantou do chão um grande barulho – brrr, brrr, brrr – e um bando de grandes pássaros subiu no ar batendo as asas.

A senhora Vilers, estonteada, fechou os olhos, disparou os dois tiros, recuou um passo sob o coice da espingarda, e depois, quando retomou o sangue-frio, viu o barão dançando como um louco e o Médor trazendo duas perdizes na boca.

A partir daquele dia o senhor de Coutelier ficou apaixonado por ela.

Dizia, arregalando os olhos: «Que mulher aquela!», e vinha agora todas as tardes para falar sobre caça. Um dia, o senhor de Courville, que ia levá-lo a casa e o ouvia extasiar-se com a sua nova amiga, perguntou-lhe de súbito: «Porque é que não se casa com ela?» O barão ficou embaraçado: «Eu? eu? casar-me com ela?... Mas... a verdade é que...» E calou-se. Depois, apertando precipitadamente a mão do seu companheiro, murmurou: «Até à próxima, meu amigo», e desapareceu na noite a passos largos.

Passou três dias sem voltar. Quando tornou a aparecer estava empalidecido pelas suas cogitações, e mais grave que de costume. Puxando de parte o senhor de Courville, disse-lhe: «O senhor teve uma ideia extraordinária. Trate de prepará-la para me aceitar. Que raio, uma mulher como aquela até parece feita para mim. Havemos de caçar juntos durante todo o ano.»

O senhor de Courville, que tinha a certeza de que ele não seria recusado, respondeu: «Faça já o pedido, meu caro. Quer que eu me encarregue disso?» Mas o barão ficou de repente perturbado; e disse balbuciando: «Não... não... Primeiro tenho de fazer uma viagemzinha... até Paris. Logo que voltar respondo-lhe em definitivo.» Não lhe conseguiram arrancar mais esclarecimentos, e ele partiu no dia seguinte.

A viagem durou muito tempo. Passou-se uma semana, duas semanas, três semanas. O senhor de Coutelier não tornara a aparecer. Os Courville, espantados e inquietos, não sabiam que haviam de dizer à amiga, que tinham prevenido da diligência do barão. De dois em dois dias mandavam alguém a casa do barão em busca de notícias; nenhum dos empregados as tinha recebido.

Ora, uma noite, estava a senhora Vilers a cantar acompanhando-se ao piano, quando uma criada apareceu, com grandes mistérios, e procurou o senhor de Courville dizendo-lhe baixinho que estava ali um senhor à sua procura. Era o barão, mudado, envelhecido, com roupa de viagem. Mal viu o seu velho amigo pegou-lhe nas mãos e com uma voz um tanto fatigada disse-lhe: «Acabo de chegar, meu caro, e vim a correr a sua casa, já não posso mais.» Depois hesitou, visivelmente embaraçado: «Queria dizer-lhe... imediatamente... que aquele assunto... sabe... falhou.»

O senhor de Courville olhava para ele estupefacto: «Como assim? Falhou? Mas porquê?» «Ah, não me faça perguntas, por favor, seria demasiado penoso para mim dizer, mas pode ter a certeza de que me portei como... como um homem decente. Não posso... Não tenho o direito, percebe, não tenho o direito de casar com aquela senhora. Vou esperar que ela se vá embora para voltar a sua casa; seria para mim excessivamente doloroso tornar a vê-la. Adeus.»

E escapuliu-se.

Toda a família se pôs a deliberar, a discutir, a supor mil e uma coisas. A conclusão foi que havia um grande mistério escondido na vida do barão, que talvez ele tivesse filhos naturais, ou uma antiga ligação. Enfim, o caso parecia grave e, para não entrarem em complicações difíceis, preveniram habilmente a senhora Vilers, que regressou tão viúva como viera.

Passaram-se ainda mais três meses. Uma noite, depois de ter jantado abundantemente e titubeando um pouco, o senhor de Coutelier, ao fumar o seu cachimbo da noite com o senhor de Courville, disse-lhe: «Se soubesse as vezes que penso na sua amiga, teria pena de mim.»

O outro, que ficara um pouco melindrado pelo comportamento do barão naquela circunstância, disse-lhe o que de verdade pensava: «Apre, meu caro, quem tem segredos na sua vida não avança primeiro como você fez; porque, enfim, você podia com certeza prever o motivo do seu recuo.»

O barão, confuso, parou de fumar.

«Sim e não. Enfim, não podia acreditar no que aconteceu.»

O senhor de Courville, impaciente, continuou: «Tem que se prever tudo.»

Mas o senhor de Coutelier, perscrutando as trevas para ter a certeza de que não os escutavam, continuou em voz baixa:

«Bem vejo que o magoei, e vou contar-lhe tudo para que me possa desculpar. Há vinte anos, meu amigo, que eu só vivo para a caça. É só disso que gosto. Por isso, no momento de contrair deveres para com aquela senhora, ocorreu-me um escrúpulo, um escrúpulo de consciência. Desde os tempos em que perdi o hábito do... do... do amor, enfim, já não sabia se seria ainda capaz de... de... bem sabe... Imagine! Faz agora dezasseis anos exactamente que... que... que pela última vez, está a entender? Nesta terra não é fácil... não é fácil... percebe? E além disso eu tinha mais que fazer, gosto mais de dar tiros. Em suma, no momento de me comprometer diante do presidente da Câmara e do padre a.... a.... àquilo que sabe, tive medo. Disse cá para mim: Apre! e se... e se... e se eu falhar? Um homem decente nunca falta aos seus compromissos e eu estava a assumir um compromisso sagrado perante aquela pessoa. Enfim, para ficar de espírito descansado resolvi ir passar oito dias a Paris.

«Passados oito dias nada, mas nada mesmo. E não foi por não ter experimentado. Peguei no que havia de melhor de todos os géneros. Garanto-lhe que elas fizeram tudo o que puderam... Sim... claro que não omitiram nada... Mas que quer, elas iam-se embora sempre... como tinham vindo... como tinham vindo... como tinham vindo...»

«Esperei então quinze dias, três semanas, sempre à espera. Comi nos restaurantes um data de coisas apimentadas, que me estragaram o estômago, e... e... e nada... sempre nada.

«Como está a compreender, naquelas circunstâncias, perante esta verificação, eu não podia fazer outra coisa senão... retirar-me. Foi o que fiz.»

O senhor de Courville torcia-se para não desatar a rir. Apertou gravemente as mãos do barão dizendo-lhe: «Lamento», e acompanhou-o até meio do caminho da casa dele. Depois, quando se encontrou a sós com a mulher contou-lhe tudo, a sufocar de riso. Mas a senhora de Courville não se ria: ouvia com toda a atenção e, quando o marido acabou, respondeu com grande seriedade: «O barão é um pateta, meu caro; tinha medo, e pronto. Vou escrever à Berthe a dizer-lhe que volte, e que volte depressa.»

E como o senhor de Courville objectava com a longa e inútil experiência do amigo, ela replicou: «Ora, em quem ama a sua mulher, está a entender, essa coisa... acaba sempre por voltar.»

E o senhor de Courville não respondeu nada, também ele um pouco confuso.

Uma Artimanha

Conversavam ao canto da lareira, o velho médico e a jovem doente. Ela estava apenas um pouco adoentada, com aqueles incómodos femininos de que as mulheres bonitas sofrem muitas vezes: um pouco de anemia, nervos, e um nadinha de fadiga, daquela fadiga sentida às vezes pelos recém-casados ao fim do primeiro mês de união, quando fizeram um casamento de amor.

Ela estava estendida no seu canapé e conversava: «Não, doutor, nunca serei capaz de entender que uma mulher engane o marido. Até admito que não o ame, que não cumpra as suas promessas, os seus juramentos! Mas como há-de atrever-se a entregar-se a outro homem? Como esconder isso aos olhos de todos? Como ser capaz de amar na mentira e na traição?»

O médico sorria.

«Quanto a isso, é fácil. Garanto-lhe que ninguém pensa muito em todas essas subtilezas quando surge o desejo de ceder. Tenho até a certeza de que uma mulher só está madura para o amor verdadeiro depois de ter passado por todas as promiscuidades e por todos os dissabores do casamento, o qual, segundo um homem ilustre, é apenas um intercâmbio de maus humores durante o dia e de maus odores durante a noite. Nada mais verdadeiro. Uma mulher só pode amar apaixonadamente depois de ter sido casada. Se a pudesse comparar a uma casa, diria que ela só é habitável depois de um marido lhe ter afagado os estuques.

«Quanto à dissimulação, todas as mulheres a têm para dar e vender nessas ocasiões. As mais simples são maravilhosas, e desenvencilham-se genialmente dos casos mais difíceis.»

Mas a jovem senhora parecia incrédula...

«Não, doutor, só depois de tudo passado é que nos damos conta do que devíamos ter feito em ocasiões perigosas, e não há dúvida de que as mulheres são ainda mais inclinadas a perder a cabeça que os homens.»

O médico ergueu os braços.

«Depois de tudo passado, diz a senhora? Nós, homens, só temos a inspiração depois de tudo passado. Mas a senhora!... Olhe, vou contar-lhe uma pequena história que aconteceu com uma das minhas clientes por quem eu era capaz de pôr as mãos no fogo, como se costuma dizer.

«Passou-se o caso numa cidade da província.

«Uma noite, estava eu a dormir profundamente com aquele peso do primeiro sono tão difícil de perturbar, quando me pareceu, num sonho confuso, que os sinos da cidade estavam a tocar a fogo.

«De repente acordei: era a minha campainha, a campainha da rua, que tocava desesperadamente. Como o meu criado parecia não responder, também eu puxei o cordão que tinha pendurado na cama, e logo as portas começaram a bater e ouviram-se passos a perturbar o silêncio da casa adormecida; a seguir apareceu o Jean com uma carta na mão que dizia: “A senhora Lelièvre pede insistentemente ao doutor Siméon que passe por casa dela imediatamente.”

«Reflecti durante alguns segundos. Pensava: crise de nervos, vapores, coisa e tal, cansado estou eu. E respondi: “O doutor Siméon, muito adoentado, pede à senhora Lelièvre o favor de chamar o seu

confrade Bonnet.”

«Entreguei o bilhete dentro de um sobrescrito e tornei a adormecer.

«Cerca de meia hora mais tarde, tocou outra vez a campainha da porta da rua e o Jean veio dizer-me: “Está ali alguém, um homem ou uma mulher (não sei ao certo, por estar tão embuçado) que queria falar com urgência com o senhor. Diz que está em jogo a vida de duas pessoas.”

«Endireitei-me. “Mande entrar.”

«Esperei sentado na cama.

«Surgiu uma espécie de fantasma negro e, logo que o Jean se retirou, descobriu-se. Era a senhora Berthe Lelièvre, uma mulher ainda muito nova, casada três anos antes com um grande comerciante da cidade, conhecido por se ter casado com a mais bonita mulher da província.

«Estava horrivelmente pálida, com aquelas crispações no rosto das pessoas que perderam a cabeça, e as mãos tremiam-lhe; por duas vezes tentou falar mas nenhum som lhe saiu da boca. Por fim, balbuciou: “Depressa, depressa.... depressa, doutor... Venha. O meu... o meu amante está morto no meu quarto...”

«Deteve-se, sufocada, e depois continuou: “O meu marido vai... vai voltar do círculo...”

«Saltei da cama e pus-me de pé, sem sequer pensar que estava de camisa de noite, e vesti-me em poucos segundos. Depois perguntei: “Foi a senhora que veio cá há pouco?” Ela, de pé como uma estátua, petrificada pela angústia, murmurou: “Não... foi a minha criada... ela sabe...” E depois de um longo silêncio: “Eu fiquei... fiquei ao pé dele.” E dos seus lábios saiu uma espécie de horrível grito de dor até que, passada uma sufocação que a fez soltar um estertor, chorou, chorou perdidamente com soluços e espasmos durante um minuto ou dois; depois, de súbito, as lágrimas pararam, extinguiram-se como se secassem desde dentro por acção do fogo e, agora tragicamente calma, disse: “Vamos depressa!”

«Eu estava pronto mas exclamei: “Apre, esqueci-me de mandar aparelhar o cupê!” Ela respondeu: “Eu tenho um, tenho o dele, que estava à espera.” Embuçou-se até aos cabelos. E partimos.

«Quando ficou ao meu lado no escuro do carro, agarrou-me de repente na mão e, esmagando-a entre os seus dedos finos, balbuciou com tremores na voz, tremores vindos de um coração dilacerado: “Ah, se soubesse, se soubesse como eu sofro! Eu amava-o, amava-o perdidamente, como uma insensata, desde há seis meses.”

«Eu perguntei: “Em sua casa o pessoal está acordado?” Ela respondeu: “Não, ninguém, excepto a Rosa, que sabe tudo.”

«Parámos diante da porta dela; com efeito, na casa toda a gente estava a dormir. Entrámos sem ruído com um gazua: e eis-nos a subir a escada na ponta dos pés. A criada, desorientada, estava sentada no chão no alto da escada, com uma vela acesa ao lado, porque não se atrevia a ficar ao pé do morto.

«E entrei no quarto. Estava totalmente em desordem, como depois de uma luta. A cama amarrotada, pisada, desfeita, permanecia aberta, parecia esperar; um dos lençóis estava descaído até ao tapete; toalhas molhadas, que tinham posto nas têmporas do jovem, jaziam no chão ao lado de uma pequena bacia e de um copo. E um singular cheiro a vinagre de cozinha misturado com relentos de perfume Lubin vinha da porta, repugnante.

«O cadáver estava estendido ao comprido, de costas, no meio do quarto.

«Aproximei-me; examinei-o; apalpei-o; abri-lhe os olhos; tacteei-lhe as mãos e depois, virando-me para as duas mulheres que tiritavam como se estivessem geladas, disse-lhes: “Ajudem-me a levá-lo para a cama.” E deitámo-lo suavemente. Auscultei-lhe então o coração e coloquei-lhe um espelho diante da boca; e a seguir murmurei: “Acabou-se, temos de o vestir depressa.” Foi horrível de ver.

«Eu pegava-lhe nos membros um a um, como se de um enorme boneco se tratasse, e estendia-os para as roupas que as mulheres traziam. Passámos às peúgas, às cuecas, ao calção, ao colete, e depois ao fato, no qual tivemos muita dificuldade em fazer entrar os braços.

«Quando se tratou de abotoar as botinas, as duas mulheres puseram-se de joelhos, enquanto eu lhes dava luz; mas como os pés estavam um pouco inchados, foi assustadoramente difícil. Como não tinham encontrado a abotoadeira, usaram os respectivos ganchos de cabelo.

«Mal terminou a horrível *toilette*, examinei a nossa obra e disse: “Era preciso dar-lhe uma penteadeira.” A criada foi buscar o pente e a escova da patroa; mas, como estava a tremer e, em movimentos involuntários, arrancava os cabelos compridos e embaraçados, a senhora Lelièvre apoderou-se violentamente do pente e reajustou-lhe devagarinho o cabelo, como se o acariciasse. Refez a risca, escovou a barba, e depois enrolou lentamente o bigode com o dedo, tal como por certo costumava fazer em familiaridades amorosas.

«E de repente, largando o que tinha na mão, ela agarrou a cabeça inerte do amante e contemplou longamente, desesperadamente, aquele rosto morto que já não lhe sorria; depois, deixando-se cair sobre ele, apertou-o com toda a força nos seus braços, beijando-o ardentemente. Os beijos dela caíam como pancadas na boca fechada dele, nos seus olhos apagados, nas suas fontes, na testa. Depois, aproximando-se do ouvido, como se ele pudesse ainda ouvi-la, como que para balbuciar a palavra que torna os abraços mais ardentes, repetiu dez vezes seguidas numa voz dilacerada: “Adeus, meu querido.”

«Mas o relógio bateu a meia-noite.

«Tive um sobressalto: “Que maçada, meia-noite, a estas horas fecha o círculo. Vamos, minha senhora, força.”

«Ela endireitou-se. Dei as minhas ordens: “Vamos levá-lo para o salão.” Pegámos nele os três e, erguendo-o, sentei-o num canapé, e acendi depois os candelabros.

«A porta da rua abriu-se e tornou a fechar-se pesadamente. Era já ele. Exclamei: “Rosa, depressa, traga-me as toalhas e a bacia, e refaça a cama, despache-se, por amor de Deus! É o senhor Lelièvre que regressa.”

«Ouvi os passos que subiam, que se aproximavam. Umhas mãos na sombra tacteavam as paredes. Então chamei: “Por aqui, meu caro, tivemos um acidente.”

«E o marido estupefacto apareceu no limiar, com um charuto na boca. Perguntou: “Que é? Que se passa? Que é isso?”

«Caminhei na sua direcção: “Meu bom amigo, vem encontrar-nos num difícil embaraço. Eu tinha ficado até tarde a conversar aqui com a sua mulher e este nosso amigo que me tinha trazido no carro dele. E eis que ele de repente cai no chão, e há duas horas que, apesar dos nossos esforços, continua sem sentidos. Não quis chamar estranhos. Por isso ajude-me a levá-lo para baixo, porque posso

tratá-lo melhor em casa dele.”

«O marido surpreendido, mas sem desconfiar, tirou o chapéu; e depois agarrou o seu rival, agora inofensivo, por debaixo dos braços. Eu agarrei-o pelas pernas, como um cavalo entre dois varais, e lá fomos nós a descer a escada, agora alumiados pela mulher.

«Quando chegámos diante da porta, endireitei o cadáver e falei com ele, animando-o para enganar o cocheiro: “Vá, meu bom amigo, isso não é nada; já está a sentir-se melhor, não é? Coragem, vá lá, um pouco de coragem, mais um pequeno esforço e pronto.”

«Como sentia que ele ia estatelar-se, que me deslizava entre as mãos, dei-lhe uma grande palmada nas costas que o atirou para a frente e o fez oscilar para dentro do carro; e depois subi eu atrás dele.

«O marido, inquieto, perguntava-me: “Acha que é grave?” Respondi: “Não”, e sorri, olhando para a mulher. Ela enfiara o braço no do marido legítimo e mergulhava o olhar fixo no eixo às escuras do cupê.

«Apertei as mãos deles e mandei seguir. Ao longo de todo o caminho o morto descaía-me sobre a orelha direita.

«Quando chegámos a casa dele, anunciei que ele tinha perdido os sentidos pelo caminho. Ajudei a fazê-lo subir até ao quarto. E depois verifiquei o óbito; representei toda uma nova comédia diante da sua família atarantada. Por fim, voltei para a minha cama, sem deixar de praguejar contra os apaixonados.»

O médico calou-se, sempre sorrindo.

Crispada, a jovem senhora perguntou:

«Porque é que me contou essa história pavorosa?»

Ele fez um cumprimento galante.

«Para lhe oferecer os meus serviços, se for necessário.»

(Setembro de 1882)

O Testamento

A Paul Hervieu

Conheci um rapagão chamado René de Bourneval. Era de convívio amável, embora um pouco triste, parecia desiludido de tudo, muito céptico, de um cepticismo concreto e corrosivo, sobretudo hábil a desarticular com uma só palavra as hipocrisias mundanas. Repetia muitas vezes: «Não existem homens honestos; ou, pelo menos, só o são se comparados com os crápulas.»

Tinha dois irmãos com quem não se dava, os senhores de Courcils. Eu julgava que ele era filho de outro casamento, por terem nomes diferentes. Tinham-me dito diversas vezes que se passara uma história estranha naquela família, mas não me deram quaisquer pormenores.

Como aquele homem me era verdadeiramente simpático, não tardámos a ficar amigos. Certa noite em que tínhamos jantado juntos a sós, perguntei-lhe por acaso: «Você nasceu do primeiro ou do segundo casamento da senhora sua mãe?» Vi-o empalidecer um pouco, e depois corar; e ficou-se alguns segundos sem dizer nada, visivelmente embaraçado. Depois sorriu de uma forma melancólica e doce, que lhe era peculiar, e disse: «Meu caro amigo, não quero aborrecê-lo, mas vou fornecer-lhe acerca da minha origem uns pormenores bastante insólitos. Sei que você é um homem inteligente e portanto não acredito que com isso diminua a sua amizade; e se tal acontecesse deixaria de o considerar meu amigo.

«A minha mãe, a senhora de Courcils, era uma pobre mulherzinha tímida, com quem o marido se casara por causa da sua fortuna. Foi uma mártir toda a vida. Senhora de uma alma amante, temerosa, delicada, foi constantemente maltratada por aquele que devia ter sido meu pai, um daqueles rústicos a que se costuma chamar fidalgos de província. Ao fim de um mês de casamento ele vivia com uma criada. Além disso, teve como amantes as mulheres e as filhas dos caseiros; o que não o impediu de ter dois filhos da mulher; deviam ser três, contando comigo. A minha mãe não dizia nada: vivia naquela casa sempre barulhenta como um daqueles ratinhos que deslizam por debaixo dos móveis. Apagada, fugidia, tremente, olhava para as pessoas com os seus olhos inquietos e claros, sempre em movimento, os olhos de um ser assustado e sempre acompanhado pelo medo. E no entanto era bonita, muito bonita, muito loira, de um loiro acinzentado, de um loiro tímido: como se os seus cabelos houvessem sido um tanto descoloridos pelos seus incessantes temores.

«Entre os amigos do senhor de Courcils que visitavam frequentemente o solar, achava-se um antigo oficial de cavalaria, viúvo, homem temido, terno e violento, capaz das decisões mais enérgicas, o senhor de Bourneval, de quem herdei o nome. Era um rapagão magro, com um grande bigode preto. Pareço-me muito com ele. Era um homem lido, e tinha ideias muito diferentes das da sua classe. A bisavó fora amiga de J.-J. Rousseau, e dir-se-ia que ele herdara alguma coisa dessa ligação da antepassada. Sabia de cor o *Contrato Social*, a *Nova Heloísa* e todos aqueles livros filosofantes que prepararam ao longe a futura transformação dos nossos antigos costumes, dos nossos preconceitos, das nossas leis ultrapassadas, da nossa moral imbecil.

«Ao que parece, amou a minha mãe, e foi amado. Esta ligação permaneceu tão secreta que ninguém dela suspeitou. A pobre mulher, abandonada e triste, deve ter-se apegado a ele desesperadamente, e deve ter assumido na convivência com ele todas as suas maneiras de pensar, teorias de livre sentimento, audácias de amor independente; mas, de tão temerosa que era, nunca se atrevia a falar alto, tudo aquilo foi recalcado, condensado, comprimido no seu coração que nunca se abriu.

«Os meus dois irmãos eram duros para ela, tal como o pai, não a amimavam, e, habituados a ver que não contava para nada lá em casa, tratavam-na um pouco como uma criada.

«Eu fui o único dos seus filhos que verdadeiramente a amou e que por ela foi amado.

«Morreu quando eu tinha dezoito anos. Devo acrescentar, para você poder compreender o que se vai seguir, que o marido dela tinha apoio jurídico, que fora declarada uma separação de bens em benefício da minha mãe, a qual conservara, graças aos artifícios da lei e à dedicação inteligente de um notário, o direito de testar à sua vontade.

«E, assim, fomos prevenidos de que existia um testamento no notário e convidados a assistir à respectiva leitura.

«Lembro-me como se fosse hoje. Foi uma cena grandiosa, dramática, burlesca, surpreendente, provocada pela revolta póstuma daquela morta, por aquele grito de liberdade, por aquela reivindicação vinda do fundo do túmulo daquela mártir esmagada pelos nossos costumes durante a sua vida, e que lançava, lá de dentro do seu caixão fechado, um apelo desesperado à independência.

«Aquele que se julgava meu pai, um homem gordo e sanguíneo a fazer lembrar um açougueiro, e os meus irmãos, dois fortes rapazes de vinte e vinte e dois anos, esperavam tranquilos sentados nas suas cadeiras. O senhor de Bourneval, que fora convidado a aparecer, entrou e colocou-se atrás de mim. Estava apertado na sua sobrecasaca, muito pálido, e mordiscava frequentemente o bigode, agora um pouco grisalho. Já estava sem dúvida à espera do que ia acontecer.

«O notário fechou a porta a sete chaves e começou a leitura, depois de ter aberto à nossa frente o sobrescrito selado a lacre vermelho e cujo conteúdo ignorava.»

De repente o meu amigo calou-se, levantou-se e foi buscar à secretária um velho papel, que desdobrou e beijou longamente; e continuou:

«É este o testamento da minha mãe bem-amada:

Eu, abaixo assinada, Anne-Catherine-Geneviève-Mathilde de Croixluce, esposa legítima de Jean-Léopold-Joseph Gontran de Courcils, no pleno uso das minhas faculdades de corpo e de espírito, exprimo seguidamente as minhas últimas vontades.

Antes de mais, peço perdão a Deus, e depois ao meu querido filho René, pelo acto que vou cometer. Creio que o meu filho terá um coração suficientemente grande para me compreender e me perdoar. Toda a minha vida sofri. Fui desposada por interesse, e depois desprezada, ignorada, oprimida, constantemente enganada pelo meu marido.

Perdoo-lhe, mas nada lhe devo.

Os meus filhos mais velhos não me tiveram amor, não me deram mimos, mal me trataram como mãe.

Fui para eles, ao longo da minha vida, o que tinha a obrigação de ser; nada mais lhes devo

depois da minha morte. Os laços de sangue não existem sem o affecto constante e sagrado de cada dia. Um filho ingrato é menos que um estranho; é alguém que se deve considerar culpado, porque não tem o direito de se mostrar indiferente à sua mãe.

Sempre tremi diante dos homens, perante as suas leis iníquas, os seus costumes desumanos, os preconceitos infames. Diante de Deus, já não temo. Agora morta, afasto de mim a vergonha da hipocrisia; atrevo-me a dizer o que penso, a confessar e a subscrever o segredo do meu coração.

Lego, pois, em depósito, toda a parte da minha fortuna de que a lei me permite dispor ao meu bem-amado amante Pierre-Germer-Simon de Bourneval, fortuna essa que seguidamente irá caber ao nosso querido filho René.

(Esta vontade está além disso formulada, de uma forma mais concreta, num acto notarial.)

E, diante do Juiz supremo que me ouve, declaro que teria amaldiçoado o céu e a existência se não tivesse encontrado o affecto profundo, dedicado, terno e inabalável do meu amante, se não tivesse compreendido nos seus braços que o Criador fez os seres para se amarem uns aos outros, para se apoiarem, para se consolarem e para chorarem juntos nas horas de amargura.

Os meus dois filhos mais velhos têm como pai o senhor de Courcils, apenas o René deve a sua vida ao senhor de Bourneval. Rogo ao Senhor dos homens e dos seus destinos que coloque acima dos preconceitos sociais o pai e o filho, que os faça amarem-se até à morte e amarem-me a mim ainda no meu caixão.

Eis o meu último pensamento e o meu último desejo.

MATHILDE DE CROIXLUCE

«O senhor de Courcils tinha-se posto de pé; e exclamou: “É o testamento de uma louca!” Então o senhor de Bourneval deu um passo em frente e declarou em voz forte, em voz cortante: “Eu, Simon de Bourneval, declaro que este escrito não contém mais que a estrita verdade. Estou pronto a defendê-lo diante seja de quem for e até a prová-lo com as cartas que possuo.”

«Então o senhor de Courcils caminhou na sua direcção. Julguei que iam engalfinhar-se os dois. Ali estavam eles, ambos corpulentos, um gordo e o outro magro, ambos a tremer. O marido da minha mãe articulou gaguejando: “O senhor é um miserável!” O outro declarou no mesmo tom vigoroso e seco: “Haveremos de nos encontrar noutro lugar, cavalheiro. Eu já o teria esbofeteado e provocado há muito tempo se não levasse em consideração acima de tudo a tranquilidade, durante a sua vida, da pobre mulher a quem o senhor tanto sofrimento causou.”

«E depois, virando-se para mim: “Você é meu filho. Quer seguir-me? Não tenho o direito de o levar comigo, mas assumo esse direito se quiser acompanhar-me.”

«Apertei-lhe a mão sem responder. E saímos juntos. É claro que três quartas partes de mim tinham enlouquecido.

«Dois dias depois o senhor de Bourneval matava em duelo o senhor de Courcils. Os meus irmãos, com receio de um pavoroso escândalo, calaram-se. Eu cedi-lhes, e eles aceitaram, metade da fortuna que a minha mãe deixara.

«Tomei o nome do meu pai verdadeiro, renunciando ao que a lei me atribuía e que não era o meu.

«O senhor de Bourneval morreu há cinco anos. Ainda me não consolei de tal.»

Levantou-se, deu alguns passos, e, postando-se diante de mim, disse: «Pois bem, afirmo que o testamento da minha mãe é uma das coisas mais belas, mais leais, de maior grandeza que uma mulher pode realizar. Não acha?»

Estendi-lhe as duas mãos: «Ah, sem dúvida, meu amigo.»

(Novembro de 1882)

A Minha Mulher

Estavam no fim de um jantar de homens, de homens casados, velhos amigos que por vezes se reuniam sem as respectivas mulheres, como se fossem rapazes solteiros, como noutros tempos. Comiam demoradamente, bebiam muito; falavam de tudo, desenterravam antigas e alegres recordações, aquelas recordações quentes que, sem querer, abrem os lábios num sorriso e o coração num frémito. Diziam:

— Lembras-te, Georges, da nossa excursão a Saint-Germain com aquelas duas raparigas de Montmartre?

— Ora essa! Se me lembro!

E relembravam pormenores, mais isto e mais aquilo, mil e uma pequenas coisas, que ainda hoje davam prazer.

Deram em falar do casamento, e cada um deles disse com um ar sincero: «Ah!, se eu voltasse ao princípio!...» Georges Duportin acrescentou: «É extraordinária a facilidade com que se cai nisto. Bem estávamos nós decididos a não ter nunca uma mulher; e eis que na Primavera vamos ao campo, está calor, o Verão está a chegar, a vegetação a florir; encontramos uma rapariga em casa de uns amigos... e pronto! Está feito. Voltamos para casa casados.»

Pierre Létoile exclamou: «Exactamente! É a minha história, só que eu tenho uns pormenores especiais...»

O amigo interrompeu-o: «Tu não tens razão de queixa. Tens a mulher mais encantadora deste mundo — linda, amável, perfeita; não há dúvida de que és o mais feliz de nós todos.»

O outro replicou:

— A culpa não é minha.

— Como assim?

— É verdade que tenho uma mulher perfeita; mas casei com ela sem querer.

— Ora essa!

— Pois foi... A aventura foi assim. Eu tinha trinta e cinco anos e já então pensava tanto em casar-me como em enforcar-me. Achava as raparigas insípidas e adorava o prazer.

«Fui convidado no mês de Maio para o casamento do meu primo Simon d'Erabel, na Normandia. Foi um verdadeiro casamento normando. Sentámo-nos à mesa às cinco da tarde e às onze ainda estávamos a comer. Para a circunstância tinham-me posto ao lado de uma tal menina Dumoulin, filha de um coronel reformado, uma jovem loira e militar, bem em forma, atrevida e faladora. Tomou conta de mim completamente durante todo o dia, arrastou-me para o parque, dançou comigo quer eu quisesse ou não, moeu-me o juízo.

«Eu dizia cá para mim: “Por hoje passas, mas amanhã vou-me embora. Já basta.”

«Por volta das onze da noite as mulheres retiraram-se para os seus quartos; os homens deixaram-se ficar a fumar e a beber, ou, se preferirem, a beber e a fumar.

«Pela janela aberta via-se o baile dos camponeses. Rústicos e labregos davam saltos em redondo,

berrando uma selvagem canção de dançar debilmente acompanhada por dois violinistas e um clarinete colocados numa grande mesa de cozinha a fazer de estrado. O canto tumultuoso dos campónios cobria às vezes por completo a música dos instrumentos; e a fraca música, dilacerada pelas vozes desembestadas, parecia cair do céu como archotes, em pequenos fragmentos de notas dispersas.

«Duas grandes pipas, rodeadas de tochas acesas, davam de beber à multidão. Havia dois homens que tinham a missão de enxaguar os copos ou as tigelas numa selha para os estenderem imediatamente debaixo das torneiras donde corriam o fio vermelho do vinho ou o fio de ouro da cidra pura; e os dançarinos sedentos, os velhos tranquilos, as raparigas suadas, apertavam-se, estendiam os braços para agarrarem por sua vez um copo qualquer e derramarem em grandes goles pela garganta abaixo, reclinando a cabeça, o líquido que preferiam. Em cima de uma mesa havia pão, manteiga, queijos e chouriços. Cada um engolia uma garfada de vez em quando; e sob o campo de fogo das estrelas dava prazer ver aquela festa sã e violenta, e apetecia beber também do bojo daquelas grandes pipas e comer pão duro com manteiga e cebola crua.

«Veio-me um desejo louco de tomar parte naqueles festejos, e afastei-me dos meus companheiros.

«Devo confessar que estava provavelmente um pouco toldado; mas não tardei a ficar completamente embriagado.

«Tinha agarrado na mão de uma forte camponesa ofegante e obriguei-a a saltar desvairadamente até ao limite do meu fôlego.

«Depois bebi um copo de vinho e agarrei outra folgazã. A seguir, para me refrescar, engoli uma tigela cheia de cidra e voltei a dar saltos como um possesso.

«Sentia-me ágil; os rapazes, encantados, olhavam-me procurando imitar-me; as raparigas queriam todas dançar comigo e saltavam pesadamente com uma elegância de vacas.

«Por fim, de roda em roda, de copo de vinho em copo de cidra, dei comigo, por volta das duas da manhã, tão bêbado que mal me podia ter em pé.

«Tive consciência do estado em que estava e quis voltar para o meu quarto. A mansão dormia, silenciosa e escura.

«Não tinha fósforos e toda a gente se tinha ido deitar. Mal cheguei ao vestíbulo fui tomado de vertigens e foi com dificuldade que encontrei o corrimão; por fim, dei com ele por acaso, às apalpadelas, e sentei-me no primeiro degrau da escada para tratar de pôr um pouco de ordem nas minhas ideias.

«O meu quarto era no segundo andar, na terceira porta à esquerda. Era uma sorte não me ter esquecido disso. Armado dessa memória, tornei a pôr-me de pé, não sem dificuldade, e comecei a ascensão, degrau a degrau, com as mãos coladas aos varões de ferro para não cair, com a ideia fixa de não fazer barulho.

«Só umas três ou quatro vezes o meu pé falhou os degraus e caí de joelhos; mas, graças à energia dos meus braços e à tensão da minha vontade, evitei descambar completamente.

«Cheguei por fim ao segundo andar e aventurei-me pelo corredor tacteando as paredes. Lá estava uma porta; contava: “Uma”; mas uma súbita vertigem afastou-me da parede e obrigou-me a realizar um esquisito circuito que me atirou para a outra parede. Quis regressar em linha recta. A travessia foi

longa e penosa. Por fim cheguei à costa, que comecei a percorrer outra vez prudentemente, e dei com outra porta. Para ter a certeza de não estar enganado, tornei a contar em voz alta: “Duas”; e tornei a pôr-me em marcha. Acabei por encontrar a terceira. Disse: “Três, sou eu” e dei a volta à chave na fechadura. A porta abriu-se. Pensei, apesar da minha confusão: “Como se abriu, é porque sou aqui.” E avancei na sombra depois de ter tornado a fechar devagarinho.

«Esbarrei em qualquer coisa mole: o meu sofá. E logo me estendi em cima dele.

«Na minha situação o melhor era não teimar em procurar a mesa-de-cabeceira, a palmatória, os fósforos. Isso seria coisa para duas horas, pelo menos. Outro tanto demoraria para me despir, e talvez nem o conseguisse. Desisti.

«Só tirei as botinas; desabotoei o colete que me apertava, desapertei as calças e adormeci com um sono invencível.

«Tudo aquilo durou certamente muito tempo. Fui repentinamente acordado por uma voz vibrante que dizia pertinho de mim: “Então, preguiçosa, ainda estás deitada? Sabes que já são dez horas?”

«Uma voz de mulher respondeu: “Já? Eu estava tão cansada do dia de ontem...”

«Estupefacto, perguntava a mim mesmo que queria dizer aquele diálogo.

«Onde estava eu? Que tinha eu feito?

«O meu espírito flutuava, ainda envolvido numa espessa nuvem.

«A primeira voz continuou: “Vou abrir os cortinados.”

«E ouvi passos que se aproximavam de mim. Sentei-me completamente perdido. Então senti uma mão poisar-me na cabeça e fiz um movimento brusco. A voz perguntou alto: “Quem está aí?” Abstive-me de responder. Fui agarrado por dois pulsos furiosos. Pelo meu lado, abracei-me a alguém e começou uma luta terrível. Rolávamos pelo chão, derrubando os móveis, esbarrando nas paredes.

«A voz de mulher gritava assustadora: “Socorro, socorro!”

«Vieram criados a correr, vizinhos, senhoras desvairadas. Abriram as portadas, puxaram os cortinados. Estava engalfinhado com o coronel Dumoulin!

«Dormira ao pé da cama da filha dele.

«Quando nos separaram, fugi para o meu quarto, embrutecido de espanto. Fechei-me à chave e sentei-me, com os pés em cima de uma cadeira, porque as botinas tinham ficado no quarto da rapariga.

«Ouvia um grande reboiço por todo o solar, portas que abriam e fechavam, murmúrios, passos rápidos.

«Passada meia hora bateram à minha porta. Gritei: “Quem é?” Era o meu tio, pai do noivo da véspera, e fui abrir.

«Estava pálido e furioso e tratou-me com dureza: “Portaste-te em minha casa como um grosseirão, estás a ouvir?” E acrescentou depois num tom mais brando: “Meu traste imbecil, então deixas que te surpreendam às dez da manhã? Vais ficar a dormir como uma pedra naquele quarto em lugar de te pores logo a mexer... logo a seguir?”

«Eu exclamei: “Ó tio, garanto-lhe que não se passou nada... Eu estava bebido e enganei-me na porta.”

«Ele encolheu os ombros: “Vá, não digas asneiras.” Eu ergui a mão: “Juro-lhe pela minha honra.” O meu tio replicou: “Pronto, está bem. O teu dever é dizeres isso.”

«Foi a minha vez de me zangar, e contei-lhe toda a minha desagradável aventura. Ele olhava para mim com olhos espantados, sem saber em que acreditar.

«Depois saiu para conferenciar com o coronel.

«Vim a saber que tinham também reunido uma espécie de tribunal das mães, ao qual eram apresentadas as diversas fases da situação.

«Ele regressou uma hora depois, sentou-se com modos de juiz, e começou: “Seja como for, só vejo uma maneira de te livrares de complicações, que é casar com a menina Dumoulin.”

«Dei um salto de terror:

«“Ah, não, isso nunca!”

«Ele perguntou gravemente: “Então que pensas fazer?”

«Respondi com simplicidade: “Ora essa... ir-me embora logo que devolvam as minhas botinas.”

«O meu tio replicou: “Nada de brincadeiras, por favor. O coronel está decidido a dar-te um tiro nos miolos logo que te vir. E podes ter a certeza de que a ameaça dele não é em vão. Eu falei de um duelo, mas ele respondeu: ‘Não, estou a dizer-lhe que lhe dou um tiro nos miolos’.

«“Analisemos agora o caso de outro ponto de vista.

«“Ou tu seduziste aquela criança, e então pior para ti, meu rapaz, ninguém recorre a meninas novinhas.

«“Ou então enganaste-te por estares bebido, como tu dizes. E então ainda pior para ti. Ninguém se coloca em situações tão tolas. De qualquer modo, a pobre rapariga tem a reputação perdida, porque nunca ninguém acreditará nas explicações de um bêbado. A verdadeira vítima, a única vítima nisto tudo é ela. Pensa bem.”

«E foi-se embora enquanto eu lhe gritava nas costas: “Pode dizer o que quiser, mas eu não me caso com ela.”

«Fiquei sozinho ainda uma hora.

«A seguir, apareceu a minha tia. Chorava. Lançou mão de todos os argumentos. Ninguém acreditava no meu engano. Ninguém podia admitir que aquela jovem se tivesse esquecido de fechar a porta à chave numa casa cheia de gente. O coronel tinha-lhe batido. Ela não parava de soluçar desde manhã. Era um escândalo terrível, inapagável.

«E acrescentava a boa da minha tia: “Vá, pede-a em casamento: havemos de arranjar maneira de te livrar de complicações discutindo as condições do contrato.”

«Esta perspectiva causou-me um certo alívio. E aceitei escrever o meu pedido. Uma hora depois partia para Paris.

«No dia seguinte avisaram-me de que o meu pedido fora aceite.

«Então, em três semanas, sem ter conseguido encontrar uma artimanha qualquer, uma escusa, foram publicados os banhos,

as cartas de participação foram enviadas, o contrato foi assinado,

e dei comigo, numa segunda-feira de manhã, no coro de uma igreja iluminada, ao lado de uma jovem a chorar, depois de ter declarado ao presidente da Câmara que aceitava tomá-la como minha

companheira... até à morte de um ou do outro.

«Eu não tornara a vê-la e olhava-a de lado com um certo espanto malevolente. No entanto, ela não era feia, nada mesmo. Dizia de mim para mim: “Aqui está uma que não há-de passar a vida a rir.”

«Ela não olhou para mim uma só vez até à noite, e não me disse uma só palavra.

«A meio da noite entrei no quarto nupcial com a intenção de lhe dar a conhecer as minhas intenções, já que o senhor agora era eu.

«Fui dar com ela sentada num cadeirão, vestida como estava durante o dia, de olhos vermelhos e tez pálida. Levantou-se mal eu entrei e veio gravemente na minha direcção.

«“Cavalheiro”, disse-me, “estou pronta a fazer o que me ordenar. Mato-me, se assim o desejar.”

«Era bonita como tudo naquele papel heróico de filha do coronel. Beije-a, estava no meu direito.

«E não tardei a ver que não tinha sido roubado.

«Há cinco anos que estou casado. E ainda não o lamento, de modo algum.»

Pierre Létoile calou-se. Os companheiros riam-se. Um deles disse: «O casamento é uma lotaria; é preciso nunca escolher os números, os ditados pelo acaso são os melhores.»

E outro acrescentou para concluir: «Pois é, mas não se esqueçam de que foi o deus dos bêbados que escolheu em lugar do Pierre.»

(Dezembro de 1882)

Velhacaria

As mulheres?

— Sim, que tem? As mulheres, o quê?

— Ora, não existem prestidigitadores mais subtis para nos levarem à certa a propósito de tudo, com ou sem razão, muitas vezes pelo simples prazer da astúcia. E usam a astúcia com uma simplicidade incrível, com uma audácia surpreendente, com uma esperteza invencível. São manhosas de manhã à noite, e todas elas o são, as mais honestas, as mais rectas, as mais sensatas.

«Acrescente-se que por vezes são um pouco forçadas a isso. O homem tem constantes teimosias de imbecil e desejos de tirano. Um marido, no seu lar, a todo o momento impõe vontades ridículas. É cheio de manias, e a mulher lisonjeia-o enganando-o. Leva-o a acreditar que uma coisa custa uma certa importância, porque se valesse mais ele desataria aos gritos. E ela resolve sempre habilmente as situações difíceis através de meios tão fáceis e tão astutos que ficamos espantados quando por acaso os detectamos. E, estupefactos, pensamos: “Como é que não demos por isto?”»

Quem falava assim era um antigo ministro do Império, o conde de L..., muito astuto e, ao que se dizia, um espírito superior.

Tinha um grupo de jovens a escutá-lo.

Continuou:

«Eu fui enrolado por uma humilde burguesinha de uma forma cômica e magistral. Vou contar-vos o que se passou para vossa instrução.

Eu era então ministro dos Negócios Estrangeiros e, todas as manhãs, tinha por hábito dar um longo passeio a pé nos Campos Elísios. Era no mês de Maio: caminhava respirando avidamente aquele bom aroma das primeiras folhas.

Não tardei a notar que todos os dias encontrava uma adorável mulherzinha, uma daquelas admiráveis e graciosas criaturas que têm a marca de Paris. Bonita? Sim e não. Bem feita? Não, melhor que isso. Talvez a cintura fosse esguia de mais, os ombros excessivamente estreitos, o peito excessivamente cheio; mas eu prefiro essas refinadas bonecas redondas de carnes àquela grande carcaça da Vénus de Milo.

E ainda por cima caminham em passinhos curtos de uma maneira incomparável; e basta o frémito da sua presença para nos pôr a correr de desejos íntimos. Parecia-me que olhava para mim ao passar. Mas essas mulheres parecem sempre tudo; a gente nunca sabe.

Certa manhã vi-a sentada num banco com um livro aberto na mão. Fui logo sentar-me ao seu lado. Cinco minutos depois éramos amigos. Então, todos os dias, depois da saudação sorridente: “Bom dia, minha senhora – Bom dia, cavalheiro”, conversávamos. Contou-me que era casada com um funcionário, que a vida era triste, que os prazeres eram raros e frequentes as preocupações, e mais mil e uma coisas.

Eu disse-lhe quem era, por acaso e talvez também por vaidade; ela simulou muito bem o espanto.

No dia seguinte vinha ela visitar-me ao ministério, e voltou lá tantas vezes que os contínuos, que tinham aprendido a conhecê-la, mal a viam passavam uns aos outros o nome com que a tinham baptizado: A “senhora Léon”. É este o meu nome próprio.

Ao longo de três meses vi-a todas as manhãs sem me cansar nem por um segundo, de tal modo ela sabia variar e apimentar constantemente a ternura. Mas vi um dia que ela tinha os olhos pisados e a brilhar de lágrimas contidas, que falava a custo, perdida em preocupações secretas.

Pedi-lhe, supliquei-lhe que me dissesse o que lhe molestava o coração; e acabou por balbuciar tremendo: “É que estou... estou grávida.” E desatou a soluçar. Ah! Fiz uma careta horrível e devo ter empalidecido como acontece perante notícias destas. Vocês não podem imaginar o golpe desagradável que nos vibra no peito o anúncio destas inesperadas paternidades. Mas virão a saber isso mais tarde ou mais cedo. Quanto a mim, gaguejei: “Mas... mas... tu és casada, não és?”

Ela respondeu: “Pois, mas o meu marido está em Itália há dois meses e ainda demorará muito até regressar.”

Eu, custasse o que custasse, tinha que me livrar de responsabilidades. Disse: “Tem que ir ter com ele imediatamente.” Ela corou até à raiz dos cabelos e disse de olhos baixos: “Pois é... mas...” Não se atreveu ou não quis terminar a frase.

Eu tinha percebido e entreguei-lhe discretamente um sobrescrito para as despesas da viagem.

«Oito dias depois enviava-me uma carta de Génova. Na semana seguinte recebia outra de Florença. Chegaram-me depois cartas de Livorno, de Roma, de Nápoles. Dizia-me: “Eu estou bem, meu querido amor, mas estou horrível, não quero que me vejas antes de tudo acabado: deixarias logo de amar-me. O meu marido não desconfiou de nada. Como a sua missão irá retê-lo neste país ainda por muito tempo, só voltarei a França depois do parto.”

E, passados cerca de oito meses, recebia de Veneza estas simples palavras: “É um rapaz.”

Algum tempo depois entrou de repente no meu gabinete, mais fresca e mais bonita que nunca, e lançou-se nos meus braços.

E recomeçou a nossa antiga ternura.

Saí do ministério, ela passou a vir à minha casa da rua de Grenelle. Falava-me muitas vezes do menino, mas eu poucos ouvidos lhe dava: era algo que não me dizia respeito. Entregava-lhe uma ou outra vez uma importância bastante redonda, dizendo-lhe simplesmente: “Aplica isto para ele.”

Passaram-se mais dois anos; e, cada vez mais, ela teimava em dar-me notícias do pequeno, “do Léon”. Às vezes chorava: “Tu não gostas dele; nem sequer o queres ver; se soubesses o desgosto que isso me causa!”

Por fim, ela tanto insistiu que acabei por lhe prometer uma vez ir no dia seguinte aos Campos Elísios, à hora a que ela iria passear a criança.

Mas no momento de partir senti um receio que me deteve. O homem é fraco e estúpido: quem sabe o que iria passar-se no meu coração? E se eu começasse a gostar daquele pequeno ser que nascera de mim? Do meu filho!

Tinha o chapéu na cabeça e as luvas calçadas. Atirei as luvas para cima da secretária e o chapéu para uma cadeira: “Não, está decidido, não vou, é o mais sensato.”

Abriu-se a porta e entrou o meu irmão. Estendeu-me uma carta anónima que recebera nessa manhã: “Previna o conde de L..., seu irmão, de que a mulherzinha da rua Cassette anda desavergonhadamente a fazer pouco dele. Ele que colha informações acerca dela.”

Eu nunca falara a ninguém daquele velho enredo, fiquei estupefacto e contei a história ao meu irmão do princípio ao fim. Acrescentei: “Por mim, não quero tratar de nada, mas far-me-ás um grande favor se fores em busca de novidades.”

Quando o meu irmão se foi embora, fiquei a pensar: “Em que é que ela pode andar a enganar-me? Será que tem outros amantes? Que me importa isso a mim? Ela é jovem, fresca e bonita: não lhe peço mais que isso. Parece gostar de mim e, ao fim e ao cabo, não me sai muito cara. Realmente, não estou a perceber nada.”

O meu irmão voltou sem demora. Na polícia tinham-lhe dado informações completas acerca do marido. “Funcionário do Ministério do Interior, correcto, gozando da consideração geral, bem pensante, mas casado com uma mulher muito bonita cujas despesas pareciam um pouco exageradas para a posição modesta dele.” Era tudo.

Ora, o meu irmão, quando a procurou em casa e ficou a saber que tinha saído, fizera a porteira falar, paga a preço de ouro: “A senhora D... é uma boa mulher, e o marido é um óptimo homem; nada orgulhosos, nada ricos, mas generosos.”

Para dizer qualquer coisa, o meu irmão perguntou:

— Que idade tem agora o garotinho deles?

— Ora essa, ela não tem filho nenhum.

— Como? Então o pequeno Léon?

— Não, o senhor está enganado.

— Então o filho que ela teve durante a viagem por Itália, aqui há dois anos?

— Ela nunca esteve em Itália, meu caro senhor, nunca saiu desta casa onde mora há cinco anos.

O meu irmão, surpreendido, fizera novas perguntas, sondagens, levava mais longe as suas investigações. Nenhuma criança, nenhuma viagem.

Eu estava prodigiosamente espantado, mas sem entender bem o sentido final desta comédia.

— Quero tirar tudo isto a limpo – disse eu. – Vou pedir-lhe que venha cá amanhã. Tu vais recebê-la em meu lugar; se ela me aldrabou, vais entregar-lhe estes dez mil francos, e nunca mais tornarei a vê-la. A verdade é que começo a estar farto disto.

«Acredite-se ou não, a verdade é que na véspera estava desolado por ter um filho daquela criatura, e agora estava irritado, envergonhado e ferido porque afinal não o tinha. Dei comigo livre, liberto de todas as obrigações, de todas as inquietações; e sentia-me furioso.

No dia seguinte o meu irmão estava à espera dela no meu gabinete. Ela entrou desembaraçadamente como de costume, correndo para ele de braços abertos, e estacou de repente ao vê-lo.

Ele cumprimentou-a e pediu desculpa.

— Peço-lhe que me perdoe, minha senhora, por me encontrar aqui em lugar do meu irmão; mas ele encarregou-me de lhe pedir explicações que para ele seria penoso obter pessoalmente.

Então, fitando-a olhos nos olhos disse de repente:

— Nós sabemos que a senhora não tem nenhum filho dele.

Passado o primeiro momento de espanto, ela recuperara a presença de espírito, sentara-se e olhava sorrindo para aquele juiz. Respondeu simplesmente:

— Não, não tenho filho nenhum.

— Também sabemos que nunca esteve em Itália.

Desta vez ela desmanchou-se a rir.

— Não, nunca estive em Itália.

O meu irmão, atordoado, continuou:

— O conde encarregou-me de lhe entregar este dinheiro e de lhe dizer que está tudo acabado.

Ela tornou a ficar séria, meteu tranquilamente o dinheiro no bolso e perguntou com um ar ingénuo:

— Então... não tornarei a ver o conde?

— Não, minha senhora.

Pareceu contrariada e acrescentou num tom calmo:

— Que pena, eu gostava bem dele.

Vendo que ela se tinha decididamente resignado, o meu irmão, sorrindo também, perguntou-lhe:

— Ora bem, então agora diga-me lá porque é que inventou toda esta longa e complicada artimanha da viagem e da criança.

Ela olhou para o meu irmão, surpreendida, como se ele estivesse a fazer-lhe uma pergunta estúpida, e respondeu:

— Olhe, foi malícia. Acha que uma pobre burguesinha de nada como eu seria capaz de conservar durante três anos o conde de L..., um ministro, um grande senhor, um homem afamado, rico e sedutor, se não lhe tivesse dado alguma coisa para guardar? Agora acabou-se. Tanto pior. Não podia durar sempre. Nem por isso deixei de conseguir o que queria durante três anos. Não se esqueça de lhe dar os meus cumprimentos.

Pôs-se de pé. O meu irmão continuou:

— Mas... o filho? A senhora tem um filho para mostrar?

— Evidentemente, o filho da minha irmã. Ela emprestava-mo. Aposto que foi ela que vos preveniu?

— Bem; e todas aquelas cartas de Itália?

Ela tornou a sentar-se para rir à sua vontade.

— Ah, essas cartas são um autêntico poema. Por alguma razão o conde era ministro dos Negócios Estrangeiros.

— Mas... e então?

— E então é um segredo meu. Não quero comprometer ninguém.

E, cumprimentando com um sorriso um pouco trocista, saiu sem qualquer emoção, como uma actriz que terminou o seu papel.»

E o conde de L... acrescentou como moral da história:

«Vá lá a gente fiar-se nestas passaronas!»

Uma Viúva

Foi na época da caça, no solar de Banneville. Era um Outono pluvioso e triste. As folhas vermelhas, em vez de estalarem debaixo dos pés, apodreciam nos trilhos sob pesados aguaceiros.

A floresta, quase nua, estava húmida como uma casa de banho. Quando lá entrávamos, sob as grandes árvores açoitadas pelas sementes, éramos envolvidos num cheiro bafiento, numa humidade de água caída, de ervas encharcadas, de terra molhada; e os caçadores, curvados sob esta constante inundação, e os cães melancólicos, de cauda caída e pêlo colado às costelas, e as jovens caçadoras com a sua cinta de pano apertado e trespassado pela chuva, regressavam todas as tardes cansados de corpo e de espírito.

No grande salão, depois do jantar, jogava-se ao loto, sem prazer, enquanto o vento dava ruidosos sacões nas portadas e lançava os velhos cata-ventos em redemoinhos de pião. Houve então quem quisesse contar histórias, como está nos livros, mas ninguém inventava nada de divertido. Os caçadores contavam aventuras com tiros e mortandades de coelhos; e as mulheres puxavam pela cabeça mas nunca descortinavam nela a imaginação de Xerazade.

Iam já renunciar a este divertimento quando uma jovem senhora, durante o jogo, tocou sem querer na mão de uma velha tia que ficara solteira, e notou um pequeno anel feito de cabelos louros, que vira muitas vezes sem nunca lhe ter prestado atenção.

Então, fazendo-o rodar devagarinho no dedo, perguntou: «Tia, diga-me lá, que anel é esse? Parecem cabelos de criança...» A solteirona corou, empalideceu e depois disse numa voz tremente: «É tão triste, tão triste, que nunca quero falar disso. Toda a infelicidade da minha vida vem daqui. Era eu então muito nova, e essa recordação permaneceu em mim tão dolorosa que choro de cada vez que penso nela.»

Quiseram logo conhecer a história; mas a tia recusava-se a contá-la. Por fim, tanto pediram que ela decidiu-se.

«Ouviram-me muitas vezes falar da família de Santèze, hoje extinta. Conheci os três últimos homens dessa casa. Morreram os três, todos da mesma maneira; estes cabelos são do último deles. Tinha treze anos quando se matou por minha causa. Parece-lhes estranho, não é verdade?»

«Ah, era uma raça especial, uns loucos, se quiserem, mas uns loucos encantadores, loucos por amor. Todos, de pai para filho, tinham paixões violentas, grandes arrebatamentos de alma que os levavam às coisas mais exaltadas, às dedicações fanáticas, e até aos crimes. Era uma coisa que estava neles, como a devoção ardente está em certas almas. Os que se fazem trapistas não têm o mesmo temperamento dos frequentadores de salões da sociedade. Em família, entre nós, costumávamos dizer: “Apaixonado como um Santèze.” Bastava vê-los e adivinhava-se logo. Tinham todos cabelo ondulado, descaído para a testa, barba encaracolada e olhos grandes, grandes, cuja luz entrava em nós e nos perturbava sem percebermos porquê.

«O avô deste cuja única recordação está aqui, depois de muitas aventuras, e duelos e raptos de mulheres, amou apaixonadamente, por volta dos setenta e cinco anos, a filha do caseiro. Conheci-os a

ambos. Ela era loira, pálida, distinta, com uma fala lenta, uma voz pastosa e um olhar tão suave, tão suave, que parecia o de uma madona. O velho senhor levou-a para sua casa, e não tardou a ficar tão cativado que não podia passar um minuto sem ela. A filha e a nora, que moravam no solar, achavam aquilo natural, de tal modo o amor era uma tradição da casa. Quando se tratava de paixão nada as espantava, e se diante delas se falava de inclinações contrariadas, de amantes desunidos, e até de vinganças de traições, elas diziam ambas no mesmo tom desolado: “Ah, como ele (ou ela) deve ter sofrido para chegar àquele ponto!” E mais nada. Compadeciam-se sempre dos dramas do coração e nunca se indignavam com eles, mesmo quando de índole criminosa.

«Ora, num certo Outono, o senhor de Gradelle, convidado para uma caçada, raptou a rapariga.

«O senhor de Santèze deixou-se ficar calmo, como se nada se tivesse passado: mas uma manhã foram encontrá-lo enforcado no canil, no meio dos cães.

«O filho morreu da mesma maneira, num hotel, em Paris, durante uma viagem que fez em 1841, depois de ter sido enganado por uma cantora da Ópera.

«Deixava um filho de doze anos e uma viúva, irmã da minha mãe. Esta veio com o pequeno viver em casa do meu pai, nas nossas terras de Bertillon. Tinha eu então dezassete anos.

«Não podem imaginar que admirável e precoce criança era o pequeno Santèze. Dir-se-ia que todas as capacidades de ternura, que todas as exaltações da sua raça se tinham concentrado nele, no último. Andava sempre sonhando e passeava sozinho, horas e horas, numa grande alameda de ulmeiros que ia do solar até à mata. Eu contemplava da minha janela aquele garoto sentimental, caminhando em passos graves, de mãos atrás das costas, de cabeça baixa, e que por vezes parava para erguer os olhos como se visse e compreendesse e sentisse coisas que não eram da sua idade.

«Muitas vezes, depois do jantar, nas noites claras, dizia-me: “Vamos sonhar, prima...” E saíamos juntos para o parque. Ele parava de repente diante das clareiras onde flutuava aquele branco vapor, aquele algodão com que a Lua adorna os espaços abertos das matas; e dizia-me, apertando-me a mão: “Olha para isto, olha para isto. Mas tu não entendes, bem o sinto. Se tu me entendesses seríamos felizes. Para saber é preciso amar.” Eu ria-me e beijava aquele garotinho que me adorava perdidamente.

«Muitas vezes, também, ia sentar-se depois do jantar nos joelhos da minha mãe. “Vá, tia”, dizia-lhe ele, “conte-nos histórias de amor.” E a minha mãe, de brincadeira, contava-lhe todas as lendas da sua família, todas as aventuras apaixonadas dos seus antepassados: porque havia milhares delas, umas verdadeiras e outras falsas. Foi a sua reputação que perdeu todos esses homens: alimentavam ilusões e depois faziam ponto de honra de não deixar passar por mentirosa a fama da sua casa.

«Ele exaltava-se, o pequeno, com estas histórias ternas ou terríveis, e às vezes batia as palmas repetindo: “Também eu, também eu sei amar melhor que eles todos!”

«Então fez-me a corte, uma corte tímida e profundamente terna de que toda a gente se ria, de cómica que era. Todas as manhãs tinha flores colhidas por ele, e todas as noites, antes de subir para o seu quarto, beijava-me a mão murmurando: “Amo-te!”

«Eu tive culpas, muitas culpas, e ainda hoje as choro constantemente, e delas me penitenciei toda a vida, e fiquei solteirona – ou antes, não, fiquei uma espécie de noiva-viúva, viúva dele. Diverti-me com aquela ternura pueril, até a estimulava: fui *coquette*, sedutora como se estivesse a lidar com um

homem, fui meiga e pérfida. Enlouqueci aquela criança. Para mim era um jogo, e um alegre divertimento para a mãe dele e para a minha. Ele tinha doze anos! Imaginem! Quem poderia levar a sério aquela paixão mínima! Beijava-o tanto quanto ele desejava; escrevi-lhe até bilhetinhos ternos que as nossas mães liam; e ele respondia-me com cartas, cartas de fogo, que guardei. Ele julgava secreta a nossa intimidade amorosa, considerando-se um homem. Esquecíamos-nos de que ele era um Santèze!

«Ditou aquilo quase um ano. Uma noite, no parque, caiu a meus pés e, beijando-me a fimbria do vestido com furioso entusiasmo, repetia: “Amo-te, amo-te, amo-te perdidamente. Se alguma vez me enganares, estás a ouvir, se me trocares por outro, farei como o meu pai...” E acrescentou numa voz profunda que me fazia estremecer: “Bem sabes o que ele fez!”

«Depois, como eu continuava sem saber que dizer, levantou-se e, pondo-se na ponta dos pés para me chegar à altura do ouvido, porque eu era mais alta que ele, pronunciou o meu nome, o meu pobre nome: “Geneviève!” – num tom tão suave, tão bonito, tão terno que estremeci da cabeça aos pés.

«Balbuciei: “Vamos voltar, voltemos para casa!” Ele não disse mais nada e seguiu-me; mas, quando íamos subir os degraus antes da porta, deteve-me: “Sabes, se me abandonares, mato-me!”

«Desta vez compreendi que tinha ido longe de mais, e tornei-me reservada. E um dia em que ele me estava censurando por isso respondi: “Por agora és grande de mais para brincadeiras, e jovem de mais para um amor a sério. Eu espero.”

«Achava eu que assim ficava desobrigada.

«No Outono internaram-no num colégio. Quando voltou no Verão seguinte eu tinha um noivo. Percebeu imediatamente e manteve durante oito dias um ar tão meditativo que me inquietou muito.

«Ao nono dia, de manhã, ao levantar-me da cama, vi um papelinho enfiado debaixo da porta. Peguei nele, abri-o e li: “Abandonaste-me, e sabes o que te disse. Foi a minha morte que encomendaste. Como não quero que mais ninguém além de ti me descubra, vem ao parque, exactamente ao lugar onde no ano passado te disse que te amava, e olha para cima.”

«Sentia-me enlouquecer. Vesti-me a toda a pressa e corri, corri até ficar sem fôlego para o lugar indicado. O seu bonezinho do colégio estava no chão, na lama. Chovera toda a noite. Ergui os olhos e distingi qualquer coisa a baloiçar entre as folhas, porque havia vento, muito vento.

«Depois, já não sei o que fiz. Devo ter começado por gritar, por desmaiar talvez, e por cair, e depois corri para o solar. Recuperei a razão na cama, com a minha mãe à cabeceira.

«Julguei que tinha sonhado tudo aquilo num pavoroso delírio. Gaguejei: “E ele, e ele, Gontran?...” Não me responderam. Era verdade.

«Não tive coragem de tornar a vê-lo; mas pedi uma comprida madeixa dos seus cabelos loiros. Está aqui... aqui está ela...»

E a velha solteirona estendia a mão trêmula num gesto desesperado.

Depois assoou-se várias vezes, enxugou os olhos e continuou:

«Rompi o noivado... sem dar explicações... E... e fiquei sempre... a viúva... daquele menino de treze anos.» A cabeça caiu-lhe sobre o peito e chorou longamente lágrimas absortas.

Quando íamos a caminho dos quartos para nos deitarmos, um caçador gordo, cujo sossego ela

acabara de perturbar, soprou ao ouvido do vizinho:
— É triste ser-se sentimental àquele ponto!

(Setembro de 1882)

Yveline Samoris

A condessa Samoris.

— Aquela senhora de preto, ali?

— Sim, é ela, está de luto pela filha, pela filha que matou.

— Essa é boa! Que é isso que está para aí a dizer?

— Uma história muito simples, sem crime e sem violências.

— Então que foi?

— Quase nada. Diz-se que muitas cortesãs nasceram para ser mulheres honestas; e muitas mulheres ditas honestas nasceram para ser cortesãs, não é verdade? Ora, a senhora Samoris, que nasceu cortesã, tinha uma filha que nasceu mulher honesta, foi isso.

— Não estou a perceber.

— Eu explico-me:

A condessa Samoris é uma daquelas estrangeiras cheias de falsos brilhos que chovem às centenas em Paris todos os anos. Condessa húngara ou valáquia, ou não sei quê, apareceu um destes Invernos num apartamento dos Campos Elísios, esse bairro de aventureiros, e abriu os seus salões ao primeiro que aparecesse, e ao primeiro que apareceu.

Eu fui lá. Porquê?, perguntará você. Se quer que lhe diga, não sei. Fui lá como todos lá vamos, porque lá joga-se, porque as mulheres são fáceis e os homens desonestos. Você conhece esse mundo de flibusteiros com variadas condecorações, todos nobres, todos titulares, todos desconhecidos nas embaixadas, com excepção dos espiões. Todos falam da honra a propósito de botas, citam os respectivos antepassados, contam as suas vidas, tagarelas, mentirosos, trapaceiros, tão perigosos como as cartas que jogam, tão enganadores como os seus apelidos, enfim, uma aristocracia da prisão de forçados.

Eu adoro essa gente. São interessantes de descobrir, interessantes de conhecer, muitas vezes espirituosos, nunca banais como funcionários públicos. As mulheres são sempre bonitas, com um saborzinho a velhacaria estrangeira, com o mistério da sua vida passada, talvez metade dela vivida numa casa de correcção. Em geral têm uns olhos soberbos e uns cabelos inverosímeis. Também as adoro.

A senhora Samoris é o tipo dessas aventureiras, elegante, madura e ainda bela, encantadora e felina: sentimo-la viciosa até à medula. Divertíamo-nos muito em casa dela, jogávamos, dançávamos, ceávamos... enfim, fazíamos tudo o que faz parte dos prazeres da vida mundana.

E ela tinha uma filha, alta, magnífica, sempre alegre, sempre pronta para as festas, sempre a rir abertamente e a dançar animadamente. Verdadeiramente uma filha de uma aventureira. Mas uma inocente, uma ignorante, uma ingénua, que não via nada, que não sabia nada, que não percebia nada, que não adivinhava nadinha do que se passava em casa da progenitora.

«Como é que sabe isso?»

Como é que sei? Isso é o mais engraçado. Uma manhã tocam-me à porta e o meu criado de quarto

vem prevenir-me de que o senhor Joseph Bonenthal pretende falar comigo, e eu digo imediatamente:

«Quem é esse senhor?»

O meu empregado responde-me:

«Não faço ideia, senhor, talvez seja um criado.»

Era efectivamente um criado que queria empregar-se em minha casa.

— Onde saiu você?

— De casa da senhora condessa Samoris.

— Ah, mas a minha casa não se parece nada com a dela.

— Bem sei, senhor, e por isso é que eu queria empregar-me em sua casa; já estou farto daquela gente: passa-se por lá mas não se fica.

Ora eu estava justamente a precisar de um homem e contratei-o.

Um mês depois, a menina Yveline Samoris morria misteriosamente: e vou contar-lhe todos os pormenores dessa morte que o Joseph me transmitiu, porque os soubera da sua amiga criada de quarto da condessa.

Numa noite de baile dois recém-chegados estavam a conversar atrás de uma porta. A menina Yveline, que tinha acabado de dançar, encostou-se a essa porta para apanhar um pouco de ar. Eles não

a viram aproximar-se e ela ouviu-os. Diziam eles:

— Mas quem é o pai da jovem?

— Um russo, ao que parece, o conde Ruvaloff. Já não se dá com a mãe.

— E quem é o príncipe reinante hoje em dia?

— É aquele príncipe inglês que está de pé encostado à janela;

a senhora Samoris adora-o. Mas as adorações dela nunca duram mais de um mês ou seis semanas. Aliás, como está a ver, o pessoal de amigos é numeroso: todos são chamados... e quase todos são escolhidos. Sai um pouco caro mas... que importa isso?

— Aonde é que ela foi buscar esse nome de Samoris?

— Ao único homem que provavelmente amou, um banqueiro israelita de Berlim que se chamava Samuel Morris.

— Bem. Muito obrigado. Agora que estou informado, vejo as coisas claras. E corto a direito.

Que tempestade estalou naquele cérebro de rapariga dotada de todos os instintos de uma mulher honesta? Que desespero transtornou aquela alma simples? Que torturas extinguiram aquela constante jovialidade, aquele riso encantador, aquela exultante alegria de viver? Que luta se terá travado naquele coração tão jovem, até à hora em que partiu o último convidado? Eis o que o Joseph não estava em condições de me dizer. Mas nessa mesma noite Yveline entrou de repente no quarto da mãe, que ia meter-se na cama, mandou sair a criada, que ficou atrás da porta, e de pé, pálida, de olhos dilatados, declarou:

«Mãe, oiça o que eu ouvi há bocado no salão.»

E contou palavra por palavra a conversa que eu lhe disse.

A condessa, estupefacta, a princípio não sabia que havia de responder. Depois negou tudo com energia, inventou uma história, jurou, tomou Deus como testemunha.

A jovem retirou-se atordoada, mas não convencida. E ficou à espreita.

Recordo-me perfeitamente da estranha mudança por que ela passou. Estava sempre séria e triste; e fixava em nós os seus grandes olhos parados como se quisesse ler no fundo das nossas almas. Não sabíamos que havíamos de pensar daquilo, e havia quem dissesse que ela andava à procura de um marido, definitivo ou passageiro.

Certa noite, ela deixou de ter dúvidas: apanhou a mãe em flagrante. Então, friamente, como um homem de negócios que propõe as condições de um acordo, disse:

«Mãe, eis o que eu resolvi. Vamos retirar-nos ambas para uma pequena cidade, ou então para o campo; iremos viver lá sem aparato, como pudermos. Só as tuas jóias valem uma fortuna. Se encontrares para marido um bom homem qualquer, tanto melhor; e tanto melhor ainda se eu encontrar um também. Se não estiveres de acordo com isto, mato-me.»

Desta vez a condessa mandou a filha para a cama e proibiu-a de lhe voltar com aquela lição, indecorosa na sua boca.

Yveline respondeu:

«Dou-te um mês para pensares. Se daqui a um mês não tivermos mudado de vida, mato-me, porque não tenho outra saída decente para a minha vida.»

E saiu.

Passado um mês, continuavam os bailes e as ceias na residência Samoris.

Yveline invocou então uma dor de dentes e comprou num farmacêutico perto algumas gotas de clorofórmio. No dia seguinte fez o mesmo; deve ter coleccionado pessoalmente, de cada vez que saía, doses insignificantes do narcótico. Encheu uma garrafa dele.

Foram encontrá-la uma manhã na sua cama, já fria, com uma máscara de algodão na cara.

O seu caixão foi coberto de flores, a igreja forrada de branco. Estava uma multidão na cerimónia fúnebre.

Ora bem, a verdade é que, se eu tivesse sabido – mas a gente nunca sabe –, talvez eu tivesse casado com aquela rapariga. Era mesmo bonita.

— E a mãe, que é feito dela?

— Ah, chorou muito. Só há oito dias é que tornou a receber os seus íntimos.

— E que é que se disse como explicação para esta morte?

— Falou-se de um fogão de sala aperfeiçoado cujo mecanismo se tinha avariado. Como em tempos se falou muito de acidentes com estes aparelhos, o caso não tinha nada de inverosímil.

(Dezembro de 1882)

Os Tamancos

A Léon Fontaine

O velho prior atabalhoava as últimas palavras do seu sermão por sobre as toucas brancas das camponesas e dos cabelos hirsutos ou cheios de brilhantina dos campónios. Os grandes cestos das rendeiras vindas de longe para a missa estavam poisados no chão a seu lado; e o pesado calor de um dia de Julho fazia com que toda a gente exalasse um cheiro a gado, um aromazinho a rebanho. Os cantos dos galos entravam pela grande porta aberta, e também os mugidos das vacas deitadas num campo ali perto. Por vezes, um ventinho carregado de odores campestres introduzia-se por debaixo do portal e, levantando ao passar as longas fitas dos toucados, ia fazer oscilar no altar as pequenas chamas amarelas na ponta dos círios... «Como é desejo de Nosso Senhor. Assim seja!», declarava o padre. Depois ele calou-se, abriu um livro e começou, como fazia todas as semanas, a recomendar às suas ovelhas os pequenos casos íntimos da comuna. Era um velho de cabelos brancos, que administrava a paróquia havia quase quarenta anos, e a pregação servia-lhe para comunicar familiarmente com toda a gente.

Continuou: «Recomendo às vossas orações Désiré Vallin, que está muito doente e também a Paumelle, que não está a recuperar rapidamente do seu parto.»

Já não sabia mais: procurava os papelinhos metidos num breviário. Por fim encontrou dois e continuou: «Os rapazes e as raparigas não devem continuar a vir assim, à noite, ao cemitério, pois senão eu aviso o guarda florestal. – O senhor Césaire Omont precisa de encontrar uma rapariga honesta para criada.» Reflectiu mais alguns segundos, e acrescentou: «É tudo, meus irmãos, é a graça que vos desejo em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.»

E desceu do púlpito para acabar a missa.

Quando os Malandain regressaram à sua choupana, a última do lugarejo da Sablière, na estrada de Fourville, o pai, um velho camponês baixinho, seco e enrugado, sentou-se à mesa, enquanto a mulher desprendia a panela e a filha Adélaïde retirava do aparador os pratos e os copos, e disse: «Talvez não seja mau aquele lugar em casa do mestr'Omont, que 'tá viúvo, a nora não o grama, ele 'tá sozinho e tem de seu. Talvez fosse bom mandar pra lá a Adélaïde.»

A mulher poisou em cima da mesa a panela toda preta, retirou-lhe a tampa e, enquanto subia para o tecto um vapor de sopa com cheirinho a couves, ficou-se a reflectir.

O homem continuou: «Tem de seu, de certeza. Mas ele tem de perder o acanhamento e a Adélaïde não é cá grande pedaço.»

A mulher então declarou: «Mem'assim podíamos exp'rimentar.» E depois, virando-se para a filha, uma rapariga com ar apatetado, cabelos amarelos, grandes faces vermelhas como a casca das maçãs, gritou: «'Tás óvir, minha grande parva. Vais pra casa do mestr'Omont apresentar-te como criada e fazes tudo o qu'ele te mandar.»

A rapariga desatou a rir tolamente sem responder. Depois começaram os três a comer.

Passados dez minutos, o pai voltou à carga: «Ouve cá, filha, e vê lá se tomas atenção ao que te vou dizer...»

E traçou-lhe em palavras lentas e minuciosas toda uma regra de comportamento, que previa os mínimos pormenores, preparando-a para aquela conquista de um velho viúvo que se dava mal com a família.

A mãe parara de comer para ouvir, e estava de garfo na mão, com os olhos fitos alternadamente no seu homem e na sua filha, seguindo aquela instrução com uma atenção concentrada e muda.

Adélaïde permanecia inerte, com um olhar errante e vago, dócil e estúpido.

Mal terminou a refeição, a mãe mandou-lhe pôr a touca e partiram as duas para casa do senhor Césaire Omont. Morava ele numa espécie de pequeno pavilhão de tijolos arrimado aos edificios de exploração ocupado pelos caseiros. Porque ele tinha-se retirado da exploração directa e vivia das rendas.

Tinha cerca de cinquenta e cinco anos; era gordo, jovial e desabrido como qualquer homem rico. Ria e gritava de fazer estremecer as paredes, bebia grandes copos cheios de cidra e aguardente, e passava ainda por ser quente, apesar da idade.

Gostava de passear pelo campo, com as mãos atrás das costas, enfiando os tamancos de pau na terra gorda, observando a colheita do trigo ou a floração da colza com olhos de amator que está à sua vontade, que gosta daquilo, mas que já não se dá a esse trabalho.

Dizia-se dele: «É um tio Bom Tempo, que nem todos os dias se levanta bem da cama.»

Recebeu as duas mulheres de barriga encostada à ponta da mesa, a acabar o café. Virou-se e disse:

— Que desejam?

A mãe tomou a palavra.

— É a nossa filh' Adélaïde que lhe venho propor como criada, como diss' o prior esta manhã.

Mestre Omont observou a rapariga e depois, bruscamente, disse: «Qu'idade tem ela, essa raparigaça?»

— Faz vinte e um pelo São Miguel, senhor Omont.

— 'Tá bem; fica com quinze francos por mês mai-la paparoca. Espero por ela amanhã para me fazer a sopa da manhã.

E mandou embora as duas mulheres.

Adélaïde entrou em funções no dia seguinte e começou a trabalhar duramente, sem dizer palavra, como fazia em casa dos pais.

Por volta das nove, quando estava a limpar os mosaicos da cozinha, o senhor Omont chamou por ela.

— Adélaïde!

Ela veio a correr. «Cá' stou, patrão.»

Mal ela lhe apareceu à frente, com as mãos vermelhas e abandonadas, de olhos turvos, declarou: «Ouve lá, que não haja enganos entre nós. Tu és minha criada, mas nada mais que isso. 'Tás a ouvir? Não vamos juntar as nossas tamanquinhas.»

— Sim, patrão.

— Cada um no seu lugar, minha filha, tu tens a tua cozinha e eu a minha sala. Fora isso, tudo será

para ti como para mim. Entendido?

— Sim, patrão.

— Bem, está bem, vai ao teu trabalho.

E ela voltou à sua tarefa.

Ao meio-dia serviu o jantar do patrão na sua salinha de papel pintado, e depois, quando a sopa estava na mesa, foi prevenir o senhor Omont.

— 'Tá servido, patrão.

Ele entrou, sentou-se, olhou à volta, desdobrou o guardanapo, hesitou por um segundo, e depois disse em voz de trovão:

— Adélaïde!

Ela veio a correr afanosamente. E ele gritou como se fosse massacrá-la: «Bem, Deus do céu, e tu, ond' é o teu lugar?»

— Mas... patrão...

Ele berrava: «Não gosto de comer sozinho, Deus do céu, vais-te sentar ali ou então pões-t' a mexer se não quiseses. Vai buscar o teu prato e o teu copo.»

Assustada, ela trouxe os seus talheres, balbuciando: «Aqui estou, patrão.»

E sentou-se à frente dele.

Então ele tornou-se jovial, fazia saúdes, dava palmadas na mesa, contava histórias que ela ouvia de olhos baixos, sem se atrever a dizer palavra.

De vez em quando ela levantava-se para ir buscar pão, cidra, copos.

Ao trazer o café pôs apenas uma chávena à frente dele; então, de novo encolerizado, ele resmungou:

— Então e pra ti?

— Eu não tomo, patrão.

— Porqu' é que não tomas?

— Porque não gosto.

Então ele estoirou outra vez: «Eu cá não gosto de tomar o meu café sozinho, Deus do céu. Se não queres beber o teu, pões-t' a mexer, Deus do céu. Vai buscar uma chávena, e depressinha.»

Ela foi buscar uma chávena, tornou a sentar-se, provou o líquido negro, fez uma careta, mas, sob os olhos furiosos do patrão, engoliu até ao fim. Depois teve de beber o seu primeiro copo de aguardente para rebater, o segundo de rebater outra vez, e o terceiro do pontapé-no-cu.

E o senhor Omont mandou-a embora. «Agora vai lavar a loiça, és boa rapariga.»

Passou-se o mesmo ao jantar. Depois ela teve de jogar a sua partida de dominó e a seguir ele mandou-a para a cama.

— Vai deitar-te, que eu já subo.

E ela foi para o seu quarto que era uma mansarda debaixo da telha. Fez a sua oração, despiu-se e meteu-se entre os lençóis.

Mas de repente deu um salto, apavorada. Um grito furioso fazia tremer a casa.

— Adélaïde!

Abriu a porta e respondeu lá do seu sótão:

— 'Tou aqui, patrão!

— Ond' é qu' estás?

— Pois 'tou na minha cama, patrão.

Então ele vociferou: «Não t'importas de descer, Deus do céu? Não gosto de me deitar sozinho, Deus do céu, e se não quiseses, vais-te pôr a mexer, Deus do céu...»

Então ela respondeu lá de cima, estonteada, procurando a candeia:

— Aqui' stou, patrão!

E ele ouviu as tamanquinhas abertas dela bater o pinho da escada; e quando ela chegou aos últimos degraus, pegou-lhe pelo braço, e mal ela deixou diante da porta os estreitos sapatinhos de pau ao lado das grandes galochas do patrão, empurrou-a para dentro do seu quarto resmungando:

— Vá, mais depressa, Deus do céu!

E ela repetia constantemente, já sem saber o que dizia:

— Aqui' stou, aqui' stou, patrão.

Seis meses depois, quando foi visitar os pais num domingo, o pai examinou-a com curiosidade e depois perguntou:

— Não 'tás prenha?

Ela estava estupefacta, olhando para a barriga, e repetindo: «Não, acho que não.»

Então ele interrogou-a, querendo saber tudo:

— Diz-me lá se numa noite qualquer não juntaram as tamanquinhas?

— Sim, ele juntou-as na primeira noite, e depois nas outras.

— Mas então 'tás prenha, grande pipa.

Ela desatou em soluços, balbuciando: «Sabia lá eu? Sabia lá eu?»

O pai Malandain fitava-a de olhos bem abertos, e com um ar satisfeito. Perguntou:

— Qu' é que tu não sabias?

Ela declarou pelo meio das lágrimas: «Eu sabia lá, eu, qu' os meninos se faziam assim!»

Estava a mãe a voltar a casa. O homem declarou sem cólera: «Cá' stá ela grávida, a estas horas.»

Mas a mulher zangou-se, instintivamente revoltada, injuriando em altos gritos a filha em lágrimas, chamando-lhe «labrega» e «putéfia».

Então o velho mandou-a calar. E ao mesmo tempo que pegava no boné para ir conversar sobre os seus assuntos com o patrão Césaire Omont, declarou:

— El' ind' é mais parva qu' eu pensava. Não sabia qu' stav' a fazer, esta nulidade!

Na pregação do domingo seguinte, o velho prior publicava os banhos do senhor Onufre-Césaire Omont com Céleste-Adélaïde Malandain.

(Janeiro de 1883)

As Jóias

O senhor Lantin encontrou aquela jovem num serão em casa do seu subchefe de escritório e ficou apanhado pelo amor como numa rede.

Era filha de um recebedor de impostos de província, que morrera várias anos antes. Viera depois para Paris com a mãe, que se dava com algumas famílias burguesas do bairro, na esperança de casar a rapariga.

Eram pobres e decentes, tranquilas e serenas. A jovem parecia ser o tipo absoluto da mulher honesta a quem um rapaz sensato sonha confiar a sua vida. A sua beleza modesta possuía um encanto de pudor angélico, e o imperceptível sorriso que nunca lhe saía dos lábios parecia ser um reflexo do seu coração.

Toda a gente lhe cantava louvores; todos os que a conheciam repetiam constantemente: «Feliz o homem que ficar com ela. Melhor que ela não podia encontrar.»

O senhor Lantin, então escriturário de primeira no Ministério do Interior, com um vencimento anual de três mil e quinhentos francos, pediu-a em casamento e desposou-a.

Foi incrivelmente feliz com ela. Governou-lhe a casa com uma economia tão hábil que até parecia que viviam no luxo. Não havia atenções, delicadezas, meiguices que ela não tivesse para o marido; e a sedução da sua pessoa era tal que, seis anos depois de se conhecerem, ele ainda a amava mais que nos primeiros dias.

Ele apenas lhe censurava dois gostos – o do teatro e o das bijuterias falsas.

As amigas dela (dava-se com algumas mulheres de modestos funcionários) estavam sempre a conseguir-lhe camarotes para as peças da moda, até para as estreias – e ela, a bem ou a mal, lá ia arrastando o marido para estes divertimentos que o fatigavam horrivelmente depois de um dia de trabalho. Então ele pediu-lhe que aceitasse fazer-se acompanhar ao espectáculo por uma senhora qualquer sua conhecida que depois a acompanharia a casa. Ela demorou muito tempo a ceder, achando pouco conveniente aquela maneira de agir. Mas por fim decidiu-se complacentemente, e ele ficou-lhe imensamente agradecido por isso.

Ora este gosto pelo teatro não tardou a fazer nascer nela a necessidade de se enfeitar. As suas *toilettes* continuavam a ser muito simples, é certo que sempre de bom gosto, mas modestas; e a sua doce graciosidade, irresistível, humilde e sorridente, parecia retirar um sabor novo da simplicidade dos seus vestidos, mas adquiriu o hábito de pendurar nas orelhas duas grandes pedras do Reno que fingiam ser diamantes, e usava colares de pérolas falsas, pulseiras de imitação, pentes adornados de variados vidrilhos que faziam o papel de pedras finas.

O marido, que se chocava um pouco com este amor pelos brilhos falsos, repetia muitas vezes: «Minha querida, quem não tem meios para comprar jóias verdadeiras, deve apresentar-se apenas com o adorno da sua beleza e da sua graciosidade, que essas, sim, é que são as jóias mais raras.»

Mas ela sorria docemente e repetia: «Que queres tu? Gosto disto. É o meu vício. Bem sei que tens razão: mas ninguém pode fazer-se de novo. O que eu teria adorado ter jóias!»

E fazia rolar entre os dedos os colares de pérolas, fazia cintilar os cristais facetados, repetindo: «Olha para isto, que bem feito que está! Podia jurar-se que é verdadeiro!»

Ele sorria, afirmando: «Tens gostos de cigana!»

Por vezes, à noite, quando ficavam a sós ao canto da lareira, ela trazia para cima da mesinha onde tomavam o chá a caixa de cabedal onde, segundo as palavras do senhor Lantin, ela guardava as suas «bugigangas»; e punha-se a examinar aquelas jóias de imitação com uma atenção apaixonada, como se estivesse gozando de um qualquer poder secreto e profundo; e teimava em pendurar um colar ao pescoço do marido para depois se rir abertamente exclamando: «Que engraçado que ficas!» E atirava-se para os braços dele beijando-o loucamente.

Numa noite de Inverno em que tinha estado na Ópera regressou a casa a tremer de frio.

No dia seguinte tinha tosse. Oito dias mais tarde morreu com uma pneumonia.

Por pouco Lantin a não seguiu na sepultura. Foi tão terrível o seu desespero que o cabelo lhe embranqueceu num mês. Chorava de manhã à noite, de alma dilacerada por um intolerável sofrimento, obcecado pela recordação, pelo sorriso, pela voz, por todo o encanto da defunta.

O tempo não lhe mitigou a dor. Muitas vezes, durante as horas do escritório, enquanto os colegas se punham a conversar um pouco acerca dos acontecimentos do dia, viam-se-lhe as faces inchar, franzir-se-lhe o nariz, os olhos ficarem rasos de água; fazia uma careta horrível e começava a soluçar.

Conservara intacto o quarto da sua companheira, onde se fechava todos os dias para pensar nela; e todos os móveis, e até as suas roupas, permaneciam nos seus lugares, tal como se achavam no último dia.

Mas a vida tornara-se dura para ele. Os seus vencimentos, que nas mãos da mulher bastavam para todas as necessidades do casal, eram agora insuficientes para ele sozinho. E a si mesmo perguntava estupefacto como é que ela conseguira arranjar-se para lhe dar a beber todos os dias vinhos excelentes e a comer pratos delicados que ele já não podia adquirir com os seus magros recursos.

Contraíu algumas dívidas e correu atrás do dinheiro à maneira dos que estão obrigados a viver de expedientes. Até que, uma manhã, estava ele sem um tostão, e quando faltava uma semana inteira até ao fim do mês, pensou em vender alguma coisa; e ocorreu-lhe imediatamente desfazer-se das «bugigangas» da mulher, porque no fundo do seu coração guardara uma espécie de rancor contra aquelas imitações que dantes o irritavam. Vê-las todos os dias até lhe estragavam um pouco a memória da sua bem-amada.

Procurou longamente no monte de vidrilhos que ela deixara, porque até aos últimos dias da sua vida ela continuara a comprar obstinadamente, trazendo para casa todos os dias um objecto novo, e decidiu-se pelo grande colar que ela parecia preferir, e que bem poderia valer, pensava ele, seis ou oito francos, porque se tratava realmente de um trabalho muito cuidado para uma jóia falsa.

Meteu-o no bolso e foi para o seu ministério seguindo pelos bulevares, em busca de uma joalharia que lhe inspirasse confiança.

Quando viu uma, entrou, com alguma vergonha por ostentar assim a sua miséria e procurar vender uma coisa de tão pouco valor.

— Caro senhor, disse ele ao lojista, gostaria muito de saber em quanto avalia esta peça.

O homem recebeu o objecto, examinou-o, revirou-o, sopesou-o, pegou numa lupa, chamou o caixeiro, fez-lhe umas observações em voz baixa, poisou o colar no balcão e observou-o de longe para melhor considerar o efeito.

O senhor Lantin, incomodado por todas estas cerimónias, ia abrir a boca para declarar: «Ah, eu bem sei que não tem valor nenhum» – quando o joalheiro se pronunciou:

— Meu caro senhor, isto vale entre doze e quinze mil francos; mas só posso comprá-lo se me fizer saber exactamente donde provém.

O viúvo abriu uns olhos enormes e ficou de boca aberta, sem compreender. Por fim, balbuciou: «Diz o senhor que...? Tem a certeza?» O outro confundiu-se com o espanto dele e disse num tom seco: «Pode procurar noutro sítio se lhe dão mais. Para mim isto vale, quando muito, quinze mil. Depois volte cá se não encontrar melhor.»

O senhor Lantin, completamente aparvalhado, pegou no seu colar e saiu, obedecendo a uma confusa necessidade de ficar sozinho e reflectir.

Mas, mal chegou à rua, assaltou-o uma necessidade de rir, e pensou: «Imbecil, ai, que imbecil este! E se eu o tivesse tomado à letra? Ali está um joalheiro que não sabe distinguir o verdadeiro do falso!»

Entrou noutra joalheria no princípio da rua de la Paix. Mal viu a jóia o ourives exclamou:

— Ah, esta é boa! Conheço bem este colar: vem da minha casa!

O senhor Lantin, muito perturbado, perguntou:

— Quanto vale ele?

— Meu caro senhor, eu vendi-o por vinte e cinco mil. Estou disposto a ficar com ele outra vez por dezoito mil, depois de o senhor me indicar, em obediência às prescrições legais, como é que ele lhe foi parar às mãos.

Desta vez, o senhor Lantin sentou-se tolhido de espanto. Replicou:

— Mas... examine-o lá com atenção, por favor, até agora eu julgava que era... falso.

O joalheiro respondeu:

— Importa-se de me dizer o seu nome, meu caro senhor?

— Perfeitamente. Chamo-me Lantin, sou funcionário do Ministério do Interior, moro na rua des Martyrs n.º 16.

O comerciante abriu os seus livros de registo, procurou e declarou:

— Efectivamente, este colar foi enviado para a morada da senhora Lantin, n.º 16 da rua des Martyrs, a 20 de Julho de 1876.

E os dois homens olharam um para o outro de olhos fitos, o funcionário siderado de surpresa e o ourives farejando um ladrão.

Este continuou:

— Se não se importa, deixe-me este objecto durante vinte e quatro horas apenas, que eu dou-lhe um recibo...

O senhor Lantin balbuciou:

— Pois claro, com certeza. E saiu dobrando o papel, que meteu no bolso.

Depois atravessou a rua, subiu-a, viu que se tinha enganado, tornou a descer até às Tulherias, atravessou o Sena, voltou a reconhecer o seu engano, regressou aos Campos Elísios sem uma ideia clara na cabeça. Esforçava-se por raciocinar, por compreender. Não era possível a mulher ter comprado um objecto daquele valor. – Claro que não. – Mas então era um presente! Um presente! Um presente de quem? E porquê?

Tinha ficado parado e continuava de pé no meio da avenida. Passou por ele a horrível dúvida. – Ela? – Mas então todas as outras jóias eram também presentes! Pareceu-lhe sentir a terra a tremer; que uma árvore à sua frente caía. Estendeu os braços e caiu no chão, sem sentidos.

Recuperou a consciência numa farmácia para onde os transeuntes o haviam transportado. Pediu que o levassem a casa e lá ficou fechado.

Chorou desesperadamente até à noite, mordendo um lenço para não gritar. Depois meteu-se na cama esmagado pelo cansaço e pela tristeza, e dormiu de um só sono pesado.

Foi acordado por um raio de sol e levantou-se lentamente para ir para o Ministério. Era duro ter de trabalhar depois de um abalo como aquele. Pensou então que podia dar uma desculpa ao chefe; e escreveu-lhe. Depois pensou que tinha de voltar à joalheria; e corou violentamente de vergonha. Deixou-se ficar muito tempo a reflectir. No entanto, não podia deixar o colar com o homem; vestiu-se e saiu.

Estava um dia lindo, o céu azul estendia-se sobre a cidade que parecia sorrir. Havia quem andasse a passear caminhando a direito de mãos nos bolsos.

Ao vê-los passar, Lantin pensou: «Como as pessoas são felizes quando têm fortuna! Quem tem dinheiro até pode enxotar as tristezas, vai para onde quiser, pode viajar, distrair-se! Ah, se eu fosse rico!»

Apercebeu-se de que tinha fome, porque não comia há dois dias. Mas tinha os bolsos vazios e tornou a lembrar-se do colar. Dezoito mil francos! Dezoito mil francos! Era obra!

Dirigiu-se à rua de la Paix e deu em andar pelo passeio de uma ponta à outra, diante da loja. Dezoito mil francos! Esteve quase para entrar umas vinte vezes; mas a vergonha detinha-o sempre.

Mas a verdade é que sentia fome, muita fome, e não tinha um tostão. Decidiu-se de repente, atravessou a rua a correr para não se dar tempo para pensar, e precipitou-se para a ourivesaria.

Mal o viu o lojista desfez-se em atenções, ofereceu-lhe uma cadeira com sorridente delicadeza. Aproximaram-se os próprios caixeiros, que olhavam para Lantin com olhos e bocas joviais.

O joalheiro declarou:

— Tirei informações, meu caro senhor, e se mantém as mesmas intenções, estou pronto a pagar o montante que lhe propus.

O funcionário balbuciou:

— Pois com certeza.

O ourives tirou de uma gaveta dezoito notas grandes, contou-as e estendeu-as a Lantin, que assinou um pequeno recibo e, de mão tremente, meteu o dinheiro no bolso.

Depois, quando ia a sair, virou-se para o comerciante, que continuava a sorrir, e disse baixando os olhos:

— Eu tenho... tenho outras jóias... que me vêm... que me vêm da mesma sucessão. Está disposto a

comprar-mas também?

O comerciante inclinou-se:

— Certamente, meu caro senhor.

Um dos caixeiros saiu para se rir à vontade; outro assoava-se com toda a força.

Lantin, impassível, corado e sério, anunciou:

— Vou trazer-lhas.

Apanhou um trem de praça para ir buscar as jóias.

Quando voltou à joalheria, uma hora mais tarde, ainda não tinha almoçado. Puseram-se a examinar os objectos peça por peça, avaliando cada um deles. Quase todos eram provenientes daquela casa.

Lantin agora discutia as avaliações, zangava-se, exigia que lhe mostrassem os livros de facturas, e falava cada vez mais alto à medida que o montante subia.

Os grandes brincos de brilhantes valem vinte mil francos, as pulseiras trinta e cinco mil, as pregadeiras, anéis e medalhões dezasseis mil, um enfeite de esmeraldas e safiras catorze mil; um solitário suspenso de uma corrente de ouro que formava um colar quarenta mil; o total atingia a soma de cento e noventa e seis mil francos.

O comerciante declarou com uma bonomia escarninha:

— Tudo isto vem de uma pessoa que empregava em jóias todas as suas economias.

Lantin pronunciou gravemente:

— É uma maneira como qualquer outra de aplicar o dinheiro.

E foi-se embora depois de ter decidido com o comprador que no dia seguinte se faria uma contra-peritagem.

Quando se viu na rua olhou para a coluna Vendôme e ficou com vontade de trepar por ela acima, como se fosse o mastro untado de sebo de uma feira. Sentia-se leve para saltar ao eixo por cima da estátua do Imperador encarrapitado lá em cima no céu.

Foi almoçar ao Voisin e bebeu um vinho de vinte francos a garrafa.

Depois apanhou um trem de praça e deu uma volta pelo Bosque. Olhava para as parelhas de cavalos com um certo desprezo, apertado pelo desejo de gritar para quem ia a passar: «Eu cá também sou rico; tenho duzentos mil francos!»

Veio-lhe à memória o Ministério. Mandou seguir para lá, entrou deliberadamente no gabinete do chefe e anunciou:

— Caro senhor, venho apresentar a minha demissão. Ganhei uma herança de trezentos mil francos.

Foi apertar a mão dos seus antigos colegas e confiou-lhes os seus projectos de vida nova; depois foi jantar ao Café Inglês.

Como estava ao lado de um cavalheiro que lhe pareceu distinto, não conseguiu resistir à necessidade de lhe confidenciar, com uma certa garridice, que acabava de herdar quatrocentos mil francos.

Pela primeira vez na sua vida não se aborreceu no teatro e passou a noite com mulheres.

Seis meses mais tarde tornava a casar. A segunda mulher era muito honesta, mas tinha um temperamento difícil. Fê-lo sofrer muito.

Em Viagem

A Gustave Toudouze

1.

A carruagem ia cheia desde Cannes; conversava-se, visto que toda a gente se conhecia. Quando passaram Tarascon, alguém disse: «É aqui que se cometem assassínios.» E começaram a falar do misterioso e fugidio assassino que, de vez em quando, nos dois últimos anos, punha termo à vida de um passageiro. Cada um dos presentes fazia suposições, cada um dava a sua opinião, as mulheres observavam arrepiadas a noite escura por trás das vidraças, com medo de verem aparecer de repente a cabeça de um homem na portinhola. E começaram a contar histórias assustadoras de maus encontros, frente a frente com loucos num comboio rápido, de horas passadas diante de um personagem suspeito.

Todos os homens sabiam uma historieta que os punha em destaque, todos tinham intimidado, abatido e imobilizado um malfeitor qualquer em circunstâncias surpreendentes, com uma presença de espírito e uma audácia admiráveis. Um médico, que passava sempre o Inverno no Sul, quis também contar uma aventura:

Eu cá, disse ele, nunca tive a sorte de pôr à prova a minha coragem num caso desse género; mas conheci uma mulher, uma das minhas clientes, que já morreu, a quem aconteceu a coisa mais insólita deste mundo, e também a mais misteriosa e a mais enternecedora.

Era uma russa, a condessa Marie Baranow, uma grande senhora, de refinada beleza. Sabem como as russas são belas, ou pelo menos como elas nos parecem belas, com aqueles narizes afilados, aquelas bocas delicadas, aqueles olhos juntos de cor indefinível, azuis acinzentados, com a sua graciosidade fria, um pouquinho dura! Elas têm algo de malévolo e de sedutor, de altivez e de brandura, de ternura e de severidade, o que é absolutamente encantador para um francês. No fundo, talvez seja apenas a diferença de raça e de tipo que me faz ver tantas coisas nelas.

O médico dela havia vários anos que a considerava ameaçada por uma doença de peito e tentava convencê-la a vir para o Sul de França; mas ela recusava-se teimosamente a sair de Petersburgo. Por fim, no Outono passado, considerando-a perdida, o médico preveniu o marido, que imediatamente ordenou à mulher que fosse para Menton.

Ela tomou o comboio, sozinha numa carruagem, com o pessoal que a servia ocupando outro compartimento. Ia encostada à portinhola, um pouco triste, contemplando a passagem dos campos e das aldeias, sentindo-se muito isolada, muito abandonada na vida, sem filhos, quase sem parentes, com um marido cujo amor tinha morrido e que assim a atirava para o fim do mundo sem a acompanhar, como quem manda para o hospital um criado doente.

Em cada estação o seu criado Ivan vinha saber se a patroa não precisava de nada. Era um velho

servidor, cegamente dedicado, pronto a cumprir todas as ordens que ela lhe desse.

Caiu a noite e o comboio rolava a toda a velocidade. Ela não era capaz de dormir, de tão enervada que estava. De repente ocorreu-lhe a ideia de contar o dinheiro que o marido lhe entregara à última hora, em moeda de ouro francesa. Abriu o seu saquinho e esvaziou em cima dos joelhos a onda luzente de metal.

Mas de repente bateu-lhe no rosto uma onda de ar frio. Surpreendida, ergueu a cabeça. A portinhola acabava de se abrir. A condessa Marie, atordoada, lançou bruscamente um xaile por cima do dinheiro que tinha espalhado sobre o vestido e esperou. Decorreram alguns segundos e apareceu um homem, de cabeça descoberta, ferido numa das mãos, ofegante, envergando um fato de noite. Ele tornou a fechar a porta, sentou-se, olhou para a vizinha com olhos brilhantes e depois embrulhou num lenço o pulso a escorrer sangue.

A jovem senhora sentia-se a desfalecer de medo. Aquele homem vira-a certamente a contar o seu ouro e viera para a roubar e para a matar.

Ele continuava a fitá-la, ofegante, de rosto contraído, por certo pronto a saltar sobre ela.

E disse bruscamente:

— Minha senhora, não tenha medo!

Ela nada respondeu, incapaz de abrir a boca, ouvindo o coração bater e os ouvidos a zumbir.

Ele continuou:

— Eu não sou um malfeitor, minha senhora.

Ela continuava sem pronunciar uma palavra, mas, num brusco movimento que fez, os joelhos aproximaram-se e o ouro começou a escorrer para o tapete como a água escorre de uma goteira.

O homem, surpreendido, olhava para aquele riacho de metal e baixou-se de repente para o apanhar.

Ela, espantada, levantou-se, lançando para o chão toda a sua fortuna, e correu para a portinhola para se lançar na via férrea. Mas ele percebeu o que ela ia fazer, correu, agarrou-a pelos braços, obrigou-a a sentar-se à força e, segurando-lhe nos pulsos disse: «Oiça, minha senhora, eu não sou um malfeitor, e a prova é que vou apanhar todo este dinheiro e entregar-lho. Mas eu sou um homem perdido, um homem morto se não me ajudar a passar a fronteira. Não lhe posso dizer mais que isto. Daqui a uma hora estaremos na última estação russa; daqui a uma hora e vinte iremos transpor a fronteira do Império. Se não me auxiliar, estou perdido. E, no entanto, minha senhora, eu não matei, nem roubei, nada fiz que contrariasse a honra. Isso, posso jurar-lho. Não lhe posso dizer mais.»

E, pondo-se de joelhos, recolheu o ouro, mesmo debaixo das banquetas, à procura das últimas moedas que haviam rolado para longe. Depois, quando o saquinho de cabedal ficou outra vez cheio, entregou-o à sua companheira sem dizer palavra, e tornou a sentar-se no outro canto da carruagem.

Não se mexiam, nem um nem o outro. Ela permanecia imóvel e muda, ainda meio desfalecida de terror, mas tranquilizando-se a pouco e pouco. Quanto a ele, não fazia um gesto, nem um movimento; permanecia direito, de olhos fitos à sua frente, muito pálido, como que morto. De vez em quando ela lançava-lhe um olhar fugaz, que rapidamente desviava. Era um homem de cerca de trinta anos, muito bonito, com toda a aparência de um fidalgo.

O comboio corria nas trevas, soltava no meio da noite os seus apelos dilacerantes, aqui e além

afrouxava o andamento para depois tornar a lançar-se a toda a velocidade. Mas de repente refreou o andamento, apitou várias vezes e parou completamente.

Ivan apareceu na portinhola para receber ordens.

A condessa Marie, de voz tremente, examinou mais uma última vez o seu estranho companheiro, e depois disse ao seu servidor num tom brusco:

— Ivan, vais voltar para junto do conde, já não preciso mais de ti.

O homem, confuso, abria os olhos escancarados. Balbuciou:

— Mas... *barine* (senhora)...

Ela continuou:

— Não, tu não vens, mudei de opinião. Quero que fiques na Rússia. Olha, aqui tens dinheiro para voltares. Dá-me cá o teu boné e a tua capa.

O velho criado, assustado, descobriu-se e estendeu-lhe a capa, obedecendo sempre sem responder, habituado que estava às vontades súbitas e aos irresistíveis caprichos dos seus senhores. Afastou-se de lágrimas nos olhos.

O comboio arrancou de novo, correndo para a fronteira.

Então a condessa Marie disse para o seu vizinho:

— Estas coisas são para si, meu caro senhor, o senhor chama-se Ivan, meu servidor. Só faço isto com uma condição: que não fale nunca comigo, que não me diga uma palavra, nem para me agradecer, nem para o que quer que seja.

O desconhecido inclinou-se sem pronunciar uma palavra.

Não tardou a haver outra paragem e apareceram funcionários que percorreram o comboio. A condessa estendeu-lhes os papéis e, apontando para o homem sentado ao fundo da carruagem, disse:

— É o meu criado Ivan, aqui tem o passaporte dele.

O comboio retomou a marcha.

Durante toda a noite ficaram a sós, ambos mudos.

Quando nasceu a manhã, ao pararem numa estação alemã, o desconhecido desceu; e depois disse, de pé na portinhola:

— Desculpe, minha senhora, eu quebrei a promessa que fiz; mas privei-a do seu criado. É justo que o substitua. Não precisa de nada?

Ela respondeu friamente:

— Vá chamar a minha criada de quarto.

Ele foi, e desapareceu.

Quando ela descia nalgum bufete, via-o de longe, olhando-a fixamente. Chegaram a Menton.

2.

O médico calou-se durante um segundo e depois continuou:

— Um dia, estava eu recebendo os meus clientes no meu consultório quando vi entrar um rapagão que me disse:

— Doutor, venho saber notícias da condessa Marie Baranow. Ela não me conhece, mas eu sou um amigo do marido dela.

Respondi:

— Está perdida. Não voltará à Rússia.

E de repente aquele homem desatou a soluçar, levantou-se e saiu tropeçando como um bêbado.

Nessa mesma noite preveni a condessa de que me tinha aparecido um desconhecido a informar-se sobre a sua saúde. Ela pareceu emocionar-se e narrou-me toda a história que acabo de lhes contar.

Acrescentou:

— Esse homem que eu não conheço segue-me agora como se fosse a minha sombra, encontro-o sempre que saio; olha para mim de uma forma estranha, mas nunca me falou.

Reflectiu um pouco e acrescentou ainda:

— Olhe, aposto que está lá em baixo junto das minhas janelas.

Abandonou o seu sofá, foi abrir os cortinados e efectivamente apontou-me o homem que tinha vindo visitar-me, sentado num banco do jardim, de olhos postos na residência. Ele deu por nós, levantou-se e afastou-se sem virar a cabeça uma só vez.

Assisti então a uma coisa surpreendente e dolorosa, ao amor mudo daqueles dois seres que não se conheciam.

Ele, por seu lado, amava-a com a devoção de um animal que tinha sido salvo, reconhecido e dedicado até à morte. Vinha todos os dias perguntar-me: «Como está ela?», compreendendo que eu o adivinhara. E chorava horrivelmente quando a via passar cada dia mais fraca e mais pálida.

Ela dizia-me:

— Só falei com ele uma vez, com aquele homem único, e tenho a impressão de o conhecer há vinte anos.

E quando se encontravam ela retribuía-lhe a saudação com um sorriso grave e encantador. Eu sentia que ela estava feliz, ela tão abandonada e que se sabia perdida, sentia-a feliz por ser assim amada, com aquele respeito e aquela constância, com aquela poesia exagerada, com aquela devoção pronta para tudo. E, no entanto, fiel à sua obstinação de exaltada, recusava-se desesperadamente a recebê-lo, a saber o seu nome, a falar com ele. Dizia: «Não, não, isso ia estragar-me esta estranha amizade. Precisamos de permanecer estranhos um para o outro.»

Quanto a ele, era também, evidentemente, uma espécie de Dom Quixote, porque nada fez para se aproximar dela. Queria cumprir até ao fim a absurda promessa de nunca lhe falar que lhe fizera na carruagem do comboio.

Muitas vezes, durante as suas longas horas de fraqueza, ela levantava-se do seu sofá e ia entreabrir o cortinado para ver se ele estava lá, debaixo da janela. E quando o via, sempre imóvel no seu banco, voltava para se deitar com um sorriso nos lábios.

Morreu uma manhã, por volta das dez horas. Ia eu a sair da residência, quando ele veio na minha direcção, de rosto transtornado: já sabia da notícia.

— Gostava de a ver por um segundo, na sua presença, disse-me ele.

Peguei-o pelo braço e tornei a entrar na casa.

Quando se viu diante do leito da morta, pegou-lhe na mão e beijou-a num beijo interminável; depois

saiu como um desvairado.

O médico calou-se outra vez e continuou:

— Aqui está, sem dúvida, a mais insólita aventura ferroviária que eu conheço. Deve dizer-se, acrescento, que os homens são uns malucos estranhos.

Uma mulher declarou a meia-voz:

— Aqueles dois seres foram menos malucos do que o senhor julga... Eles eram... eles eram...

Mas já não conseguia dizer nada, de tanto chorar. Como se mudou de conversa para a acalmar, nunca chegou a saber-se o que ela queria dizer.

(Maio de 1883)

À Beira da Cama

Ardia um belo fogo na lareira. Em cima da mesinha japonesa estavam frente a frente duas xícaras de chá, e o bule fumegava junto do açucareiro e da garrafinha de rum.

O conde de Sallure atirou o chapéu, as luvas e o casaco de peles para cima de uma cadeira, enquanto a condessa, que se desembaraçara do seu casacão de baile, recompunha um pouco o cabelo diante do espelho. Sorria graciosamente para si mesma, dando pancadinhas com as pontas dos dedos finos e a brilhar de anéis nos cabelos encaracolados das têmporas. Depois virou-se para o marido. Ele estava a observá-la havia alguns momentos e parecia hesitar, como que incomodado por um pensamento íntimo.

Acabou por dizer:

— Cortejaram-na bastante esta noite?

Ela fitou-o nos olhos, com um olhar iluminado por uma chama de triunfo e desafio, e respondeu:

— Espero bem que sim!

Depois sentou-se no seu lugar. Ele pôs-se diante dela e continuou ao mesmo tempo que partia um brioche:

— Era quase ridículo... para mim!

Ela perguntou:

— Isto é uma cena? A sua intenção é vir-me com censuras?

— Não, minha querida amiga, estou simplesmente a dizer que aquele senhor Burel foi quase inconveniente consigo. Se... se... se eu tivesse alguns direitos... tinha-me zangado.

— Meu caro amigo, seja franco. Você já não pensa hoje como pensava há um ano, e pronto. Quando eu soube que você tinha uma amante, uma amante por quem sentia amor, não dava grande importância ao facto de me fazerem a corte ou não. Falei-lhe da minha tristeza, falei-lhe como você me falou esta noite, mas com mais razão; disse-lhe: Meu amigo, está a comprometer a senhora de Servy, está a causar-me um desgosto e a tornar-me ridícula. E você que respondeu? Ah, deu-me perfeitamente a entender que eu era livre, que o casamento entre pessoas inteligentes não era mais do que uma associação de interesses, um laço social, mas não um laço moral. Será verdade? Deu-me a perceber que a sua amante era infinitamente melhor que eu, mais sedutora, mais mulher! Disse-me: mais mulher! Tudo isso rodeado, é claro, de uns cuidados de homem bem educado, embrulhado em elogios, enunciado com uma delicadeza a que presto a minha homenagem. Nem por isso deixei de compreender perfeitamente.

«Ficou combinado que dali em diante viveríamos juntos mas completamente separados. Tínhamos um filho que constituía entre nós um traço de união.

«Quase me deixou adivinhar que só lhe interessavam as aparências, que eu podia, se me apetecesse, arranjar um amante, desde que essa ligação permanecesse secreta. Dissertou longamente, e muito bem, acerca da finura de espírito das mulheres, da sua habilidade para salvaguardar as conveniências, etc.

«Compreendi, meu amigo, percebi perfeitamente. Você amava então muito, muito, a senhora de Servy, e a minha ternura legítima, a minha ternura legal incomodava-o. Eu estava certamente a roubar-lhe algumas das suas potencialidades. Desde então temos vivido separados. Frequentamos juntos a sociedade, vamos e regressamos juntos, e voltamos ambos para a nossa casa.

«Ora, de há um mês ou dois para cá você toma uns ares de homem com ciúmes. Que quer isso dizer?

— Minha querida amiga, eu não tenho ciúmes, mas sim receio de a ver comprometer-se. Você é jovem, viva, aventureira...

— Desculpe, se falamos de aventuras, exijo que se faça uma comparação entre nós os dois.

— Vá, nada de brincadeiras, por favor. Estou a falar-lhe como amigo, como amigo a sério. Quanto a tudo o que acaba de dizer, é um forte exagero.

— De modo algum. Você confessou, você confessou-me a sua ligação, o que equivalia a dar-me autorização para o imitar, coisa que não fiz...

— Desculpe, mas...

— Então deixe-me falar. Foi coisa que não fiz. Não tenho nenhum amante, nunca o tive... até agora. Estou à espera... à procura... e não encontro. Preciso de alguém de boa qualidade... alguém melhor que você... Estou a fazer-lhe um elogio e você nem sequer parece dar por isso.

— Minha cara, todas essas graças são absolutamente deslocadas.

— Mas eu não estou de modo algum a gracejar. Você falou-me do século XVIII, deu-me a entender que era «estilo regência». Não esqueci nada. No dia em que me convier deixar de ser aquilo que sou, por mais que você faça, está a ouvir, você vai ser, sem sequer dar por isso... um cornudo como qualquer outro.

— Oh, como é que é capaz de pronunciar palavras dessas?

— Palavras destas!... Mas você riu-se como um louco quando a senhora de Gers afirmou que o senhor de Servy parecia um cornudo à procura dos cornos.

— O que pode parecer engraçado na boca da senhora de Gers na sua torna-se inconveniente.

— De modo algum. Mas você acha muito engraçada esta palavra cornudo quando se trata do senhor de Servy, e acha-a de muito mau gosto quando se trata de si. Tudo depende do ponto de vista. Aliás, não faço questão da palavra, só a pronunciei para ver se você estava maduro.

— Maduro... Maduro para quê?

— Ora, para o ser. Quando um homem se zanga ao ouvir pronunciar esta palavra, é porque... está a arder. Daqui a dois meses há-de ser o primeiro a rir se eu falar de um... de um enfeitado. Pois... é verdade... quem o é não o sente.

— Você esta noite está a ser muito mal educada. Nunca a vi assim.

— Ora aí está... mudei... para pior. A culpa é sua.

— Vá, minha querida, vamos falar a sério. Peço-lhe, suplico-lhe que não autorize, como fez esta noite, os avanços inconvenientes do senhor Burel.

— Está com ciúmes. Eu bem dizia.

— Não, nada disso. Só desejo não ser ridículo. Não quero ser ridículo. E se eu tornar a ver aquele senhor falar consigo junto aos... ombros, ou antes, entre os seios...

- Ele estava à procura de um altifalante.
- Eu... eu arranco-lhe as orelhas.
- Será que por acaso está apaixonado por mim?
- Um homem pode apaixonar-se por mulheres menos bonitas que você.
- Olha, como ele está! É que eu cá já não estou apaixonada por si!

O conde levantou-se. Deu a volta à mesinha e, ao passar por trás da mulher, depõe-lhe um beijo na nuca. Ela endireita-se sacudidamente, olhando-o bem nos olhos:

- Não quero mais brincadeiras dessas entre nós, por favor! Nós vivemos separados. Acabou-se.
- Vá lá, não se zangue. Eu acho-a deslumbrante de há um tempo para cá.
- Então... então... é porque ganhei. Você também, também você me acha... madura.
- Eu acho-a deslumbrante, minha querida; tem uns braços, uma pele, uns ombros...
- Que agradariam ao senhor Burel...
- Está a ser feroz. Mas... a verdade é que... não conheço uma mulher mais sedutora que você.
- É que está em jejum.
- Quê?
- Isto que digo: você está em jejum.
- Como assim?
- Quem está em jejum tem fome, e quando tem fome decide-se a comer coisas de que não gostaria noutra ocasião. E eu sou o prato... o prato outrora desprezado a que esta noite não se importa de meter o dente...
- Oh, Marguerite! Quem lhe ensinou a falar assim?
- Você! Vá: depois da sua ruptura com a senhora de Servy, você teve, que eu saiba, quatro amantes, essas, umas *cocottes*, artistas, parte delas. Então como quer que eu lhe explique sem ser através de um jejum momentâneo as suas veleidades... desta noite?
- Eu vou ser franco, e brutal, sem delicadeza. Tornei a apaixonar-me por si. A sério, com muita força. É isto.
- Olha, olha... Então gostava de... de recomeçar?
- Sim, minha senhora.
- Esta noite!
- Oh, Marguerite!
- Bem. Lá está você outra vez escandalizado. Entendamo-nos, meu caro. Já não somos nada um para o outro, não é verdade? Eu sou sua mulher, é certo, mas sua mulher – livre. Eu ia assumir um compromisso de outro lado e você pede-me preferência. Vou dar-lha... pelo mesmo preço.
- Não estou a perceber.
- Eu explico-me. Valho tanto como as suas *cocottes*? Seja franco.
- Vale mil vezes mais.
- Mais que a melhor?
- Mil vezes.
- Ora bem, quanto é que ela lhe custou, a melhor, em três meses?

— Já não percebo outra vez.

— Quero eu dizer: quanto é que lhe custou em três meses a mais encantadora das suas amantes, em dinheiro, jóias, ceias, jantares, teatro, etc. manutenção completa, enfim?

— Então acha que eu sei isso?

— Devia saber. Vá lá, um preço médio moderado. Cinco mil francos por mês: é mais ou menos justo?

— Sim... mais ou menos.

— Pois bem, meu amigo, dê-me imediatamente cinco mil francos e eu serei sua durante um mês, a contar desta noite.

— Você está maluca.

— Já que entende as coisas assim, então boa noite.

A condessa sai e entra no seu quarto de dormir. A cama está entreaberta. Flutua um vago perfume que impregna os reposteiros.

O conde aparece à porta:

— Cheira bem aqui.

— Ah sim?... E no entanto nada mudou... Continuo a perfumar o quarto com «*peau d'Espagne*».

— Olha, é espantoso... cheira muito bem.

— É possível. Mas você faça o favor de se ir embora porque eu quero deitar-me.

— Marguerite!

— Vá-se embora!

Ele entra completamente e senta-se no cadeirão.

A condessa:

— Ah, então é assim? Pior para si.

Ela tira o corpete de baile lentamente, afastando os braços nus e brancos. Levanta-os acima da cabeça para soltar o cabelo diante do espelho; e, sob uma espuma de renda, aparece algo de rosado no bordo do espartilho de seda preta.

O conde levanta-se impulsivamente e caminha para ela.

A condessa:

— Não se aproxime, que eu zango-me!...

Ele prende-a nos seus braços e procura-lhe os lábios.

Então ela, inclinando-se vivamente, pega num copo de água perfumada para a boca que está em cima do toucador e, por cima do ombro, lança-o à cara do marido.

Ele endireita-se, a escorrer água, furioso e murmurando:

— Que estupidez.

— É possível... Mas você conhece as minhas condições: cinco mil francos.

— Mas seria idiota!...

— Porquê?

— Como, porquê? Um marido pagar para dormir com a mulher!...

— Oh, que palavras feias que você usa!

— É possível. Repito que seria idiota pagar à mulher, à mulher legítima.

— É muito mais estúpido que quem tem uma mulher legítima vá pagar a *cocottes*.

— Seja, mas não quero passar por ridículo.

A condessa sentou-se num sofá. Descalça lentamente as meias, revirando-as como uma pele de serpente. A sua perna rosada sai da meia de seda cor de malva, e o pé pequenino poisa no tapete.

O conde aproxima-se um pouco e diz numa voz terna:

— Que ideia esquisita é essa?

— Qual ideia?

— Essa de me pedir cinco mil francos.

— Nada mais natural. Somos estranhos um para o outro, não é verdade? Ora você deseja-me. Não pode casar comigo visto que já somos casados. Então compra-me, talvez um pouco mais barato que outra qualquer.

«Ora pense bem. Esse dinheiro, em vez de ir para uma rameira que faria dele não se sabe o quê, ficará na sua casa, no seu lar. E depois, para um homem inteligente, haverá coisa mais divertida, mais original, que pagar à sua própria mulher? Em amor ilegítimo só se gosta do que custa caro, muito caro. Você atribui ao nosso amor... legítimo um preço novo, um sabor de deboche, um cozinhado de... brejeirice... tarifando-o como se fosse um amor de mercado. Não é verdade?

Ela levantou-se quase nua e dirige-se então para uma casa de banho.

— Agora, caro senhor, vá-se embora, que senão eu chamo a minha criada de quarto.

O conde, de pé, perplexo, descontente, olha para ela, e, de repente, atirando-lhe à cabeça a carteira, exclama:

— Toma, minha desavergonhada, tens aí seis mil... Mas sabes?...

A condessa apanha o dinheiro, conta-o e diz numa voz lenta:

— O quê?

— Não te acostumes.

Ela desata a rir, e diz caminhando para ele:

— Todos os meses cinco mil, caro senhor, que, senão, devolvo-o às suas *cocottes*. E se ficar satisfeito... até... até lhe peço um aumento.

(Outubro de 1883)

Condecorado!

Há pessoas que nascem com um instinto predominante, com uma vocação ou, mais simplesmente, com um desejo vigilante, mal começam a falar, ou a pensar.

O senhor Sacrement tinha desde a infância uma única ideia em mente, que era a de ser condecorado. Já muito novinho usava cruces da Legião de Honra de zinco, tal como outras crianças usam um quépi, e andava orgulhosamente pela rua de mão dada com a mãe, inchando o seu peitinho adornado com a fita vermelha e a estrela de metal.

Depois de alguns fracos estudos, fracassou no bacharelato e, como não sabia que fazer, casou com uma rapariga bonita, porque tinha meios de fortuna.

Viveram em Paris como burgueses ricos, frequentando a sua sociedade sem com ela se misturarem, orgulhosos por conhecerem um deputado que podia vir a ser ministro e por serem amigos de dois chefes de divisão.

Mas a ideia que entrara na cabeça do senhor Sacrement logo nos primeiros dias da sua vida já não o abandonava, e ele sofria de uma forma constante aquilo de não poder mostrar na sobrecasaca uma fitinha colorida.

As pessoas condecoradas que encontrava no bulevar punham-lhe o coração aos saltos. Olhava para elas pelo canto do olho com um ciúme exasperado. Por vezes, nas longas tardes de ócio, punha-se a contá-las e dizia: «Vamos ver quantas vou eu encontrar desde a Madeleine até à rua Drouot.»

E caminhava devagar, passando em revista as roupas com os olhos habituados a distinguir de longe o pontinho vermelho. Quando chegava ao fim do seu passeio ficava sempre espantado com os números: oito oficiais e dezassete cavaleiros. «Tantos! É uma estupidez esbanjar as cruces desta maneira. Vamos ver se encontro outros tantos no regresso.»

E regressava em passos lentos, desolado quando a multidão apressada dos transeuntes lhe perturbava a pesquisa, lhe fazia esquecer alguém.

Sabia em que bairros havia mais. Eram abundantes no Palais-Royal. A avenida de l'Opéra não era tão boa como a rua de la Paix; o lado direito do bulevar era mais bem frequentado que o esquerdo.

Parecia que preferiam também certos cafés, certos teatros. Sempre que o senhor Sacrement via um grupo de cavalheiros idosos de cabelos brancos parado no meio de um passeio e a perturbar a passagem das pessoas dizia de si para si: «São oficiais da Legião de Honra!» E apetecia-lhe cumprimentá-los.

Os oficiais (já o notara muitas vezes) têm um ar diferente dos simples cavaleiros. O modo de endireitar a cabeça é diferente. Sente-se bem que desfrutam formalmente de uma consideração mais elevada, de uma importância mais vasta.

Por vezes o senhor Sacrement era também invadido por uma raiva, por uma fúria contra toda aquela gente condecorada; sentia por eles um ódio de socialista.

Então, ao voltar para casa, excitado por ter encontrado tantas cruces, como um pobre esfomeado depois de passar diante das grandes lojas de comida, declarava em voz forte: «Quando é que nos

livrarão desta porcaria de governo?» A mulher, surpreendida, perguntava-lhe: «Que tens tu hoje?»

E ele respondia: «Estou simplesmente indignado com as injustiças que vejo serem cometidas por toda a parte! Ah, como os homens da Comuna tinham razão!»

Mas tornava a sair depois do jantar e ia examinar as lojas de condecorações. Analisava todos aqueles emblemas com formas diversas, de cores variadas. Bem gostaria de os possuir a todos e, numa cerimónia pública, numa imensa sala cheia de gente, apinhada de povo extasiado, caminhar à cabeça de um cortejo, com o peito a rebrilhar, riscado de *barrettes* alinhadas uma por cima da outra, acompanhando-lhe a forma das costelas, e passar gravemente, com a cartola debaixo do braço, fulgurante como um astro no meio dos murmúrios de admiração, de um rumor respeitoso.

Mas infelizmente não possuía título algum que lhe valesse uma condecoração.

Pensou: «A Legião de Honra na realidade é muito difícil para um homem que não exerce qualquer função pública. E se eu tentasse que me nomeassem oficial da Academia?»

Mas não sabia como havia de o conseguir. Falou do assunto à mulher, que ficou estupefacta.

«Oficial da Academia? Que fizeste tu para isso?»

Ele exaltou-se: «Vê lá se percebes o que eu quero dizer. Estou justamente à procura de saber o que é preciso fazer. Tu às vezes és estúpida.»

Ela sorriu: «Perfeitamente, tens razão. Julgas que eu não sei?»

Ele tinha uma ideia: «Se tu falasses ao deputado Rosselin, talvez ele pudesse dar-me um excelente conselho. Eu, como compreendes, não me atrevo a abordar directamente este assunto com ele. É bastante delicado, bastante difícil; vinda de ti, a coisa torna-se natural.»

A senhora Sacrement fez o que ele pedia. O senhor Rosselin prometeu falar ao ministro. Então Sacrement passou a persegui-lo. O deputado acabou por lhe responder que era preciso fazer um pedido e enumerar os seus títulos.

Os seus títulos? Pois. E ele nem sequer era bacharel.

No entanto, deitou mãos ao trabalho, e começou uma brochura cujo tema era «Do Direito do Povo à Instrução». Não conseguiu acabá-la por falta de ideias.

Procurou temas mais fáceis e foi abordando vários sucessivamente. Começou por: «A Instrução das Crianças pelos Olhos». Queria que nos bairros pobres se instalassem uns teatros gratuitos para as criancinhas. Os pais levavam-nas lá desde a mais tenra idade, e lá lhes seriam fornecidas, por meio de uma lanterna mágica, noções de todos os conhecimentos humanos. Seriam verdadeiros cursos. O olhar iria instruir o cérebro, e as imagens ficariam gravadas na memória, tornando, por assim dizer, a ciência visível.

Que poderia haver de mais simples que ensinar assim a história universal, a geografia, a história natural, a botânica, a zoologia, a anatomia, etc., etc.?

Mandou imprimir esta dissertação e enviou um exemplar a cada deputado, dez a cada ministro, cinquenta ao presidente da República, além de dez a cada um dos jornais de Paris e de cinco aos jornais da província.

Tratou depois da questão das bibliotecas de rua, pretendendo que o Estado pusesse a passear pelas ruas pequenos carros cheios de livros, semelhantes aos carros dos vendedores de laranjas. Cada habitante teria direito a alugar dez volumes por mês, pagando um soldo de assinatura.

«O povo», dizia o senhor Sacrement, «só se desloca para os seus prazeres. Porque para a instrução não o faz! É preciso que seja a instrução a ir ter com ele, etc.»

Estes ensaios não tiveram qualquer eco. No entanto, ele fez seguir o seu pedido. Foi-lhe respondido que tinham tomado nota, que o requerimento estava sendo instruído. Julgou-se seguro de que iria obter êxito. E esperou. Mas não veio nada.

Então decidiu-se a fazer diligências pessoais. Solicitou uma audiência ao ministro da Instrução Pública e foi recebido por um membro do gabinete muito jovem e já muito sério, importante até, e que manipulava, como se se tratasse de um piano, uma série de botõezinhos brancos para chamar os contínuos e os criados da antecâmara, bem como os empregados subalternos. Afirmou ao solicitante que o seu caso estava bem encaminhado e aconselhou-o a prosseguir nos seus notáveis trabalhos.

E o senhor Sacrement voltou a meter mãos à obra.

O senhor Rosselin, o deputado, parecia agora muito interessado no seu êxito, e dava-lhe até imensos conselhos práticos excelentes. Aliás, era condecorado, apesar de não se saber quais os motivos que lhe haviam valido tal distinção.

Indicou a Sacrement novos estudos a empreender, apresentou-o a Sociedades Científicas que se ocupavam de temas da ciência particularmente obscuros, com a intenção de obter honrarias. Chegou a patrociná-lo no ministério.

Ora, um dia em que foi almoçar a casa do amigo (comia muitas vezes lá em casa nos últimos meses) disse-lhe baixinho apertando-lhe as mãos: «Acabo de lhe obter um grande favor. A comissão dos trabalhos históricos vai encarregá-lo de uma missão. Trata-se de investigações a fazer em diversas bibliotecas em França.»

Sacrement, a desfalecer, não foi capaz de comer nem de beber. Partiu oito dias mais tarde.

Andava de cidade em cidade, estudando catálogos, espiolhando sótãos atravancados de livros poeirentos, suportando o ódio dos bibliotecários.

Ora uma noite, estava ele em Ruão, quis ir beijar a mulher que não via há uma semana, e apanhou o comboio das nove, que deveria pô-lo em casa à meia-noite.

Tinha consigo a sua chave. Entrou sem fazer barulho, fremente de prazer, feliz pela surpresa que lhe ia fazer. Ela tinha-se fechado à chave, que maçada! Então gritou através da porta: «Jeanne, sou eu!»

Ela deve ter sentido muito medo, porque a ouviu saltar da cama e falar sozinha, como num sonho. Depois correu para a casa de banho, abriu-a e tornou a fechá-la, atravessou várias vezes o quarto numa corrida rápida, descalça, esbarrando nos móveis, cujos vidros tilintavam. Depois, por fim, perguntou: «És mesmo tu, Alexandre?»

Ele respondeu: «Claro que sou eu, abre lá!»

A porta cedeu e a mulher atirou-se-lhe ao pescoço balbuciando: «Ai, que medo! Que surpresa! Que alegria!»

Então ele começou a despir-se, metodicamente, como tudo o que fazia. E tirou de uma cadeira o sobretudo que tinha o hábito de pendurar no vestíbulo. Mas, de repente, ficou estupefacto: a botoeira tinha uma fita encarnada!

Balbuciou: «Este... este casaco... este casaco está condecorado!»

Então a mulher, num salto, atirou-se a ele e, arrancando-lhe o sobretudo das mãos, disse: «Não...

estás enganado... Dá-me cá isso.»

Mas ele continuava a segurá-lo por uma das mangas, sem o largar, repetindo numa espécie de desvairo: «Quê?... Porquê? Explica-me!... De quem é este sobretudo? Não é meu, visto que tem a Legião de Honra, pois não?»

Ela esforçava-se por lho arrancar, de cabeça perdida, gaguejando: «Ouve... ouve... Dá cá isso... Não te posso dizer... É um segredo... Ouve...»

Mas ele estava a ficar zangado, e pálido: «Quero saber como é que está aqui este casaco! Não é o meu.»

Então ela gritou-lhe na cara: «Sim, cala-te, jura-me... ouve... Pois bem, foste condecorado!»

Ele teve um tal sobressalto de emoção que largou o sobretudo e se deixou cair numa cadeira.

— Eu fui... dizes tu... eu fui... condecorado.

— Pois é... É um segredo, um grande segredo...

Ela fechara num armário aquela gloriosa peça de roupa e voltara para junto do marido, tremente e pálida. Continuou: «Sim, é um sobretudo novo que te mandei fazer. Mas tinha jurado não te dizer nada. Porque só será oficial daqui a um mês ou seis semanas. Tens que terminar primeiro a tua missão. Só devias saber disto no regresso. Foi o senhor Rosselin que conseguiu isto para ti...»

Sacrement, a desfalecer, gaguejava: «Rosselin... Condecorado... Ele conseguiu que me condecorassem... A mim... ele... ah!»

E teve de beber um copo de água.

Jazia no chão um papelinho branco, que caíra do bolso do sobretudo. Sacrement apanhou-o, era um cartão de visita. Leu: «Rosselin – deputado.»

«Estás a ver», disse a mulher.

E ele desatou a chorar de alegria.

Oito dias mais tarde o *Diário Oficial* anunciava que o senhor Sacrement havia sido nomeado cavaleiro da Legião de Honra, pelos serviços excepcionais que prestara.

(Novembro de 1883)

Um Sábio

Ao barão de Vaux

Blérot era meu amigo de infância, o meu camarada mais querido: não havia segredos entre nós. Estávamos ligados por uma amizade profunda dos corações e dos espíritos, por uma intimidade fraterna, por uma absoluta confiança um no outro. Ele contava-me os seus pensamentos mais delicados, mesmo aquelas pequenas vergonhas da consciência que a custo confessamos a nós mesmos. E o mesmo fazia eu com ele.

Eu fora confidente de todos os seus amores. E ele fora-o de todos os meus.

Quando me anunciou que ia casar, isso feriu-me como se fosse uma traição. Senti que havia terminado aquele cordial e absoluto afecto que nos unia. A mulher dele colocava-se entre nós. A intimidade da cama estabelece entre dois seres, mesmo quando deixaram de se amar, uma espécie de cumplicidade, de misteriosa aliança. São, homem e mulher, como que dois associados discretos que suspeitam de toda a gente. Mas aquele laço tão apertado criado pelo amplexo conjugal cessa de repente no dia em que a mulher arranja um amante.

Lembro-me, como se tivesse sido ontem, de toda a cerimónia do casamento do Blérot. Eu não quisera assistir ao contrato, pelo pouco gosto que tinha por essa espécie de acontecimentos; fui apenas à câmara e à igreja.

A mulher, que eu não conhecia de lado nenhum, era uma rapariga alta, loira, um pouco esguia, bonita, de olhos claros, cabelos claros, pele clara, mãos claras. Andava com um leve movimento ondulante, como se fosse num barco. Ao avançar, parecia fazer uma sequência de graciosas reverências.

Blérot parecia muito apaixonado por ela. Não tirava os olhos dela, e eu sentia fremente dentro dele um imoderado desejo daquela mulher.

Fui visitá-lo alguns dias depois. Disse-me: «Não imaginas como estou feliz. Amo-a loucamente. Aliás, ela é... ela é...» Não acabou a frase, mas, poisando dois dedos na boca, fez um gesto que significa: divina, requintada, perfeita, e muito mais coisas ainda.

Eu perguntei a rir: «Tanto assim?»

Ele respondeu: «Tudo o que podes sonhar!»

Apresentou-me. Ela foi encantadora, familiar como é de regra, disse-me que estava em minha casa. Mas eu bem sentia que ele, Blérot, já não era meu. A nossa intimidade estava radicalmente cortada. Era com dificuldade que encontrávamos algo para dizer um ao outro.

Saí. Depois fiz uma viagem ao Oriente. Voltei pela Rússia, Alemanha, Suécia e Holanda.

Só regressiei a Paris depois de dezoito meses de ausência.

No dia seguinte à minha chegada, ia eu vagueando pelo bulevar para respirar de novo o ar de Paris, quando vi, caminhando na minha direcção, um homem muito pálido, de feições cavadas, que se parecia com o Blérot tanto como um tísico descarnado se pode parecer com um rapagão corado e a

criar barriga. Olhei para ele, surpreso, inquieto, perguntando a mim mesmo: «Será ele?» Ele viu-me, soltou um grito, estendeu os braços. Eu abri-lhe os meus e abraçámo-nos em pleno bulevar.

Depois de andarmos para trás e para diante entre a rua Drouot e o Vaudeville, quando nos preparávamos para nos separar, porque ele parecia já exausto de tanto andar, eu disse-lhe: «Tu não estás com bom aspecto. Estás doente?» Ele respondeu: «Sim, estou um pouco adoentado.»

Tinha o aspecto de um homem que vai morrer; e subiu-me ao coração uma onda de afecto por aquele amigo tão antigo e tão caro, o único que tive na vida. Apertei-lhe as mãos.

— Mas então que tens tu? De que é que sofres?

— De nada, um pouco de cansaço. Não é nada.

— Que diz o teu médico?...

— Fala de anemia e receita-me ferro e carnes vermelhas.

Uma suspeita atravessou-me o espírito. Perguntei:

— És feliz?

— Sim, muito feliz.

— Completamente feliz?

— Completamente.

— A tua mulher?...

— Encantadora. Amo-a mais do que nunca.

Mas vi que ele tinha corado. Parecia embaraçado como se receasse novas perguntas. Agarrei-lhe num braço, empurrei-o para um café vazio àquela hora, obriguei-o a sentar-se à força e, de olhos nos olhos, disse-lhe:

— Vá lá, meu caro René, diz-me a verdade. — Ele balbuciou: — É que não tenho nada para te dizer.

Eu continuei em voz firme: «Não é verdade. Tu estás doente, doente do coração sem dúvida, e não te atreves a revelar a ninguém o teu segredo. Há um desgosto qualquer que te está roendo. Mas a mim vais dizer-me qual é. Vá, estou à espera.»

Ele corou outra vez, e depois gaguejou, virando a cabeça:

— É uma estupidez!... Mas é que estou... que estou tramado!...

Como ficou calado, eu insisti: «Bem, vá lá, fala.» Então ele declarou de repente, como se soltasse para fora de si uma ideia torturante, ainda por confessar:

— Pois é! Tenho uma mulher que me mata... É isso.

Eu não percebia. «Faz-te infeliz? Faz-te sofrer dia e noite? Mas como? Em quê?»

Ele murmurou numa voz fraca, como se confessasse um crime: «Não... Eu amo-a de mais.»

Fiquei confuso perante esta confissão brutal. E depois fui assaltado por uma grande vontade de rir, até que consegui responder:

— Mas parece-me que poderias... que poderias... amá-la menos.

Ele fez-se outra vez muito pálido. E decidiu-se por fim a falar-me de coração aberto, como dantes:

— Não, não posso. E estou a morrer. Eu sei. Estou a morrer. Mato-me. E tenho medo. Há certos dias, como hoje, em que me apetece deixá-la, ir-me embora para sempre, ir para o fim do mundo, para viver, para viver muito tempo. E depois, quando a noite cai, regresso a casa, sem querer, em passinhos miúdos, de espírito torturado. Subo a escada lentamente. Toco à porta. Ela está lá, sentada

num cadeirão. Diz-me: «Como tu vens tarde!» Beijo-a. Depois vamos para a mesa. Durante toda a refeição não paro de pensar: «Vou sair depois do jantar e apanho um comboio para um sítio qualquer.» Mas quando voltamos para a sala sinto-me tão cansado que já não tenho coragem para me levantar. E fico. E depois... e depois... Acabo sempre por sucumbir...

Não pude deixar de sorrir outra vez. Ele viu, e continuou: «Tu ris-te, mas garanto-te que é horrível.»

— Mas porque é que não prevines a tua mulher? Ela havia de compreender, a não ser que seja um monstro.

Ele encolheu os ombros. «Oh, tu podes falar à vontade. Eu só não a previno porque sei como ela é. Já alguma vez ouviste dizer de certas mulheres: “Esta já vai no terceiro marido?” Claro que sim, e esta fez-te sorrir, como há pouco. E no entanto era verdade. Que fazer? Não é culpa dela, nem minha. Ela é assim, porque a natureza a fez assim. Meu caro, ela tem um temperamento de Messalina. Não sabe disso, mas eu sei-o bem, e eu é que sofro as consequências. Ela é encantadora, doce, terna, acha naturais e moderadas as nossas carícias loucas que me esgotam, que me matam. Tem um ar de aluna de colégio interno ignorante. E é ignorante, pobre criança.

«Ah, um dia destes tomo decisões enérgicas. Como compreenderás, eu estou a morrer. Mas basta-me um olhar dos seus olhos, um daqueles olhares onde leio o desejo ardente dos seus lábios, e sucumbo imediatamente, dizendo cá para mim: “É a última vez. Não quero mais daqueles beijos mortais.” E depois, depois de ter cedido outra vez, como hoje, saio, ando em frente a pensar na morte, dizendo de mim para mim que estou perdido, que se acabou tudo.

«Tenho o espírito de tal modo atingido, tão doente, que ontem fui dar uma volta pelo cemitério do Père-Lachaise. Olhava para aquelas sepulturas alinhadas como peças de dominó e pensava: “Não tarda e estarei aqui.” Voltei para casa, absolutamente decidido a confessar-me doente, a fugir dela. Não consegui.

«Ah, tu não sabes o que é isto. Pergunta a um fumador envenenado pela nicotina se é capaz de renunciar ao seu hábito delicioso e mortal. Ele dir-te-á que tentou mil e uma vezes sem o conseguir. E há-de acrescentar: “Tanto pior. Prefiro morrer disto.” Eu sou assim. Quando somos apanhados na engrenagem de uma paixão assim ou de um vício como este, temos de entrar nele completamente.»

Levantou-se, estendeu-me a mão. Eu sentia-me invadido por uma cólera tumultuosa, por uma cólera odienta contra aquela mulher, contra a mulher, contra aquele ser inconsciente, encantador, terrível. Ele abotoava o casaco para sair. Brutalmente, atirei-lhe à cara isto: «Mas, que raio, dá-lhe amantes, em vez de te deixares matar assim.»

Ele tornou a encolher os ombros, sem responder, e afastou-se.

Estive seis meses sem tornar a vê-lo. Estava todas as manhãs à espera de receber uma carta de participação convidando-me para o enterro. Mas não queria pôr os pés em casa dele, obedecendo a um sentimento complicado, feito de desprezo por aquela mulher e, por ele, de cólera, de indignação, de mil sensações diversas.

Num belo dia de Primavera, ia eu a passear pelos Campos Elísios. Era uma daquelas tardes mornas que revolvem em nós alegrias secretas, que nos iluminam os olhos e jorram sobre nós uma tumultuosa felicidade de viver. Alguém me bateu no ombro. Virei-me: era ele. Era ele, soberbo, com bom

aspecto, rosado, gordo, barrigudo.

Estendeu-me as duas mãos, expansivo de prazer e exclamando: «Então cá estás tu, amigo ingrato?»

Eu olhava para ele, tolhido de surpresa: «Pois... sou eu, sim. Apre, as minhas felicitações. Mudaste muito em seis meses.»

Ele fez-se roxo, e continuou com um riso falso: «Faz-se o que se pode.»

Eu olhava para ele com uma obstinação que visivelmente o incomodava. Declarei: «Então... então tu... estás curado?»

Ele balbuciou apressadamente: «Sim, completamente. Obrigado.» E depois, mudando de tom: «Que sorte encontrar-te, meu velho. Agora a gente vai ver-se, hem, e com frequência, espero!»

Mas eu não abandonava a minha ideia. Queria saber. Perguntei: «Bem, tu lembras-te da confiança que me fizeste, há uns seis meses... Então... então agora resistes.»

Ele articulou atropelando as palavras: «Vamos fingir que eu não te disse nada, e deixa-me em paz. Mas olha, já que te encontrei não te largo. Vens jantar lá a casa.»

Veio-me de repente uma vontade louca de ver aquela intimidade, de compreender. Aceitei.

Duas horas mais tarde abria-me ele a porta da sua casa.

A mulher recebeu-me de forma encantadora. Tinha um ar simples, adoravelmente ingénuo e distinto que deslumbrava os olhos. As mãos compridas, o rosto, o pescoço eram de uma brancura e de uma finura refinadas: aquela era carne fina e nobre, carne de raça. E caminhava ainda com aquele longo movimento de chalupa como se cada perna, a cada passo, tivesse flectido ligeiramente.

René beijou-a na testa, fraternalmente, e perguntou: «O Lucien ainda não chegou?»

Ela respondeu numa voz clara e leve: «Não, ainda não, meu amigo. Como sabes, ele chega sempre um pouco atrasado.»

A campainha retiniu. Apareceu um rapagão, muito moreno, com faces peludas e um aspecto de héracles mundano. Apresentaram-nos. Chamava-se Lucien Delabarre.

René e ele apertaram as mãos energicamente. E fomos para a mesa.

O jantar foi delicioso, cheio de jovialidade. René falava constantemente comigo, familiarmente, cordialmente, francamente, como noutros tempos. Era: «Sabes, meu velho. – Diz lá, meu velho. – Ouve, meu velho.» E de repente exclamava: «Nem imaginas o prazer que tenho em tornar a ver-te. É como se renascesse.»

Eu olhava para a mulher e para o outro. Continuavam perfeitamente correctos. No entanto, houve uma ou duas vezes em que trocaram uma rápida e furtiva olhadela.

Mal acabámos a refeição, o René, virando-se para a mulher, declarou: «Minha cara amiga, eu tornei a encontrar o Pierre e vou levá-lo comigo; vamos conversar ao longo do bulevar, como dantes. Vais perdoar-nos esta expedição... de rapazes. Aliás, deixo-te cá o senhor Delabarre.»

A jovem senhora sorriu e disse-me, estendendo-me a mão: «Não o tome por muito tempo.»

E lá fomos nós, de braço dado, pela rua. Então, como queria saber a todo o custo, perguntei: «Vamos lá, diz-me, que se passou? Diz-me lá!...» Mas ele interrompeu-me de repente e, no tom resmungão de um homem tranquilo que estão a incomodar sem motivo, respondeu: «Ah, quanto a isso, meu velho, deixa-me em paz com as tuas perguntas!» E acrescentou a meia-voz, como que falando consigo mesmo, com aquele ar convencido das pessoas que tomaram uma sábia decisão:

«Enfim, era estúpido de mais deixar-me estostrar daquela maneira.»

Eu não insisti. Caminhávamos depressa. Começámos a tagarelar. E de repente ele soprou-me ao ouvido: «E se fôssemos às meninas, hem?»

Desatei a rir abertamente. «Como quiseres. Vamos lá, meu velho.»

(Dezembro de 1883)

Châli

A Jean Béraud

O almirante de la Vallée, que parecia meio adormecido no seu cadeirão, declarou com a sua voz de velha: «Eu cá tive uma pequena aventura de amor, uma aventura muito especial, querem que a conte?»

E, sem se mexer, falou do fundo do seu vasto assento, conservando nos lábios aquele sorriso enrugado que nunca o abandonava, aquele sorriso à Voltaire que o fazia passar por um terrível céptico.

1.

Tinha eu então trinta anos e era tenente da marinha, quando me encarregaram de uma missão astronómica na Índia central. O governo inglês pôs à minha disposição todos os meios necessários para completar a minha tarefa e não tardei a penetrar com um séquito de alguns homens naquele país estranho, surpreendente, prodigioso.

Precisaria de vinte volumes para contar aquela viagem. Atravessei regiões incrivelmente magníficas e fui recebido por príncipes de beleza sobre-humana e que viviam numa inacreditável magnificência. Ao longo de dois meses tinha a impressão de caminhar dentro de um poema, de percorrer um reino de contos de fadas montado em elefantes imaginários. Descobria no meio das florestas fantásticas ruínas inverosímeis: encontrava em cidades de uma fantasia de sonho prodigiosos monumentos, esguios e cinzelados como jóias, leves como rendas e enormes como montanhas, aqueles monumentos fabulosos, divinos, de uma tal graciosidade que nos apaixonamos pelas suas formas do mesmo modo que podemos apaixonar-nos por uma mulher, e em que ao vê-los experimentamos um prazer físico e sensual. Enfim, como diz o senhor Victor Hugo, eu andava acordado mas num sonho.

Cheguei por fim ao termo da minha viagem, a cidade de Ganhara, outrora uma das mais prósperas da Índia central, e hoje bem decadente e governada por um príncipe opulento, autoritário, violento, generoso e cruel, o Rajá Maddan, um verdadeiro soberano do Oriente, delicado e bárbaro, afável e sanguinário, de uma graça feminina e de impiedosa ferocidade.

A cidade situa-se no fundo de um vale junto de um pequeno lago, rodeado por uma série de pagodes que mergulham as suas muralhas na água.

Vista de longe, a cidade forma uma mancha branca que cresce quando nos aproximamos, e a pouco e pouco distinguimos as cúpulas, as agulhas, as flechas, todos os cimos elegantes e esbeltos dos graciosos monumentos indianos.

A cerca de uma hora das portas encontrei um elefante com arreios soberbos, rodeado de uma

escolta de honra que o soberano me enviava. E foi com grande pompa que fui levado até ao palácio.

Bem gostaria eu de ter tempo para me vestir com luxo, mas a impaciência real não mo permitiu. Antes de mais nada, pretendiam conhecer-me, saber o que teriam a esperar de mim como distração; depois se veria.

Fui introduzido, no meio de soldados bronzeados como estátuas e cobertos de rebrilhantes uniformes, numa grande sala rodeada de galerias onde permaneciam de pé uns homens que envergavam vestes deslumbrantes e estreladas de pedras preciosas.

Num banco semelhante a um dos nossos bancos de jardim sem costas, mas revestido por uma tapeçaria admirável, avistei uma massa brilhante, uma espécie de sol sentado: era o Rajá que me esperava, imóvel numa veste do mais puro amarelo canário. Tinha em cima dele dez ou quinze milhões de diamantes, e na testa brilhava solitária a famosa estrela de Delhi, que sempre pertenceu à ilustre dinastia dos Parihara de Mundore, da qual o meu hospedeiro era descendente.

Tratava-se de um rapaz de cerca de vinte e cinco anos, que parecia ter sangue negro nas veias, embora pertencesse à mais pura raça hindu. Tinha olhos grandes, fixos, um pouco vagos, maçãs do rosto salientes, lábios grossos, barba encaracolada, testa baixa e dentes a brilhar, agudos, que muitas vezes punha à mostra num sorriso maquinal.

Levantou-se e veio estender-me a mão, à inglesa, e depois mandou-me sentar a seu lado num banco tão alto que os meus pés mal tocavam no chão. Era muito incómodo estar lá em cima.

Imediatamente me propôs uma caçada ao tigre no dia seguinte. A caça e as lutas eram as suas grandes ocupações, e a custo compreendia que alguém pudesse ocupar-se noutras coisas.

Estava evidentemente convencido de que eu viera até tão longe apenas para o distrair um pouco e para o acompanhar nos seus prazeres.

Como ele me era muito necessário, tratei de elogiar as suas preferências. Ficou tão satisfeito com a minha atitude que quis mostrar-me imediatamente um combate de lutadores e arrastou-me para uma espécie de arena situada dentro do palácio.

Obedecendo à sua ordem, apareceram dois homens, nus, acobreados, com as mãos armadas de garras de aço; e logo se atacaram um ao outro, procurando atingir-se com aquela arma cortante que lhes traçava na pele negra longos rasgões donde escorria sangue.

Aquilo durou muito tempo. Os corpos já eram apenas chagas, e os combatentes continuavam a rasgar as respectivas carnes com aquela espécie de ancinho feito de lâminas afiadas. Um deles tinha uma das faces crivada de golpes; a orelha do outro estava cortada em três pedaços.

E o príncipe olhava para aquilo com uma alegria feroz e apaixonada. Estremecia de felicidade, soltava roncões de prazer, e imitava com gestos inconscientes todos os movimentos dos lutadores, gritando constantemente: «Dá-lhe, dá-lhe com força.»

Um dos dois caiu desfalecido; foi preciso levá-lo para fora da arena vermelha de sangue e o Rajá soltou um grande suspiro de pesar, de pena que aquilo já tivesse acabado.

Depois virou-se para mim para saber a minha opinião. Eu estava indignado, mas felicitei-o vivamente; e ele ordenou logo que me levassem ao Couch-Mahal (palácio do prazer) onde iria ficar alojado.

Atravessei os inverosímeis jardins do palácio e cheguei à minha residência.

O palácio, uma jóia, situado numa extremidade do parque real, mergulhava no lago sagrado de Vihara toda uma face das suas muralhas. Era de forma quadrada e em cada uma das quatro faces apresentava três filas sobrepostas de galerias com colunatas divinamente trabalhadas. Em cada canto erguiam-se impetuosamente umas torrinhas, leves, altas ou baixas, isoladas ou agrupadas duas a duas, de tamanho desigual e fisionomia diferente, que pareciam exactamente flores naturais que haviam crescido naquela graciosa planta de arquitectura oriental. Todas tinham telhados estranhos, que pareciam cabeleiras galantes.

Ao centro do edificio um poderoso zimbório erguia até uma deslumbrante pirâmide, esguia e toda rendilhada, a sua cúpula alongada e redonda, semelhante a um seio de mármore branco apontado para o céu.

E todo o monumento, de alto a baixo, era coberto de esculturas, daqueles refinados arabescos que entontecem o olhar, de procissões imóveis de personagens delicados, cujas atitudes e gestos de pedra contavam os usos e costumes da Índia.

Os quartos eram iluminados por janelas com arcos rendilhados, e davam para os jardins. No chão de mármore havia graciosos ramos desenhados por ónix, lápis-lazúli e ágatas.

Mal tivera tempo de acabar de me arranjar quando um dignitário da corte, Haribadada, especialmente encarregado das comunicações entre o príncipe e eu, me anunciou a visita do seu soberano.

E o Rajá cor de açafão apareceu, apertou-me outra vez a mão e começou a contar mil e uma coisas pedindo constantemente a minha opinião, que eu a muito custo lhe dava. Quis depois mostrar-me as ruínas do palácio antigo, na outra ponta dos jardins.

Era uma verdadeira floresta de pedras, habitada por uma população de grandes macacos. Quando nos aproximámos, os machos puseram-se a correr por cima dos muros fazendo-nos horríveis caretas, e as fêmeas fugiam, mostrando o traseiro pelado e levando os filhotes nos braços. O rei ria loucamente, dava-me beliscões no ombro para me demonstrar o seu prazer, e sentou-se no meio dos escombros, enquanto, à nossa volta, agachados no alto das muralhas, encarrapitados em todas as saliências, toda uma assembleia de animais com suíças brancas nos deitava a língua de fora e nos mostrava o punho erguido.

Quando ficou saciado deste espectáculo, o soberano amarelo levantou-se e recomeçou a andar gravemente, sempre me arrastando a seu lado, feliz por me ter mostrado coisas como aquelas no próprio dia da minha chegada, e recordando-me que no dia seguinte teria lugar uma grande caçada ao tigre em minha honra.

Acompanhei essa caçada, e mais uma segunda, e uma terceira, dez ou vinte seguidas. Perseguram sucessivamente todos os animais da região: a pantera, o urso, o elefante, o antílope, o hipopótamo, o crocodilo, que sei eu, metade dos animais da criação. Eu estava derreado, repugnado por ver correr tanto sangue, cansado daquele prazer sempre igual.

Por fim, o ardor do príncipe acalmou, e deixou-me, depois de instantes pedidos meus, um pouco de tempo livre para trabalhar. Limitava-se agora a encher-me de presentes. Mandava-me jóias, tecidos magníficos, animais ensinados, que Haribadada me apresentava com um aparente respeito grave, como se eu fosse o próprio sol, embora no fundo me desprezasse bastante.

E todos os dias uma procissão de servidores trazia-me em pratos cobertos uma porção de cada iguaria da refeição real; todos os dias era preciso aparentar ou sentir um prazer extremo a cada divertimento novo que era organizado para mim: danças de bailadeiras, malabarismos, revistas de tropas, tudo o que aquele Rajá hospitaleiro mas incómodo era capaz de inventar para me mostrar a sua surpreendente pátria em todo o seu encanto e em todo o seu esplendor.

Mal me deixavam um pouco sozinho, trabalhava, ou então ia ver os macacos, cuja companhia me agradava infinitamente mais que a do rei.

Mas uma tarde, quando voltava de um passeio, encontrei diante da porta do meu palácio Haribadada, solene, que me anunciou, em termos misteriosos, que no meu quarto me esperava um presente do soberano; e apresentou-me as desculpas do seu senhor por não ter pensado mais cedo em oferecer-me uma coisa de que devia andar privado.

Dito este discurso obscuro, o embaixador inclinou-se e desapareceu.

Entre e avistei, alinhadas contra a parede por ordem de alturas, seis meninas lado a lado, imóveis, que pareciam uma espetada de pequenos salmões. A mais velha teria uns oito anos, e a mais nova seis. De início não percebi bem porque é que tinham instalado aquele colégio interno em minha casa, mas depois adivinhei a atenção delicada do príncipe: era um harém que ele me oferecia. Tinha-o escolhido muito novinho por excesso de graciosidade. Porque por lá quanto mais verde é o fruto mais estimado é.

E fiquei completamente confuso e incomodado, envergonhado, diante daquelas pirralhas que me olhavam com os seus grandes olhos graves e que pareciam já saber o que eu podia exigir delas.

Não sabia que lhes dizer. Apetecia-me mandá-las embora, mas ninguém devolve um presente de um soberano. Seria uma mortal ofensa. Portanto era preciso conservar, instalar lá em casa aquele rebanho de crianças.

Elas permaneciam fixas, continuavam a encara-me, à espera das minhas ordens, procurando ler-me nos olhos as minhas intenções. Ah, maldito presente! Como ele me incomodava! Por fim, sentindo-me ridículo, perguntei à mais velha:

— Como te chamas tu?

Ela respondeu: «Châli».

Aquela garota com uma pele tão bonita, uma pele amarela, como de marfim, era uma maravilha, uma estátua com a sua face de linhas longas e severas.

Então declarei para ver o que ela responderia, talvez para a embaraçar:

— Porque é que estás aqui?

Ela disse com a sua voz doce, harmoniosa: «Venho para fazer o que te agrada exigir de mim, meu senhor.»

A garotinha estava informada.

E fiz a mesma pergunta à mais pequena, que articulou claramente com a sua voz mais débil: «Estou aqui para o que te agrada pedir-me, meu patrão.»

Parecia um ratinho, esta, não podia ser mais simpática. Peguei nela nos braços e dei-lhe um beijo. As outras fizeram um movimento como para se retirarem, pensando sem dúvida que eu acabava de indicar a minha escolha, mas eu disse-lhes que ficassem e, sentando-me à indiana, mandei-as sentar à

minha volta, e depois comecei a contar-lhes uma história de génios, porque eu falava razoavelmente a língua delas.

Elas ouviam com toda a atenção, estremeciam com os pormenores maravilhosos, tremiam de angústia, revolviam as mãos. Já quase não pensavam, pobres pequenas, na razão por que tinham vindo.

Quando terminei a minha história chamei o meu criado de confiança Latchmân e mandei que trouxesse guloseimas, compotas e bolos, que elas comeram até rebentar, e depois, começando a achar muito engraçada aquela aventura, organizei jogos para divertir as minhas mulheres.

Um desses divertimentos, sobretudo, teve um enorme êxito. Eu abria as pernas e as minhas seis garotas passavam por baixo a correr, com a mais pequena à frente e a maior a empurrar-me um bocadinho porque nunca se baixava o suficiente. Aquilo fazia-as soltar gargalhadas ensurdecedoras, e aquelas vozes jovens soando sob as abóbadas baixas do meu sumptuoso palácio despertavam-no, povoavam-no de alegria infantil, mobilavam-no de vida.

Depois interessei-me muito pela instalação do dormitório onde as minhas inocentes concubinas iriam dormir. Por fim, fechei-as lá sob a guarda de quatro mulheres serviçais que o príncipe me tinha mandado ao mesmo tempo para tomarem conta das minhas sultanas.

Durante oito dias senti um verdadeiro prazer fazendo de pai daquelas bonecas. Tínhamos admiráveis jogos de escondidas, da cabra cega e do anel, que as punham em delírios de felicidade, porque todos os dias eu lhes revelava um daqueles jogos desconhecidos, tão cheios de interesse.

A minha residência parecia agora uma escola. E as minhas amiguinhas, vestidas de sedas admiráveis, de tecidos bordados a ouro e prata, corriam como animaizinhos humanos através das compridas galerias e das salas tranquilas onde caía dos arcos uma luz enfraquecida.

Depois, uma noite, não sei como aquilo aconteceu, a maior, a que se chamava Châli e parecia uma estatueta de velho marfim, tornou-se minha mulher a sério.

Era um pequeno ser adorável, doce, tímido e alegre que não tardou a amar-me com uma afeição ardente e que eu amava estranhamente, com vergonha, com hesitação, com uma espécie de medo da justiça europeia, com reservas, escrúpulos, e contudo com uma ternura sensual apaixonada. Gostava dela como um pai, e acariciava-a como homem.

Desculpem, minhas senhoras, estou a ir um pouco longe de mais.

As outras continuavam a brincar naquele palácio, como um bando de gatinhos.

Châli não me largava, excepto quando eu ia visitar o príncipe.

Passávamos horas requintadas juntos nas ruínas do velho palácio, no meio dos macacos que se tinham tornado nossos amigos.

Ela deitava-se nos meus joelhos e ali ficava remoendo coisas na sua cabecinha de esfinge, ou talvez sem pensar em nada, mas mantendo aquela bela e encantadora posição hereditária daqueles povos nobres e sonhadores, a pose hierática das estátuas sagradas.

Tinha trazido num grande prato de cobre provisões, bolos, frutas. E as macacas aproximavam-se a pouco e pouco, seguidas dos seus filhotes mais tímidos; depois sentavam-se em círculo à nossa volta, não se atrevendo a aproximar-se mais, à espera de que eu fizesse a minha distribuição de guloseimas.

Então quase sempre um macho mais atrevido chegava-se mesmo ao pé de mim, de mão estendida

como um mendigo; e eu dava-lhe uma porção, que ele ia levar à fêmea. E todas as outras se punham a soltar gritos furiosos, gritos de inveja e de cólera, e não conseguia fazer parar aquela temível balbúrdia a não ser atirando a cada uma o seu quinhão.

Como me sentia muito bem naquelas ruínas, pretendi levar para lá os meus instrumentos de trabalho. Mas, mal viram o cobre dos aparelhos de precisão, os macacos, sem dúvida confundindo aquelas coisas com engenhos de morte, puseram-se a fugir para todos os lados soltando berros assustadores.

Também passava muitas vezes os meus serões com Châli, numa das galerias exteriores sobre o lago de Vihara. Contemplávamos mudos a lua brilhante que deslizava ao fundo do céu lançando sobre a água um manto de prata fremente, e ao longe, na outra margem, a linha dos pequenos pagodes, que pareciam graciosos cogumelos que tivessem metido o pé na água. E pegando nos braços a cabeça séria da minha pequena amante, beijava lentamente, longamente, a sua testa lisa, os seus grandes olhos cheios do segredo daquela terra antiga e fabulosa, e os seus lábios calmos que se abriam à minha carícia. E experimentava uma sensação confusa, poderosa, poética sobretudo, a sensação de que possuía toda uma raça naquela menininha, aquela bela raça misteriosa donde parecem ter saído todas as outras.

Entretanto o príncipe continuava a cobrir-me de presentes.

Um dia enviou-me um objecto muito inesperado que despertou em Châli uma apaixonada admiração.

Era simplesmente uma caixa de conchinhas, uma daquelas caixas de cartão cobertas por uma camada de conchinhas simplesmente coladas. Em França aquilo valeria quando muito quarenta soldos. Mas lá o preço daquela jóia era inestimável. Era sem dúvida a primeira que entrara no reino.

Poisei-a em cima de um móvel e deixei-a lá, sorrindo da importância que davam àquele pobre bibelô de bazar.

Mas Châli não se cansava de o examinar, de o admirar, cheia de respeito e de êxtase. Perguntava-me de vez em quando: «Posso tocar-lhe?» E depois de eu lhe ter dado autorização para o fazer, levantava a tampa, tornava a fechá-la com grandes cuidados, acariciava com os seus dedos finos, muito devagarinho, a cobertura de conchinhas, e parecia sentir com aquele contacto uma delícia que lhe ia até ao coração.

Entretanto, eu terminara os meus trabalhos e tinha de regressar. Demorei muito a decidir-me a isso, agora retido pela minha ternura pela minha amiguinha. Por fim tive de tomar a decisão.

O príncipe, desolado, organizou novas caçadas, novos combates de lutadores; mas passado quinze dias desses prazeres, declarei que não podia ficar mais tempo, e ele deixou-me em liberdade.

As despedidas de Châli foram dilacerantes. Ela chorava, deitada sobre mim, com a cabeça no meu peito, sacudida pelo desgosto. Eu não sabia que havia de fazer para a consolar, pois os meus beijos não serviam de nada.

De repente tive uma ideia e, levantando-me, fui buscar a caixa das conchinhas, que lhe pus entre as mãos. «É para ti. Pertence-te.»

Então comecei por vê-la sorrir. Todo o seu rosto se iluminava de uma alegria interior, daquela alegria profunda dos sonhos impossíveis de repente realizados.

E beijou-me furiosamente.

Mesmo assim, chorou copiosamente no momento do último adeus.

Distribui beijos de pai e bolos por todas as minhas outras mulheres, e parti.

2.

Passaram-se dois anos, até que os acasos do serviço do mar me levaram de novo a Bombaim. Devido a circunstâncias imprevistas deixaram-me lá para uma nova missão para a qual estava indicado pelo meu conhecimento do país e da língua.

Terminei os meus trabalhos o mais depressa possível e, como tinha ainda três meses à minha frente, quis ir fazer uma visitinha ao meu amigo, ao rei de Ganhara, e à minha querida mulherzinha Châli, que por certo ia encontrar muito mudada.

O Rajá Maddan recebeu-me com frenéticas demonstrações de alegria. Mandou degolar à minha frente três gladiadores, e não me deixou sozinho nem um segundo durante o primeiro dia do meu regresso.

Por fim, à noite, achando-me livre, mandei chamar Haribadada e, depois de muitas perguntas diversas, para evitar a sua perspicácia, perguntei-lhe: «E sabes que é feito da pequena Châli que o Rajá me deu?»

O homem fez uma cara triste, aborrecida, e respondeu com um grande embaraço:

— Mais vale não falar dela!

— Porquê? Era uma mulherzinha bem simpática.

— Deu em mal, senhor.

— Como? Châli? Que é feito dela? Onde está ela?

— Quero dizer que acabou mal.

— Acabou mal? Morreu?

— Morreu, senhor. Tinha cometido uma má acção.

Eu estava muito emocionado, sentia o coração a bater, e uma angústia a apertar-me o peito.

Continuei: «Uma má acção? Que fez ela? Que lhe aconteceu?»

O homem, cada vez mais embaraçado, murmurou: «Mais vale não mo perguntar.»

— Mas não, eu quero saber.

— Ela roubou.

— Como? Châli? Quem é que ela roubou?

— Roubou-o a si, senhor.

— A mim? Como?

— No dia em que o senhor se foi embora ela ficou-lhe com o cofrezinho que o príncipe lhe tinha dado. Encontraram-no nas mãos dela!

— Mas que cofrezinho?

— O cofrezinho das conchinhas.

— Mas eu tinha-lho dado.

O indiano ergueu para mim olhos estupefactos e respondeu: «Sim, ela de facto jurou com todas as

juras sagradas que o senhor lho tinha dado. Mas ninguém acreditou que o senhor pudesse ter dado a uma escrava um presente do rei, e o Rajá mandou castigá-la.»

— Castigá-la, como?

— Amarraram-na dentro de um saco, senhor, e atiraram-na ao lago, desta janela, da janela do quarto onde estamos agora, onde ela cometera o roubo.

Senti-me atravessado pela mais atroz sensação de dor que alguma vez experimentei, e fiz sinal a Haribadada que se retirasse para não me ver chorar.

E passei a noite na galeria sobre o lago, na galeria onde tantas vezes tivera a pobre criança nos meus joelhos.

E pensava que o esqueleto do seu lindo corpinho decomposto estava ali, abaixo de mim, num saco de pano atado por uma corda, no fundo daquela água negra que em tempos contempláramos juntos.

Fui-me embora no dia seguinte apesar dos rogos e do desgosto veemente do Rajá.

E agora acho que nunca amei outra mulher a não ser Châli.

(Abril de 1884)

O Gancho de Cabelo

Não vou dizer o nome da terra, nem o do homem. Era longe, muito longe daqui, numa costa fértil e ardente. Seguíamos desde a manhã ao longo da margem coberta de cereais e do mar azul coberto de sol. Cresciam flores mesmo ao pé das ondas, ondas leves, tão brandas, entorpecentes. Estava calor; era um mole calor perfumado, de terra gorda, húmida e fecunda; parecia que respirávamos germes.

Tinham-me dito nessa tarde que iria encontrar hospitalidade em casa de um francês que morava na ponta de um promontório, num pomar de laranjeiras. Quem era ele? Ainda não sabia. Chegara uma manhã, dez anos antes; comprara terra, plantara vinhedos, semeara cereais; aquele homem trabalhara apaixonadamente, furiosamente. Depois, de mês para mês, de ano para ano, aumentando a sua propriedade, fecundando sem parar o solo poderoso e virgem, juntara desse modo uma fortuna graças ao seu labor infatigável.

E, no entanto, ao que se dizia, continuava a trabalhar. A pé desde o amanhecer, percorrendo os seus campos até à noite, sempre vigilante, parecia perseguido por uma ideia fixa, torturado pelo insaciável desejo do dinheiro, que nada acalma, que nada alivia.

Agora, dizia-se que era muito rico.

O sol baixava quando cheguei à sua moradia. Com efeito, erguia-se na ponta de um cabo no meio das laranjeiras. Era uma vasta casa quadrangular, muito simples e sobranceira ao mar.

Aproximava-me quando apareceu à porta um homem de grande barba. Cumprimentei-o e pedi-lhe asilo para aquela noite. Ele estendeu-me a mão a sorrir.

— Entre, meu caro senhor, está em sua casa.

Conduziu-me a um quarto, colocou às minhas ordens um criado, com perfeito à-vontade e uma afável gentileza familiar de homem de sociedade; depois deixou-me dizendo:

— Teremos o jantar quando quiser descer.

Efectivamente jantámos a sós, num terraço em frente do mar. Comecei por lhe falar daquela região tão rica, tão distante, tão desconhecida! Ele sorria, respondendo distraidamente:

— Sim, esta é uma bela terra. Mas nenhuma terra nos agrada se está longe daquela que amamos.

— Tem saudades da França?

— Tenho saudades de Paris.

— Porque é que não volta para lá?

— Ah, hei-de voltar.

E, muito lentamente, começámos a falar do mundo francês, dos bulevares e das coisas de Paris. Ele fazia-me perguntas de quem conheceu tudo aquilo, citava-me nomes, todos os nomes conhecidos no passeio do Vaudeville.

— Quem é que se vê hoje no Tortoni?

— Sempre os mesmos, excepto os mortos.

Eu olhava para ele com atenção, perseguido por uma vaga recordação. Não tinha dúvidas de que já vira aquela cara em alguma parte! Mas onde? mas quando? Parecia cansado, embora vigoroso, triste,

embora resoluto. A sua grande barba loira encaracolava-se-lhe no peito, e às vezes agarrava-a junto do queixo e, apertando-a na mão fechada, percorria-a até à ponta. Tinha umas sobrancelhas espessas e um bigode forte que se lhe misturava com os pêlos das faces.

Atrás de nós, o sol mergulhava no mar, lançando sobre a costa uma bruma de fogo. As laranjeiras em flor exalavam no ar da tarde o seu aroma violento e delicioso. Ele só me via a mim e, de olhar fito, parecia distinguir-me nos olhos, avistar ao fundo da minha alma a imagem longínqua, amada e conhecida do largo passeio sombreado que vai da Madeleine até à rua Drouot.

— O senhor conhece o Boutrelle?

— Conheço, é claro.

— Ele mudou muito?

— Sim, está todo branco.

— E o La Ridamie?

— Está sempre o mesmo.

— E as mulheres? Fale-me das mulheres. Vá. Conhece a Suzanne Verner?

— Conheço. Está muito gorda e acabada.

— Ah, e a Sophie Astier?

— Morreu.

— Pobre rapariga! Será que... Conhece...

Calou-se de repente. Depois, com uma voz alterada e empalidecendo subitamente, continuou:

— Não, o melhor é não falar mais disto, deita-me abaixo.

Depois, como que para mudar o rumo das suas ideias, levantou-se.

— Quer entrar?

— Quero, sim.

E entrou na casa à minha frente.

As salas do andar térreo eram enormes, nuas, tristes, pareciam abandonadas. Havia pratos e copos poisados ao acaso em cima das mesas, ali deixados pelos serviçais de pele crestada que cirandavam constantemente pela vasta moradia. Na parede estavam penduradas em dois pregos duas espingardas; e, pelos cantos, viam-se enxadas, linhas de pesca, folhas secas de palmeira, objectos de toda a espécie deixados ao acaso das idas e vindas e que ficavam ao alcance da mão para as saídas e para as tarefas eventuais.

O meu hospedeiro sorriu:

— É a casa, ou melhor, o pardieiro de um exilado, disse ele, mas o meu quarto está mais limpo. Vamos até lá.

Quando lá cheguei julguei que entrava na loja de um ferro-velho, de tão cheio que estava de coisas, daquelas coisas incoerentes, estranhas e variadas que sentimos serem recordações. Nas paredes, dois belos desenhos de pintores conhecidos, tecidos, armas, espadas e pistolas, e além disso, precisamente a meio do painel principal, um lenço de cetim branco debruado a ouro.

Surpreendido, aproximei-me para ver e descobri um gancho de cabelo espetado no centro do tecido brilhante.

O meu hospedeiro poisou-me a mão no ombro:

— Aí está, disse ele a sorrir, a única coisa que eu contemplo aqui, e a única que vejo de há dez anos para cá. O senhor Prudhomme costumava dizer: «Este sabre é o mais belo dia da minha vida», e eu cá posso afirmar: «Este gancho de cabelo é toda a minha vida.»

Eu comecei a procurar uma frase banal para fazer conversa;
e acabei por dizer:

— O senhor sofreu por causa de uma mulher?

Ele replicou bruscamente:

— Diga antes que sofro como um desgraçado... Mas venha aqui à minha varanda. Há pouco veio-me aos lábios um nome que não me atrevi a pronunciar, porque se o senhor me tivesse respondido «morta», como aconteceu com a Sophie Astier, hoje mesmo daria um tiro nos miolos.

Tínhamos saído para a vasta varanda donde se avistavam dois golfos, um à direita e outro à esquerda, fechados por altas montanhas cinzentas. Era a hora crepuscular em que o sol desaparecera e já apenas iluminava a terra com reflexos do céu.

Ele continuou:

— Jeanne de Limours ainda é viva?

Tinha os olhos fitos nos meus, cheios de uma angústia fremente.

Eu sorri:

— Ora essa... e mais bonita que nunca.

— Conhece-a?

— Conheço.

Ele hesitava:

— Conhece-a bem?

— Não.

Pegou-me na mão:

— Fale-me dela.

— Pois, mas não tenho nada a dizer acerca dela: é uma das mulheres ou, antes, uma das jovens mais encantadoras e mais cotadas de Paris. Leva uma vida agradável e principesca, e é tudo.

Ele murmurou: «Amo-a», como se dissesse: «Vou morrer». E depois de repente:

— Ah, durante três anos vivemos uma vida assustadora e deliciosa. Estive por quatro ou cinco vezes quase a matá-la; e ela tentou furar-me os olhos com aquele gancho de cabelo que acabou de ver. Ora repare neste pontinho branco que tenho no olho esquerdo. Amávamo-nos! Como haveria eu de ser capaz de explicar aquela paixão? O senhor não seria capaz de a compreender.

«Deve existir um amor simples, feito pelo duplo impulso de dois corações e de duas almas; mas existe de certeza um amor atroz, cruelmente torturante, feito do invencível entretecer de dois seres muito diferentes que se detestam e que ao mesmo tempo se adoram.

«Aquela rapariga arruinou-me em três anos. Eu possuía quatro milhões que ela devorou com o seu ar calmo, tranquilamente, que ela trincou com um doce sorriso que parecia cair-lhe dos olhos para os lábios.

«Conhece-a? Ela tem em si qualquer coisa de irresistível! O quê, não sei. Serão aqueles olhos cinzentos cujo olhar penetra como uma verruma e que fica em nós como a ponta de uma flecha? Ou

será antes aquele sorriso doce, indiferente e sedutor, que lhe permanece na cara como se fosse uma máscara. A sua lenta graciosidade penetra a pouco e pouco, da sua esguia figura que quase não oscila ao passar ela exala uma espécie de perfume, porque parece que desliza mais do que anda, da sua voz levemente arrastada, linda, e que se diria ser a música do seu sorriso, e também do seu gesto, do seu gesto sempre moderado, sempre preciso e que inebria o olhar com a sua harmonia. Durante três anos nada mais vi no mundo além dela! E o que sofri! Porque ela enganava-me com toda a gente! Para quê? Para nada, para enganar. E mal eu vinha a sabê-lo, quando lhe chamava mulher fácil e rameira, ela confessava tranquilamente: “Será que estamos casados?”, dizia.

«Desde que aqui estou pensei tanto nela que acabei por entendê-la: aquela rapariga é a Manon Lescaut regressada. É a mesma Manon que não poderia amar sem enganar. A Manon para quem o amor, o prazer e o dinheiro são uma só coisa.

Calou-se. E acrescentou alguns minutos depois:

— Quando comi o meu último tostão por causa dela, disse-me simplesmente: “Meu caro, há-de compreender que eu não posso viver do ar. Amo-o muito, amo-o mais do que ninguém, mas é preciso viver. A miséria e eu não acasalamos bem.”

«E, no entanto, se eu lhe contasse a vida atroz que vivi ao lado dela! Quando olhava para ela tanto me apetecia matá-la como beijá-la. Quando olhava para ela... sentia uma furiosa necessidade de abrir os braços, de a apertar contra mim e de a estrangular. Havia nela, por trás dos seus olhos, algo de pérfido e de impalpável que me fazia detestá-la: e era talvez por isso mesmo que a amava tanto. Nela, o Feminino, o odioso e enlouquecedor Feminino era mais poderoso que em qualquer outra mulher. Ela era carregada de Feminino, sobrecarregada como que de um fluido embriagador e venenoso. Ela era Mulher, mais do que alguma outra jamais o foi.

«E, repare, quando eu saía com ela não deixava de poisar os seus olhos em todos os homens de uma tal maneira que parecia entregar-se a cada um deles com um simples olhar. Porém, aquilo, que me exasperava, ainda mais me ligava a ela. Aquela criatura, simplesmente ao passar na rua, pertencia a toda a gente, sem eu o querer, sem ela o querer, pela sua própria natureza, e apesar da sua modesta e suave maneira de andar. Está a compreender?

«E que suplício o meu! No teatro, no restaurante, parecia-me que a estavam possuindo diante dos meus olhos. E logo que a deixava sozinha, a verdade é que outros a possuíam efectivamente.

«Há dez anos que não a vejo, e amo-a mais do que nunca!»

A noite espalhara-se sobre a terra. Flutuava no ar um poderoso perfume de laranjeira.

Disse-lhe:

— Vai tornar a vê-la?

Ele respondeu:

— Claro que sim! Agora possuo aqui, quer em terras quer em dinheiro, entre sete e oito mil francos. Quando completar o milhão, vendo tudo e vou-me embora. Tenho que chegue para um ano com ela — um ano inteirinho. E depois, pronto, fecho a porta.

Perguntei:

— E depois?

— Depois não sei. Acaba-se! Se calhar peço-lhe que me contrate como criado de quarto.

(Agosto de 1885)

Salva

A marquesa de Rennedon, pequenina como era, entrou como uma bala que furasse um vidro, e desatou a rir antes de começar a falar, a rir até às lágrimas, como lhe acontecera um mês antes quando anunciara à sua amiga que tinha enganado o marquês para se vingar, apenas para se vingar, e apenas uma vez porque a verdade é que o amante era por demais estúpido e por demais ciumento.

A também baixinha baronesa de Grangerie atirara para cima do sofá o livro que estava a ler e olhava para Annette com curiosidade, e também já a rir-se.

Por fim, perguntou:

— Que é que tu fizeste mais?

— Oh, minha querida... minha querida... A graça que isto tem... tanta graça... Imagina tu que... imagina que estou salva!... salva!... salva!

— Salva como?

— Sim, salva!

— Mas de quê?

— Do meu marido, minha querida, salva! Libertada! Livre! Livre!

— Livre como? Em quê?

— Em quê? No divórcio! Sim, o divórcio! Tenho o divórcio!

— Divorciaste-te?

— Não, ainda não, que burra que tu és! Ninguém se divorcia em três horas! Mas tenho provas... provas... provas de que ele me engana... Um flagrante delito, imagina tu!... Um flagrante delito... Está na minha mão...

— Ah, conta-me dessas! Então ele andava a enganar-te?

— Sim... quer dizer, não... sim e não... Não sei. Enfim, tenho provas, e isso é que é essencial.

— Como é que te arranjaste?

— Como é que me arranjei?... Pois foi! Ah, fui corajosa, tremendamente corajosa. De há três meses para cá ele tornara-se odioso, absolutamente odioso, brutal, grosseiro, déspota, enfim, ignóbil. E eu disse cá para mim: «Isto não pode continuar, preciso do divórcio! Mas como?» Não era fácil. Experimentei fazer com que ele me batesse. Mas ele não quis. Contrariava-me de manhã à noite, obrigava-me a sair quando eu não queria, a ficar em casa quando eu queria jantar fora; tornava-me a vida insuportável a semana inteira de ponta à ponta – mas não me batia.

«Então tratei de saber se ele tinha uma amante. Sim, tinha uma, mas era com mil cautelas que ia a casa dela. Era impossível apanhá-los juntos. Então, adivinha o que eu fiz?»

— Não sou capaz de adivinhar.

— Ah, nunca adivinharias. Pedi ao meu irmão que me arranjasse uma fotografia dessa rapariga.

— Da amante do teu marido?

— Sim. Custou quinze luíses ao Jacques, o preço de uma noite, das sete à meia-noite, incluindo jantar, três luíses à hora. Ainda por cima conseguiu a fotografia.

— Acho que ele teria podido consegui-la por menos utilizando uma artimanha qualquer e sem... sem ser obrigado a ter também o original.

— Ah, ela é bonita! O que não desagradava ao Jacques. E além disso eu precisava de certos pormenores acerca dela, pormenores físicos sobre a sua figura, o peito, o tom da pele, enfim, mil e uma coisas.

— Não estou a entender.

— Já vais ver. Quando fiquei a saber tudo o que desejava, fui visitar um... como dizer... um homem de negócios... sabes... um daqueles homens que fazem negócios de toda a espécie... de qualquer natureza... agentes de... de... de publicidade e de cumplicidade... um daqueles homens... enfim, tu percebes.

— Sim, mais ou menos. E que lhe disseste?

— Disse-lhe, mostrando-lhe a fotografia de Clarisse (ela chama-se Clarisse): «Meu caro senhor, estou a precisar de uma criada de quarto parecida com esta. Quero-a bonita, elegante, esperta, limpa. Pago por ela o que for preciso. Se me custar dez mil francos, paciência. Não precisarei dela mais de três meses.»

«O homem parecia muito espantado. Perguntou: “A senhora pretende alguém irrepreensível?”

«Corei e balbuciei: “Exactamente, em termos de probidade.”

«Ele continuou: “E... quanto a costumes...” Não me atrevi a responder. Apenas fiz um aceno de cabeça que queria dizer: não. Depois, de repente, compreendi que ele tinha uma horrível suspeita, e exclamei, de cabeça perdida: “Oh, meu caro senhor... é para o meu marido... que me anda a enganar... que me engana fora de casa... e eu quero... quero que ele me engane dentro de casa... está a perceber? Para o apanhar...”

«Então o homem desatou a rir. E percebi pelo seu olhar que tinha conquistado a sua estima. Achava-me até muito corajosa. Estava capaz de apostar que naquele momento lhe apetecia apertar-me a mão.

«Disse-me: “Daqui a oito dias, minha senhora, terei aquilo que deseja. E mudaremos de pessoa se for preciso. Responsabilizo-me pelo êxito. Só me paga depois de ficar satisfeita. Então, esta fotografia representa a amante do seu marido?”

«— É ela, caro senhor.

«— Jeitosa, uma daquelas que parecem mais magras que o que são. E quanto a perfume... qual?

«Eu não percebia; repeti: “Qual perfume, que quer o senhor dizer?”

«Ele sorriu: “Sim, minha senhora, o perfume é essencial para seduzir um homem; porque lhe fornece recordações inconscientes que o predispõem para a acção; o perfume estabelece obscuras confusões no seu espírito, perturba-o e enerva-o trazendo-lhe à memória os seus prazeres. Também é preciso tratar de saber o que o senhor seu marido tem o hábito de comer quando janta com esta senhora. Poderia servir-lhe os mesmos pratos na noite em que o apanhar. Ah, minha senhora, temo-lo na mão, pode crer.”

«Vim de lá encantada. Tinha topado com um homem verdadeiramente inteligente.

«Três dias depois apareceu-me em casa uma raparigaça morena, muito bonita, com um ar modesto e atrevido ao mesmo tempo, um particular aspecto de espertalhona. Foi muito correcta a tratar comigo.

Como eu não sabia muito bem quem ela era, tratei-a por “Menina”; e disse-me então: “Ah, minha senhora, pode tratar-me simplesmente por Rose.” E começámos a conversar.

«— Muito bem, Rose, sabe porque é que está aqui?

«— Tenho uma ideia, minha senhora.

«— Pois bem, minha filha... E isso não a... não a incomoda muito?

«— Oh, minha senhora, é o oitavo divórcio que faço; já estou habituada.

«— Então, perfeito. De quanto tempo precisa para ter êxito?

«— Oh, minha senhora, tudo depende inteiramente do temperamento do senhor. Quando eu tiver estado com o senhor cinco minutos a sós, estarei em condições de lhe responder com exactidão.

«— Vai vê-lo daqui a pouco, pequena. Mas previno-a de que ele não é um homem bonito.

«— Isso não me interessa, minha senhora. Já separei alguns muito feios. Mas peço licença para lhe perguntar, minha senhora, se se informou acerca do perfume.

«— Sim, minha boa Rose. É a verbena.

«— Tanto melhor, minha senhora, gosto muito desse aroma! Já agora poderá dizer-me também se a amante do senhor usa roupa interior de seda?

«— Não, minha filha. Usa cambraia com rendas.

«— Ah, então é uma pessoa como deve ser. A roupa interior de seda começa a tornar-se trivial.

«— É bem verdade isso que está a dizer!

«— Bem, minha senhora, vou para o meu serviço.

«Com efeito, pegou imediatamente ao serviço, como se nunca tivesse feito outra coisa na vida.

«Uma hora depois o meu marido voltava para casa. A Rose nem sequer ergueu os olhos para ele, mas ele ergueu os seus para ela. Que já cheirava abundantemente a verbena. Passados cinco minutos ela saiu e ele perguntou-me logo:

«— Quem é aquela rapariga?

«— Ora... é a minha nova criada de quarto.

«— Onde é que a encontrou?

«— Foi a baronesa de Grangerie que ma passou, com as melhores informações.

«— Ah, ela é bem bonita!

«— Acha?

«— Acho... para uma criada de quarto.

«Eu estava encantada. Sentia-o já a morder o isco.

«Nessa mesma noite, dizia-me a Rose: “Agora posso prometer à senhora que não vai demorar mais que quinze dias. O senhor é muito fácil!”

«— Ah, já experimentou?

«— Não, minha senhora; mas vê-se logo à primeira vista. Já sente vontade de me beijar quando passa ao pé de mim.

«— Ele não lhe disse nada?

«— Não, minha senhora; só me perguntou o meu nome... para ouvir o som da minha voz.

«— Muito bem, minha boa Rose. Ande o mais depressa que puder.

«— Oh, a senhora não tem nada a recluir. Eu só resistirei o tempo necessário para não me rebaixar.

«Passados oito dias o meu marido já quase não saía. Via-o cirandar toda a tarde pela casa; e o que o seu caso tinha de mais significativo é que já não me impedia de sair. E eu andava por fora todo o dia... para... para o deixar livre.

«Ao nono dia, estava a Rose a ajudar a despir-me quando me disse com um ar tímido:

«— Está feito, minha senhora. Esta manhã.

«Fiquei um pouco surpreendida, até um nadinha emocionada, não pela coisa em si, mas antes pelo modo como ela me contara. Balbuciei: “E... e... e correu bem?”

«Oh, muito bem, minha senhora. Já há três dias que ele me pressionava, mas eu não queria ir depressa de mais. A senhora terá de me prevenir do momento em que deseja o flagrante delito.

«— Sim, minha filha. Olhe! Vamos escolher quinta-feira.

«— Quinta-feira está bem, minha senhora. Não cederei nada até esse dia para manter o senhor desperto.

«— Tem a certeza de que não vai falhar?

«— Oh, não, minha senhora, tenho a certeza absoluta. Vou incendiar o senhor em grande, de maneira a entregá-lo precisamente à hora que a senhora fará o favor de me indicar.

«— Digamos cinco horas, minha boa Rose.

«— Cinco horas está bem, minha senhora; em que sítio?

«— Ora... no meu quarto.

«— Será então no quarto da senhora.

«Agora, minha querida, estás a perceber o que eu fiz. Comecei por ir ter com o meu pai e com a minha mãe, e depois com o meu tio d’Orvelin, o presidente, e depois com o senhor Raplet, o juiz, amigo do meu marido. Não os preveni do que lhes ia mostrar. Mandei-os entrar todos na ponta dos pés até à porta do meu quarto. Esperei pelas cinco horas, pelas cinco em ponto... Ah, como o meu coração batia... Também mandara subir o porteiro para ter mais uma testemunha. E depois... e depois, no momento em que o relógio começa a bater as horas, zás, abro a porta de par em par... Ah, ah, ah! Aquilo estava em pleno... em pleno, minha querida!... Ah, que cara ele fez!... Se tivesses visto a cara dele!... E achas que ele se virou de costas, aquele imbecil? Ah, que engraçado!... Eu ria, ria... E o meu pai que se zangou, que queria bater no meu marido... E o porteiro, um bom servidor, que o ajudava a vestir-se... à nossa frente... à nossa frente!... Ele a abotoar os suspensórios!... Que engraçado que era!... Quanto à Rose, estava perfeita! Absolutamente perfeita! ... Chorava... chorava optimamente. É uma rapariga preciosa... Se alguma vez precisares dela, não te esqueças!

«E aqui estou eu... Vim logo contar-te a história... imediatamente. Sou livre. Viva o divórcio!...»

E começou a dançar no meio da sala, enquanto a pequena baronesa, sonhadora e contrariada, ia murmurando:

«Porque é que não me convidaste para assistir?»

(Dezembro de 1885)

O Sinal

A pequenina marquesa de Renedon ainda estava a dormir, no seu quarto fechado e perfumado, na sua grande cama mole e baixa, nos seus lençóis acariciadores como um beijo, de cambraia leve, fina como renda; dormia sozinha, sossegada, com o sono feliz e profundo das divorciadas.

Foi despertada por umas vozes que falavam agitadamente na saleta azul. Reconheceu a sua amiga querida, a também baixinha baronesa de Grangerie, que queria entrar e discutia com a criada de quarto que defendia a porta da patroa.

Então a marquesinha levantou-se, correu o ferrolho, deu a volta à chave, ergueu o postigo e mostrou a cabeça, apenas a sua cabeça loira oculta sob uma nuvem de cabelo.

— Que é que te deu — disse ela —, para vires tão cedo? Ainda não são nove horas.

A pequena baronesa, muito pálida, nervosa, febril, respondeu:

— Tenho que falar contigo. Está a acontecer-me uma coisa horrível.

— Entra, querida.

Ela entrou, e beijaram-se; e a marquesinha tornou a deitar-se enquanto a criada de quarto abria as janelas, dando ar e luz ao quarto. Depois, quando a criada de quarto saiu, a senhora de Renedon continuou: «Vá lá, conta.»

A senhora de Grangerie pôs-se a chorar, derramando as suas belas lágrimas claras, que tornam as mulheres mais encantadoras, e balbuciava sem enxugar os olhos para não os pôr vermelhos: «Ah, minha querida, é abominável, abominável, o que está a acontecer-me. Não dormi esta noite nem um minuto sequer; estás a ouvir, nem sequer um minuto. Olha, põe-me aqui a mão no coração, vê como ele bate.»

E, pegando na mão da amiga, poisou-a sobre o peito, sobre aquele redondo e firme invólucro do coração das mulheres, com que muitas vezes os homens se contentam e os dispensa de procurar algo por baixo dele. Efectivamente o coração dela batia com força.

Continuou:

— Aconteceu-me no dia de ontem... por volta das quatro horas... ou quatro e meia. Não sei exactamente. Conheces bem o meu apartamento, sabes que a minha salinha, aquela onde estou sempre, no primeiro andar, dá para a rua Saint-Lazare; e que tenho a mania de me pôr à janela para ver passar as pessoas. É tão alegre, aquele bairro da estação, tão mexido, tão vivo... Enfim, gosto! Ora, ontem, estava eu sentada na cadeira baixa que mandei instalar junto da janela, da janela que estava aberta, e estava sem pensar em nada: só respirava o ar azul. Como te lembras, ontem estava um lindo dia!

«De repente noto que, do outro lado da rua, está também uma mulher à janela, uma mulher vestida de encarnado; eu estava cor de malva, sabes, com aquele meu lindo conjunto cor de malva. Não conhecia aquela mulher, uma nova inquilina, chegada há um mês, nunca a tinha visto ainda. Mas vi imediatamente que se tratava de uma má mulher. A princípio senti-me muito repugnada e chocada por ela estar à janela como eu; e depois, a pouco e pouco, diverti-me a examiná-la. Estava firmada nos

cotovelos e espreitava os homens, e os homens também olhavam para ela, todos ou quase todos. Parecia que eram prevenidos de qualquer coisa quando se aproximavam da casa, que a farejavam como os cães farejam a caça, porque erguiam de repente a cabeça e logo trocavam olhares com ela, olhares de maçonaria. O olhar dela dizia: “Quer?”

«O deles respondia: “Não tenho tempo”, ou então: “Fica para outra vez”, ou ainda: “Não tenho dinheiro”, ou até: “Vê lá se te escondes, miserável!” Os que diziam esta última frase eram os olhares dos pais de família.

«Não fazes ideia de como era engraçado vê-la fazer a sua manobra, ou antes, exercer o seu ofício.

«De vez em quando fechava a janela de repente e eu via um cavalheiro a dar a volta e entrar na porta. Agarrara aquele, do mesmo modo que um pescador à linha apanha um cadoz. Eu começava então a olhar para o relógio. Ficavam entre doze e vinte minutos, nunca mais que isso. No fim de contas, aquela aranha apaixonava-me realmente. Além disso, a rapariga não era feia.

«Perguntava a mim mesma: Como é que ela se arranja para se fazer entender tão bem, tão depressa, tão completamente? Será que acrescenta ao olhar um sinal de cabeça ou um movimento da mão?

«E arrei-me do meu binóculo de teatro para verificar os seus processos. Oh, era muito simples: primeiro uma olhadela, depois um sorriso, a seguir um pequeno gesto com a cabeça que queria dizer: “Vai subir?” Mas tão ao de leve, tão vago, tão discreto, que realmente era preciso ter muita habilidade para o fazer tão bem como ela.

«E perguntava a mim mesma: Seria eu capaz de fazer igualmente bem aquele pequeno gesto de baixo para cima, atrevido e simpático? É que o gesto era mesmo muito amável!

«E fui experimentar diante do espelho. Minha querida, eu fazia-o melhor que ela, muito melhor. Fiquei encantada; e voltei para a janela.

«Ela agora já não pescava ninguém, pobre rapariga, mais ninguém. Realmente não tinha sorte. Na verdade, que terrível deve ser para uma pessoa ganhar o seu pão daquela maneira, por vezes terrível e divertida, porque, enfim, há alguns desses homens que se encontram na rua que não são maus de todo.

«Agora passavam todos no meu passeio e nenhum no dela. O sol mudara. Vinham uns atrás dos outros, jovens, velhos, de cabelo preto, loiro, grisalho, branco.

«Era-me dado ver alguns simpáticos, mesmo muito simpáticos, minha querida, bem melhores que o meu marido, e que o teu – que o teu antigo marido, visto que estás divorciada. Agora podes escolher.

«Dizia cá para mim: Se eu lhes fizesse o sinal, seria que eles me entenderiam, a mim, a mim que sou uma mulher honesta? E eis-me invadida por uma vontade louca de lhes fazer o sinal, mas de uma vontade, de uma vontade de mulher enorme... de uma vontade assustadora, sabes, daquelas vontades... a que não se consegue resistir! São coisas que me acontecem de vez em quando. Não será uma estupidez isto, diz-me lá? Acho que nós, mulheres, temos almas de macacos. De resto, afirmaram-me (foi um médico que mo disse) que o cérebro do macaco se parecia muito com o nosso. Temos sempre que imitar alguém. Imitamos os nossos maridos quando os amamos, no primeiro mês de núpcias, e depois os nossos amantes, as nossas amigas, os nossos confessores, quando são bons. Pegam-nos as suas maneiras de pensar, as maneiras de dizer, as frases, os gestos, tudo. Uma estupidez.

«Enfim, eu, quando me sinto muito tentada a fazer uma coisa, faço-a sempre.

«E então pensei: Ora vejamos, vou experimentar com um, só com um, para ver se resulta. Que é que me pode acontecer? Nada! Trocaremos um sorriso e pronto, nunca mais torno a vê-lo; e se o vir ele não me reconhece; e se me reconhecer eu nego, pois claro.

«E assim começo a escolher. Pretendia um com bom aspecto, com muito bom aspecto. De repente vejo aproximar-se um alto e loiro, um belíssimo rapaz. Como sabes, eu gosto dos loiros.

«Olho para ele. Ele olha para mim. Eu sorrio e ele sorri. Faço o gesto, aí, muito ao de leve, quase não se nota. Ele responde “sim” com um aceno de cabeça e ei-lo que entra, minha querida! Entra pela porta do prédio.

«Serás capaz de imaginar o que se passou em mim naquele momento? Julguei que ia enlouquecer! Ah, que medo! Imagina, ele ia falar aos criados! Ao Joseph, que é tão dedicado ao meu marido! O Joseph iria certamente pensar que eu conhecia aquele senhor há muito tempo.

«Que havia de fazer, diz-me? Que fazer? Ele estava quase a tocar à porta, faltava um segundo. Que havia de fazer, diz-me lá? Pensei que o melhor era correr ao seu encontro, dizer-lhe que estava enganado, rogar-lhe que se fosse embora. Ele haveria de ter piedade de uma mulher, de uma pobre mulher! Então, precipito-me para a porta e abro-a no preciso momento em que ele ia tocar a campainha.

«Balbuciei, completamente aturdida: “Vá-se embora, cavalheiro, vá-se embora, o senhor está enganado, eu sou uma mulher honesta, uma mulher casada. Trata-se de um erro, de um erro pavoroso: tomei-o por um dos meus amigos, com quem o senhor é muito parecido. Tenha piedade de mim, cavalheiro.”

«E então ele desatou a rir, minha querida, e respondeu: “Bom dia, gatinha. Sabes, a tua história conheço-a eu bem. És casada, e portanto são dois luíses em vez de um. Vais tê-los. Vá lá, mostra-me o caminho.”

«E empurra e fecha a porta; e como eu continuava apavorada à frente dele, beija-me, agarra-me pela cintura e faz-me entrar para a sala, que ficara aberta.

«Depois, põe-se a olhar para tudo como se fosse um leiloeiro e continua: “Apre, está-se bem aqui, é mesmo simpático. De certeza que estás mesmo na miséria para te veres obrigada a fazer a janela!”

«Então eu recomeço as minhas súplicas: “Ah, cavalheiro, vá-se embora daqui! Vá-se embora! O meu marido deve estar a chegar! Ele chega daqui a pouco, é a hora de voltar para casa! Juro-lhe que está enganado!”

«Responde-me ele tranquilamente: “Vá lá, beleza, basta de facécias dessas. Se o teu marido voltar para casa eu dou-lhe cem soldos para ele ir beber qualquer coisa ali em frente.”

«Vê em cima da lareira a fotografia do Raoul e pergunta-me:

«— Aquele... aquele é o teu marido?

«— Pois é, é ele.

«— Parece ser um bom malandro. E aquela quem é? Uma amiga tua?

«Era a tua fotografia, minha querida, sabes, aquela em que estás de fato de baile. Eu já não sabia o que dizia, e balbuciei:

«— Sim, é uma amiga minha.

«— É bem simpática. Tens de ma apresentar.

«O relógio desatou a bater cinco horas; e o Raoul volta para casa todos os dias às cinco e meia! Se ele voltasse antes de o outro ter saído, imagina tu! Então... então... perdi a cabeça... perdi completamente... Pensei... pensei que... que o melhor era desembaraçar-me daquele homem... o mais depressa possível... Quanto mais cedo aquilo acabasse... estás a perceber... e... pronto... pronto... já que era preciso... e era mesmo preciso, minha querida... ele não se ia embora sem aquilo... E portanto... portanto... fechei à chave a porta da sala... E pronto.»

A marquesinha de Rennedon desatara a rir, mas a rir loucamente, com a cabeça no travesseiro, fazendo estremecer a cama toda.

Quando se acalmou um pouco, perguntou:

— E... e... e ele era um belo rapaz.

— Pois era, era.

— E ainda te queixas?

— É que... é que... estás a ver, querida, é que... ele disse... ele disse que voltava amanhã... à mesma hora... e eu... e eu tenho um medo horrível... Tu não fazes ideia de como ele é obstinado... e voluntarioso... Que hei-de eu fazer?... Diz-me lá: que hei-de eu fazer?

A marquesinha sentou-se na cama a pensar; e depois declarou de repente:

— Manda-o prender.

A pobre baronesa estava estupefacta. Gaguejou:

— Como? Dizes tu que... Em que é que estás a pensar? Mandá-lo prender? Com que pretexto?

— Ah, é muito simples. Vais ter com o comissário e dizes-lhe que estás a ser seguida por um cavalheiro há três meses; que ontem ele teve a insolência de subir à tua casa, que te ameaçou com uma nova visita para amanhã, e que pedes protecção à lei. Fornecem-te dois agentes que o prendem.

— Mas, minha querida, se ele contar...

— Ora, ninguém acreditará nele, minha pateta, desde que tenhas contado bem a história ao comissário. E vão acreditar em ti, em ti, que és uma irrepreensível senhora da sociedade.

— Ah, nunca serei capaz disso.

— Tens de ser capaz, minha querida, senão estarás perdida.

— Imagina que ele vai... que ele vai insultar-me... quando o prenderem.

— Muito bem, arranjarás testemunhas e farás com que ele seja condenado.

— Condenado a quê?

— A perdas e danos. Neste caso não há que ter piedade!

— Ah, a propósito de perdas e danos... há uma coisa que me incomoda muito... muito mesmo... É que ele deixou-me... dois luíses... em cima da lareira.

— Dois luíses?

— Pois.

— Só isso?

— Só.

— É pouco. Eu cá sentia-me humilhada. E então?

— E então que hei-de fazer daquele dinheiro?

A marquesinha hesitou alguns segundos e depois respondeu com voz grave:

— Minha querida... Tens que dar... tens que dar... um presentinho ao teu marido... É mais do que justo.

(Abril de 1886)

Na Mata

O presidente da Câmara ia sentar-se à mesa para almoçar quando vieram preveni-lo de que o guarda florestal estava à sua espera na Câmara com dois prisioneiros.

Foi imediatamente para lá, e lá estava de facto o seu guarda florestal, o tio Hochedur, de pé, a vigiar com um ar severo um casal de burgueses de meia-idade.

O homem, um fulano gordo de nariz vermelho e cabelos brancos, parecia abatido; ao passo que a mulher, uma mulherzinha endomingada muito roliça, muito gorda, de faces reluzentes, observava com olhos desafiadores o agente da autoridade que os havia detido.

O presidente perguntou:

— Que se passa, tio Hochedur?

O guarda florestal fez o seu depoimento.

Saíra de manhã, à hora habitual, para fazer a sua ronda pelas matas Champioux até aos limites de Argenteuil. Não notara nada de insólito nos campos, a não ser que estava bom tempo e que os trigos estavam a medrar bem, até que o filho dos Bredel, que estava a cavar a sua vinha, gritou:

— Eh!, tio Hochedur, vá ver à beira da mata, no primeiro corte, e lá vai encontrar um casal de pombinhos que, juntos, devem ter cento e trinta anos.

Caminhara na direcção indicada; entrara na densa mata e ouvira palavras e suspiros que o levaram a supor um flagrante delito de maus costumes.

Então, avançando de gatas como se fosse para surpreender um caçador furtivo, dera voz de prisão ao casal ali presente no momento em que se entregava ao seu instinto.

O presidente, estupefacto, encarou os culpados. O homem contava uns bons sessenta anos e a mulher pelo menos cinquenta e cinco.

Iniciou o interrogatório, começando pelo homem, que respondia numa voz tão fraca que mal se ouvia.

— O seu nome?

— Nicolas Beaurain.

— Profissão?

— Retroseiro, rua des Martyrs, em Paris.

— Que estava você a fazer naquela mata?

O capelista ficou mudo, de olhos baixos para a sua grande barriga e de mãos encostadas às coxas.

O presidente insistiu:

— Nega o que o agente da autoridade municipal está a dizer?

— Não, senhor.

— Então confessa?

— Sim, senhor.

— Que tem a alegar em sua defesa?

— Nada, senhor.

— Onde é que encontrou a sua cúmplice?

— Ela é a minha mulher, senhor.

— A sua mulher?

— Sim, senhor.

— Ah... então... vocês não vivem juntos... em Paris?

— Perdão, senhor, nós vivemos juntos!

— Mas... então... você é maluco, completamente maluco, meu caro senhor, vindo deixar-se agarrar assim, em pleno campo, às dez da manhã.

O retroseiro parecia estar prestes a chorar de vergonha. Murmurou:

— Foi ela que quis aquilo! Bem lhe dizia eu que era uma estupidez. Mas quando se mete alguma coisa na cabeça de uma mulher... o senhor sabe como é... não pensa noutra coisa.

O presidente, que gostava do espírito gaulês, sorriu e replicou:

— No vosso caso era o contrário que devia ter acontecido. Vocês não estariam aqui se essa coisa não passasse da cabeça dela.

Então o senhor Beaurain teve uma fúria e gritou virando-se para a mulher:

— Estás a ver o que nos arranjaste com a tua poesia? Estás a ver, onde estamos? E vamos ser levados a tribunal, agora, na nossa idade, por atentado aos costumes! E teremos que fechar a loja, que vender a clientela e mudar de bairro! Estás a ver?

A senhora Beaurain levantou-se e, sem olhar para o marido, explicou-se desembaraçadamente, sem qualquer falso pudor, quase sem hesitação.

— Meu Deus, senhor presidente, eu bem sei que somos ridículos. Se não se importa, deixe-me defender a minha causa como um advogado, ou antes como uma pobre mulher; e espero que nos deixe voltar para casa e nos poupe a vergonha dos processos.

«Em tempos, era eu nova ainda, conheci o senhor Beaurain nesta terra, num domingo. Ele estava empregado numa retrosaria e eu era vendedora numa loja de confecções. Lembro-me como se fosse hoje. Vinha cá passar os domingos de vez em quando, com uma amiga, chamada Rose Levêque, com quem morava na rua Pigalle. A Rose tinha um amiguinho, e eu não. Era ele que nos trazia cá. Um sábado anunciou-me a rir que no dia seguinte me ia trazer um colega dele. Percebi bem o que ele queria, mas respondi que era inútil. Eu era uma rapariga de juízo, senhor.

«Então, no dia seguinte, encontrámo-nos na estação com o senhor Beaurain. Ele era bem apessoado nesse tempo. Mas eu estava decidida a não ceder, e não cedi.

«E assim chegámos a Bezons. Estava um tempo magnífico, daqueles dias que nos fazem cócegas no coração. Eu cá, quando está bom tempo, tanto agora como dantes, fico estúpida como tudo, e quando estou no campo perco a cabeça. A verdura, os passarinhos a cantar, os trigos que ondulam ao vento, as andorinhas que voam tão depressa, o cheirinho a erva, as papoilas, os malmequeres, tudo me põe maluca! É como com o champanhe quando não se está habituado a ele!

«Ora, então estava um tempo magnífico, e suave, e claro, que nos entrava no corpo pelos olhos que viam e pela boca que respirava. A Rose e o Simon beijavam-se de minuto em minuto. Fazia-me uma impressão esquisita vê-los. O senhor Beaurain e eu caminhávamos atrás deles e pouco falávamos. Quando a gente não se conhece não encontra nada para dizer. Tinha um ar tímido, o rapaz, e eu

gostava de o ver embaraçado. E assim chegámos à mata pequena. Estava lá fresquinho como num banho, e toda a gente se sentou no chão. A Rose e o amigo brincavam comigo por causa do meu ar severo; há-de compreender que eu não podia deixar de estar assim. E depois lá voltam eles a beijar-se sem se incomodarem por estarmos nós ali; a seguir puseram-se a falar baixinho; e então levantaram-se e saíram dali por entre a folhagem sem dizerem nada. Pode imaginar a figura de parva que eu estava a fazer, diante daquele rapaz que via pela primeira vez. Sentia-me tão confusa por ver os outros irem-se embora assim, que aquilo deu-me coragem: e desatei a falar. Perguntei-lhe o que fazia: era empregado de capelista, como lhe disse ainda agora. E assim conversámos por alguns momentos; isso encorajou-o e quis tomar umas liberdades, mas eu pu-lo no seu lugar, e ainda inflexível. Não é verdade, senhor Beaurain?»

O senhor Beaurain, que olhava para os pés cheio de embaraço, não respondeu.

Ela continuou:

— Então o rapaz percebeu que eu era uma mulher com juízo, e começou a cortejar-me amavelmente, como um homem decente. A partir daquele dia voltou todos os domingos. Estava muito apaixonado por mim, senhor presidente. E eu também gostava muito dele, mesmo muito! Dantes era um lindo rapaz.

«Em suma, casámos em Setembro e tomámos a nossa loja na rua des Martyrs.

«Durante anos foi duro, senhor presidente. Os negócios não corriam bem; e mal conseguíamos dar-nos ao luxo dos passeios ao campo. Além disso, tínhamos perdido o hábito. Temos outra coisa na cabeça: no comércio pensamos mais na caixa que nos namoros. Envelhecíamos a pouco e pouco, sem darmos por isso, como gente sossegada que éramos e que já quase não pensa no amor. Não temos saudades de uma coisa enquanto não reparamos que nos falta.

«E depois, senhor presidente, os negócios melhoraram, ficámos mais tranquilos quanto ao futuro! E então, está a ver, não sei muito bem o que se passou em mim, não, realmente não sei!

«Pus-me a sonhar como uma colegial. Enchia-me de lágrimas ao ver os carrinhos de flores que andam a puxar pelas ruas. O cheirinho das violetas vinha ter comigo à cadeira onde estava sentada, atrás da caixa, e punha-me o coração a bater! Então levantava-me e vinha até ao limiar da porta para ver o céu azul por entre os telhados. Quando se vê o céu numa rua, aquilo parece um ribeiro, um comprido ribeiro que desce para Paris às curvas; e as andorinhas passam lá dentro como se fossem peixes. É estúpido que se farta, coisas daquelas na minha idade! Que quer o senhor, para quem trabalhou toda a vida chega um momento em que a gente se apercebe de que teria podido fazer outra coisa, e então tem saudades, ah, sim, tem saudades! Imagine que durante vinte anos eu podia ter ido receber beijos nas matas, como as outras, como as outras mulheres. Pensava em como é bom estar deitada debaixo dos ramos das árvores a amar alguém! E pensava nisso todos os dias, todas as noites! Sonhava com clarões de lua sobre a água ao ponto de me apeteecer afogar-me.

«Nos primeiros tempos não me atrevia a falar disto ao senhor Beaurain. Sabia bem que ele iria fazer pouco de mim e me mandaria voltar a vender as minhas linhas e as minhas agulhas! Além disso, a bem dizer, o senhor Beaurain já não me dizia muito; mas, quando me via ao espelho, eu percebia que também já não dizia nada a ninguém!

«E assim decidi-me e propus-lhe um passeio ao campo, à terra onde nos tínhamos conhecido. Ele

aceitou sem desconfiar e eis-nos chegados, esta manhã, por volta das nove.

«Eu senti-me inteiramente virada do avesso quando entrei pelo meio das searas. O coração das mulheres não envelhece! E a verdade é que já não via o meu marido tal como é, mas sim como foi em tempos! Posso jurar-lho, senhor presidente. Verdade verdadinha, estava inebriada. Comecei a beijá-lo: e ele ainda ficou mais admirado que se eu quisesse assassiná-lo. Repetia-me: “Tu estás maluca. Tu estás maluca esta manhã. Que é que te deu?...” Eu não o ouvia, só tinha ouvidos para o meu coração. E fiz com que ele entrasse na mata... E pronto!... Disse a verdade, senhor presidente, toda a verdade.»

O presidente da Câmara era um homem com espírito. Levantou-se, sorriu e disse: «Vá em paz, minha senhora, e não peque mais... debaixo das árvores.»

(Junho de 1886)

A Morta

Amei-a perdidamente! Porque será que amamos? É verdadeiramente estranho ver neste mundo um único ser, ter na mente um único pensamento, no coração um único desejo e na boca um único nome: um nome que incessantemente ocorre, que brota como a água de uma fonte das profundezas da alma, que sobe aos lábios e que dizemos, que repetimos, que incessantemente murmuramos, por toda a parte, como uma oração.

Não vou contar a nossa história. O amor só tem uma história, que é sempre a mesma. Encontrei-a e amei-a. Mais nada. E durante um ano vivi na sua ternura, nos seus braços, na sua carícia, no seu olhar, nas suas roupas, na sua palavra, vivi envolvido, amarrado, aprisionado em tudo o que vinha dela, e tão completamente que já não sabia se era dia ou se era noite, se estava morto ou vivo, na velha pátria ou noutra lugar.

E eis que ela morreu. Como? Não sei, já não sei.

Voltou para casa encharcada numa tarde de chuva, e no dia seguinte começou a tossir. Teve tosse durante cerca de uma semana e ficou de cama.

Que se passou? Já não sei.

Vinham médicos, escreviam, saíam. Traziam remédios e havia uma mulher que lhos dava a beber. Tinha as mãos quentes, a testa húmida e a ferver, o olhar brilhante e triste. Falava com ela, e ela respondia-me. Que dissemos nós um ao outro? Já não sei. Esqueci tudo, tudo, tudo! Ela morreu, lembro-me muito bem do seu pequeno suspiro tão fraco, o último. A enfermeira disse: «Ah!» E eu percebi, percebi!

Não soube mais nada. Nada. Vi um padre que pronunciou esta palavra: «A sua amante.» Achei que estava a insultá-la. Agora que estava morta já ninguém tinha o direito de o saber. Expulsei-o dali. Veio outro que foi muito bom, muito carinhoso. Chorei quando ele me falou dela.

Pediram a minha opinião em mil e uma coisas acerca do enterro. Já não sei. No entanto, recordo-me muito bem do caixão, do ruído das marteladas quando a pregaram lá dentro. Ah, meu Deus!

Foi enterrada! Enterrada! Ela! Naquele buraco! Tinham aparecido algumas pessoas, amigas. Saí dali. Corri. Caminhei demoradamente pelas ruas. E depois voltei para casa. No dia seguinte parti em viagem.

Regressei ontem a Paris.

Quando tornei a ver o quarto, o nosso quarto, a nossa cama, os nossos móveis, toda aquela casa onde permaneceu tudo o que permanece da vida de um ser depois da sua morte, fui assaltado por uma recaída de tristeza tão violenta que estive quase a abrir a janela e a atirar-me para a rua. Como não podia continuar a viver no meio daquelas coisas, daquelas paredes que a tinham cercado, que a tinham abrigado, e que deviam conservar nas suas imperceptíveis fissuras mil átomos dela, da sua carne e do seu alento, peguei no chapéu para sair dali. De repente, no momento em que ia chegar à porta, passei diante do grande espelho do vestíbulo que ela tinha mandado colocar ali para se ver,

dos pés à cabeça, todos os dias à saída, para ver se toda a sua *toilette* era correcta e bonita, desde as botinas ao penteado.

E estaquei diante daquele espelho que tantas vezes a tinha reflectido. Tantas, tantas vezes, que devia ter conservado também a sua imagem.

Estava ali, de pé, fremente, de olhos fitos no vidro, no vidro liso, profundo, vazio, mas que a contivera inteira, que a possuía tanto como eu, tanto como o meu olhar apaixonado. Achei que amava aquele espelho – toquei-lhe –, e estava frio. Oh, a memória, a memória! Espelho doloroso, espelho ardente, espelho vivo, espelho horrível, que faz sofrer todas as torturas! Homens felizes são aqueles cujo coração, como um espelho onde deslizam e se apagam os reflexos, esquece tudo o que conteve, tudo o que passou à sua frente, tudo o que se contemplou, se mirou no seu affecto, no seu amor! Ah, como soffro!

Saí e, sem querer, sem saber, inadvertidamente, encaminhei-me para o cemitério. Encontrei a sua sepultura tão simples, uma cruz de mármore, com estas poucas palavras: «Amou, foi amada, e morreu.»

Ela estava ali, ali por baixo, feita podridão! Que horror! Eu soluçava com a testa apoiada no chão. Fiquei ali muito tempo, muito tempo. Até que me apercebi de que a tarde caía. Então apoderou-se de mim um desejo extravagante, louco, um desejo de amante desesperado. Quis passar a noite junto dela, uma última noite, a chorar sobre a sua sepultura. Mas iriam ver-me e expulsar-me dali. Que fazer? Vali-me de uma astúcia. Levantei-me e pus-me a vaguear naquela cidade dos desaparecidos. Ia andando, andando. Como é pequena esta cidade, comparada com a outra onde vivemos! E, no entanto, como estes mortos são mais numerosos que os vivos... Nós precisamos de casas altas, de ruas, de tanto espaço, para as quatro gerações que vêem a luz do dia ao mesmo tempo, bebem a água das fontes, o vinho dos vinhedos e comem o pão das planícies.

E para todas as gerações dos mortos, para toda a escala da humanidade que desceu até nós, quase nada, um campo, quase nada! A terra toma outra vez conta deles, o olvido apaga-os. Adeus!

Na extremidade do cemitério habitado avistei de repente o cemitério abandonado, aquele em que os velhos defuntos completam a sua mistura com o solo, onde as próprias cruces apodrecem, onde porão amanhã os últimos que chegarem. Está cheio de rosas em liberdade, de ciprestes vigorosos e negros, é um jardim triste e soberbo, alimentado de carne humana.

Eu estava sozinho, bem sozinho. Enrosquei-me numa árvore verde. Escondi-me nela completamente, no meio daqueles ramos frondosos e sombrios.

E pus-me à espera, agarrado ao tronco como um náufrago a um destroço a boiar.

Quando a noite escureceu completamente, abandonei o meu refúgio e comecei a caminhar devagarinho, em passos lentos, em passos pesados, sobre aquela terra cheia de mortos.

Vagueei demoradamente, muito tempo, muito. Não dava com ela. De braços estendidos e olhos abertos, esbarrando nos túmulos com as mãos, com os pés, com os joelhos, com o peito, até com a cabeça, caminhei sem a encontrar. Tacteava, apalpava como um cego que procura o caminho, apalpava pedras, cruces, grades de ferro, coroas de vidro, coroas de flores murchas! Lia os nomes com os dedos, passeando-os sobre as letras. Que noite aquela! Que noite! Não a encontrava!

Não havia qualquer luar. Que noite! Tinha medo, um medo horrível naqueles estreitos carreiros entre duas linhas de campas! Túmulos! Túmulos! Túmulos e mais túmulos! À direita, à esquerda, à minha frente, à minha volta, por toda a parte, túmulos! Sentei-me em cima de uma campa porque já não era capaz de andar mais, porque os meus joelhos fraquejavam. Ouvia o meu coração bater! E ouvia também outra coisa! O quê? Um inominável ruído confuso! Esse ruído viria de dentro da minha cabeça enlouquecida, da noite impenetrável, ou de debaixo da terra misteriosa, da terra semeada de cadáveres humanos? Olhava em redor!

Quanto tempo ali fiquei? Não sei. Estava paralisado de terror, estava embriagado de pavor, quase a gritar, quase a morrer.

E de repente pareceu-me que a laje de mármore onde estava sentado estava a mexer-se. Não havia dúvida, estava a mexer-se, como se a tivessem levantado. Atirei-me de um salto para a campa ao lado e vi, sim, vi a pedra donde acabava de sair erguer-se a direito; e o morto apareceu, um esqueleto nu que a empurrava com as costas dobradas. Via, via muito bem, embora a escuridão da noite fosse profunda. E consegui ler na cruz:

«Aqui repousa Jacques Olivant, falecido com a idade de cinquenta e um anos. Amava os seus, foi honesto e bom, e morreu na paz do Senhor.»

Agora também o morto lia o que estava escrito na sua sepultura. Depois pegou numa pedra do caminho, uma pedrinha aguçada, e começou a raspar as letras cuidadosamente. Apagou-as por completo, lentamente, fitando com os seus olhos vazios o lugar onde anteriormente estavam gravadas; e, com a ponta do osso que tinha sido o seu dedo indicador, escreveu em letras luminosas à maneira daquelas linhas que é costume traçarem nos muros com a ponta de um fósforo:

«Aqui repousa Jacques Olivant, falecido com a idade de cinquenta e um anos. Com os seus actos de dureza apressou a morte do pai, cuja herança cobiçava, torturou a mulher, torturou os filhos, enganou os vizinhos, roubou sempre que pôde e morreu na miséria.»

Quando acabou de escrever, o morto imóvel contemplou a sua obra. E, quando me voltei, vi que todas as sepulturas estavam abertas, que tinham saído de dentro delas todos os cadáveres, que todos tinham apagado as mentiras escritas pelos parentes nas pedras tumulares para nelas restabelecerem a verdade.

E via que todos haviam sido os carrascos dos seus próximos, odientos, desonestos, hipócritas, mentirosos, velhacos, caluniadores, invejosos, via que aqueles bons pais, aquelas esposas fiéis, aqueles filhos dedicados, aquelas castas donzelas, aqueles comerciantes íntegros, aqueles homens e aquelas mulheres irrepreensíveis tinham roubado, enganado, praticado todos os actos vergonhosos, todos os actos abomináveis.

Escreviam todos ao mesmo tempo, no limiar das suas moradas eternas, a cruel, terrível e sagrada verdade que toda a gente ignora ou finge ignorar neste mundo.

Pensei que também *ela* devia ter escrito na sua sepultura. E agora sem medo, correndo pelo meio dos caixões entreabertos, no meio dos cadáveres, no meio dos esqueletos, corri na direcção dela com a certeza de que a encontraria logo.

Reconheci-a de longe, sem lhe ver o rosto embrulhado no sudário.

E na cruz de mármore onde pouco antes lera:

«Amou, foi amada, e morreu»

distingui o seguinte:

«Tendo um dia saído para enganar o amante, apanhou frio e chuva, e morreu.»

Ao que parece, ao nascer do sol, encontraram-me inanimado junto de um túmulo.

(Maio de 1887)

A Baronesa

— Vais poder ver bibelôs interessantes, disse-me o meu amigo Boisrené, vem comigo.

E, assim, levou-me ao primeiro andar de uma bela casa numa grande rua de Paris. Fomos recebidos por um homem de muito boa aparência, perfeito de maneiras, que nos acompanhou de sala em sala mostrando-nos objectos raros cujo preço dizia com ar de desinteresse. Os grandes montantes, dez, vinte, trinta, cinquenta mil francos, saíam-lhe da boca com tal leveza e facilidade que éramos levados a acreditar que o cofre forte daquele negociante da sociedade tinha lá dentro vários milhões.

Eu conhecia-o há muito pela fama que tinha. Muito hábil, muito maleável, muito inteligente, servia de intermediário em toda a espécie de transacções. Relacionado com todos os amadores mais ricos de Paris, e até da Europa e da América, conhecendo-lhes os gostos e as preferências do momento, prevenia-os através de um bilhete ou de um telegrama, se viviam numa cidade distante, logo que sabia da existência de um objecto à venda que pudesse agradar-lhes.

A ele haviam recorrido alguns homens da melhor sociedade nas horas de aperto, quer para obter dinheiro para o jogo, quer para pagar uma dívida, quer para vender um quadro, uma jóia de família, uma tapeçaria, ou mesmo um cavalo ou uma propriedade em dias de crise aguda.

Dizia-se que nunca recusava os seus serviços quando previa uma expectativa de lucro.

Boisrené parecia ser íntimo daquele curioso negociante. Deviam ter estado juntos na conclusão de vários negócios. Quanto a mim, observava aquele homem com muito interesse.

Era alto, esguio, calvo, muito elegante. A sua voz doce, insinuante, possuía um encanto singular, um tentador encanto que conferia às coisas um valor especial. Quando segurava um bibelô entre os seus dedos fazia-o girar uma e mais vezes, olhava-o com tal destreza, agilidade, elegância e simpatia que o objecto parecia imediatamente embelezado, transformado pelo seu toque e pelo seu olhar. E logo lhe atribuíam um preço muito mais caro que o que tinha antes de sair da montra para as suas mãos.

— E o seu Cristo, disse Boisrené, aquele belo Cristo renascença que me mostrou no ano passado?

O homem sorriu e respondeu:

— Foi vendido, e de um modo muito insólito. É uma exemplar história parisiense. Quer que lha conte?

— Sim, claro.

— Conhece a baronesa Samoris?

— Sim e não. Vi-a uma vez, mas sei quem ela é!

— Sabe... sabe mesmo?

— Sei.

— Não se importa de mo dizer, para eu ver se não está enganado?

— Com todo o gosto. A senhora Samoris é uma senhora da sociedade que tem uma filha apesar de nunca ninguém lhe ter conhecido marido. Seja como for, se não teve marido, tem amantes de uma forma discreta, porque é recebida numa certa sociedade tolerante ou cega.

Frequenta a igreja, recebe os sacramentos com recolhimento, de modo a que se saiba, e nunca se

compromete. Espera que a filha venha a fazer um bom casamento. É isto?

— É, mas vou completar os seus elementos de informação:

É uma mulher por conta que se faz respeitar pelos seus amantes mais do que se não dormisse com eles. E esse é um mérito raro; porque, deste modo, consegue-se de um homem o que se quer. Aquele que ela escolher, sem ele dar por isso, faz-lhe a corte durante muito tempo, deseja-a com temor, solicita-a com pudor, consegue-a com espanto e possui-a com consideração. Não se apercebe de que está a pagar-lhe, tal é o tacto com que ela se comporta; e ela mantém as suas relações num tal tom de reserva, de dignidade, de decência, que ao sair da sua cama ele estaria pronto a esbofetear algum homem que suspeitasse da virtude da sua amante. E isto com a melhor boa-fé deste mundo.

Prestei alguns serviços a esta senhora por diversas vezes. E ela não tem segredos para mim.

Ora, nos primeiros dias de Janeiro, ela veio ter comigo para me pedir emprestados trinta mil francos. Não lhos emprestei, evidentemente; mas, como desejava ser-lhe simpático, pedi-lhe que me descrevesse completamente a situação para ver o que poderia fazer por ela.

Contou-me tudo com tais cuidados de linguagem como não teria a contar-me delicadamente a primeira comunhão da sua garotinha. Compreendi por fim que os tempos estavam difíceis e que se encontrava sem um tostão.

A crise comercial, a intranquilidade política que o governo actual parece alimentar sem qualquer justificação, o que se fala da guerra, o mal-estar generalizado haviam tornado o dinheiro hesitante, mesmo nas mãos dos apaixonados. E além disso não podia, como mulher honesta que era, entregar-se ao primeiro que aparecesse.

Precisava de um homem da sociedade, da melhor sociedade, que consolidasse a sua reputação e ao mesmo tempo lhe satisfizesse as necessidades quotidianas. Um pândego qualquer, mesmo muito rico, iria comprometê-la para sempre e tornaria problemático o casamento da filha. Também não podia pensar nas agências galantes, nos intermediários desonrosos, que por algum tempo a poderiam tirar daqueles apuros.

Ora ela tinha de manter os seus criados, que continuar a receber de portas abertas para não perder a esperança de encontrar, por entre os numerosos visitantes, o amigo discreto e distinto por quem esperava e que seria o eleito.

Eu fiz-lhe notar que teria poucas hipóteses de recuperar os meus trinta mil francos: porque, depois de ela os ter devorado, teria que obter de uma só vez pelo menos sessenta mil para me dar metade.

Parecia desolada ao ouvir-me. E eu não sabia o que havia de inventar quando uma ideia, uma ideia verdadeiramente genial, me ocorreu.

Eu tinha acabado de comprar o tal Cristo renascentista que lhe mostrei, uma peça admirável, a mais bela nesse estilo que alguma vez vi.

— Minha cara amiga – disse-lhe eu –, vou mandar entregar em sua casa esta peça de marfim, e a senhora terá de inventar uma história engenhosa, tocante, poética, o que quiser, para explicar o seu desejo de se desfazer dela. Trata-se, bem entendido, de uma recordação de família que herdou do seu pai.

«Quanto a mim, irei enviar-lhe coleccionadores, e até lhos levarei pessoalmente. O resto é consigo. Far-lhe-ei saber na véspera, por um bilhete, qual a situação deles. Esse Cristo vale cinquenta mil

francos; mas eu entrego-o por trinta mil. A diferença será para si.»

Ela reflectiu uns momentos com um ar de profunda meditação e respondeu: «Sim, talvez seja uma boa ideia. Agradeço-lhe muito.»

No dia seguinte tinha mandado entregar em casa dela o meu Cristo, e logo nessa tarde mandava-lhe o barão de Saint-Hospital.

Nos três meses seguintes fiz-lhe chegar clientes, tudo o que tenho de melhor, de melhor posição nas minhas relações de negócios. Mas nunca mais ouvia falar dela.

Ora, uma vez em que recebi a visita de um estrangeiro que falava muito mal francês, decidi-me a apresentá-lo pessoalmente em casa da Samoris, a ver o que acontecia.

Fomos recebidos por um criado todo vestido de preto que nos mandou entrar para uma bonita sala, em tons escuros, mobilada com gosto, onde esperámos alguns minutos. Ela apareceu, encantadora, estendeu-me a mão, mandou-nos sentar e, quando lhe expliquei o motivo da minha visita, tocou a campainha.

O laçao reapareceu.

«Veja se a menina Isabelle nos pode deixar entrar na sua capela.»

Foi a rapariga em pessoa que trouxe a resposta. Tinha quinze anos, um ar modesto e bom, toda a frescura da sua juventude.

Queria conduzir-nos pessoalmente até à sua capela.

Era uma espécie de toucador piedoso onde ardia uma lamparina de prata diante do Cristo, do meu Cristo, deitado num leito de veludo negro. A encenação era encantadora e muito hábil.

Depois de fazer o sinal da cruz a menina disse-nos: «Vejam, meus senhores, não é belo?»

Peguei no objecto, examinei-o e declarei-o notável. O estrangeiro também o examinou, mas parecia muito mais interessado nas duas mulheres que no Cristo.

Cheirava bem na casa delas, cheirava a incenso, a flores e a perfumes. Estava-se bem ali. Era realmente uma casa confortável que convidava a ficar.

Quando voltámos à sala abordei, com reserva e delicadeza, a questão do preço. A senhora Samoris pediu, baixando os olhos, cinquenta mil francos.

Depois acrescentou: «Se desejar tornar a observá-lo, cavalheiro, eu não saio antes das três horas; não é todos os dias que me encontram.»

Chegados à rua, o estrangeiro pediu-me pormenores acerca da baronesa, que tinha achado deliciosa. Mas não tornei a ouvir falar dele nem dela.

Passaram-se três meses.

Uma manhã, aqui há quinze dias, ela veio visitar-me à hora do almoço e, pondo-me uma carteira nas mãos, disse: «Meu caro, você é um anjo. Aqui tem cinquenta mil francos: sou eu que compro o seu Cristo, e pago-lhe por ele mais vinte mil francos que o preço combinado, com a condição de continuar... de continuar a mandar-me clientes... porque ele está ainda à venda... o meu Cristo...

(Maio de 1887)

Os Alfinetes

— Ah, meu caro, como as mulheres são velhacas!

— Porque é que dizes isso?

— É que me pregaram uma partida abominável!

— A ti?

— Sim, a mim.

— As mulheres ou uma mulher?

— Duas mulheres.

— Duas mulheres ao mesmo tempo?

— Sim.

— E que partida foi?

Os dois jovens estavam sentados na esplanada de um grande café do bulevar e bebiam licores misturados com água, daqueles aperitivos que parecem infusões feitas com todas as tonalidades de uma caixa de aguarelas.

Tinham mais ou menos a mesma idade: entre vinte cinco e trinta anos. Um era loiro e o outro moreno. Tinham a semielegância dos corretores, dos que frequentam a Bolsa e os salões, desses que aparecem em toda a parte, vivem em toda a parte, amam em toda a parte. O moreno continuou:

— Eu contei-te, não é verdade, a minha ligação com aquela burguesinha que encontrei na praia de Dieppe.

— Contaste.

— Meu caro, sabes como é. Eu tinha uma amante em Paris, uma mulher de quem gosto imensamente, uma velha amiga, uma boa amiga, enfim, um hábito, e que é importante para mim.

— Esse teu hábito?

— Sim, o hábito e ela. Além disso, é casada com um bom homem, de quem também gosto muito, um bom rapaz muito cordial, um verdadeiro compincha! Enfim, trata-se de um lar onde mora a minha vida.

— E então?

— Bem, eles não podem sair de Paris, e foi assim que me achei viúvo em Dieppe.

— Para que ias tu a Dieppe?

— Para mudar de ares. Não se pode ficar toda a vida no bulevar.

— E então?

— Então encontrei na praia a tal pequena de quem te falei.

— A mulher do chefe de repartição?

— Sim. Ela vivia num grande tédio. De resto, o marido só vinha aos domingos, e é um fulano horrível. Compreendo-a muito bem. E portanto divertimo-nos e dançamos.

— E o resto?

— Sim, sim, mais tarde. Enfim, encontrámo-nos, cada um de nós agradou ao outro, eu disse-lho, ela

obrigou-me a repetir para entender melhor, e não levantou objecções.

— Tu amava-la?

— Sim, um bocadinho; ela é muito simpática.

— E a outra?

— A outra estava em Paris! Enfim, durante seis semanas correu tudo muito bem e quando voltámos para cá a nossa relação era óptima. Sabes tu romper com uma mulher quando não tens nada contra ela?

— Sei muito bem.

— Então como é que fazes?

— Deixo-a.

— Mas como fazes tu para a deixar?

— Deixo de ir a casa dela.

— Mas se ela vier a tua casa?

— Então... não estou.

— E se ela voltar?

— Digo-lhe que estou adoentado.

— E se ela cuidar de ti?

— Faço-me grosseiro com ela.

— E se ela aceitar isso?

— Escrevo cartas anónimas ao marido para ele a vigiar nos dias em que está previsto ela vir ter comigo.

— Isso é grave! Eu cá não tenho resistência. Não sei romper. Colecciono-as. Há umas que só vejo uma vez por ano, outras vejo-as de dez em dez meses, outras na altura de pagar a renda, outras nos dias em que lhes apetece jantar numa tasca. As que espacei não me incomodam, mas muitas vezes vejo-me em dificuldades com as novas, para as manter um pouco à distância.

— Então...

— Então, meu caro, a pequena «ministério» era toda fogo, toda chama, sem nada que se lhe apontasse, como te disse! Como o marido passa os dias inteiros na repartição, ela organizava-se para chegar a minha casa sem avisar. Por duas vezes esteve quase a encontrar-se com a minha «hábito».

— Ó diabo!

— Pois foi. Então atribuí a cada uma os seus dias, dias fixos para evitar confusões. Segunda e sábado para a antiga. Terça, quinta e domingo para a nova.

— Porquê essa preferência?

— Bem, meu caro, esta é mais nova.

— Isso só te dava dois dias de descanso por semana.

— A mim basta-me.

— As minhas felicitações!

— Ora, imagina tu que me aconteceu a história mais ridícula e mais maçadora do mundo. Há quatro meses que tudo estava a correr na perfeição; eu dormia descansado e estava verdadeiramente feliz quando de repente, na segunda-feira passada, estoirou tudo.

«Estava à espera da minha “hábito” à hora fixada, uma e um quarto, a fumar um bom charuto.

«Estava eu devaneando, muito satisfeito comigo, quando reparei que já passava da hora. Fiquei surpreendido, porque ela é muito pontual. Mas acreditei que se tratava de um pequeno atraso accidental. Entretanto passa-se meia hora, depois uma hora, hora e meia, e percebi que ela tinha sido retida por qualquer razão, talvez uma dor de cabeça, ou um importuno. São muito maçadoras estas coisas, isto de estar à espera... inutilmente, muito aborrecidas e enervantes. Por fim, resignei-me, saí, e, sem saber que fazer, fui a casa dela.

«Fui encontrá-la a ler um romance.

«— Então?, disse-lhe eu.

«Ela respondeu tranquilamente:

«— Meu caro, não pude ir, fui impedida.

«— Impedida por quê?

«— Por.... ocupações.

«— Mas que ocupações?

«— Uma visita muito enfadonha.

«Pensei que ela não queria dizer-me a verdadeira razão, e, como estava muito calma, não me preocupei mais. Contava recuperar o tempo perdido, no dia seguinte, com a outra.

«E assim, na terça-feira lá estava eu muito... emocionado e muito apaixonado à espera da pequena “ministério”, e até espantado por ela não chegar antes da hora combinada. Olhava para o relógio a todo o instante seguindo o ponteiro com impaciência.

«Vi o relógio passar o quarto de hora, depois a meia, depois duas horas... Já não me aguentava quieto, andava pelo quarto de um lado para o outro em grandes passadas, colando a testa à janela e o ouvido à porta para ouvir se ela vinha a subir a escada.

«Duas horas e meia, três horas! Pego no chapéu e corro para casa dela. Meu caro, estava a ler um romance!

«— Então?, disse-lhe eu ansiosamente.

«Ela respondeu com a mesma calma da minha “hábito”:

«— Meu caro, não pude ir, fui impedida.

«— Impedida por quê?

«— Por.... ocupações.

«— Mas que ocupações?

«— Uma visita muito enfadonha.

«É claro que supus imediatamente que ela sabia tudo; mas no entanto parecia tão tranquila, tão plácida que acabei por rejeitar a minha suspeita, por acreditar numa estranha coincidência, incapaz de imaginar tal dissimulação da parte dela. E, depois de uma hora de conversa amigável, aliás cortada pelas vinte vezes que a filhinha dela entrou na sala, tive de sair, muito aborrecido.

«E imagina tu que no dia seguinte...

— Aconteceu a mesma coisa?

— Pois foi... e no dia a seguir também. E foi assim durante três semanas, sem uma explicação, sem que nada me decifrasse este comportamento estranho, de cujo segredo, porém, eu suspeitava.

— Elas sabiam tudo?

— Pois claro. Mas como? Ah, que tormentos eu passei até vir a descobrir!

— E como é que acabaste por saber?

— Por cartas. Escreveram-me no mesmo dia e nos mesmos termos despedindo-me definitivamente.

— E...?

— Eis... Sabes, meu caro, que as mulheres trazem sempre consigo um verdadeiro exército de alfinetes. Os ganchos de cabelo conheço-os eu, desconfio deles e tomo cuidado, mas os outros alfinetes são muito mais perversos, esses malditos alfinetes de cabeça preta que a nós, grandes estúpidos, nos parecem ser todos iguais, mas que elas distinguem tão bem como nós distinguimos um cavalo de um cão.

«Ora, parece que um dia a minha pequena “ministério” deixou uma dessas máquinas reveladoras espetada no meu reposteiro, ao pé do espelho.

«A minha “hábito” descobriu no tecido, ao primeiro olhar, aquele pequeno ponto negro da grossura de uma pulga e, sem dizer nada, retirou-o, deixando no mesmo lugar um dos seus alfinetes, também ele preto, mas de modelo diferente.

«No dia seguinte a “ministério” quis recuperar o que lhe pertencia e reconheceu imediatamente a substituição; foi então assaltada por uma suspeita e pôs lá dois, espetados em cruz.

«A “hábito” respondeu a este sinal telegráfico com três bolinhas pretas sobrepostas.

«Uma vez começado este diálogo, continuaram a comunicar, sem falarem uma com a outra, apenas para se espiarem. Depois, parece que a “hábito”, mais atrevida, enrolou na pequena ponta de aço um delgado papel onde tinha escrito: “Posta Restante, bulevar Malesherbes, C.D.”

«Então começaram a escrever-se. Eu estava perdido. Como compreenderás, a coisa levantava algumas dificuldades entre elas. Agiam com cuidado, com mil e uma artimanhas, com toda a prudência necessária num caso como este. Mas a “hábito”, num golpe de audácia, combinou um encontro com a outra.

«O que disseram uma à outra, não sei. Só sei que eu é que paguei as favas dessa conversa. E pronto.

— E acabou-se.

— Pois.

— Já não te encontras com elas.

— Perdão, ainda me encontro com elas como amigo; não rompemos completamente.

— E elas, tornaram a encontrar-se?

— Sim, meu caro, agora são íntimas amigas.

— Ena, ena! Então, e isso não te dá uma ideia?

— Não, o quê?

— Meu grande parvo, a ideia de fazer com que elas espetem os alfinetes ao mesmo tempo!

(Janeiro de 1888)

As Tumulares

Os cinco amigos acabavam de jantar: cinco senhores da sociedade, maduros, ricos, três casados e dois que continuavam solteiros. Reuniam-se assim todos os meses, como recordação da sua juventude, e depois do jantar conversavam até às duas da manhã. Como tinham permanecido amigos e gostavam de estar juntos, provavelmente consideravam estes os melhores serões das suas vidas. Tagarelavam acerca de tudo, acerca de tudo o que ocupa e diverte os parisienses: para eles, como aliás na maioria dos salões, aquilo era uma espécie de recomeço falado da leitura dos jornais da manhã.

Um dos mais joviais era Joseph de Bardon, que era solteiro e vivia a vida parisiense da maneira mais integral e mais fantasista. Não era um debochado nem um depravado, mas um homem curioso, divertido, ainda jovem, visto que tinha apenas quarenta anos. Homem da sociedade no sentido mais lato e mais benevolente que se possa atribuir à palavra, dotado de muito espírito sem grande profundidade, com um saber variado sem verdadeira erudição, de compreensão ágil sem autêntica argúcia, retirava das suas observações, das suas aventuras, de tudo o que via, descobria e encontrava anedotas de romance ao mesmo tempo cómico e filosófico, e notas humorísticas que lhe criavam na cidade uma grande reputação de inteligência.

Era o orador do jantar. Ele tinha sempre a sua história para contar, e todos esperavam por ela. Começou a contá-la sem lho terem pedido.

A fumar e de cotovelos fincados na mesa, com um copo de aguardente meio cheio em frente do prato, entorpecido numa atmosfera de tabaco aromatizada pelo café quente, parecia estar perfeitamente em sua casa, do mesmo modo que certas pessoas estão inteiramente em sua casa em certos momentos e em certos lugares, como uma devota numa capela, como um peixinho vermelho no seu aquário.

E, entre duas baforadas de fumo, disse:

— Aconteceu-me aqui há tempos uma insólita aventura.

Todas as bocas pediram quase ao mesmo tempo: «Conta lá.»

Ele continuou:

— Com todo o gosto. Como sabem, costumo passear muito por Paris, como os amadores de bibelôs que passam revista às montras. Eu estou atento aos espectáculos, às pessoas, a tudo o que passa e a tudo o que se passa.

Ora, em meados de Setembro, com um tempo magnífico, saí de casa uma tarde sem saber para onde. Temos sempre um vago desejo de fazer uma visita a uma mulher bonita qualquer. Cada um escolhe na sua galeria, compara-as entre si em pensamento, avalia o interesse que lhe inspiram, o encantamento que lhe impõem, e acaba por se decidir consoante a atracção do momento. Mas um sol belíssimo e um ar morno acabam muitas vezes por apagar qualquer desejo de visitas.

O sol era belíssimo e o ar morno; acendi um charuto e fui andando estupidamente pelo bulevar exterior. E depois, enquanto ia vagueando, ocorreu-me a ideia de ir até ao cemitério de Montmartre e

de entrar lá.

Gosto muito de cemitérios, é uma coisa que me descansa e me torna melancólico; e preciso disso. Além de que lá dentro há bons amigos, daqueles que não vamos tornar a ver; e eu ainda lá vou de vez em quando.

Precisamente no cemitério de Montmartre tenho uma história de coração, uma amante que muito me tocou, que muito me emocionou, uma encantadora mulherzinha cuja lembrança, ao mesmo tempo que me desgosta imensamente, me faz sentir saudades... saudades de toda a espécie... E vou sonhar junto da sua campa... Para ela tudo acabou.

Por outro lado, também gosto dos cemitérios porque são cidades monstruosas, prodigiosamente habitadas. Pensem na quantidade de mortos naquele pequeno espaço, em todas as gerações de parisienses que ali moram, para sempre, definitivos trogloditas fechados nas suas pequenas cavernas, nos seus pequenos buracos cobertos por uma pedra ou assinalados por uma cruz, enquanto os vivos, esses imbecis, ocupam tanto espaço e fazem tanto barulho.

Para além disso ainda, nos cemitérios há monumentos quase tão interessantes como nos museus. O túmulo de Cavaignac fez-me pensar, confesso, sem o comparar, na conhecida obra-prima de Jean Goujon: o corpo de Louis de Brézé, deitado na capela subterrânea da catedral de Ruão; toda a arte dita moderna e realista veio dali, meus senhores. Aquele morto, Louis de Brézé, é mais verdadeiro, mais terrível, mais feito de carne inanimada, convulsionada ainda pela agonia, que todos os cadáveres atormentados que hoje em dia torturamos nos túmulos.

Mas no cemitério de Montmartre podemos ainda admirar o monumento de Baudin, que tem grandeza; o de Gautier, o de Mürger, onde no outro dia vi apenas uma pobre coroa de perpétuas amarelas, posta lá não sei por quem, talvez pela última conquista, já muito velha e porteira nas redondezas. É uma bonita estátua de Millet, mas destruída pelo abandono e pela imundície. Canta a juventude, ó Mürger!

E então lá vou eu a entrar no cemitério de Montmartre, e de repente impregnado de tristeza, de uma tristeza que aliás não doía muito, uma daquelas tristezas que nos fazem pensar quando estamos de boa saúde: «Este lugar não tem graça nenhuma, mas ainda não chegou a minha hora...»

A sensação do Outono, daquela humidade tépida recendente à morte das folhas e a sol enfraquecido, cansado, anémico, agravava, poetizando-a, o sentimento de solidão e de fim definitivo que flutuava naquele lugar, que cheira à morte dos homens.

Ia caminhando em passos curtos por aquelas ruas de túmulos, onde os vizinhos não se avizinham, já não dormem juntos e já não lêem jornais. E pus-me a ler os epitáfios. Garanto que é a coisa mais divertida do mundo. Nunca Labiche, nunca Meilhac me fizeram rir tanto como a comicidade da prosa tumular. Ah, para rir a bandeiras despregadas são livros superiores aos de Paul de Kock estas placas de mármore e estas cruces onde os parentes dos mortos derramaram as suas saudades, os votos pela felicidade do defunto no outro mundo e a sua esperança de se juntarem a ele – pantomineiros!

Mas no cemitério adoro sobretudo a parte abandonada, solitária, cheia de grandes teixos e ciprestes, velho bairro dos antigos mortos que não tardará a converter-se num bairro novo onde deitarão abaixo as árvores verdes, alimentadas por cadáveres humanos, para alinharem os recentes defuntos debaixo das pequenas bolachas de mármore.

Depois de ter vagueado por ali o tempo suficiente para refrescar o espírito, compreendi que ia entediarme e que tinha de ir prestar junto do último leito da minha amiguinha a fiel homenagem da minha memória. Sentia o coração um pouco apertado ao aproximar-me da sua sepultura. Pobre querida, era tão delicada, e tão amorosa, e tão branca, e tão fresca... e agora... se abrissem aquilo...

Inclinado sobre a grade de ferro disse-lhe baixinho o meu desgosto, que sem dúvida ela não ouviu, e ia-me embora dali quando vi uma mulher de preto, de luto carregado, a ajoelhar-se na campa ao lado. O seu véu de crepe erguido deixava ver uma bonita cabeça loira, cujo cabelo em bandós parecia iluminado por uma claridade de aurora sob a noite que o cobria. Deixei-me ficar.

Era evidente que devia sofrer um grande desgosto. Mergulhara os olhos entre as mãos e, rígida, numa meditação de estátua, estilhaçada nas suas saudades, desfiando na sombra dos olhos ocultos e fechados o rosário torturante das recordações, parecia ela própria ser uma morta a pensar num morto. Depois, de repente, adivinhei que ela ia chorar, adivinhei-o devido a um pequeno movimento das costas semelhante ao estremecer de vento num salgueiro. Primeiro chorou baixinho, depois mais alto, com movimentos rápidos do pescoço e dos ombros. De repente, mostrou os olhos. Estavam cheios de lágrimas e eram encantadores, uns olhos de louca que passeou à sua volta, como quem desperta de um pesadelo. Viu-me a olhar para ela, pareceu envergonhada e escondeu de novo a cara entre as mãos. Então os seus soluços tornaram-se convulsivos, e a cabeça inclinou-se-lhe lentamente para o mármore. Poisou a testa na pedra, e o véu derramando-se à sua volta cobriu as esquinas brancas da sepultura amada, como um novo luto. Ouvi-a gemer, e depois desfaleceu, com a face contra a laje, e ficou imóvel, sem sentidos.

Precipitei-me para ela, dei-lhe pancadinhas nas mãos, soprei-lhe nas pálpebras, ao mesmo tempo que lia o epitáfio muito simples: «Aqui jaz Louis-Théodore Carrel, capitão da infantaria da Marinha, morto pelo inimigo, no Tonquim. Oraí por ele.»

Aquela morte datava de alguns meses antes. Senti-me enternecido até às lágrimas, e redobrei os meus cuidados. Surtiram efeito: ela recuperou os sentidos. Eu tinha um ar muito comovido – não sou mau de todo e não fiz ainda quarenta anos. Compreendi pelo seu primeiro olhar que ela ia mostrar-se cortês e grata. E foi assim, juntamente com mais lágrimas, e a sua história contada, que lhe foi saindo do peito aos pedaços, a morte do oficial abatido no Tonquim ao fim de um ano de casados, depois de a ter desposado por amor, uma vez que, órfã de pai e mãe, tinha apenas o dote regulamentar.

Consolei-a, reconfortei-a, soergui-a, levantei-a. E depois disse-lhe:

— Não fique aqui. Venha.

Ela murmurou:

— Não estou em condições de andar.

— Eu vou ampará-la.

— Obrigada, cavalheiro, é muita bondade sua. O senhor também vinha aqui regularmente chorar um morto?

— Sim, minha senhora.

— Uma morta?

— Sim, minha senhora.

— A sua mulher?

— Uma amiga.

— Cada um pode amar uma amiga tanto como a mulher, a paixão não tem lei.

— Sim, minha senhora.

E lá fomos andando juntos, ela apoiada em mim, eu quase a transportando pelos caminhos do cemitério. À saída, ela murmurou arrasada:

— Acho que vou sentir-me mal.

— Quer entrar num sítio qualquer para tomar qualquer coisa?

— Sim, meu caro senhor.

Lobriguei um restaurante, um desses restaurantes onde os amigos dos mortos vão festejar depois de acabar a estopada. Entrámos. E dei-lhe a beber uma xícara de chá bem quente que pareceu reanimá-la. Assomou-lhe aos lábios um vago sorriso. E falou-me de si. Era tão triste, tão triste estar sozinha na vida, sozinha em casa, de noite e de dia, já não ter ninguém a quem dar afecto, confiança, intimidade.

Tudo aquilo parecia sincero. Era belo na sua boca. Eu começava a enternecer-me. Ela era muito nova, teria talvez vinte anos. Fiz-lhe elogios que ela aceitou muito bem. Depois, como o tempo passava, propus-me levá-la a casa num trem. Ela aceitou; e no fiacre ficámos tão encostados um ao outro, ombro contra ombro, que o calor dos corpos se misturava através das roupas, o que é efectivamente a coisa mais perturbante que há no mundo.

Quando o trem parou junto da casa dela, murmurou: «Sinto-me incapaz de subir a escada sozinha, porque moro no quarto andar. O senhor, que foi tão bom, não se importa de ainda me dar o braço até lá?»

Aceitei logo. Ela subiu lentamente, ofegando muito. Depois, diante da porta, acrescentou:

— Faça o favor de entrar por uns momentos, para eu poder agradecer-lhe.

E eu entrei, pois claro.

A habitação dela era modesta, até um pouco pobre, mas simples e bem arrumada.

Sentámo-nos lado a lado num pequeno sofá, e ela falou-me de novo da sua solidão.

Tocou a chamar a criada para me oferecer qualquer coisa de beber. A criada não veio. Eu estava encantado por supor que aquela criada só devia estar de manhã: o que se chama uma mulher-a-dias.

Ela tirara o chapéu. Era verdadeiramente bonita com os seus olhos claros postos em mim, tão bem fitos, tão claros, que tive uma tentação terrível – e cedi-lhe. Agarrei-a nos meus braços e dei-lhe beijos e mais beijos, e mais ainda, nas pálpebras que de repente se fecharam. Ela debatia-se repelindo-me e repetindo: «Pare... pare... pare com isso.»

Que sentido dava ela a esta palavra? Em casos semelhantes «parar» pode ter pelo menos dois sentidos. Para a calar, passei dos olhos à boca e dei à palavra «parar» a conclusão que preferia. Ela não resistiu muito e, quando tornámos a olhar um para o outro, depois deste ultraje à memória do capitão abatido no Tonquim, ela tinha um ar lânguido, enternecido, resignado, que dissipou as minhas inquietações.

Então fui galante, atencioso e grato. E depois de uma nova conversa de cerca de uma hora, perguntei-lhe:

— Onde é que janta?

— Num restaurantezinho das redondezas.

— Sozinha?

— Pois claro.

— Quer jantar comigo?

— Onde?

— Num bom restaurante do bulevar.

Ela resistiu um pouco. Eu insisti e ela cedeu fornecendo a si mesma este argumento: «Aborreço-me tanto... tanto»; e depois acrescentou: «Tenho que enfiar um vestido um pouco menos escuro.»

E entrou no quarto de dormir.

Quando saiu de lá estava de luto aliviado, encantadora, delicada e esguia, numa *toilette* cinzenta e muito simples. Tinha evidentemente roupa de cemitério e roupa para andar na rua.

O jantar foi muito cordial. Bebeu champanhe, espevitou, animou-se e voltei para casa dela, com ela.

Esta ligação travada por cima das campas durou cerca de três semanas. Mas a gente cansa-se de tudo, e principalmente das mulheres. Deixei-a com o pretexto de uma viagem indispensável. Foi uma partida muito generosa, que ela me agradeceu muito. E obrigou-me a prometer, obrigou-me a jurar que voltaria depois do meu regresso, porque parecia de verdade um pouco apegada a mim.

Corri para outros carinhos, e passou-se cerca de um mês sem que a ideia de tornar a ver aquela pequena apaixonada funerária fosse suficientemente forte para ceder-lhe. No entanto, não a esquecia... A lembrança dela obcecava-me como um mistério... como um problema de psicologia, como uma daquelas questões inexplicáveis cuja solução nos importuna.

Não sei porquê, um dia pensei que podia encontrá-la no cemitério de Montmartre e fui até lá.

Passei por ali longamente sem encontrar ninguém para além dos visitantes habituais daquele lugar, aqueles que ainda não romperam todas as relações com os seus mortos. A sepultura do capitão caído no Tonquim não tinha nenhuma carpideira sobre o seu mármore, nem flores, nem coroas.

Mas como me perdi num outro talhão daquela grande cidade de defuntos, avistei de repente, na extremidade de uma estreita avenida de cruces, caminhando na minha direcção, um casal, ambos, homem e mulher, de luto pesado. Ó espanto! Quando se aproximaram reconheci-a.

Era ela.

Viu-me, corou e, quando nos cruzámos e passei junto dela, fez-me um pequeno sinal, uma olhadela quase imperceptível, que significavam: «Não me reconheça», mas que pareciam dizer também: «Venha ver-me outra vez, meu querido.»

O homem tinha bom aspecto, distinto, elegante, oficial da Legião de Honra, com cerca de cinquenta anos.

E amparava-a, como eu a tinha amparado ao sair do cemitério.

Fui-me embora estupefacto, interrogando-me sobre o que acabava de ver, sem saber a que espécie de seres pertencia aquela sepulcral caçadora. Seria uma simples mulher fácil, uma prostituta inspirada que ia recolher sobre as campas os homens tristes, obsediados por uma mulher, esposa ou amante, e ainda perturbados pela memória das carícias que se foram? Seria um caso único? Haverá várias? Será esta uma profissão? Será que se faz cemitério como se faz passeio? As Tumulares! Ou teria sido apenas ela a ter aquela ideia admirável, de uma filosofia profunda, de explorar a nostalgia

de amor que as pessoas revivem naqueles lugares fúnebres?

E bem gostaria eu de saber de quem ela era viúva naquele dia...

(Janeiro de 1891)

II
CONTOS INQUIETANTES, DE HORROR E DE
MISTÉRIO

Um Drama Verdadeiro

Por vezes o verdadeiro não é verosímil

Dizia eu no outro dia, neste mesmo lugar, que a escola literária de ontem se servia para os seus romances das aventuras ou verdades excepcionais retiradas da vida; ao passo que a escola actual, que apenas se preocupa com a verosimilhança, oferece uma espécie de mediania, acontecimentos vulgares.

E eis que me dão a conhecer toda uma história que ao que parece aconteceu, e que se diria inventada por um qualquer romancista popular ou por um qualquer folhetim delirante.

Em todo o caso, trata-se de uma história impressionante, bem architectada e muito interessante dentro da sua estranheza.

Numa propriedade rural, meio herdade e meio solar, vivia uma família que tinha uma filha que era cortejada por dois jovens, irmãos um do outro.

Estes provinham de uma boa linhagem antiga e viviam juntos numa propriedade próxima.

O preferido foi o mais velho. E o mais novo, de coração transtornado por uma amor tumultuoso, tornou-se sombrio, sonhador, errante. Ou saía de casa dias inteiros ou se fechava no quarto, a ler ou a meditar.

Quanto mais se aproximava a hora do casamento, mas taciturno se tornava.

Cerca de uma semana antes da data fixada, o noivo, que regressava uma noite da sua visita quotidiana à rapariga, foi atingido por um tiro de espingarda à queima-roupa, num recanto de um bosque. Uns camponeses que o encontraram ao nascer do dia levaram o seu corpo para casa. O irmão mergulhou num desespero ardente que durou dois anos. Houve até quem acreditasse que iria fazer-se padre ou matar-se.

Passados esses dois anos de desespero, casou com a noiva do irmão.

Entretanto, não se descobrira o assassino. Não existia qualquer vestígio seguro; e o único objecto revelador era um pedaço de papel meio queimado, negro de pólvora, que servira de bucha à espingarda do matador. Naquele farrapo de papel estavam impressos alguns versos, certamente o fim de uma canção, mas não se conseguiu descobrir o livro donde a folha fora arrancada.

Foi dado como suspeito do assassínio um caçador furtivo de má fama. Foi acusado, preso, interrogado, repetidamente molestado; mas não confessou, e libertaram-no por falta de provas.

Eis a história deste drama. Parece que lemos um horrível romance de aventuras. Está tudo aqui: o amor dos dois irmãos, o ciúme de um, a morte do preferido, o crime num recanto de uma mata, a justiça despistada, o acusado posto em liberdade, e o ténue fio que ficou nas mãos dos juizes, aquele pedacinho de papel enegrecido de pólvora.

E agora passam-se vinte anos. O irmão mais novo, casado, está feliz, é rico e considerado. Tem três filhas. Uma delas vai também casar-se. Casa com o filho de um antigo magistrado, um dos que

intervieram no caso por ocasião do assassinio do irmão mais velho.

E eis que se realiza o casamento, um grande casamento do campo, uma boda. Os dois pais apertam as mãos, os jovens estão felizes. O jantar é na comprida sala do solar; bebem, dizem piadas, riem, e, à sobremesa, há alguém que propõe que se cantem canções como era costume antigamente.

A ideia agrada, e todos cantam.

Quando chega a sua vez, o pai da noiva rebusca na memória velhas cantigas que dantes cantarolava, e a pouco e pouco lá as vai recuperando.

Provocam o riso, e toda a gente aplaude; ele continua e entoa a última. Quando acaba, o seu vizinho magistrado pergunta-lhe: «Aonde diabo foi você buscar essa canção? Eu conheço os últimos versos. Acho até que estão ligados a um acontecimento grave qualquer da minha vida, mas já não sei ao certo; estou a perder um pouco a memória.»

E, no dia seguinte, os recém-casados partem para a sua viagem de núpcias.

Entretanto, a obsessão das recordações indecisas, aquela coceira constante de encontrar uma coisa que persistentemente nos escapa, atormentava o pai do jovem noivo. Estava sempre a cantarolar o estribilho que o amigo tinha cantado e continuava sem descobrir a origem daqueles versos, que no entanto sabia ter gravados há muito na cabeça, como se tivesse sentido um forte interesse em não os esquecer.

Passam-se mais dois anos. E eis que um dia, ao folhear uns papéis velhos, encontra, por ele copiadas, aquelas rimas que tanto procurara.

Eram os versos que haviam permanecido legíveis na bucha da espingarda usada em tempos para o assassinio.

Então recomeça o inquérito sozinho. Interroga com argúcia e revista os móveis do amigo, tanto e tão bem que encontra o livro donde fora arrancada a folha.

É naquele coração de pai que se passa agora o drama. O filho é genro daquele de quem tão violentamente suspeita; mas, se aquele de quem suspeita é culpado, matou o irmão para lhe roubar a noiva! Haverá crime mais monstruoso?

O magistrado vence o pai. Reabre-se o processo. O verdadeiro assassino é efectivamente o irmão. Que é condenado.

Eis os factos que me relatam. Dizem-nos verdadeiros. Poderíamos nós utilizá-los num livro sem parecer estarmos a imitar servilmente os senhores de Montépin e du Boisgobey?

Portanto, tanto em literatura como na vida, o axioma segundo o qual «nem toda a verdade serve para se contar» parece-me perfeitamente aplicável.

Apoio-me neste exemplo, que me parece impressionante. Um romance feito com estes dados deixaria todos os leitores incrédulos e revoltaria todos os verdadeiros artistas.

(Agosto de 1882)

Um Parricídio

O advogado invocara a demência. Como poderia explicar-se aquele estranho crime?

Uma manhã tinham sido encontrados nos canaviais, perto de Chatou, dois cadáveres abraçados, uma mulher e um homem, dois mundanos conhecidos, ricos, e além disso jovens e só com um ano de casados, sendo a mulher viúva apenas há três anos.

Não se lhes conheciam inimigos, não haviam sido roubados. Tudo indicava que tinham sido atirados da arriba para a água, depois de espancados um e outro com uma comprida vara de ferro.

O inquérito não conduzia a qualquer descoberta. Os barqueiros interrogados não sabiam de nada, e já iam deixar cair o caso quando um jovem marceneiro de uma aldeia próxima, chamado Georges Louis, a quem chamavam O Burguês, veio entregar-se à prisão.

A todas as perguntas não respondeu mais que isto:

— Conhecia o homem há dois anos e a mulher há seis meses. Vinham muitas vezes entregar-me móveis antigos para reparar, porque eu sei do meu officio.

E quando lhe perguntavam:

— E porque é que os matou?

respondia teimosamente:

— Matei-os porque quis matá-los.

Não lhe arrancaram mais nada.

Aquele homem era na verdade um filho de pai incógnito, outrora entregue a uma ama da região e depois abandonado. Não tinha outro nome além de Georges Louis, mas como, quando cresceu, se verificou ser extraordinariamente inteligente, com gostos e requintes inatos que os colegas não possuíam, alcunharam-no de «o Burguês»; e já não o tratavam por outro nome. Passava por ser notavelmente destro no officio de marceneiro que escolhera. Até praticava um pouco de escultura em madeira. Diziam-no também muito exaltado, partidário das doutrinas comunistas, e até niilistas, grande leitor de romances de aventuras, de romances com dramas sangrentos, eleitor influente e hábil orador nas reuniões públicas de operários e camponeses.

O advogado invocara a demência.

Efectivamente, como poderia admitir-se que aquele operário tivesse assassinado os seus melhores clientes, clientes ricos e generosos (ele reconhecia isso) que nos dois últimos anos lhe haviam encomendado trabalho no montante de uns três mil francos (o que era atestado pelos seus registos)? Só havia uma explicação: a loucura, a ideia fixa de um excluído que se vingava em dois burgueses de todos os burgueses. O advogado fez uma habilidosa alusão àquela alcunha de «o Burguês» que ali na terra tinham posto àquele enjeitado; e exclamava:

— Não será uma ironia, e uma ironia que podia exaltar ainda mais este infeliz rapaz sem pai nem mãe? Ele é um ardente republicano. Que digo eu?, ele pertence até àquele partido político que a República ainda há pouco fuzilava e deportava e que hoje acolhe de braços abertos, àquele partido

para o qual o incêndio é um princípio e o assassinio um meio muito simples.

«Estas tristes doutrinas, agora aclamadas nas reuniões públicas, perderam este homem. Ele ouviu republicanos, e até mulheres, sim, mulheres!, pedir o sangue do senhor Gambetta, o sangue do senhor Grévy; o seu espírito doente soçobrou: quis sangue, quis sangue de burguês!

«Não é ele que devemos condenar, meus senhores, é a Comuna!

Correram murmúrios de aprovação pela sala. Sentia-se claramente que a causa estava ganha pelo advogado. O ministério público não replicou.

Então o juiz-presidente colocou ao réu a pergunta habitual:

— Tem algo a acrescentar em sua defesa?

O homem levantou-se.

Era de baixa estatura, loiro cor de linho, com olhos cinzentos, fixos e claros. Uma voz forte, franca e sonora saía daquele débil rapaz e mudava de repente, às primeiras palavras, a opinião que a seu respeito se formara.

Falou em voz sonora, num tom declamatório, mas tão nítido que as suas mínimas palavras se faziam ouvir até ao fundo da grande sala:

— Meritíssimo juiz-presidente, como não quero ir para um manicómio, e prefiro até a guilhotina, vou contar-lhe tudo.

Matei aquele homem e aquela mulher porque eram meus pais.

Agora, oiça-me e julgue-me.

Uma mulher, depois de ter dado à luz um filho, colocou-o algures numa ama. Mal soube sequer para que região o seu cúmplice levou o pequeno ser inocente, inocente mas condenado à miséria eterna, à vergonha de um nascimento ilegítimo, pior, à morte, visto que o enjeitaram e a ama, como deixou de receber a pensão mensal, podia, como muitas vezes fazem, deixá-lo definhando, passar fome, morrer de abandono.

A mulher que me dava o seu leite foi honesta, mais honesta, mais mulher, de maior estatura moral e mais mãe que a minha mãe. Criou-me. Fez mal ao cumprir o seu dever. Mais vale deixar morrer estes miseráveis atirados para as aldeias dos subúrbios, como quem atira para a rua uma imundície.

Cresci com a impressão vaga de que transportava comigo uma desonra. As outras crianças chamaram-me um dia «bastardo». Não sabiam o significado desta palavra, que uma delas ouvira em casa dos pais; e eu também não a conhecia, mas senti-o.

Eu era, posso afirmá-lo, um dos mais inteligentes da escola, e teria sido um homem honesto, meu presidente, porventura um homem superior, se os meus pais não tivessem cometido o crime de me abandonar.

Este crime, foi contra mim que foi cometido. Eu fui a vítima, eles foram os culpados. Eu não tinha defesa e eles não tiveram piedade. Deviam amar-me e rejeitaram-me.

Devia-lhes a vida – mas a vida será um presente? A minha, em todo o caso, era tão somente uma desventura. Depois do vergonhoso abandono que cometeram eu já não lhes devia outra coisa que não fosse a vingança. Eles praticaram contra mim o acto mais desumano, mais infame, mais monstruoso que se pode praticar contra uma pessoa.

Um homem insultado bate; um homem roubado recupera o que lhe pertence pela força. Um homem

enganado, burlado, martirizado, mata; um homem esbofeteado mata; um homem desonrado mata. Eu fui mais roubado, enganado, martirizado, esbofeteado moralmente, desonrado, que todos aqueles cuja cólera absolveis.

Eu vinguei-me, matei. Era meu legítimo direito fazê-lo. Tirei-lhes a vida feliz que levavam em troca da vida horrível que me tinham imposto.

Vão falar de parricídio! Mas eram eles meus pais, aquelas pessoas para quem fui um fardo abominável, um pavor, uma nódoa infamante, para quem o meu nascimento representou uma calamidade e a minha vida uma ameaça de vergonha? Eles procuravam um prazer egoísta e tiveram um filho imprevisto. Suprimiram o filho. Chegou a minha vez de lhes fazer o mesmo a eles.

E, no entanto, ainda recentemente eu estava pronto a amá-los.

Foi há dois anos que, como lhe disse, o homem, o meu pai, veio a minha casa pela primeira vez. Eu não suspeitava de nada. Encomendou-me dois móveis. Tinha-se informado, vim a sabê-lo mais tarde, junto do prior, a coberto do sigilo, é claro.

Tornou a aparecer com frequência; encomendava-me trabalho e pagava bem. Às vezes conversava até sobre isto e aquilo. Eu sentia-me afeiçoado a ele.

No princípio deste ano trouxe a mulher, a minha mãe. Quando entrou tremia tanto que julguei que ela sofria de uma doença nervosa. Depois pediu para se sentar e um copo de água. Não disse nada: observou os meus móveis com um olhar esgazeado e só respondia sim e não, a torto e a direito, a todas as perguntas que ele lhe fazia! Quando se foi embora achei que ela não regulava bem do juízo.

Voltou no mês seguinte. Estava calma, senhora de si. Nesse dia ficaram muito tempo na conversa e fizeram-me uma grande encomenda. Tornei a vê-la ainda mais três vezes, sem adivinhar nada; mas um dia ela puxou a conversa para a minha vida, a minha infância, os meus pais. Eu respondi: «Os meus pais, minha senhora, eram uns miseráveis que me abandonaram!» Então ela levou a mão ao coração e caiu sem sentidos. Pensei imediatamente: «É a minha mãe!», mas evitei cuidadosamente mostrar o que adivinhara. Queria saber o que ela pretendia.

Por exemplo, procurei também informar-me. Vim a saber que só se tinham casado no mês de Julho anterior, porque a minha mãe só enviudara três anos antes. Correria o boato de que tinham sido amantes enquanto o primeiro marido era vivo, mas não havia qualquer prova disso. A prova era eu, a prova que de início tinham ocultado, e que depois quiseram destruir.

Esperei. Ela reapareceu uma tarde, sempre acompanhada pelo meu pai. Nesse dia parecia muito emocionada, não sei porquê. Além disso, quando ia a sair, disse-me: «Eu quero-lhe bem, porque você parece ser um bom rapaz e trabalhador; como certamente há-de pensar em casar-se qualquer dia, venho ajudá-lo a escolher livremente a mulher que lhe convier. Eu fui em tempos casada contrariando o meu coração, e sei como isso faz sofrer. Agora sou rica, sem filhos, livre, senhora da minha fortuna. Tem aqui o seu dote.»

Estendeu-me um grande sobrescrito lacrado.

Olhei para ela fixamente e disse-lhe: «A senhora é a minha mãe!»

Ela recuou três passos e escondeu os olhos com a mão para não me ver. Ele, o homem, o meu pai, amparou-a nos braços e gritou-me: «Você é doido!»

Respondi: «Nem por sombras. Sei bem que os senhores são os meus pais. Não me enganam assim.

Confessem, e eu guardarei o vosso segredo. Não vos ficarei a querer mal por causa disso: continuarei a ser o que sou, um marceneiro.»

Ele recuava para a saída, continuando a amparar a mulher, que começara a soluçar. Corri a fechar a porta, meti a chave no bolso e continuei: «Pois olhe para ela e negue outra vez que é a minha mãe.»

Então ele exaltou-se, fez-se muito pálido, assustado pela ideia de que o escândalo que tinham evitado até então pudesse estalar de repente, de que a sua situação, a sua reputação, a sua honra estivessem perdidas de um momento para o outro; balbuciava: «Você é um canalha que quer o nosso dinheiro. Ora faça bem ao povo, a esses campônios, ajude-os, acuda-lhes!»

A minha mãe, de cabeça perdida, repetia ininterruptamente: «Vamos embora, vamos embora.»

Então, como a porta estava fechada, ele gritou: «Se não abrir a porta imediatamente faço com que o metam na prisão por chantagem e violência!»

Eu permanecera calmo; abri a porta e vi-os mergulhar na sombra.

Achei então de repente que acabava de ficar órfão, que acabava de ser abandonado, atirado para a valeta. Senti-me invadido por uma pavorosa tristeza, misturada com cólera, ódio, nojo; era como que uma revolta de todo o meu ser, uma revolta da justiça, da rectidão, da honra, do afecto rejeitado. Desatei a correr atrás deles ao longo do Sena pelo caminho que tinham de percorrer até à estação de Chatou.

Não tardei a apanhá-los. A noite caíra, escura como breu. Caminhava em bicos dos pés sobre a erva, de modo a que não me ouvissem. A minha mãe continuava a chorar. O meu pai dizia: «A culpa é sua. Porque é que insistiu em vê-lo? Era uma loucura na nossa posição. Tínhamos podido ajudá-lo de longe, sem aparecer. Se não podíamos reconhecê-lo como filho, para que serviam aquelas perigosas visitas?»

Então corri e pus-me diante deles, suplicante. Balbuciei: «Bem sabem que são os meus pais. Já me rejeitaram um vez, vão repelir-me de novo?»

Então, meritíssimo juiz-presidente, ele ergueu a mão para mim, juro pela minha honra, pela lei, pela República. Bateu-me e, quando eu o agarrei pelo colete, puxou de um revólver.

Perdi a cabeça, já nem sei, e tinha o meu compasso no bolso: e bati-lhe, bati o mais que pude.

Então ela desatou aos gritos: «Socorro! Assassino!», puxando-me pela barba. Acho que a matei também. Sei lá o que fiz naqueles momentos!

A seguir, quando os vi aos dois no chão, atirei-os ao Sena, sem pensar.

Aqui tem. – Agora julgue-me.

O réu tornou a sentar-se. Perante esta revelação, o caso foi adiado para a sessão seguinte. Será julgado em breve. Se fôssemos jurados, que faríamos nós deste parricida?

(Setembro de 1882)

O Medo

A J. K. Huysmans

Voltámos para a ponte depois do almoço. À nossa frente o Mediterrâneo não apresentava qualquer sinal de ondulação em toda a sua superfície, onde se reflectia uma grande lua calma. O grande barco deslizava, lançando para o céu que parecia semeado de estrelas uma grossa serpente de fumo negro; e, atrás de nós, a água branquíssima, agitada pela passagem rápida do pesado navio, batida pela hélice, espumava, parecia torcer-se, movia tantas claridades que dir-se-ia luar a ferver.

Ali estávamos nós, seis ou oito, em silêncio, em contemplação, de olhos postos na distante África para onde nos dirigíamos. O comandante, que fumava um charuto connosco, retomou de repente a conversa do jantar.

— Sim, naquele dia tive medo. O meu navio ficou seis horas com aquele rochedo encostado ao casco, batido pelo mar. Felizmente fomos recolhidos, para a tarde, por um navio de transporte de carvão que nos viu.

Então um homenzarrão de rosto tisonado, com um aspecto grave, um daqueles homens que sentimos que atravessaram longínquos países desconhecidos por entre perigos incessantes, e cujo olhar tranquilo parece conservar no fundo de si algo das paisagens estranhas que viu — um desses homens temperados pela coragem, falou pela primeira vez:

— Diz o senhor, comandante, que teve medo; não acredito. Está enganado na palavra e na sensação que experimentou. Um homem enérgico nunca tem medo diante do perigo iminente. Fica emocionado, agitado, ansioso; mas o medo é outra coisa.

O comandante replicou, rindo:

— Caramba! Pode estar certo de que eu cá tive medo!

Então o homem de tez bronzeada disse numa voz lenta:

— Permita-me que me explique! O medo (e os homens mais destemidos podem ter medo) é algo de assustador, uma sensação atroz, como que uma decomposição da alma, um espasmo horroroso do pensamento e do coração, e basta a sua lembrança para provocar calafrios de angústia. Mas a quem é corajoso tal não acontece perante um ataque, nem perante a morte inevitável, nem perante todas as formas conhecidas do perigo: acontece em certas circunstâncias anormais, sob certas influências misteriosas, diante de riscos vagos. O verdadeiro medo é algo como uma reminiscência dos terrores fantásticos de outrora. Um homem que acredita em fantasmas e que imagina lobrigar um espectro no meio da noite há-de sentir o medo em todo o seu pavoroso horror.

Eu cá adivinhei o medo em pleno dia, há cerca de dez anos. E tornei a senti-lo no Inverno passado, numa noite de Dezembro.

E olhem que passei por muitos imprevistos, por muitas aventuras que pareciam mortais. Bati-me várias vezes. Fui abandonado como morto pelos ladrões. Na América fui condenado, como insurrecto, a ser enforcado, e atirado ao mar da ponte de um navio nas costas da China. Sempre que

me julguei perdido resignei-me, sem me enternecer e até sem nostalgia.

Mas o medo não é isso.

Pressenti-o em África. E, no entanto, ele é filho do Norte: o sol dissipa-o como a um nevoeiro. Reparem bem nisto, meus senhores. Para os Orientais a vida não conta para nada; resignam-se imediatamente; as noites são claras e vazias de lendas, as almas igualmente vazias das inquietações sombrias que perseguem os cérebros nos países frios. No Oriente pode conhecer-se o pânico, mas ignora-se o medo.

Pois bem, vejam o que me aconteceu naquela terra de África:

Ia a atravessar as grandes dunas a sul de Uargla. É uma das mais estranhas regiões do mundo. Sabem o que é a areia lisa, a areia plana das intermináveis praias do oceano. Ora bem, imaginem o próprio oceano feito areia no meio de um furacão; imaginem uma tempestade silenciosa de vagas imóveis em pó amarelo. São altas como montanhas, essas vagas, desiguais, diferentes umas das outras, todas erguidas como ondas na rebentação, mas maiores ainda, e estriadas como um reflexo ondedado. Sobre aquele mar furioso, mudo e sem movimento, o sol devorador do Sul derrama a sua chama implacável e directa. É preciso transpor essas lâminas de cinza dourada, tornar a descer, trepar outra vez, trepar constantemente, sem descanso e sem sombra. Os cavalos protestam, enterram-se até aos joelhos e deslizam descendo velozes a outra encosta das surpreendentes colinas.

Éramos dois amigos seguidos de oito cipaios e de quatro camelos com os seus tratadores. Já não falávamos, esmagados pelo calor, pelo cansaço, e tão ressequidos de sede como aquele deserto ardente. De súbito, um daqueles homens soltou uma espécie de grito; todos pararam e ficámos imóveis, surpreendidos por um inexplicável fenómeno conhecido dos viajantes naquelas regiões perdidas.

Algures, perto de nós, numa direcção indeterminada, rufava um tambor, o misterioso tambor das dunas; rufava distintamente, ora mais vibrante, ora mais fraco, parando e depois recomeçando o seu rufar fantástico.

Os árabes, apavorados, olhavam uns para os outros; e um deles disse na sua língua: «A morte está sobre nós.» E eis que de repente o meu companheiro, o meu amigo, quase meu irmão, caiu do cavalo, de cabeça para a frente, fulminado por uma insolação.

E durante duas horas, enquanto eu tentava em vão salvá-lo, aquele tambor inexplicável enchia-me os ouvidos com o seu ruído monótono, intermitente e incompreensível; e sentia insinuar-se-me nos ossos o medo, o verdadeiro medo, o medo hediondo, diante daquele cadáver amado, naquele buraco incendiado pelo sol entre quatro montes de areia, enquanto o eco desconhecido lançava sobre nós, a duzentas léguas de qualquer aldeia francesa, o rufar rápido do tambor.

Nesse dia compreendi o que era ter medo; e soube-o melhor ainda noutra ocasião...

O comandante interrompeu o narrador:

— Desculpe, caro senhor, mas o tambor? Que era aquilo?

O passageiro respondeu:

— Não sei. Ninguém sabe. Os oficiais, muitas vezes surpreendidos por aquele ruído insólito, atribuem-no geralmente ao eco, engrossado, multiplicado, desmesuradamente ampliado pela disposição das dunas em vales, de uma saraiva de grãos de areia arrastados pelo vento e esbarrando

num tufo de ervas secas; é que sempre se verificou que o fenómeno acontece na proximidade de pequenas plantas queimadas pelo sol e duras como pergaminho.

Aquele tambor, portanto, não passaria de uma espécie de miragem do som. E é tudo. Mas só mais tarde vim a saber isso.

Chego à minha segunda emoção.

Foi no Inverno passado, numa floresta do Nordeste da França. A noite chegou duas horas mais cedo, de tal modo o céu escureceu. Tinha como guia um camponês que caminhava a meu lado, por um estreito caminho, sob uma abóbada de abetos a que o vento desenfreado arrancava uivos. Lá no alto via as nuvens correndo desordenadamente, nuvens desvairadas que pareciam fugir de algo pavoroso. Por vezes, sob uma rajada imensa, toda a floresta se inclinava no mesmo sentido com um gemido de sofrimento; e o frio invadia-me, apesar dos meus passos rápidos e da roupa pesada.

Íamos ceiar e dormir em casa de um guarda florestal, que já não estava longe. Ia lá para caçar.

Por vezes o meu guia erguia os olhos e murmurava: «Triste tempo!» Depois falou-me das pessoas que íamos visitar. O pai matara um caçador furtivo dois anos antes, e desde então parecia taciturno, como que perseguido por uma recordação. Os dois filhos, casados, viviam com ele.

As trevas eram profundas. Não via nada à minha frente, nem à minha volta, e toda a ramaria das árvores que se entrechocavam enchia a noite de um incessante rumor. Por fim, avistei uma luz, e logo a seguir o meu companheiro bateu a uma porta. Responderam-nos gritos agudos de mulheres. Depois uma voz de homem, uma voz abafada, perguntou: «Quem vem lá?» O meu guia disse o seu nome. Entrámos. Surgiu-nos um quadro inesquecível.

Um velho de cabelos brancos, de olhos esgazeados, com a espingarda carregada na mão, esperava-nos de pé no meio da cozinha, enquanto dois rapagões altos, armados de machados, guardavam a porta. Lobriguei nos cantos escuros duas mulheres de joelhos, escondendo os rostos contra a parede.

Apresentámo-nos. O velho tornou a encostar a arma à parede e mandou que preparassem o meu quarto; depois, como as mulheres não se mexiam, disse-me bruscamente:

— Está a ver, cavalheiro, matei um homem faz esta noite dois anos. No ano passado ele voltou e chamou por mim. Esta noite estou outra vez à espera dele.

Depois acrescentou num tom que me fez sorrir:

— Por isso não estamos sossegados.

Tranquelizei-o como pude, feliz por ter vindo justamente naquela noite e por assistir ao espectáculo daquele terror supersticioso. Pus-me a contar histórias e quase consegui acalmar toda a gente.

Junto da lareira, um velho cão quase cego e de grandes bigodes, um daqueles cães que se parecem com pessoas que conhecemos, dormia com o nariz entre as patas.

Lá fora, o temporal insistente açoitava a pequena casa, e por uma estreita vidraça, uma espécie de buraco junto da porta, via de repente uma confusão de árvores batidas pelo vento sob o clarão de grandes relâmpagos.

Apesar dos meus esforços, bem sentia que um profundo terror se apossara daquelas pessoas; e, de cada vez que parava de falar, todos os ouvidos se punham à escuta ao longe. Cansado de assistir a estes receios imbecis, ia pedir para me ir deitar quando o velho guarda deu de repente um salto na cadeira, agarrou outra vez na espingarda, gaguejando numa voz alucinada: «Aí está ele! Aí está ele!

Estou a ouvi-lo!» As duas mulheres tornaram a cair de joelhos nos seus cantos, escondendo o rosto; e os filhos tornaram a pegar nos machados. Ia tentar acalmá-los outra vez quando o cão adormecido despertou repentinamente e, levantando a cabeça, esticando o pescoço, fitando o fogo com os seus olhos quase apagados, soltou um daqueles lúgubres uivos que fazem estremecer os viajantes, à noite, no campo. Todos os olhos se voltaram para ele, que permanecia agora imóvel, erguido sobre as patas como que perseguido por uma visão, e que tornou a uivar na direcção de algo invisível, desconhecido, certamente horrendo, porque todo o pêlo se lhe eriçava. O guarda, lívido, gritou: «Ele sente-lhe o cheiro! Ele sente-lhe o cheiro! Estava ali quando o matei.» E as mulheres desvairadas puseram-se ambas a uivar com o cão.

Sem querer, senti um grande calafrio entre os ombros. Aquela visão do animal naquele lugar, àquela hora, no meio daquelas pessoas de cabeça perdida, era assustadora.

Então, durante uma hora, o cão uivou sem se mexer; uivou como que na angústia de um sonho; e o medo, o pavoroso medo entrava dentro de mim; medo de quê? Sei lá! Era o medo, e pronto.

Permanecíamos imóveis, lívidos, à espera de um acontecimento horrível, de ouvidos atentos, com o coração a bater, transtornados ao mínimo ruído. E o cão pôs-se a andar à roda da sala, a farejar as paredes e sempre a gemer. Aquele animal estava a dar connosco em doidos! Então o camponês que me tinha trazido lançou-se sobre ele, numa espécie de paroxismo de terror furioso e, abrindo uma porta que dava para um pequeno pátio, atirou o animal para fora de casa.

O cão calou-se imediatamente; e ficámos mergulhados num silêncio ainda mais aterrador. E de repente, todos juntos, sentimos um sobressalto: alguém deslizava ao longo da parede exterior em direcção à floresta; depois passou encostado à porta, que parecia tactear com mão hesitante. A seguir voltou, roçando-se ainda na parede, que arranhou levemente, como uma criança faria com a unha; e de repente apareceu uma cabeça encostada ao vidro do janelo, uma cabeça branca, com olhos luminosos como os das feras. E saiu-lhe da boca um som, um som indistinto, um murmúrio lamentoso.

Então estoirou na cozinha um barulho formidável. O velho guarda tinha disparado. E logo os filhos se precipitaram e taparam o buraco levantando a grande mesa que seguraram com o aparador.

E juro-vos que, ao ouvir o estrondo do tiro de que não estava à espera, apertou-me uma tal angústia no coração, na alma e no corpo, que me senti desfalecer, prestes a morrer de medo.

Ficámos ali até ao alvorecer, incapazes de nos mover, de pronunciar uma palavra, crispados num indizível desvario.

Só ousámos desbloquear a saída quando descobrimos, pela fresta de um telheiro, um fino raio de luz.

Junto da parede, encostado à porta, jazia o velho cão, de focinho estilhaçado por uma bala.

Saíra do pátio escavando um buraco por baixo de uma paliçada.

O homem de rosto tisonado calou-se; e depois acrescentou:

— No entanto, naquela noite não corri qualquer perigo. Mas antes queria reviver todas as horas em que enfrentei os mais terríveis perigos que aquele único minuto do tiro de espingarda apontado à cabeça barbuda do janelo.

(Outubro de 1882)

Aparição

Falava-se de sequestro a propósito de um processo recente. Era no fim de um serão íntimo, na rua de Grenelle, numa velha mansão, e cada um tinha a sua história, uma história que afirmava ser verdadeira.

Então o velho marquês de La Tour-Samuel, que tinha oitenta e dois anos, levantou-se e veio encostar-se à lareira. Disse com a sua voz um pouco trémula:

— Também eu sei de uma coisa estranha, tão estranha que se tornou a obsessão da minha vida. Vai para cinquenta e seis anos que me aconteceu esta aventura e não se passa um mês sem que a reveja em sonhos. Ficou-me daquele dia uma marca, um ferrete de medo, compreendem? Sim, fui vítima de um horrível pavor durante dez minutos, de tal modo que desde aquela ocasião me ficou na alma uma espécie de terror constante. Os ruídos inesperados fazem-me estremecer até à medula; os objectos que distingo mal na sombra da tarde dão-me uma vontade louca de fugir. E, enfim, tenho medo da noite.

«Ah, não seria capaz de confessar isto se não tivesse chegado à idade que tenho. Agora posso contar tudo. Quem tem oitenta e dois anos está autorizado a não ser corajoso perante os perigos imaginários. Perante os perigos verdadeiros nunca recuei, minhas senhoras.

«Esta história tanto me transtornou o espírito, foi tão profunda, tão misteriosa, tão assustadora a perturbação que provocou em mim, que nem sequer a contei nunca. Guardei-a no fundo de mim mesmo, no fundo onde escondemos os segredos penosos, os segredos vergonhosos, todas as inconfessáveis fraquezas que temos na nossa vida.

«Vou contar-lhes a aventura tal qual se passou, sem procurar explicá-la. É mais que certo que pode ser explicada, a não ser que eu tenha tido a minha hora de loucura. Mas não, não estive louco, e irei dar-lhes prova disso. Imaginem o que quiserem. Eis os factos em toda a sua singeleza:

«Estávamos em 1827, no mês de Julho. Eu vivia em Ruão, fazia parte da guarnição militar.

«Um dia, ia eu a passear pelo cais e encontrei um homem que julguei reconhecer sem me recordar exactamente de quem era. Instintivamente, fiz menção de parar. O estranho reparou neste gesto, olhou para mim e caiu-me nos braços.

«Era um amigo da juventude, a quem dedicara grande afeição. Não o via há cinco anos, e ele parecia ter envelhecido meio século. Tinha o cabelo todo branco e caminhava curvado, como que exausto. Percebeu a minha surpresa e contou-me a sua vida. Fora destroçado por uma terrível desventura.

«Tinha-se apaixonado loucamente por uma jovem e casara com ela numa espécie de êxtase de felicidade. Após um ano de sobre-humana bem-aventurança e de uma paixão ininterrupta, ela morrera subitamente de uma doença de coração, certamente morta pelo próprio amor.

«Ele abandonara o seu solar no próprio dia do enterro e viera morar na sua residência de Ruão. Ali vivia, solitário e desesperado, roído pela dor, tão infeliz que só pensava em suicídio.

«— Já que te encontro – disse-me ele –, vou pedir-te um grande favor, que é o de ires procurar em

minha casa, na secretária do meu quarto, do nosso quarto, alguns papéis de que tenho urgente necessidade. Não posso encarregar dessa tarefa um subalterno ou um intermediário qualquer, porque preciso de uma impenetrável discrição e de um silêncio absoluto. Quanto a mim, por nada deste mundo seria capaz de entrar naquela casa.

“Eu dou-te a chave do quarto, que fechei pessoalmente quando me vim embora, e a chave da secretária. Além disso, entregas um bilhete meu ao jardineiro, que te abrirá o solar.

“Mas vem almoçar comigo amanhã e conversaremos sobre este assunto.”

«Prometi prestar-lhe aquele pequeno favor. Aliás, para mim era apenas um passeio, pois a propriedade ficava a cerca de cinco léguas de Ruão. Era uma hora a cavalo.

«No dia seguinte às dez horas estava em casa dele. Almoçámos a sós, mas ele nem vinte palavras pronunciou. Pediu-me desculpa: a ideia da visita que eu ia fazer àquele quarto, onde jazia a sua felicidade, transtornava-o, dizia ele. De facto, pareceu-me singularmente agitado, preocupado, como se uma luta misteriosa se travasse na sua alma.

«Por fim, explicou-me em pormenor o que eu tinha a fazer. Era muito simples. Devia trazer dois pacotes de cartas e um maço de papéis que estão fechados na primeira gaveta do lado direito do móvel de que tinha a chave. Acrescentou:

«— Não preciso de te pedir que não lhes dêes sequer uma olhadela.

«Quase me senti melindrado com esta frase, e disse-lho com alguma vivacidade. Ele balbuciou:

«— Perdoa-me, é que isto é muito doloroso para mim.

«E desatou a chorar.

«Deixei-o por volta da uma hora para ir cumprir a minha missão.

«Estava um tempo radioso e eu ia a trote rápido através dos prados, ouvindo cantar as calhandras e o ruído ritmado do meu sabre contra a bota.

«Entreí depois na floresta e pus o cavalo a passo. Os ramos das árvores roçavam-me na cara; e por vezes agarrava uma folha com os dentes e mastigava-a avidamente, numa daquelas alegrias de viver que, sem saber porquê, nos enchem de uma felicidade tumultuosa e como que fugidia, de uma espécie de embriaguez de força.

«Ao aproximar-me do solar procurava na algibeira a carta que tinha para o jardineiro, e descobri com espanto que estava lacrada. Fiquei tão surpreendido e irritado que quase regresssei sem cumprir a minha missão. Depois reflecti que com isso mostraria uma susceptibilidade de mau gosto. Aliás, o meu amigo podia ter fechado o bilhete sem dar por isso, tal a perturbação em que estava.

«O solar parecia estar abandonado há vinte anos. A barreira aberta e apodrecida mantinha-se de pé não se sabe como. A erva enchia as alamedas; já não se distinguíam os canteiros da relva.

«Ouvindo o barulho que fiz dando pontapés numa portada, saiu um velho de uma porta lateral e pareceu estupefacto ao ver-me. Saltei para o chão e entreguei-lhe a carta. Leu-a, tornou a lê-la, revirou-a, encarou-me sem erguer os olhos, meteu o papel na algibeira e disse:

«— Muito bem, que é que deseja?

«Respondi com rispidez:

«— Deve saber isso, porque estão aí dentro as ordens do seu patrão; quero entrar no solar.

«Ele parecia aterrado. Declarou:

«— Então o senhor vai... ao quarto?

«Eu começava a perder a paciência.

«— Ora essa! Por acaso pretende interrogar-me?

«Ele gaguejou:

«— Não, cavalheiro... mas é que... é que o quarto não foi aberto desde... desde o falecimento. Se não se importar de me esperar aqui cinco minutos, eu vou... vou ver se...

«Interrompi-o com voz irada:

«— Essa é boa, então você está a brincar comigo? Não pode lá entrar porque a chave está aqui.

«Ele já não sabia que dizer.

«— Então, cavalheiro, mostro-lhe o caminho.

«— Mostre-me a escada e deixe-me sozinho. Eu não preciso de si para encontrar o quarto.

«— Mas, o senhor... no entanto...

«Desta vez perdi a cabeça completamente:

«— Agora faça o favor de se calar, ouviu? Senão, tem que se haver comigo.

«Afastei-o violentamente e entrei na casa.

«Comecei por atravessar a cozinha, e depois duas pequenas divisões onde aquele homem vivia com a mulher. A seguir atravessei um grande vestíbulo, subi a escada e reconheci a porta indicada pelo meu amigo.

«Abri-a sem dificuldade e entrei.

«O aposento era tão escuro que a princípio não consegui ver nada. Detive-me, assaltado por aquele cheiro bolorento e insípido das salas desabitadas e condenadas, dos quartos mortos. Depois, a pouco e pouco, os meus olhos habituaram-se à obscuridade, e vi com bastante nitidez uma grande sala em desordem, com uma cama sem lençóis, mas conservando os colchões e os travesseiros, um dos quais tinha a marca profunda de um cotovelo ou de uma cabeça, como se lá tivessem acabado de poisar.

«As cadeiras pareciam estar fora do lugar. Reparei que uma porta, sem dúvida de um armário, ficara entreaberta.

«Comecei por ir até à janela para fazer luz e abri-a; mas as ferragens da portada estavam tão enferrujadas que não consegui que cedessem.

«Tentei até parti-las com o sabre, sem êxito. Como estava a ficar irritado com aqueles esforços inúteis, e como os meus olhos se tinham enfim acostumado perfeitamente à sombra, renunciei à esperança de ver melhor e dirigi-me para a secretária.

«Sentei-me num cadeirão, baixei o tampo e abri a gaveta indicada, que estava cheia até acima. Eu só precisava de três pacotes, que sabia como havia de reconhecer, e pus-me à procura deles.

«Estava de olhos arregalados para decifrar os sobrescritos, quando julguei ouvir ou, antes, sentir um roçar atrás de mim. Não lhe prestei atenção, julgando que uma corrente de ar tinha agitado um pano qualquer. Mas, passado um minuto, outro movimento, quase indistinto, fez-me passar pela pele um pequeno e desagradável arrepião. Era tão estúpido perturbar-me, por pouco que fosse, com aquilo, que não quis virar-me, por uma questão de pudor de mim mesmo. Acabava então de descobrir o segundo maço de que precisava; e ia encontrar precisamente o terceiro, quando um grande e penoso suspiro, mesmo junto do meu ombro, me fez dar um salto de louco, um salto de dois metros. No

movimento que fiz tinha-me virado, com a mão no punho do sabre e, certamente, se não o tivesse sentido à ilharga teria fugido dali como um cobarde.

«Uma mulher alta vestida de branco olhava para mim, de pé atrás do cadeirão onde um segundo antes eu estivera sentado.

«Senti nos membros um tal sacão que quase caí para trás. Ah, ninguém poderá compreender, a não ser que os tenha sentido, estes pavorosos e estúpidos terrores. A alma funde-se; já não sentimos o nosso coração; todo o corpo se torna flácido como uma esponja; dir-se-ia que todo o nosso íntimo se derrama.

«Eu não acredito em fantasmas. Pois bem: fraquejei, vergado ao hediondo medo dos mortos; e sofri, ah, sofri em alguns instantes mais que em todo o resto da minha vida, na angústia irresistível dos pavores sobrenaturais.

«Se ela não tivesse falado talvez eu estivesse morto! Mas ela falou: falou numa voz doce e dolorosa que fazia vibrar os nervos. Não me atreveria a dizer que fiquei de novo senhor de mim e recuperei a razão. Não. Estava perdido ao ponto de já não saber o que fazia; mas aquela espécie de altivez íntima que tenho dentro de mim, e também um pouco de orgulho profissional, faziam-me conservar, quase sem o querer, uma decente presença de espírito. Estava a posar, enfim, em pose para mim e sem dúvida para ela, fosse ela quem fosse, mulher ou espectro. Tomei consciência de tudo isso mais tarde, porque garanto-lhes que no momento da aparição não pensava em nada. Tinha medo.

«Ela disse:

«— Ah, o senhor pode prestar-me um grande favor!

«Quis responder mas foi-me impossível pronunciar uma palavra. Saiu-me da garganta um vago ruído.

«Ela continuou:

«— Pode fazer-me isso? O senhor pode salvar-me, curar-me. Eu sofro horrivelmente. Continuo a sofrer. Sofro, ai, se sofro!

«Sentou-se devagarinho no meu cadeirão. Olhava para mim:

«— Quer ajudar-me?

«Eu disse: “Sim!” com a cabeça, ainda com a voz paralisada.

«Então ela estendeu-me um pente de mulher de tartaruga e murmurou:

«— Penteie-me! Oh, penteie-me: com isso ficarei curada. Têm que me pentear. Olhe para a minha cabeça... Como eu sofro!... E como o cabelo me faz doer!...

«Os cabelos soltos, muito compridos, muito negros, segundo me parecia, pendiam por cima das costas da cadeira e chegavam até ao chão.

«Porque fiz eu aquilo? Por que razão aceitei, estremecendo, aquele pente, e porque agarrei nas minhas mãos aqueles longos cabelos que me provocaram na pele uma sensação de frio atroz, como se tivesse pegado em serpentes? Não sei.

«Aquela sensação ficou-me nos dedos e estremeço só de pensar nela.

«Penteei-a. Manuseei não sei como aquela cabeleira de gelo. Torci-a, atei-a e desatei-a; entrançei-a como se entrança a crina de um cavalo. Ela suspirava, inclinava a cabeça, parecia feliz.

«De repente disse-me: “Obrigada!” Arrancou-me o pente das mãos e fugiu pela porta que eu notara

entreaberta.

«Fiquei só, e durante alguns segundos senti aquela perturbação assustada de quando se desperta dos pesadelos. Depois recuperei finalmente os sentidos, corri para a janela e parti as portadas com um empurrão furioso.

«Entrou uma onda de luz. Precipitei-me para a porta por onde saíra aquele ser. Dei com ela fechada e inabalável.

«Então fui invadido por uma febre de fuga, um pânico, o verdadeiro pânico das batalhas. Peguei bruscamente nos três pacotes de cartas que estavam na secretária aberta; atravessei o aposento a correr, saltei os degraus da escada a quatro e quatro, dei comigo lá fora não sei por onde, e, vendo o meu cavalo a dez passos de distância, montei-o de um salto e parti a galope.

«Só parei em Ruão, e diante da minha casa. Atirando a rédea à minha ordenança, fugi para o quarto, onde me fechei para reflectir.

«Então, durante uma hora, a mim mesmo perguntei ansiosamente se não teria sido joguete de uma alucinação. Sofrera sem dúvida, um daqueles incompreensíveis abalos nervosos, um daqueles ataques de loucura do cérebro que geram os milagres, aos quais o Sobrenatural deve o seu poder.

«E ia acreditar numa visão, num erro dos meus sentidos, quando me aproximei da janela. Os olhos, por acaso, desceram-me para o peito. O meu dólman estava cheio de cabelos, de longos cabelos de mulher, que se tinham enrolado nos botões!

«Agarrei-os um por um e deitei-os fora com os dedos a tremer.

«Depois chamei a ordenança. Sentia-me por demais emocionado, por demais perturbado para ir naquele mesmo dia a casa do meu amigo. E além disso queria reflectir maduramente no que devia dizer-lhe.

«Mandei levar-lhe as suas cartas, cujo recibo entregou ao soldado. Pediu insistentemente informações a meu respeito. Foi-lhe dito que eu estava adoentado, que apanhara um golpe de sol, e não sei mais quê. Pareceu inquieto.

«Fui a casa dele no dia seguinte, logo de manhãzinha, decidido a contar-lhe a verdade. Tinha saído na véspera ao entardecer e não voltara.

«Voltei lá durante o dia, e não tinham tornado a vê-lo. Esperei uma semana. Não reapareceu. Então preveni a justiça. Mandaram procurá-lo por toda a parte, sem descobrir qualquer vestígio da sua passagem ou do seu refúgio.

«Fizeram uma visita minuciosa ao solar abandonado. Não encontraram nada de suspeito.

«Nenhum indício revelou que lá tivesse estado escondida uma mulher.

«Como o inquérito não deu qualquer resultado, as buscas foram interrompidas.

«Passaram-se cinquenta e seis anos e não vim a saber de nada. Nada mais sei.»

(Abril de 1883)

O Órfão

A menina Source adoptara em tempos aquele rapaz, em circunstâncias bem tristes. Tinha ela então trinta e seis anos, e a sua disformidade (em criança escorregara dos joelhos da criada para a lareira e toda a cara ficara pavorosamente queimada e horrível de ver), a sua disformidade decidira-a a não se casar, porque não queria que casassem com ela por causa do seu dinheiro.

Uma vizinha, que enviudara estando grávida, morreu de parto sem deixar um tostão. A menina Source recolheu o recém-nascido, pô-lo numa ama, criou-o, mandou-o estudar para um colégio interno, e depois recebeu-o de novo com a idade de catorze anos porque queria ter em casa alguém que a amasse, que tomasse conta dela, que lhe suavizasse a velhice.

Morava numa pequena propriedade no campo, a quatro léguas de Rennes, e vivia agora sem criada. Como a despesa aumentara para mais do dobro desde a chegada daquele órfão, os seus três mil francos de rendimento já não podiam bastar para alimentar três pessoas.

Ela própria tratava da casa e da cozinha, e para os recados servia-se do pequeno, que também tratava de cultivar a horta. Ele era submisso, tímido, silencioso e carinhoso. E ela sentia uma profunda alegria, uma alegria nova quando ele a beijava sem parecer surpreendido ou assustado com a sua fealdade. Chamava-lhe tia e tratava-a como mãe.

À noitinha sentavam-se os dois ao canto da lareira e ela preparava-lhe guloseimas. Punha vinho a aquecer e torrava uma fatia de pão, fazia-lhe um encantador jantarinho antes de ele ir para a cama. Muitas vezes sentava-o nos joelhos e cobria-o de carícias murmurando-lhe palavras ternamente apaixonadas. Chamava-lhe «minha florzinha, meu querubim, meu anjo dourado, minha jóia divina». E ele entregava-se brandamente, escondendo a cabeça no ombro da solteirona.

Embora tivesse agora quase quinze anos, permanecera débil e baixinho, com um aspecto um pouco enfermiço.

Às vezes a menina Source levava-o à cidade para visitar duas parentes suas, umas primas afastadas, casadas nos subúrbios, e que eram a sua única família. As duas mulheres censuravam-na sempre por ter adoptado aquele menino, por causa da herança; mas apesar disso recebiam-na cheias de atenções, ainda na esperança de virem a ter a sua parte, certamente um terço, se dividissem o bolo em partes iguais.

Ela era feliz, muito feliz, ocupada a toda a hora com o seu filho. Comprou-lhe livros para lhe adornar o espírito e começou a ler apaixonadamente.

Agora, à noite, ele já não se sentava nos seus joelhos para lhe fazer meiguices, como fazia dantes, mas sentava-se pressurosamente na sua cadeirinha ao canto da lareira e abria um livro. O candeeiro colocado na beira da prateleira, por cima da sua cabeça, iluminava-lhe o cabelo encaracolado e um bocadinho da carne da testa; e já não se mexia, já não erguia os olhos, não fazia um gesto. Lia, submergido, desaparecido por completo na aventura do livro.

Ela, sentada diante dele, contemplava-o com um olhar ardente e fixo, espantada com a atenção dele, com ciúmes, às vezes quase a chorar.

Dizia-lhe rapidamente: «Vais cansar-te, meu tesouro!», esperando que ele levantasse os olhos e viesse beijá-la; mas ele nem sequer respondia, não tinha ouvido, não tinha percebido: não sabia de mais nada além do que via naquelas páginas.

Durante dois anos devorou volumes em número incalculável. O seu modo de ser mudou.

Depois, várias vezes, pediu dinheiro à menina Source, que esta lhe deu. Como precisava sempre de mais, ela acabou por recusar, porque era mulher de ordem e energia e sabia ser racional quando era preciso.

Com muitas súplicas ele ainda conseguiu dela, uma noite, uma avultada soma; mas como alguns dias mais tarde voltava com as suas implorações, ela mostrou-se inflexível e de facto nunca mais cedeu.

Ele pareceu resignar-se.

Voltou a ser calmo, como dantes, a gostar de ficar sentado horas a fio sem fazer um movimento, de olhos baixos, mergulhado em devaneios. Já nem sequer falava com a menina Source, a custo respondendo ao que ela lhe dizia, com frases curtas e concisas.

No entanto, era amável para com ela, e cheio de cuidados; mas deixou de a beijar.

Agora, à noite, quando estavam um diante do outro de ambos os lados da lareira, imóveis e silenciosos, ele às vezes metia-lhe medo. Ela queria despertá-lo, dizer qualquer coisa, fosse o que fosse, para sair daquele silêncio assustador como as trevas de um bosque. Mas ele parecia que já não a ouvia, e ela estremecia com um terror de pobre mulher fraca depois de lhe ter falado cinco ou seis vezes seguidas sem obter uma palavra de resposta.

Que tinha ele? Que se passaria naquela cabeça fechada? Depois de ficar assim duas ou três horas à frente dele, sentia-se enlouquecer, com vontade de fugir, de se escapular para o campo para evitar aquele mudo e eterno frente-a-frente e, também, um vago perigo de que não desconfiava, mas que sentia.

Chorava muitas vezes sozinha.

Que tinha ele? Se ela manifestava um desejo, ele executava-o sem murmurar. Se ela precisava de qualquer coisa da cidade, ele ia logo. Não tinha razões de queixa dele, claro que não! No entanto...

Passou mais um ano, e pareceu-lhe que se tinha dado mais uma modificação no espírito misterioso do rapaz. Ela deu por isso, sentiu-o, adivinhou-o. Como? Sabe-se lá! Tinha a certeza de não se ter enganado; mas não seria capaz de dizer em que é que tinham mudado os pensamentos desconhecidos daquele estranho rapaz.

Achava que até ali ele fora como que um homem hesitante que tivesse tomado de repente uma decisão. Essa ideia ocorreu-lhe uma noite ao encontrar o seu olhar, um olhar fixo, esquisito, que ela não conhecia.

Então ele pôs-se a contemplá-la a toda a hora, e a ela apetecia-lhe esconder-se para evitar aquele olhar frio, fito nela.

Ao longo de noites e noites inteiras ele fitava-a, desviando-se apenas quando ela dizia já sem forças:

«Não olhes para mim assim, meu filho!»

Então ele baixava a cabeça.

Mas, mal ela virava costas, sentia outra vez os olhos dele postos em si. Para onde quer que fosse,

ele perseguia-a com o seu olhar obstinado.

Por vezes, quando ele andava a passear pela sua hortinha, via-o de repente agachado num maciço como se estivesse emboscado; ou então, quando se instalava diante da casa a coser meias, e ele estava a cavar um canteiro de legumes qualquer, vigiava-a sem interromper o seu trabalho, de uma forma sorrateira e constante.

Por mais que ela lhe perguntasse:

«Que tens tu, meu querido? De há três anos para cá tornaste-te muito diferente. Não te reconheço. Diz-me o que tens, peço-te, em que estás a pensar.»

Ele dizia invariavelmente num tom calmo e fatigado:

«Ora essa, não tenho nada, tia!»

E quando ela insistia suplicante:

«Ó meu filho, responde-me, responde-me quando falo contigo. Se soubesses o desgosto que me causas respondias-me sempre e não olhavas para mim dessa maneira. Tens alguma contrariedade? Diz-me, que eu consolo-te!...»

Ele afastava-se com um ar cansado murmurando:

«Garanto-te que não tenho nada.»

Não crescera muito, conservando um aspecto de criança, embora tivesse feições de homem. Contudo, eram duras, e como que inacabadas. Parecia incompleto, apenas esboçado, e inquietante como um mistério. Era um ser fechado, impenetrável, em quem parecia desenvolver-se um incessante trabalho mental, activo e perigoso.

A menina Source bem sentia tudo isso, e já não dormia com a angústia. Assaltavam-na terrores horríveis, assustadores pesadelos. Fechava-se no seu quarto e barricava a porta, torturada pelo pavor!

De que é que tinha medo?

Não sabia.

Medo de tudo, da noite, das paredes, das formas que o luar projecta através das cortinas brancas das janelas, e sobretudo medo dele!

Porquê?

Que tinha ela a recear? Sabia lá!...

Não podia continuar a viver assim! Tinha a certeza de que estava ameaçada por uma desgraça qualquer, por uma horrível desgraça.

Saiu de casa uma manhã, em segredo, e foi à cidade visitar as suas parentes. Contou-lhes o que se passava numa voz ofegante. As duas mulheres pensaram que ela estava a enlouquecer e trataram de a tranquilizar.

Ela dizia:

«Se soubessem como ele me olha de manhã à noite! Não tira os olhos de cima de mim! Há alturas em que tenho vontade de pedir socorro, de chamar os vizinhos, tal é o medo que tenho! Mas que havia eu de lhes dizer? Ele não me faz mais nada além de olhar para mim.»

As duas primas perguntavam:

«Ele é às vezes brutal consigo? Responde-lhe com dureza?»

Ela continuava:

«Não, nunca; faz tudo o que eu quero; trabalha bem, porta-se bem – mas nem por isso tenho menos medo. Ele tem qualquer coisa na cabeça, tenho a certeza, tenho a certeza absoluta. Não quero mais ficar sozinha com ele assim no campo.»

As parentes, assustadas, faziam-lhe ver que isso espantaria toda a gente, que ninguém compreenderia: e aconselharam-na a calar os seus receios e os seus projectos, sem a dissuadirem contudo de vir morar para a cidade, esperando desse modo a paga de uma herança completa.

Prometeram-lhe até ajudá-la a vender a casa e a encontrar outra perto delas.

A menina Source voltou para casa. Mas estava com o espírito de tal modo transtornado que estremecia ao mínimo ruído, e as mãos começavam a tremer-lhe à mínima emoção.

Voltou ainda mais duas vezes a conversar com as suas parentes, agora bem decidida a não permanecer assim na sua casa isolada. Acabou por descobrir no subúrbio uma pequena moradia que lhe convinha e comprou-a secretamente.

A assinatura do contrato teve lugar numa terça-feira de manhã, e a menina Source ocupou o resto do dia em preparativos de mudança.

Às oito da noite apanhou a diligência que passava a um quilómetro da sua casa; e ficou no sítio onde o condutor habitualmente a deixava. O homem gritou-lhe ao mesmo tempo que chicoteava os cavalos:

«Boa tarde, menina Source, boa noite!»

Ela respondeu afastando-se:

«Boa tarde, tio Joseph.»

No dia seguinte, às sete e trinta da manhã, o carteiro que leva as cartas à aldeia notou no caminho transversal, não longe da estrada principal, uma grande poça de sangue ainda fresco. Pensou: «Olha, um bêbado qualquer que deitou sangue pelo nariz.» Mas dez passos adiante descobriu um lenço de algibeira igualmente manchado de sangue. Apanhou-o. O tecido era fino, e o carteiro surpreendido aproximou-se da valeta onde julgou ver um objecto estranho.

A menina Source estava deitada na erva do fundo, com a garganta aberta por uma facada.

Uma hora depois, os guardas, o juiz de instrução e muitas autoridades davam palpites acerca do cadáver.

As duas parentes, chamadas a testemunhar, vieram contar os receios da velhota e os seus últimos projectos.

O órfão foi preso. Desde a morte da que o tinha adoptado chorava de manhã à noite, mergulhado, ao menos aparentemente, no mais violento desgosto.

Provou que passara o serão, até às onze horas, num café. Dez pessoas o haviam visto, e tinham ficado até ele sair.

Ora o cocheiro da diligência declarou ter deixado a vítima na estrada entre as nove e meia e as dez. O crime não podia ter tido lugar senão no percurso entre a estrada principal e a casa, o mais tardar por volta das dez horas.

O acusado foi ilibado.

Um testamento, já antigo, depositado num notário de Rennes, fazia dele herdeiro universal: e herdou

tudo.

As pessoas da terra, durante muito tempo, puseram-no de quarentena, sempre suspeitando dele. A sua casa, a casa da morta, era olhada como maldita. Evitavam-no na rua.

Mas ele mostrou-se tão bom rapaz, tão aberto, tão familiar, que a pouco e pouco esqueceram a horrível dúvida. Era generoso, cortês, conversava com os mais humildes acerca de tudo, desde que o quisessem.

O notário, o dr. Rameau, foi um dos primeiros a mudar de opinião, seduzido pela sua loquacidade sorridente. Uma noite declarou num jantar em casa do recebedor dos impostos:

«Um homem que fala com tanta facilidade e que está sempre de bom humor não pode ter um crime daqueles na consciência.»

Tocados por este argumento, os circunstantes reflectiram, e recordaram-se efectivamente das longas conversas daquele homem que os detinha, quase à força, em qualquer lugar para lhes comunicar as suas ideias, que os forçava a entrar em sua casa quando passavam diante da horta, que tinha a palavra justa mais fácil que o próprio tenente da guarda e uma jovialidade tão comunicativa que, apesar da repugnância que inspirava, ninguém podia deixar de estar sempre a rir na sua companhia.

Todas as portas se lhe abriram.

Hoje é presidente da câmara da sua terra.

(Junho de 1883)

Denis

A Léon Chapron

1.

O senhor Marambot abriu a carta que o seu criado Denis lhe entregava e sorriu.

Denis, que estava na casa há vinte anos, um homenzinho atarracado e jovial, que por toda a região era considerado modelo dos criados, perguntou:

— O senhor está contente, recebeu uma boa notícia?

O senhor Marambot não era rico. Antigo farmacêutico de aldeia, solteiro, vivia de um pequeno rendimento adquirido a custo a vender drogas aos camponeses. Respondeu:

— Sim, meu rapaz. O tio Malois recua, perante a ameaça do processo; amanhã vou receber o meu dinheiro. Cinco mil francos não deixam de ser bem-vindos na caixa de um solteirão.

E o senhor Marambot esfregava as mãos. Era um homem de temperamento resignado, mais triste que alegre, incapaz de um esforço prolongado, desleixado nos negócios.

Teria podido, de certeza, conquistar um bem-estar mais considerável se tivesse aproveitado o falecimento de confrades estabelecidos em centros importantes, indo ocupar-lhes os lugares e herdar as respectivas clientelas. Mas a maçada de mudar de casa e pensar em todas as diligências que teria de fazer tinham-no refreado sempre; e limitava-se a dizer depois de dois dias de reflexão:

— Ora! Fica para a próxima vez. Não perco nada por esperar. Talvez venha a encontrar melhor.

Denis, pelo contrário, empurrava o patrão para os investimentos. Tinha um temperamento activo e repetia constantemente:

— Ah, eu cá, se tivesse o capital inicial, teria feito fortuna. Bastavam mil francos e teria o meu negócio.

O senhor Marambot sorria sem responder, e saía para a sua pequena horta, onde se punha a passear de mãos atrás das costas, devaneando.

Denis cantou durante todo o dia, cheio de alegria, canções e danças de roda da região. Desenvolveu até uma actividade inusitada, porque limpou os vidros de toda a casa, enxugando-os arduamente ao mesmo tempo que entoava com toda a força os seus estribilhos.

O senhor Marambot, espantado com aquele zelo, disse-lhe várias vezes a sorrir:

— A trabalhares assim, meu rapaz, não guardas nada para fazer amanhã.

No dia seguinte, pelas nove da manhã, o carteiro entregou a Denis quatro cartas para o patrão, uma das quais muito pesada. O senhor Marambot fechou-se imediatamente no quarto até meio da tarde. Confiou então ao criado quatro sobrescritos para o correio. Um deles era dirigido ao senhor Malois, e era certamente um recibo do dinheiro.

Denis não fez perguntas ao patrão; nesse dia pareceu também triste e taciturno, ele que estivera tão

alegre na véspera.

Caiu a noite. O senhor Marambot deitou-se à sua hora habitual e adormeceu.

Foi despertado por um ruído insólito. Sentou-se imediatamente na cama e pôs-se à escuta. Mas de repente a sua porta abriu-se e apareceu Denis no limiar com uma vela numa das mãos, uma faca de cozinha na outra, olhos arregalados e imóveis, boca e faces contraídas como as das pessoas agitadas por uma horrível emoção, e tão pálido que parecia um fantasma.

O senhor Marambot, confuso, julgou que ele dera em sonâmbulo, e ia levantar-se e correr para ele quando o criado soprou a vela precipitando-se na direcção da cama. O patrão estendeu as mãos para a frente para aparar o choque que o derrubou de costas; e procurava agarrar os braços do criado, que achava agora que tinha enlouquecido, para neutralizar os golpes precipitados que ele lhe vibrava.

À primeira vez foi atingido no ombro pela faca, à segunda na testa, à terceira no peito. Debatia-se desvairadamente, agitando as mãos no escuro, e também dando pontapés ao mesmo tempo que gritava:

— Denis! Denis! Que é isso, tu estás doido, Denis?

Mas o outro, ofegante, continuava a bater, ora repellido por um pontapé, ora por um soco, e voltando sempre furiosamente. O senhor Marambot ainda foi ferido duas vezes na perna e mais uma na barriga. Mas de repente veio-lhe à cabeça uma ideia e desatou a gritar:

— Acaba com isso, acaba com isso, Denis, eu não recebi o meu dinheiro.

O homem parou imediatamente; e o patrão ouvia, no escuro, a sua respiração sibilante.

O senhor Marambot continuou logo:

— Não recebi nada. O senhor Malois desdisse-se, vai haver processo; foi por isso que levaste as cartas ao correio. Ora lê as que estão em cima da minha secretária.

E, num último esforço, pegou nos fósforos da mesa-de-cabeceira e acendeu a vela.

Estava coberto de sangue. Jactos ardentes tinham salpicado a parede. Os lençóis, os cortinados, tudo estava vermelho. Denis, também cheio de sangue dos pés à cabeça, estava de pé no meio do quarto.

Quando viu isto, o senhor Marambot julgou-se morto e perdeu os sentidos.

Voltou a si ao alvorecer. Demorou algum tempo até recuperar a consciência, até perceber, até se recordar. Mas de repente voltou-lhe a memória do atentado e dos seus ferimentos, e foi invadido por um medo tão veemente que fechou os olhos para não ver mais nada. Passados alguns minutos o seu pavor acalmou-se e pôs-se a reflectir. Não tinha morrido logo, portanto podia escapar. Sentia-se fraco, muito fraco, mas sem vivo sofrimento, embora sentisse em diversos pontos do corpo um incómodo apreciável, como que beliscões. Sentia-se também gelado e completamente molhado e apertado, como que enrolado em ligaduras. Pensou que aquela humidade provinha do sangue derramado; e era sacudido por arrepios de angústia perante a ideia horrível daquele líquido vermelho saído das suas veias e que lhe cobria a cama. A ideia de tornar a ver aquele espectáculo assustador transtornava-o e mantinha os olhos fechados com força como se fossem abrir-se contra sua vontade.

Que acontecera a Denis? Provavelmente fugira.

Mas que ia fazer agora, ele, Marambot? Levantar-se? Pedir socorro? Ora, se fizesse um único

movimento os seus ferimentos iriam sem dúvida tornar a abrir; e cairia morto quando se lhe esgotasse o sangue.

De repente ouviu que alguém empurrava a porta do quarto. O seu coração quase parou de bater. Era certamente Denis que vinha acabar com ele. Reteve a respiração para que o assassino julgasse que tudo tinha mesmo acabado, que a obra estava terminada.

Sentiu que lhe levantavam o lençol, e depois que lhe apalpavam a barriga. Uma dor viva, junto da anca, fê-lo estremecer. Estavam agora a lavá-lo com água fresca, muito devagar. Portanto tinham descoberto o crime e estavam a tratá-lo, a salvá-lo. Foi tomado de louca alegria; mas, graças a um resto de prudência, não quis mostrar que tinha recuperado os sentidos e entreabriu um olho, um só, com os maiores cuidados.

Reconheceu Denis de pé junto dele, Denis em pessoa! Misericórdia! Fechou o olho precipitadamente.

Denis! Então que estava ele a fazer? Que queria ele? Que hediondo projecto alimentava ainda? Que fazia ele? Ora, estava a lavá-lo para apagar os vestígios! E não iria agora enterrá-lo no jardim a dez pés de profundidade para não o descobrirem? Ou talvez na adega, debaixo das garrafas de vinho fino?

E o senhor Marambot pôs-se a tremer tanto que todos os seus membros palpitavam.

Dizia consigo mesmo: «Estou perdido, perdido!» E fechava desesperadamente as pálpebras para não ver chegar a última facada. Não veio. Denis estava agora a soerguê-lo e ligava-o com um pedaço de roupa branca. Começou depois a pôr cuidadosamente um penso na ferida da perna, como aprendera a fazer quando o patrão era farmacêutico.

Já nenhuma hesitação era possível para um profissional: o criado, depois de ter pretendido matá-lo, tentava salvá-lo.

Então o senhor Marambot, numa voz moribunda, deu-lhe o conselho prático:

— Faz as lavagens e os pensos com água temperada de coltar com saponina!

Denis respondeu:

— É o que eu estou a fazer, senhor!

O senhor Marambot abriu os dois olhos.

Já não havia vestígios de sangue, nem na cama, nem no quarto, nem no assassino. O ferido estava estendido em lençóis bem brancos.

Os dois homens olharam um para o outro.

Por fim, o senhor Marambot disse baixinho:

— Cometeste um grande crime.

Denis respondeu:

— Estou a repará-lo, senhor. Se não me denunciar hei-de servi-lo fielmente como sempre fiz.

Não era altura para desgostar o criado. O senhor Marambot articulou, tornando a fechar os olhos:

— Juro que não te denuncio.

Denis salvou o patrão. Passou noites e dias sem dormir, não abandonou o quarto do doente, preparou-lhe os remédios, as tisanas, as poções, apalpando-lhe o pulso, contando ansiosamente as pulsações, manuseando-o com destreza de enfermeiro e devoção de filho.

Perguntava a toda a hora:

— Então, senhor, como se sente?

O senhor Marambot respondia em voz fraca:

— Um pouco melhor, meu rapaz, obrigado.

E quando o ferido acordava de noite via muitas vezes o seu guardião a chorar na sua cadeira e a enxugar os olhos silenciosamente.

Nunca o antigo farmacêutico fora tão bem tratado, tão mimado, tão acarinhado, tão apapricado. De início dissera de si para si:

— Logo que eu esteja curado desembaraço-me deste velhaco.

Entrava agora na convalescença e adiava de dia para dia o momento de se separar do seu assassino. Achava que ninguém teria para com ele tantas atenções e cuidados, que tinha na mão aquele rapaz pelo medo; e preveniu-o de que havia depositado num notário um testamento denunciando-o à justiça se acontecesse mais algum acidente.

Parecia-lhe que esta precaução o garantia no futuro contra qualquer novo atentado; e então perguntava a si próprio se não seria até mais prudente conservar aquele homem junto de si para o vigiar com atenção.

Tal como dantes, quando hesitava em adquirir uma qualquer farmácia mais importante, não era capaz de se decidir a tomar uma resolução.

— Estarei sempre a tempo, pensava.

Denis continuava a revelar-se um incomparável servidor. O senhor Marambot estava curado e conservou-o.

Ora, uma manhã, acabava ele de almoçar quando ouviu de repente um grande barulho na cozinha. Correu para lá. Denis debatia-se, agarrado por dois guardas. O cabo ia tomando notas no seu canhenho com um ar grave.

Mal viu o patrão, o criado começou a soluçar, gritando:

— O senhor denunciou-me, patrão; não era coisa que se fizesse, depois do que me tinha prometido. Está a faltar à sua palavra de honra, senhor Marambot; não se faz, não se faz!

O senhor Marambot, estupefacto e desolado por desconfiarem dele, ergueu a mão:

— Juro-te diante de Deus, meu rapaz, que não te denunciei. Não faço a mais pequena ideia de como os senhores guardas terão vindo a saber da tentativa de assassínio que praticaste contra mim.

O cabo teve um sobressalto:

— Está a dizer que ele quis matá-lo, senhor Marambot?

O farmacêutico, de cabeça perdida, respondeu:

— Sim, sim... Mas eu não o denunciei... Eu não disse nada... Juro que não disse nada... Ele servia-me muito bem desde essa altura...

O cabo declarou severamente:

— Tomo nota do seu depoimento. A justiça apreciará este novo motivo, que ignorava, senhor

Marambot. Estou encarregado de prender o seu criado pelo roubo de dois patos que ele surriprou sub-repticiamente de casa do senhor Duhamel, e desse delito há testemunhas. Peço-lhe desculpa, senhor Marambot. Irei analisar a sua declaração.

E, virando-se para os seus homens, ordenou:

— Vamos, a caminho!

Os dois guardas arrastaram Denis.

3.

O advogado acabava de alegar demência, invocando o conjunto dos dois delitos para reforçar a sua argumentação. Provara claramente que o roubo dos dois patos tinha origem no mesmo estado mental que o fizera vibrar as oito facadas na pessoa de Marambot. Analisara minuciosamente todas as fases desse estado passageiro de alienação mental, que sem dúvida haveria de ceder a um tratamento de alguns meses numa excelente casa de saúde. Falara em termos entusiásticos da devoção constante daquele honesto servidor, dos cuidados incomparáveis de que rodeara o seu patrão, por ele próprio ferido num segundo de alucinação.

Tocado profundamente por esta recordação, o senhor Marambot sentiu os olhos húmidos.

O advogado reparou nisso, abriu os braços num gesto largo, desdobrando as suas compridas mangas negras como asas de morcego. E, num tom vibrante, exclamou:

— Vejam, vejam, vejam, senhores jurados, vejam aquelas lágrimas! Que tenho eu mais a dizer em defesa do meu cliente? Que discurso, que argumento, que raciocínio poderiam comparar-se àquelas lágrimas do seu patrão? Elas falam mais alto que eu, mais alto que a lei; elas gritam: «Perdoem ao que teve uma hora de insensatez!» Elas imploram, elas absolvem, elas abençoam!

Calou-se e sentou-se no seu lugar.

Então, o juiz-presidente, virando-se para Marambot, cujo depoimento fora excelente para o seu criado, disse-lhe:

— Mas, enfim, mesmo admitindo que o senhor considerou este homem um demente, isso não explica que o tenha conservado ao seu serviço. Nem por isso ele deixava de ser perigoso.

Marambot respondeu enxugando os olhos:

— Que quer, meritíssimo juiz-presidente, hoje em dia há tanta dificuldade em encontrar criados... Não poderia encontrar melhor.

Denis foi absolvido e internado, à custa do patrão, num asilo de alienados.

(Junho de 1883)

Uma «Vendetta»

A viúva de Paolo Saverini vivia sozinha com o filho numa casinha pobre junto das muralhas de Bonifacio. A cidade, construída numa extremidade da montanha, e mesmo, em certos sítios, suspensa sobre o mar, contempla, por sobre o estreito ericado de escolhos, a costa mais baixa da Sardenha. A seus pés, do outro lado, contornando-a quase inteiramente, um corte da falésia que lembra um gigantesco corredor serve-lhe de porto, traz até às primeiras casas, depois de um longo circuito entre duas muralhas abruptas, os barquinhos de pesca italianos ou sardos e, de quinze em quinze dias, o velho vapor arquejante que faz a carreira de Ajaccio.

Na montanha branca o amontoado de casas estampa uma mancha ainda mais branca. Ambas parecem ninhos de aves selvagens, assim agarradas à rocha, dominando aquela passagem terrível onde poucos navios se aventuram. O vento incessante fatiga o mar, fatiga a costa nua por ele corroída, quase despida de ervas; precipita-se no estreito assolando-lhe as duas margens. Os rastos de espuma pálida, apegados às pontas negras dos inúmeros rochedos que por toda a parte perfuram as vagas, parecem farrapos de pano a flutuar palpitantes à superfície da água.

A casa da viúva Saverini, mesmo colada à beira da falésia, abria as três janelas para aquele horizonte bravio e desolado.

Ela vivia ali sozinha com o filho Antonio e a cadela «Traquinas», um grande animal magro, de pêlo comprido e rude, da raça dos guardadores de rebanhos. O jovem servia-se dela para a caça.

Uma tarde, depois de uma discussão, Antonio Saverini foi morto à traição, com uma facada, por Nicolas Ravolati, que nessa mesma noite se escapou para a Sardenha.

Quando a velha mãe recebeu o corpo do filho, trazido por umas pessoas que iam a passar na rua, não chorou, mas ficou muito tempo imóvel a olhar para ele; depois, estendendo sobre o cadáver a sua mão enrugada, prometeu-lhe a «vendetta». Não quis que ninguém ficasse a fazer-lhe companhia e fechou-se em casa com o corpo e a cadela que uivava. Uivava, o animal, continuamente, de pé junto da cama, de focinho virado para o dono e de rabo apertado entre as patas. Não se mexia ela nem a mãe, a qual, agora debruçada sobre o corpo, de olhos imóveis, chorava grossas lágrimas mudas ao contemplá-lo.

O rapaz, de costas, vestido com o seu casaco de pano grosso perfurado e rasgado no peito, parecia dormir; mas tinha sangue por toda a parte: na camisa arrancada para os primeiros socorros, no colete, nos calções, na cara, nas mãos. Na barba e no cabelo haviam-se formado coágulos de sangue.

A velha mãe começou a falar com ele. Ao som daquela voz, a cadela calou-se.

— Sim, sim, serás vingado, meu pequeno, meu rapaz, meu pobre filho. Dorme, dorme, que serás vingado, ouviste? É a mãe que to promete. E a mãe cumpre sempre a sua palavra, tu bem sabes.

E lentamente inclinou-se sobre ele, colando os lábios frios aos lábios mortos.

Então a Traquinas recomeçou a gemer. Soltava um longo queixume monótono, dilacerante, horrível.

Ficaram ali ambos, mulher e animal, até de manhã.

Antonio Saverini foi enterrado no dia seguinte, e não tardou que se deixasse de falar dele em

Bonifacio.

Não deixara irmão nem primos próximos. Não havia homem que executasse a «vendetta». A mãe, a velha, era a única a pensar nisso.

Do outro lado do estreito via de manhã à noite um ponto branco na costa. É uma pequena aldeia sarda, Longosardo, onde se refugiam os bandidos corsos perseguidos de muito perto. São eles que constituem quase exclusivamente a população do lugarejo, em frente das costas da sua pátria, e ali aguardam o momento de regressar ao mato. Fora naquela aldeia que, sabia-o ela, se refugiara Nicolas Ravolati.

Sozinha durante todo o dia, sentada à janela, olhava para lá pensando na vingança. Como havia de fazer, ela, sem ninguém, doente, tão perto da morte? Mas tinha prometido, tinha jurado sobre o cadáver. Não podia esquecer, não podia esperar. Que havia de fazer? Já não dormia de noite, já não tinha repouso nem descanso, procurava obstinadamente. A cadela a seus pés dormitava e, às vezes, erguendo a cabeça, uivava para longe. Desde que o dono já não estava ali uivava assim muitas vezes, como se o chamasse, como se a sua alma de animal, inconsolável, tivesse também conservado a recordação que nada apaga.

Ora, uma noite, como a Traquinas estava de novo a gemer, a mãe, de repente, teve uma ideia, uma ideia de selvagem vingativo e feroz. Meditou nela até de manhã; depois, tendo-se levantado ao nascer do dia, dirigiu-se à igreja. Rezou, prosternada no chão, esmagada diante de Deus, suplicando-lhe que a ajudasse, que a apoiasse, que desse ao seu pobre corpo gasto a força de que precisava para vingar o filho.

Depois voltou para casa. Tinha no pátio um velho barril desconjuntado que recolhia a água das goteiras; virou-o, despejou-o, prendeu-o ao chão com estacas e pedras; depois amarrou a Traquinas a esta casota e foi para casa.

Agora andava incessantemente de um lado para o outro no seu quarto, sempre de olhos postos na costa da Sardenha. Estava ali, o assassino...

A cadela uivou todo o dia e toda a noite. A velha, de manhã, levou-lhe água numa tigela, mas mais nada: nem sopa nem pão.

Mais um dia passou. A Traquinas, extenuada, dormia. No dia seguinte tinha os olhos a brilhar, o pêlo eriçado, e puxava desvairadamente pela corrente.

A velha tornou a não lhe dar nada para comer. O animal, agora furioso, ladrava em voz rouca. Passou mais uma noite.

Então, ao nascer do dia, a mãe Saverini foi a casa do vizinho pedindo que lhe dessem dois molhos de palha. Pegou em velhas roupas que o marido usara em tempos e recheou-as de forragem para simular um corpo humano.

Espetou um pau no chão diante da casota da Traquinas, amarrou-lhe aquele manequim, que assim parecia estar de pé. Depois imitou a cabeça com um embrulho de velha roupa interior.

A cadela, surpreendida, olhava para aquele homem de palha e calava-se, embora devorada pela fome.

Então a velha foi comprar na salsicharia um grande pedaço de morcela preta. Quando voltou para

casa ateou um fogo de lenha no pátio, junto da casota, e grelhou a sua morcela. A Traquinas, desvairada, dava saltos e espumava, de olhos fitos na grelha cujo fumo lhe entrava na barriga.

Depois a mãe fez daquelas papas fumegantes uma gravata para o homem de palha. Amarrrou-a lentamente à roda do pescoço, como que para lha enfiar no corpo. Quando acabou, soltou a cadela.

Num formidável salto o animal chegou à garganta do manequim e, com as patas em cima dos ombros, começou a dilacerá-la. Tornava ao chão com um pedaço da sua presa nas goelas e depois atirava-se outra vez, enterrava os caninos nas cordas, arrancava alguns pedaços de alimento, tornava a cair e a saltar, obstinada. Arrancava a cara com grandes dentadas, fazia todo o pescoço em farrapos.

A velha, imóvel e muda, observava de olhos atentos. Depois tornou a prender o animal, obrigou-o outra vez a jejuar dois dias e recomeçou aquele estranho exercício.

Durante três meses habituou a cadela àquela espécie de luta, àquela refeição conquistada à dentada. Agora já não a prendia, mas com um gesto lançava-a contra o manequim.

Ensinara-a a dilacerá-lo, a devorá-lo, mesmo que não tivesse qualquer alimento na garganta. Como recompensa, dava-lhe depois a morcela que grelhara.

Logo que via o homem, a Traquinas estremecia, e depois punha os olhos na dona, que lhe gritava: «Vai!» numa voz sibilante e de dedo apontado.

Quando achou que tinha chegado a ocasião, a mãe Saverini foi confessar-se e comungar numa manhã de domingo, com extático fervor; depois, envergando roupas de homem, semelhante a um velho pobre andrajoso, fez um acordo com um pescador sardo que a levou, acompanhada da cadela, ao outro lado do estreito.

Tinha num saco de pano um grande pedaço de morcela. A Traquinas jejuava há dois dias. A velha fazia-a farejar a toda a hora o aromático alimento, e excitava-a.

Entraram em Longosardo. A corsa ia a coxear. Foi a uma padaria e perguntou onde vivia Nicolas Ravolati. Ele voltara ao seu antigo ofício de marceneiro. Estava a trabalhar sozinho nos fundos da sua oficina.

A velha empurrou a porta e chamou-o:

— Eh! Nicolas!

Ele virou-se; então, soltando a cadela, ela gritou:

— Vá, vá, devora, devora!

O animal enlouquecido saltou e agarrou o pescoço. O homem estendeu os braços, apertou a cadela, rolou pelo chão. Durante alguns segundos retorceu-se, batendo o chão com os pés; e depois ficou imóvel, enquanto a Traquinas lhe rebuscava o pescoço que arrancava em pedaços.

Dois vizinhos, sentados às portas, recordaram-se perfeitamente de ter visto sair um velho pedinte com um cão preto esgalgado que comia, enquanto ia andando, uma coisa qualquer castanha que o dono lhe dava.

À tardinha, a velha já voltara para casa. Dormiu bem nessa noite.

(Outubro de 1883)

A Mão

Formara-se uma roda em redor do senhor Bermutier, juiz de instrução, que dava a sua opinião acerca do caso misterioso de Saint-Cloud. Havia um mês que aquele inexplicável crime trazia Paris em polvorosa. Ninguém conseguia compreender nada.

O senhor Bermutier, de pé, de costas para a lareira, falava, reunia provas, discutia as diversas opiniões, mas não chegava a uma conclusão.

Várias mulheres se tinham levantado para se aproximar e permaneciam de pé, de olhos fitos na boca sem bigode do magistrado, donde saíam as palavras graves. Estremeciam, vibravam, crispadas pelo seu medo curioso, pela ávida e insaciável necessidade de pavor que lhes obceca a alma, que as tortura como uma fome.

Uma delas, mais pálida que as outras, disse aproveitando um silêncio:

— É horrível. Aquilo quase roça o «sobrenatural». Nunca se saberá nada.

O magistrado virou-se para ela:

— Sim, minha senhora. É provável que nunca se venha a saber nada. Quanto à palavra «sobrenatural» que acaba de usar, não tem nada que ver com isto. Estamos na presença de um crime muito habilmente concebido, muito habilmente executado, e de tal modo envolvido em mistério que não podemos separá-lo das impenetráveis circunstâncias que o rodeiam. Mas eu cá, em tempos, fui obrigado a acompanhar um caso onde realmente parecia imiscuir-se algo de fantástico. Aliás, tivemos de o abandonar, por não haver maneira de o esclarecer.

Diversas mulheres exclamaram ao mesmo tempo e depressa, tanto que as várias vozes soaram como uma só:

— Ah, conte-nos isso!

O senhor Bermutier sorriu gravemente, como deve sorrir um juiz de instrução. E continuou:

— Não julguem, ao menos, que eu, sequer por um instante, tenha admitido nesta aventura qualquer coisa de sobre-humano. Eu só acredito nas causas normais. Mas seria muito melhor que, em vez de usarmos a palavra «sobrenatural» para exprimir o que não compreendemos, nos servíssemos simplesmente da palavra «inexplicável». Seja como for, no caso que lhes vou contar foram sobretudo as circunstâncias adjacentes, as circunstâncias preparatórias que me impressionaram. Bem, aqui têm os factos:

Eu era então juiz de instrução em Ajaccio, uma cidadezinha branca, que se estende à beira de um admirável golfo rodeado de altas montanhas por todos os lados.

Os casos que eu tinha de enfrentar por lá eram sobretudo casos de «vendetta». Há algumas soberbas, muitíssimo dramáticas, ferozes e heróicas. Deparamos lá com os mais belos temas de vingança que é possível imaginar, com os ódios seculares, momentaneamente mitigados mas nunca extintos, com as astúcias abomináveis, com os assassínios que se transformam em massacres e quase em actos gloriosos. Havia dois anos que eu só ouvia falar do preço do sangue, daquele terrível preconceito corso que obriga a vingar qualquer ofensa na pessoa que a praticou, nos seus

descendentes e nos seus próximos. Tinha visto serem degolados velhos, filhos, primos, tinha a cabeça cheia de histórias dessas.

Ora, vim um dia a saber que um inglês acabava de alugar por vários anos uma pequena vivenda ao fundo do golfo. Trouxera consigo um criado francês, que contratara à sua passagem por Marselha.

Logo toda a gente se interessou por aquele personagem estranho, que vivia sozinho na sua moradia, que não saía senão para caçar e para pescar. Não falava com ninguém, nunca vinha à cidade, e todas as manhãs exercitava-se durante uma hora ou duas a fazer tiro de pistola e de carabina.

Geraram-se lendas a seu respeito. Dizia-se que era um alto personagem que fugira da sua pátria por razões políticas; depois houve quem afirmasse que estava escondido depois de ter cometido um crime horroroso. Mencionavam até circunstâncias particularmente horrendas.

Na minha qualidade de juiz de instrução quis obter algumas informações acerca daquele homem; mas não consegui saber nada. Ele apresentava-se com o nome de John Rowell.

E, assim, limitei-me a vigiá-lo de perto; mas a verdade é que não me apontavam nada de suspeito nele.

Porém, como continuavam os boatos a seu respeito, e aumentavam e se generalizavam, resolvi tentar encontrar-me pessoalmente com aquele estrangeiro, e comecei a caçar regularmente nas proximidades da sua propriedade.

Esperei longamente por uma ocasião. Que surgiu enfim sob a forma de uma perdiz a que apontei e que matei mesmo diante do inglês. O cão trouxe-ma; mas, pegando logo na peça de caça, ia pedir desculpa da minha inconveniência e pedir a sir John Rowell que aceitasse o pássaro morto.

Era um homenzarrão de cabelos ruivos e barba ruiva, muito alto, espadaúdo, uma espécie de héracles plácido e cortês. Nada tinha da rigidez britânica, e agradeceu vivamente a minha delicadeza num francês com sotaque de além-Mancha. Um mês depois já tínhamos conversado umas cinco ou seis vezes.

Por fim, uma tarde, ia eu a passar diante da sua porta, vi-o fumando o seu cachimbo, encavalitado numa cadeira, no seu jardim. Cumprimentei-o e ele convidou-me a entrar para beber um copo de cerveja. Não me fiz rogado.

Recebeu-me com toda a meticolosa cortesia inglesa, falou elogiosamente da França, da Córsega, declarou que amava muito *esta* terra, *esta* costa.

Então, com grandes precauções e sob a forma de um vivíssimo interesse, fiz-lhe algumas perguntas acerca da sua vida, dos seus projectos. Respondeu sem qualquer embaraço, contou-me que tinha viajado muito, em África, na Índia, na América. E acrescentou a rir:

— Teve moitas aventurrass, oh, yes!

A seguir pus-me outra vez a falar de caça, e ele deu-me pormenores curiosíssimos acerca da caça ao hipopótamo, ao tigre, ao elefante, e até da caça ao gorila.

Eu disse:

— Todos esses são animais temíveis.

Ele sorriu:

— Ah, nom, o piorr é o homem.

Desatou a rir às gargalhadas, um bom riso de inglês gordo e contente:

— Também cacei homem também.

Depois falou de armas e convidou-me a entrar em casa para me mostrar as espingardas de diversos sistemas.

A sala estava forrada a negro, de uma seda preta bordada a ouro. Grandes flores amarelas percorriam o tecido escuro, brilhantes como fogo.

Ele anunciou:

— É um pano japonês.

Mas, a meio do painel mais largo, chamou-me a atenção uma coisa estranha. Em cima de um quadrado de veludo vermelho destacava-se um objecto negro: era uma mão, uma mão de homem. Não uma mão de esqueleto, branca e limpa, mas uma mão negra ressequida, de unhas amarelas, com os músculos à vista e vestígios de sangue antigo, um sangue parecido com sarro, nos ossos cortados rente, como que por um machado, mais ou menos a meio do antebraço.

Em redor do pulso uma enorme corrente de ferro, fixa, soldada àquele membro sujo, amarrava-a à parede através de um aro suficientemente forte para segurar um elefante pela trela.

Perguntei:

— Que é aquilo?

O inglês respondeu tranquilamente:

— Foi meu melhor inimigo. Vinha de Amérrica. Foi corrtado com o sabre e arrancada a pele com um pedra cortante e secado ao sol durante oito dias. Oh, para mim muito boa esta.

Toquei naquele resquício humano que devia ter pertencido a um colosso. Os dedos, desmesuradamente compridos, estavam ligados por tendões enormes, seguros por tiras de pele aqui e além. Aquela mão, era horroroso vê-la: assim esfolada, fazia lembrar naturalmente uma qualquer vingança de um selvagem.

Disse eu:

— Este homem devia ser muito forte.

O inglês respondeu baixinho:

— Oh, yes; mas eu foi mais forte que ele. Eu tenho posto esta corrente para o segurar.

Achei que ele estava a brincar e disse:

— Esta corrente agora é completamente inútil, a mão não foge.

Sir John Rowell continuou gravemente:

— Ela querria sempre ir-se embora. Esta corrente ser necessária.

Com uma olhadela rápida perscrutei-lhe a cara, perguntando a mim mesmo:

— Será maluco ou um brincalhão de mau gosto?

Mas a cara dele continuava impenetrável, tranquila e benevolente. Mudei de assunto e admirei as espingardas.

Reparei contudo que em cima dos móveis estavam poisados três revólveres carregados, como se aquele homem tivesse vivido no receio constante de um ataque.

Voltei várias vezes a casa dele. Depois deixei de lá ir. Tínhamo-nos acostumado à sua presença; tornara-se indiferente para todos.

Passou-se um ano inteiro. Ora, uma manhã, em fins de Novembro, o meu criado acordou-me anunciando-me que sir John Rowell fora assassinado naquela noite.

Meia hora depois entrava eu na casa do inglês com o comissário central e o capitão da guarda. O criado, perturbado e desesperado, chorava diante da porta. Comecei por suspeitar daquele homem, mas estava inocente.

Nunca se conseguiu encontrar o culpado.

Ao entrar no salão de sir John deparei ao primeiro olhar com o cadáver estendido de costas, a meio da sala.

O colete estava rasgado, uma manga arrancada estava pendurada, tudo indicava que tinha tido lugar uma luta terrível.

O inglês estava morto, estrangulado! A cara negra e inchada, assustadora, parecia exprimir um abominável pavor; segurava nos dentes apertados uma coisa qualquer; e o pescoço, perfurado por cinco buracos que se diria terem sido feitos por pontas de ferro, estava coberto de sangue.

Veio um médico juntar-se a nós. Examinou longamente as marcas dos dedos na carne e pronunciou estas estranhas palavras:

— Dir-se-ia que foi estrangulado por um esqueleto.

Um arrepio percorreu-me as costas e dirigi os olhos para a parede, para o lugar onde em tempos vira a horrível mão de um homem esfolada. Já não estava lá. A corrente estava partida, pendurada.

Então baixei-me para o morto e encontrei-lhe na boca crispada um dos dedos daquela mão desaparecida, cortado, ou antes, serrado pelos dentes precisamente na segunda falange.

Seguiram-se os exames periciais. Não se descobriu nada. Nenhuma porta fora forçada, nenhuma janela, nenhum móvel. Os dois cães de guarda não tinham acordado.

Eis em poucas palavras o depoimento do criado:

Havia um mês que o patrão parecia agitado. Recebera muitas cartas, logo queimadas.

Muitas vezes, pegando num chicote, num acesso de cólera que se parecia com demência, golpeara furiosamente aquela mão seca, agarrada à parede e de lá tirada, não se sabe como, precisamente na altura do crime.

Deitava-se muito tarde e aferrolhava-se cuidadosamente. Tinha sempre armas ao alcance da mão. Às vezes falava alto de noite, como se estivesse a discutir com alguém.

Naquela noite, por acaso, não fizera qualquer barulho, e só quando foi abrir as janelas é que o criado encontrara sir John assassinado. Não suspeitava de ninguém.

Comuniquei aos magistrados e aos oficiais da força pública o que eu sabia do morto, e procederam por toda a ilha a um inquérito minucioso. Não se descobriu nada.

Ora, uma noite, três meses depois do crime, tive um pesadelo pavoroso. Achei que estava a ver a mão, a horrível mão, correndo como um escorpião ou como uma aranha pelos cortinados e pelas paredes do quarto. Três vezes acordei, três vezes readormeci, três vezes tornei a ver o hediondo resíduo galopando em redor do meu quarto, movendo os dedos como se fossem patas.

Trouxeram-mo no dia seguinte, pois tinham encontrado a mão no cemitério, na sepultura de sir John Rowell, que fora lá enterrado porque não tinham descoberto a sua família. Faltava o dedo indicador.

E, minhas senhoras, aqui têm a minha história. Não sei mais nada.

As mulheres, perturbadíssimas, estavam pálidas, arrepiadas. Uma delas exclamou:

— Mas isso não é o desfecho da história, nem uma explicação! Não vamos conseguir dormir se não nos disser o que na sua opinião se passou.

O magistrado sorriu com severidade:

— Ah, eu, minhas senhoras, vou de certeza destruir os vossos sonhos terríveis. Penso muito simplesmente que o legítimo proprietário da mão não estava morto, e que veio buscá-la com a que lhe restava. Mas, por exemplo, não consegui saber como é que ele fez isso. Trata-se de uma espécie de «vendetta».

Uma das mulheres murmurou:

— Não, não deve ser isso.

E o juiz de instrução, sempre a sorrir, concluiu:

— Eu bem lhes tinha dito que a minha explicação não iria satisfazê-las.

(Dezembro de 1883)

O Quarto 11

Então não sabe porque é que transferiram o senhor Juiz-Presidente Amandon?

— Não, não faço ideia.

— Aliás, ele também nunca o soube. Mas é uma história muitíssimo estranha.

— Ora conte lá.

— Há-de lembrar-se bem da senhora Amandon, daquele linda moreninha magra, tão distinta e tão fina que em toda a cidade de Perthuis-le-Long lhe chamavam senhora Marguerite...

— Lembro-me perfeitamente.

— Ora então oiça. Há-de lembrar-se também de como ela era respeitada, considerada, amada como ninguém na cidade; sabia receber, organizar uma festa ou uma obra de beneficência, arranjar dinheiro para os pobres e distrair os jovens de mil maneiras.

Era muito elegante e contudo muito *coquette*, mas de uma galanteria platónica e de uma elegância encantadora de província, porque aquela mulher era uma provinciana, uma provinciana requintada.

Os senhores escritores que são todos de Paris cantam-nos a parisiense em todos os tons, porque só a conhecem a ela, mas eu cá declaro que a provinciana vale cem vezes mais, quando é de qualidade superior.

A provinciana fina tem um comportamento muito especial, mais discreto que o da parisiense, mais humilde, que nada promete e muito dá, ao passo que a parisiense, a maior parte das vezes, promete muito e nada dá a quem precisa.

A parisiense é o triunfo elegante e descarado da falsidade. A provinciana é a modéstia da verdade.

Uma pequena provinciana esperta, com o seu ar de burguesa de olhos abertos, com a sua candura enganadora de aluna de colégio interno, com o seu sorriso que não diz nada e as suas boas paixonetas, manhosas mas tenazes, tem de mostrar mil vezes mais astúcia, desembaraço, invenção feminina que todas as parisienses juntas, para conseguir satisfazer os seus gostos, ou os seus vícios, sem despertar qualquer suspeita, qualquer falatório, qualquer escândalo na cidadezinha que olha para ela com todos os seus olhos e todas as suas janelas.

A senhora Amandon era típica dessa raça rara, mas encantadora. Nunca tinham suspeitado dela, nunca seria possível pensar-se que a sua vida não era tão límpida como o seu olhar, um olhar castanho, transparente e quente, mas tão honesto – pois então!

Portanto, ela dispunha de um truque admirável, de genial invenção, de maravilhoso engenho, e de incrível simplicidade.

La colher todos os seus amantes no exército e conservava-os durante três anos, o tempo que permaneciam naquele quartel. – E pronto. – Não tinha amor, tinha sentidos.

Mal chegava a Perthuis-le-Long um novo regimento ela colhia informações acerca de todos os oficiais entre os trinta e os quarenta anos – porque antes dos trinta ninguém é ainda discreto. E depois dos quarenta tornam-se muitas vezes fracos.

Ah, ela conhecia o oficialato tão bem como o coronel. Sabia tudo, tudo, os hábitos íntimos, a

instrução, a educação, as qualidades físicas, a resistência ao cansaço, o temperamento paciente ou violento, a fortuna, a tendência para a poupança ou para a prodigalidade. Depois fazia a sua escolha. De preferência aproveitava os homens de aspecto calmo, como ela, mas queria-os bonitos. Pretendia também que não tivessem qualquer ligação conhecida, qualquer paixão que pudesse deixar vestígios ou que tivesse causado quaisquer repercussões. Porque um homem de cujos amores se fala não é nunca um homem verdadeiramente discreto.

Depois de ter posto de parte aquele que iria amá-la durante os três anos de serviço regulamentar, só faltava atirar-lhe o lençinho.

Quantas mulheres se sentiriam embaraçadas, teriam utilizado os processos vulgares, os caminhos que todas seguem, quantas se fariam cortejar percorrendo todas as etapas da conquista e da resistência, deixando hoje que lhe beijassem os dedos, amanhã o pulso, a seguir a face, e depois a boca, e depois o resto!

Ela tinha um método mais expedito, mais discreto e mais seguro. Dava um baile.

O oficial escolhido convidava para dançar a dona da casa. Ora, ao valsar, arrastada pelo movimento rápido, entontecida pela embriaguez da dança, ela encostava-se a ele como que para se entregar e apertava-lhe a mão com uma pressão nervosa e constante.

Se ele não percebia é porque era parvo, e ela passava ao seguinte, classificado em segundo lugar nos alvos do seu desejo.

Se ele percebia, era assunto arrumado, sem dar nas vistas, sem galanterias comprometedoras, sem muitas visitas.

Que havia de mais simples e de mais prático?

Ah, as mulheres deviam usar um processo semelhante para nos darem a entender que lhes agradamos! Como isso suprimiria tantas dificuldades, hesitações, palavras, movimentos, inquietações, perturbações, mal-entendidos! Quantas vezes passamos ao lado de uma felicidade possível, sem darmos por ela, visto que não há quem possa penetrar no mistério dos pensamentos, nos abandonos secretos da vontade, nos apelos mudos da carne, em todo o desconhecido de uma alma de mulher cuja boca permanece silenciosa e o olhar impenetrável e claro?

Logo que ele percebia pedia-lhe um encontro. E ela fazia-o esperar sempre um mês ou seis semanas, para o espiar, para o conhecer e para se afastar no caso de ele ter algum defeito perigoso.

Enquanto isso, ele matava a cabeça para saber onde se poderiam encontrar sem perigo; imaginava combinações difíceis e pouco seguras.

Depois, numa qualquer festa oficial, ela dizia-lhe baixinho:

— Vá, na terça-feira à noite, às nove horas, ao hotel do *Cheval d'Or* ao pé das muralhas, na estrada de Vouziers, e pergunte pela menina Clarisse. Estarei à sua espera, e sobretudo não vá fardado.

Efectivamente, havia oito anos que ela tinha um quarto mobilado alugado ao ano naquela estalagem desconhecida. Fora uma ideia do seu primeiro amante e que ela achara prática, de modo que, depois de o homem se ter ido embora, manteve aquele ninho.

Ah, um ninho medíocre, quatro paredes forradas a papel cinzento-claro com flores azuis, uma cama de pinho tapada por cortinas de musselina, um cadeirão comprado segundo o gosto do estalajadeiro, por sua ordem, duas cadeiras, um tapete de cama e os poucos recipientes necessários para a *toilette*.

Que mais era preciso?

Nas paredes três grandes fotografias. Três coronéis a cavalo: os coronéis dos seus amantes! Porquê? Como não podia conservar a própria imagem, a recordação directa, ela quisera porventura conservar assim recordações por ricochete.

E nunca foi reconhecida por ninguém em todas as suas visitas ao *Cheval d'Or*, pergunta você?

Nunca! Por ninguém!

O processo que utilizava era admirável e simples. Imaginara e organizara séries de reuniões de beneficência e de piedade que muitas vezes frequentava e a que outras vezes faltava. O marido, conhecendo as suas obras pias, que bem caro lhe custavam, vivia sem suspeitas.

Então, uma vez combinado o encontro, ela dizia ao jantar, diante dos criados:

-Esta noite vou à Associação dos Cintos de Flanela para os Velhos Paralíticos.

E saía por volta das oito, entrava na Associação, voltava logo a sair, passava por diversas ruas e, uma vez só numa ruela qualquer, num recanto escuro e sem iluminação pública, tirava o chapéu, substituía-o por uma touca de criada que trazia debaixo do mantelete, desdobrava um avental branco que estava escondido do mesmo modo, atava-o à cintura e, levando numa carteira grande o seu chapéu de cidade e a veste que antes lhe cobria os ombros, lá ia ela a trote, atrevida, de ancas à mostra, como uma pequena criadita que vai fazer um recado; e às vezes até corria como se tivesse muita pressa.

Assim, quem reconheceria naquela criada esguia e viva a senhora do Juiz-Presidente Amandon?

Chegava ao *Cheval d'Or*, e subia para o seu quarto, cuja chave possuía; e o gordo estalajadeiro, o tio Trouveau, ao vê-la passar de trás do seu balcão, murmurava:

— Lá vai a menina Clarisse prós seus amores...

Claro que ele adivinhara qualquer coisa, malandrão que era, mas não procurava saber mais, e não há dúvida de que ficou muito surpreendido quando soube que a sua cliente era a senhora Amandon, a senhora Marguerite, como se dizia em Perthuis-le-Long.

Ora, vejamos como se deu a terrível descoberta.

Nunca a menina Clarisse vinha para os seus encontros duas noites seguidas, nunca, nunca, porque era por demais esperta e prudente para fazer isso. E o tio Trouveau bem o sabia, porque nem uma só noite, em oito anos, a vira chegar no dia seguinte a uma visita. Muitas vezes, até, em dias de aperto, chegara a dispor do quarto por uma noite.

Ora, no Verão passado, o senhor Juiz-Presidente Amandon ausentou-se durante uma semana. Era o mês de Julho; a senhora sentia ardores, e como não era de recear que fosse descoberta, perguntou ao amante, o belo major de Varangelles, numa terça-feira à noite, quando se separaram, se queria tornar a vê-la no dia seguinte, e ele respondeu:

— Então não!

E ficou combinado que se reencontrariam à hora habitual na quarta-feira. Ela disse baixinho:

— Se chegares primeiro, meu querido, deitas-te e esperas por mim.

Beijaram-se e separaram-se.

Ora, no dia seguinte, por volta das dez, quando o tio Trouveau estava a ler a *Folhinha de Perthuis*,

órgão republicano da cidade, gritou de longe para a mulher, que estava a depenar uma galinha no pátio:

— Chegou o cólera à região. Já ontem morreu um homem em Vauvigny.

E depois não pensou mais nisso, porque tinha a estalagem cheia de gente e os negócios estavam a correr muito bem.

Por volta do meio-dia apareceu um viajante, a pé, uma espécie de turista, que pediu um bom almoço depois de ter bebido dois absintos. E, como estava muito calor, absorveu um litro de vinho e dois litros de água, pelo menos.

A seguir tomou o seu café, o seu copinho, ou antes, três copinhos. Depois, sentindo-se um pouco pesado, pediu um quarto para dormir uma hora ou duas. Já não havia um único livre, e o patrão, depois de consultar a mulher, deu-lhe o da menina Clarisse.

O homem entrou e, por volta das cinco da tarde, como não tinham tornado a vê-lo sair, o patrão foi acordá-lo.

Espanto dos espantos: estava morto!

O estalajadeiro desceu ao encontro da mulher.

— Ora vê lá, o artista que eu meti no quarto onze, acho que está mesmo morto.

Ela ergueu os braços:

— Não é possível! Senhor Deus, será a cólera?

O tio Trouveau abanou a cabeça:

— A mim parece-me mais um *contágio* cerebral, pois ele está negro como borra de vinho.

Mas a burguesa, assustada, repetia:

— Não se diz nada, não se diz nada, iam julgar que é cólera. Vai declarar e não digas nada. Levamo-lo à noite para não sermos vistos. E sem se ver nem saber, acabou-se.

O homem murmurou:

— A menina Clarisse veio ontem, o quarto está livre esta noite.

E foi buscar o médico, que verificou o óbito por congestão a seguir a uma copiosa refeição. Depois ficou combinado com o comissário da polícia que levariam o cadáver por volta da meia-noite, para que ninguém desse por isso no hotel.

Ainda não eram nove horas quando a senhora Amondon entrou furtivamente na escada do *Cheval d'Or*, sem ser vista por ninguém nesse dia; chegou ao seu quarto, abriu a porta, entrou. Ardia uma vela na lareira. Virou-se para a cama. O major estava deitado, mas fechara os cortinados.

Disse:

— Um minuto, querido, eu já venho.

E despiu-se num repelão febril, atirando com as botinas para o chão e o corpete para cima do cadeirão. Depois, com o vestido preto e as saias desapertadas caídas à sua volta, endireitou-se, em camisa de seda vermelha, como uma flor que acaba de desabrochar.

Como o major não dissera uma palavra, ela perguntou:

— Estás a dormir, meu gordo?

Ele não respondeu, e ela desatou a rir murmurando:

— Olha como ele dorme, que engraçado!

Ficara em meias, umas meias de seda preta com abertos, e, correndo para a cama, meteu-se lá dentro rapidamente, agarrando-o com força nos seus braços e beijando-o com força na boca, para o acordar de repente, ao cadáver gelado do turista!

Durante um segundo ficou imóvel, por demais assustada para compreender fosse o que fosse. Mas o frio daquela carne inerte fez entrar na sua própria carne um pavor atroz e insensato antes que o seu espírito pudesse começar a reflectir.

Dera um salto para fora da cama, a tremer da cabeça aos pés; e depois, correndo para a lareira, pegou na vela, voltou e olhou! E deparou com um rosto horroroso que não conhecia, negro, inchado, de olhos fechados, com um trejeito horrível da mandíbula.

Soltou um grito, um daqueles gritos agudos e intermináveis que as mulheres soltam nos seus desvaios e, deixando cair a vela, abriu a porta, fugiu, nua, pelo corredor, continuando a berrar de forma assustadora.

Um caixeiro-viajante em peúgas que ocupava o quarto n.º 4 saiu de lá imediatamente e recebeu-a nos braços.

Perguntou espantado:

— Que se passa, minha linda menina?

Ela balbuciou, de cabeça perdida:

— Ma... ma... mataram alguém no... no meu quarto...

Apareceram outros hóspedes. O próprio patrão veio a correr.

E de repente o major surgiu com a sua elevada estatura na ponta do corredor.

Ela, mal o viu, correu para ele gritando:

— Salve-me, salve-me, Gontran... Mataram alguém no nosso quarto.

As explicações foram difíceis. O senhor Trouveau, contudo, contou a verdade e pediu que soltassem imediatamente a menina Clarisse, pela qual respondia com a sua cabeça. Mas o caixeiro-viajante em peúgas, depois de examinar o cadáver, afirmou que havia crime, e convenceu os outros hóspedes a impedirem que a menina Clarisse e o amante se fossem embora.

Tiveram de esperar pela chegada do comissário da polícia, que os pôs em liberdade, mas que não foi discreto.

No mês seguinte, o senhor Juiz-Presidente recebia uma promoção com um novo posto.

(Dezembro de 1884)

III

CONTOS EXEMPLARES

Bola de Sebo

Resíduos de um exército em desordem tinham atravessado a cidade vários dias seguidos. Não eram tropas, eram hordas em debandada. Os homens tinham a barba crescida e suja, uniformes em farrapos, e avançavam num passo frouxo, sem bandeira, sem disciplina. Todos pareciam abatidos, derreados, incapazes de ideias ou decisões; marchavam apenas por hábito e caíam de cansaço logo que paravam. Eram sobretudo soldados mobilizados, gente pacífica, pessoas que viviam tranquilamente dos seus rendimentos, curvados sob o peso da espingarda; pequenos soldados da guarda móvel, vigilantes, fáceis de assustar e predispostos ao entusiasmo, tão prontos para o ataque como para a fuga; e além disso, no meio deles, alguns calções vermelhos, despojos de uma divisão triturada numa grande batalha; artilheiros taciturnos alinhados com aqueles diversos infantes; e, por vezes, o capacete brilhante de um dragão de pés de chumbo que a custo acompanhava a marcha mais ligeira dos da infantaria.

Passavam também por sua vez, com aspecto de bandidos, legiões de franco-atiradores com denominações heróicas – os «Vingadores da Derrota», os «Cidadãos do Túmulo», os «Distribuidores da Morte».

Os seus chefes, antigos comerciantes de tecidos ou de cereais, ex-vendedores de sebo ou de sabão, guerreiros de circunstância, nomeados oficiais pelos dinheiros que possuíam ou pelo comprimento dos bigodes, cobertos de armas, de flanela e de galões, falavam com vozes retumbantes, discutiam planos de campanha e pretendiam transportar sozinhos sobre os seus ombros de fanfarrões a França agonizante; mas era frequente recearem os seus próprios soldados, homens pouco recomendáveis, às vezes demasiadamente corajosos, gatunos e debochados.

Dizia-se que os prussianos iam entrar em Ruão.

A Guarda Nacional, que havia dois meses fazia reconhecimentos muito prudentes nas matas das proximidades, que fuzilava às vezes as suas próprias sentinelas e se preparava para o combate quando um simples coelho se remexia nas moitas, regressara às suas bases. As suas armas, as suas fardas, todo o seu aparato de morte, com que ainda pouco antes aterrorizava as estradas nacionais e três léguas em redor delas, tinham subitamente desaparecido.

Os últimos soldados franceses acabavam enfim de atravessar o Sena para chegar a Pont-Audemer através de Saint-Sever e Bourg-Achard; e, caminhando atrás de todos, o general, desesperado, sem poder tentar fosse o que fosse com aqueles frangalhos desirmanados, ele próprio perdido na grande derrocada de um povo habituado a vencer e desastrosamente batido apesar da sua lendária bravura, seguia a pé, entre dois oficiais às ordens.

Planara depois sobre a cidade uma calma profunda, uma expectativa assustada e silenciosa. Muitos burgueses barrigudos, castrados pelo comércio, aguardavam ansiosamente os vencedores, receando que tomassem como armas os seus espetos de assar ou as suas grandes facas de cozinha.

A vida parecia paralisada, as lojas estavam fechadas, a rua muda. De vez em quando um habitante, intimidado pelo silêncio, deslizava rapidamente ao longo das paredes.

A angústia da espera fazia que todos desejassem a chegada do inimigo.

Na tarde do dia que se seguiu à partida das tropas francesas, alguns soldados da cavalaria alemã, saídos não se sabe donde, atravessaram a cidade com rapidez. Um pouco mais tarde desceu uma vaga negra da encosta Sainte-Catherine, enquanto duas outras ondas invasoras apareciam pelas estradas de Darnetal e de Boisguillaume. As vanguardas dos três corpos juntaram-se precisamente ao mesmo tempo na praça do Município; e, surgindo de todas as ruas vizinhas, o exército alemão chegava, desdobrando os seus batalhões que faziam ressoar as calçadas sob os seus passos duros e ritmados.

Vozes de comando gritadas numa língua desconhecida e gutural subiam pelas casas que pareciam mortas e desertas, enquanto, por trás das portadas fechadas, os olhos espiavam aqueles homens vitoriosos, senhores da cidade, das fortunas e das vidas, em nome do «direito de guerra». Os habitantes, nos seus quartos fechados à luz, viviam o atordoamento provocado pelos cataclismos, pelas grandes convulsões de morte deste mundo, contra as quais toda a sensatez e toda a força são inúteis. Porque a mesma sensação reaparece sempre que a ordem estabelecida das coisas é subvertida, que a segurança deixa de existir, que tudo o que era protegido pelas leis dos homens ou pelas da natureza fica à mercê de uma brutalidade inconsciente e feroz. O tremor de terra que esmaga um povo inteiro sob casas em derrocada; o rio que salta as margens e arrasta os camponeses afogados juntamente com os cadáveres dos bois e as vigas arrancadas dos telhados; ou o exército glorioso que massacra os que se defendem, fazendo os outros prisioneiros, pilhando em nome da Espada e dando graças a um deus ao som do canhão – são outros tantos flagelos terríveis que desconcertam qualquer crença na justiça eterna, toda a confiança que nos ensinam na protecção do céu e na razão do homem.

Mas batiam às portas pequenos destacamentos, e depois desapareciam nas casas. Era a ocupação depois da invasão. Para os vencidos começava o dever de se mostrarem afáveis para com os vencedores.

Passado algum tempo, logo que desapareceu o primeiro terror, instalou-se uma nova calma. Em muitas famílias o oficial prussiano comia à mesa. Às vezes era bem educado e, por delicadeza, lastimava a França, falava de como lhe repugnava participar nesta guerra. As pessoas ficavam-lhe gratas por aqueles sentimentos; além do mais, podiam, mais tarde ou mais cedo, necessitar da sua protecção. Poupano-o, talvez conseguissem ter menos homens a alimentar. E porque é que haviam de magoar alguém de quem dependiam completamente? Magoarem-no era mais temeridade que coragem.

– E a temeridade já não é um defeito dos burgueses de Ruão, como nos tempos das defesas heróicas em que a sua cidade se notabilizou. – E por fim pensavam, e esta era a razão suprema proveniente da urbanidade francesa, que continuava a ser legítimo ser-se cortês dentro de casa com o soldado estrangeiro, desde que não se mostrasse essa familiaridade em público. Na rua já não se conheciam, mas em casa conversavam animadamente, e o alemão deixava-se ficar mais tempo todas as noites a aquecer-se na lareira comum.

A pouco e pouco, a cidade recuperava o seu aspecto habitual. Os franceses ainda pouco saíam de casa, mas os soldados prussianos fervilhavam nas ruas. De resto, os oficiais de hussardos azuis, que arrastavam pelo chão arrogantemente as suas grandes ferramentas mortíferas, pareciam não ter,

relativamente aos simples cidadãos, muito mais desprezo que os oficiais de caçadores, que, no ano anterior, abancavam nos mesmos cafés.

Contudo, havia qualquer coisa no ar, algo de subtil e desconhecido, uma atmosfera estranha intolerável, como que um cheiro espalhado, o cheiro da invasão. Ele enchia as casas e as praças públicas, alterava o gosto dos alimentos, produzia a sensação de se estar em viagem, muito longe, com tribos bárbaras e perigosas.

Os vencedores exigiam dinheiro, muito dinheiro. Os habitantes pagavam sempre; aliás, eram ricos. Mas quanto mais um negociante normando se torna opulento mais sofre com qualquer sacrifício, com qualquer parcela da sua fortuna que veja passar para as mãos de outrem.

Contudo, a duas ou três léguas abaixo da cidade, seguindo o curso do rio, na direcção de Croisset, Dieppedalle ou Biessart, os marítimos e os pescadores traziam muitas vezes do fundo das águas o cadáver de um alemão inchado dentro da sua farda, morto por uma facada ou por uma pancada com um tamanco, com a cabeça esmagada por uma pedra, ou atirado à água com um empurrão do alto de uma ponte. Os lodos do rio amortalhavam estas vinganças obscuras, selvagens e legítimas, heroísmos desconhecidos, ataques mudos, mais perigosos que as batalhas à luz do dia, e sem a retumbância da glória.

Porque o ódio ao estrangeiro sempre fornece armas a alguns intrépidos prontos a morrer por uma ideia.

Enfim, como os invasores, embora sujeitando a cidade à sua inflexível disciplina, não tinham praticado qualquer dos horrores que a fama os fazia cometer ao longo da sua marcha triunfal, as pessoas ganharam coragem, e a necessidade do negócio moveu de novo o coração dos comerciantes da região. Alguns tinham grandes interesses no Havre, ocupado pelo exército francês, e pretenderam tentar ganhar esse porto indo por terra até Dieppe, onde embarcariam.

Utilizaram a influência dos oficiais alemães que tinham conhecido, e conseguiram uma autorização para partir do general comandante-chefe.

E, assim, reservada uma grande diligência com quatro cavalos para esta viagem, e inscritas dez pessoas junto do condutor da viatura, resolveram partir numa terça-feira de manhã, antes do nascer do sol, para evitar qualquer ajuntamento.

Havia já algum tempo que o gelo endurecera a terra, e na segunda-feira, pelas três horas, grossas nuvens vindas do Norte trouxeram a neve, que caiu ininterruptamente durante todo o serão e durante toda a noite.

Às quatro e meia da madrugada os viajantes reuniram-se no pátio do Hôtel de Normandie, onde deviam embarcar.

Estavam ainda cheios de sono e tiritavam de frio debaixo das mantas. No escuro viam-se mal uns aos outros, e a quantidade de pesadas roupas de Inverno fazia com que todos aqueles corpos se parecessem com obesos curas com as respectivas compridas sotainas. Mas houve dois homens que se reconheceram, e um terceiro foi ter com eles e conversaram: «Eu levo a minha mulher comigo, disse um. – Eu também. – E eu também levo a minha.» O primeiro acrescentou: «Não voltaremos a Ruão, e se os prussianos se aproximarem do Havre passaremos para Inglaterra.» Todos tinham os mesmos projectos, e eram de temperamentos semelhantes.

Contudo, ainda não estavam a aparelhar o carro. Um lanternim trazido por um criado de estrebaria saía de vez em quando de uma porta às escuras para logo desaparecer por outra. Ouviam-se ao fundo do edifício patas de cavalos escarvando o chão, amortecidas pelo esterco das camas, e uma voz de homem que falava com os animais e praguejava. Um leve murmúrio de guizos anunciou que estavam a mexer nos arreios; este murmúrio tornou-se rapidamente um frémito claro e contínuo, ritmado pelo movimento do animal, que parava às vezes para depois recomeçar num brusco sacão acompanhado pelo ruído pesado de um casco a bater no solo.

De repente a porta fechou-se. Cessaram todos os ruídos. Os burgueses, gelados, tinham-se calado; permaneciam imóveis e hirtos.

Uma ininterrupta cortina de flocos brancos rebrilhava constantemente descendo até ao chão; apagava as formas, polvilhava as coisas com uma espuma de gelo, e no grande silêncio da cidade calma e amortalhada sob o Inverno já se ouvia apenas aquele roçar vago, indefinível e flutuante, da neve a cair, mais sensação que ruído, um enredado de átomos leves que pareciam encher o espaço, cobrir o mundo.

O homem reapareceu, com a sua lanterna, puxando pela ponta de uma corda um cavalo triste que não vinha de boa vontade. Encostou-o à lança do carro, amarrou os tirantes, andou à volta lentamente para segurar os arneses, porque só podia servir-se de uma das mãos, já que a outra segurava na luz. Quando ia buscar o segundo animal reparou em todos aqueles passageiros imóveis, já brancos de neve, e disse-lhes: «Porque é que não sobem para o carro? Ao menos estavam abrigados.»

Eles evidentemente não tinham pensado nisso, e precipitaram-se. Os três homens instalaram as respectivas mulheres ao fundo e subiram depois; a seguir as outras formas indecisas e veladas tomaram por sua vez os últimos lugares sem trocar palavra.

O soalho estava coberto de palha, onde os pés se enfiaram. As senhoras do fundo, que tinham trazido pequenas escalfetas de cobre com um carvão químico, atearam esses aparelhos e, durante algum tempo, em voz baixa, enumeraram-lhes as vantagens, repetindo umas às outras coisas que há muito tempo sabiam.

Por fim, aparelhada a diligência, com seis cavalos em vez de quatro devido às dificuldades de a puxar, há uma voz de fora que pergunta: «Já subiu toda a gente?» Uma voz de dentro respondeu: «Sim.» E arrancaram.

A carruagem avançava lentamente, lentamente, em passinhos curtos. As rodas enfiavam-se na neve; toda a carcaça gemia com surdos estalidos; os animais escorregavam, resfolgavam, sopravam fumo, e o gigantesco chicote do cocheiro estalava continuamente, esvoaçava por todos os lados, enrolando-se e desenrolando-se como uma esguia serpente, e açoitando bruscamente qualquer garupa que ressaltasse, a qual se esticava então num esforço mais violento.

Mas imperceptivelmente a luz do dia ia crescendo. Aqueles leves flocos que um dos passageiros, de puro sangue de Ruão, comparara com uma chuva de algodão, deixaram de cair. Um clarão sujo filtrava-se através de grossas nuvens escuras e pesadas que tornavam mais brilhante a brancura dos campos onde ora aparecia uma linha de grandes árvores vestidas de geadas, ora uma choupana com um capuz de neve.

Dentro da carruagem as pessoas olhavam umas para as outras com curiosidade, à triste claridade

daquele alvorecer.

Lá mesmo ao fundo, nos melhores lugares, dormitavam, um em frente do outro, o senhor e a senhora Passareau, mercadores de vinhos por grosso da rua Grand-Pont.

Antigo caixeiro de um patrão que se arruinara nos negócios, Passareau adquirira o fundo e fizera fortuna. Vendia muito baratos péssimos vinhos aos pequenos retalhistas do campo, e entre os seus conhecidos e amigos passava por ser um velhaco astuto, um verdadeiro normando cheio de manhas e de jovialidade.

A sua reputação de intrujão estava tão bem assente que uma noite, na prefeitura, o senhor Tournel, autor de fábulas e de canções, um espírito mordente e fino, uma glória local, propusera às senhoras, que lhe pareciam um tanto sonolentas, fazerem um jogo de «Passareau a voar»: o trocadilho é que voou pelos salões do prefeito e depois, chegando aos da cidade, pusera a rir durante um mês todas as queixadas da província.

Além disso, Passareau era célebre pelas suas partidinhas de toda a espécie, pelas suas brincadeiras boas e más, e ninguém podia falar dele sem acrescentar imediatamente: «É impagável, aquele Passareau.»

De pequena estatura, ostentava uma barriga em balão encimada por uma cara rubicunda entre duas suíças grisalhas.

A mulher, alta, forte, desembaraçada, de voz de estentor e decisões rápidas, era a ordem e a aritmética da casa comercial, que ele animava com a sua alegre actividade.

Ao lado destes estava, mais digno, pertencente a uma casta superior, o senhor Carré-Lamadon, um homem de considerável importância, estabelecido nos algodões, proprietário de três fiações, oficial da Legião de Honra e membro do Conselho Geral. Fora sempre ele, durante todo o Império, o chefe da oposição benevolente, apenas para obter melhor preço pela sua adesão à causa que, segundo a sua própria expressão, combatia com armas corteses. A senhora Carré-Lamadon, muito mais nova que o marido, não deixava de ser a consolação dos oficiais de boas famílias colocados na unidade de Ruão.

Estava de frente para o marido, pequenina, miudinha, bonitinha, enovelada nas suas peles, e contemplava com olhos compungidos o lamentável interior da carruagem.

Os seus vizinhos, o conde e a condessa Hubert de Bréville, eram portadores de um dos nomes mais antigos e mais nobres da Normandia. O conde, um velho fidalgo de grande presença, esforçava-se por acentuar, através dos artificios do seu modo de vestir, a sua semelhança natural com o rei Henrique IV, que, segundo uma lenda gloriosa para a família, engravidara uma senhora de Bréville, cujo marido, por tal facto, viera a ser conde e governador da província.

Colega do senhor Carré-Lamadon no Conselho Geral, o conde Hubert representava o partido orleanista no departamento. A história do seu casamento com a filha de um pequeno armador de Nantes permanecera sempre misteriosa. Mas, como a condessa tinha uma grande presença, como sabia receber como ninguém, como até se dizia que fora amada por um dos filhos de Luís Filipe, toda a nobreza a festejava, e o seu salão era o primeiro da região, o único onde se conservava a velha galanteria e onde era difícil entrar.

A fortuna dos Bréville, toda em bens de raiz, atingia, segundo se dizia, quinhentas mil libras de

rendimento.

Estas seis pessoas ocupavam o fundo da carruagem, o lado da sociedade com rendimentos, serena e forte, a das pessoas decentes e respeitáveis, que têm religião e princípios.

Por estranho acaso, todas as mulheres estavam no mesmo banco; e a condessa tinha além disso como vizinhas duas freiras que desfiavam longos rosários resmungando padre-nossos e ave-marias. Uma era velha, com uma cara estragada pelas bexigas, como se tivesse recebido à queima-roupa uma descarga de metralha em pleno rosto. A outra, muito insignificante, tinha uma cara bonita e enfermiça sobre um peito de tísica, corroído por aquela fé devoradora que faz os mártires e os iluminados.

Em frente das duas religiosas havia um homem e uma mulher que atraíam os olhares de toda a gente. O homem, bem conhecido, era Cornudet, o «Viva-a-Democracia», o terror das pessoas respeitáveis. Havia vinte anos que mergulhava a sua barba ruiva nas canecas de cerveja de todos os cafés democráticos. Devorara com os irmãos e os amigos uma fortuna bem razoável recebida do pai, um antigo confeitoiro, e esperava impacientemente pela República para conseguir finalmente o lugar merecido por tantos copos revolucionários. No quatro de Setembro, porventura por via de uma brincadeira, julgara-se nomeado prefeito; mas, quando pretendeu entrar em funções, os escriturários, que tinham ficado como únicos senhores da praça, recusaram-se a reconhecê-lo como tal, o que o obrigou à retirada. Era, aliás, muito bom rapaz, inofensivo e serviçal, e tratara de organizar a defesa com incomparável ardor. Mandara escavar uns buracos nas planícies, derrubara todas as árvores jovens das florestas vizinhas, semeara de armadilhas todas as estradas e, perante a aproximação do inimigo, satisfeito com os seus preparativos, concentrara-se claramente na cidade. Pensava agora ir ser mais útil no Havre, onde iam ser necessárias novas trincheiras.

A mulher, uma daquelas a que chamam galantes, era célebre pela sua gordura precoce, que lhe valera a alcunha de Bola de Sebo. Pequena, toda ela redondinha, gorda até mais não, com dedos balofos, estrangulados nas falanges, que pareciam fiadas de pequenas salsichas, com uma pele reluzente e esticada, um colo enorme saliente debaixo do vestido, nem por isso deixava de ser apetitosa e desejada, tal era o prazer proporcionado pela contemplação da sua frescura. A cara era uma maçã vermelha, um botão de peónia prestes a florir, e nela se abriam no alto uns olhos negros magníficos, sombreados de grandes pestanas espessas que os escureciam mais; em baixo, uma boca encantadora, apertada, húmida para o beijo, povoada de dentinhos brilhantes e microscópicos.

Além disto, era, ao que se dizia, uma pessoa cheia de qualidades inapreciáveis.

Mal foi reconhecida correram murmúrios entre as mulheres honestas, e as palavras «prostituta» ou «vergonha pública» foram segredadas tão alto que ela ergueu a cabeça. Então passeou pelos vizinhos um olhar de tal modo provocador e atrevido que logo reinou um grande silêncio; e toda a gente baixou os olhos com excepção de Passareau, que a espiava com um ar jovial.

Mas a conversa não tardou a recomeçar entre as três senhoras, que se tinham tornado subitamente amigas, quase íntimas, por virtude da presença daquela rapariga. Achavam que tinham a obrigação de juntar fortemente as suas dignidades de esposas diante daquela vendida sem vergonha: é que o amor legal é sempre arrogante perante o seu confrade livre.

Também os três homens, aproximados por um instinto de conservadores perante o aspecto de Cornudet, falavam de dinheiro num certo tom desdenhoso para com os pobres. O conde Hubert falava

dos estragos que os prussianos lhe haviam causado, das perdas que iriam resultar do gado roubado e das colheitas perdidas, isto com uma segurança de grande senhor dez vezes milionário que só durante um ano seria incomodado por aqueles saques. O senhor Carré-Lamadon, muito atingido na indústria algodoeira, tivera o cuidado de enviar seiscentos mil francos para Inglaterra, uma reserva para as dificuldades a que sempre procurava poupar-se. Quanto a Passareau, arranjava meio de vender à Intendência francesa todos os vinhos correntes que lhe restavam na adega, e assim o Estado devia-lhe uma soma enorme que bem esperava receber no Havre.

E os três trocavam olhares rápidos e amigáveis. Embora de condições sociais diferentes, sentiam-se irmanados pelo dinheiro, pertencentes à maçonaria dos que têm posses, dos que fazem tilintar o ouro quando metem a mão no bolso das calças.

A carruagem andava tão devagar que às dez horas da manhã ainda não tinham feito quatro léguas. Os homens desceram três vezes para subirem encostas a pé. Começavam a ficar inquietos, porque haviam tido a intenção de almoçar em Tôtes e agora desesperavam de lá chegar antes da noite. Estavam todos de vigia, a ver se lobrigavam uma taberna na estrada, quando a diligência se afundou num monte de neve e foram precisas duas horas para a libertar.

O apetite crescia, perturbava os espíritos, e não aparecia nenhuma tasca, nenhum vendedor de vinho, visto que a aproximação dos prussianos e a passagem das tropas francesas tinham assustado todas as actividades.

Os cavalleiros correram em busca de provisões nas quintas à beira do caminho, mas nem sequer pão encontraram, porque o camponês, desconfiado, escondia as suas reservas com receio de ser pilhado pelos soldados que, não tendo nada para dar ao dente, tomavam pela força tudo o que descobriam.

Por volta da uma da tarde, Passareau anunciou que decididamente sentia um maldito vazio no estômago. Há muito que toda a gente sofria do mesmo, e a violenta necessidade de comer, que ia sempre aumentando, matara todas as conversas.

De vez em quando alguém bocejava; logo outro o imitava quase de imediato, e todos sucessivamente, segundo o temperamento, a prática do mundo e a posição social de cada um, abriam a boca ruidosamente ou modestamente, levando depressa a mão ao buraco escancarado donde se evolava um vapor.

Bola de Sebo inclinou-se diversas vezes, como se estivesse à procura de qualquer coisa debaixo das saias. Hesitava um segundo, olhava para os companheiros de viagem e depois endireitava-se tranquilamente. As caras estavam pálidas e crispadas. Passareau afirmou que daria mil francos por um presuntinho. A mulher fez um gesto como se protestasse, mas depois acalmou-se. Custava-lhe sempre ouvir falar de dinheiro desperdiçado, e nem sequer compreendia as brincadeiras a este respeito. «A verdade é que não me sinto bem, disse o conde; como é que eu não pensei em trazer mantimentos?» Todos faziam a si próprios a mesma censura.

No entanto, Cornudet tinha uma cabaça cheia de rum; ofereceu-a mas recusaram friamente. Só Passareau aceitou duas gotas e, quando devolveu a cabaça, agradeceu: «Apesar de tudo é bom, aquece e engana o apetite.» O álcool pô-lo de bom humor, e propôs que fizessem como no barquinho da canção, que comessem o passageiro mais gordo. Esta alusão indirecta a Bola de Sebo chocou as

peessoas bem educadas. Ninguém respondeu: só Cornudet fez um sorriso. As duas irmãzinhas tinham deixado de rosar o seu terço e, de mãos enfiadas nas grandes mangas, mantinham-se imóveis, baixando teimosamente os olhos, por certo oferecendo ao céu o sofrimento que ele lhes enviava.

Por fim, às três horas, quando se encontravam no meio de uma planície interminável sem uma única aldeia à vista, Bola de Sebo, baixando-se vivamente, retirou de sob a banquetta um grande cesto coberto por uma toalha branca.

Começou por tirar de lá um pratinho de faiança, uma elegante taça de prata, e depois uma grande terrina onde havia dois frangos inteiros de conserva na sua geleia, todos trinchados, e no cesto viam-se ainda outras coisas boas embrulhadas, *pâtés*, fruta, guloseimas, provisões preparadas para uma viagem de três dias em que se dispensassem os cozinhados das estalagens. Entre os embrulhos de alimentos espreitavam quatro gargalos de garrafas. Ela pegou numa asa de frango e, com delicadeza, começou a comê-la com um daqueles pãezinhos a que na Normandia chamam «Régence».

Todos os olhares estavam postos nela. E o aroma espalhou-se, alargando as narinas, fazendo crescer nas bocas uma saliva abundante com uma contracção dolorosa da mandíbula abaixo das orelhas. O desprezo das senhoras por aquela rapariga estava a tornar-se feroz, como que uma vontade de a matar ou de atirar pela porta fora da carruagem, a ela, à sua taça, ao seu cesto e aos seus mantimentos.

Mas Passareau devorava com os olhos a terrina de frango. Disse: «Felizmente a senhora foi mais previdente que nós. Há pessoas que sabem sempre pensar em tudo.» Ela ergueu a cabeça para ele: «O senhor quer um bocadinho? Custa muito estar em jejum desde a manhã.» Ele baixou a cabeça: «Palavra que, com toda a franqueza, não sou capaz de recusar, já não posso mais. Em tempo de guerra não se limpam armas, não é, minha senhora?» E, lançando um olhar circular, acrescentou: «Em ocasiões como esta é uma grande satisfação encontrar pessoas que são amáveis connosco.» Tinha um jornal, que estendeu para não sujar as calças, e, com a ponta de uma faca que tinha sempre na algibeira, tirou uma coxa brilhante de gordura, fê-la em pedaços com os dentes e depois mastigou-a com uma satisfação tão evidente que provocou na carruagem um grande suspiro de aflição.

Mas Bola de Sebo, numa voz humilde e doce, propôs às irmãzinhas que partilhassem a sua colação. Ambas aceitaram instantaneamente e, sem erguer os olhos, começaram a comer muito depressa, depois de balbuciarem uns agradecimentos. Cornudet também não recusou as ofertas da sua vizinha, e, estendendo jornais em cima dos joelhos, formou-se com as religiosas uma espécie de mesa.

As bocas abriam-se e fechavam-se sem descanso, engoliam, mastigavam, devoravam ferozmente. Passareau, no seu canto, trabalhava arduamente e, em voz baixa, convidava a mulher a imitá-lo. Esta resistiu por muito tempo, mas, depois de uma crispação que lhe percorreu as entranhas, cedeu. Então o marido, arredondando a frase, perguntou à sua «encantadora companheira» se lhe permitia que oferecesse um pedacinho à senhora Passareau. «Com certeza, cavalheiro», disse ela com um sorriso amável; e estendeu a terrina.

Criou-se uma situação embaraçosa quando se abriu a primeira garrafa de bordéus: só havia um copo. Foram-no passando depois de o enxugarem. Só Cornudet, decerto por galanteria, poisou os lábios no lugar ainda húmido dos lábios da sua vizinha.

Então, rodeados de pessoas a comer, sufocados pelas emanções das comidas, o conde e a

condessa de Bréville, assim como o senhor e a senhora Carré-Lamadon, sofreram aquele suplício odioso que conservou o nome de Tântalo. De repente, a jovem mulher do industrial soltou um suspiro que fez com que todas as cabeças se voltassem; estava tão branca como a neve lá de fora; os olhos fecharam-se-lhe, a cabeça caiu-lhe para a frente: perdera os sentidos. O marido, atarantado, pedia auxílio a toda a gente. Todos estavam sem saber que fazer, quando a mais idosa das duas freiras, segurando na cabeça da doente, lhe introduziu entre os lábios o copo de Bola de Sebo e lhe fez engolir algumas gotas de vinho. A bela senhora mexeu-se, abriu os olhos, sorriu e declarou em voz moribunda que se sentia agora muito bem. Mas, para que aquilo não se repetisse, a religiosa obrigou-a a beber um copo cheio de bordéus, e acrescentou: «É fome, é só isso.»

Então Bola de Sebo, corada e confusa, balbuciou fitando os quatro passageiros que tinham ficado em jejum: «Meu Deus, como é que eu havia de me atrever a oferecer a estes senhores e a estas senhoras...» Calou-se, receando um insulto. Passareau tomou a palavra: «Ora essa, nestes casos todos somos irmãos e devemos ajudar-nos uns aos outros. Vamos, minhas senhoras, nada de cerimónias: aceitem, que diabo! Sabemos lá se iremos encontrar sequer uma casa onde passar a noite? Por este andar, só estaremos em Tôtes amanhã lá para o meio-dia.» Os outros hesitavam, ninguém se atrevia a assumir a responsabilidade do «sim». Mas o conde decidiu a questão. Virou-se para a intimidada rapariga gorda e, arvorando o seu pomposo ar de fidalgo, disse-lhe: «Aceitamos reconhecidos, minha senhora.»

Só custava o primeiro passo. Passado o Rubicão, atiraram-se declaradamente. O cesto ficou vazio. Continha ainda um pastel de fígado, outro de cotovia, um pedaço de língua fumada, pêras de Outono, um prato de queijo Pont-l'Evêque, bolinhos e uma taça cheia de pepinos de conserva e cebolinhas em vinagre, pois Bola de Sebo, como todas as mulheres, adorava coisas cruas.

Não era possível comer os mantimentos da rapariga sem falar com ela. E portanto conversaram, inicialmente com uma certa reserva, e depois, como ela se portava muito bem, entregaram-se à conversa mais abertamente. As senhoras de Bréville e Carré-Lamandon, que tinham uma grande prática do mundo, mostraram-se delicadamente gentis. A condessa, sobretudo, ostentou aquela condescendência amável das nobilíssimas damas que nenhum contacto pode manchar, e foi encantadora. Mas a forte senhora Passareau, que tinha alma de polícia, permaneceu arisca, falando pouco e comendo muito.

Falaram da guerra, é claro. Contaram factos horríveis dos prussianos, gestos de bravura dos franceses; todas aquelas pessoas que fugiam prestaram homenagem à coragem dos outros. Não tardaram a começar as histórias pessoais, e Bola de Sebo contou como tinha saído de Ruão, com emoção genuína, com aquele calor de palavras com que as raparigas por vezes exprimem os seus naturais arrebatamentos: «Ao princípio julguei que poderia ficar, dizia ela. Tinha a minha casa cheia de mantimentos, e mais valia alimentar alguns soldados que expatriar-me não sabia para onde. Mas, quando vi aqueles prussianos, foi mais forte que eu! Puseram-me o sangue a ferver de fúria; e chorei de vergonha durante um dia inteiro. Ah, se eu fosse homem, bem sabia o que fazer! Via-os da minha janela, aqueles grandes porcos com os seus capacetes pontiagudos, e a minha criada segurava-me as mãos para não me deixar atirar a mobília para cima deles. Depois vieram para se alojar em minha casa; então atirei-me ao pescoço do primeiro que apareceu! Não são mais difíceis de estrangular que

outros quaisquer. E teria acabado com ele, com aquele, se não me tivessem puxado pelos cabelos. Depois disso tive de me esconder. Por fim, quando surgiu uma ocasião, vim-me embora, e aqui estou.»

Felicitaram-na muito. Ia crescendo na estima dos seus companheiros, que não se tinham mostrado tão arrojados; e Cornudet escutava-a com um sorriso de aprovação e benevolência de apóstolo; exactamente como um padre ouve um devoto a louvar a Deus, porque os democratas de longas barbas têm o monopólio do patriotismo, do mesmo modo que os homens de sotaina o têm da religião. Falou por sua vez num tom doutrinário, com a ênfase que aprendera nas proclamações que todos os dias colavam nas paredes, e acabou com uma peça de eloquência em que zurzia magistralmente «aquele crápula do Badinguet».

Mas Bola de Sebo zangou-se logo, porque era bonapartista. Ficava mais vermelha que uma ginja e, gaguejando de indignação, dizia: «Bem gostava eu de vos ver no lugar dele! Isso é que era bom! Vocês é que o traíram, traíram aquele homem! Teríamos de sair de França se fôssemos governados por uns garotos como vocês!» Cornudet, impassível, conservava um sorriso desdenhoso e superior; mas sentia-se que vinham aí os palavrões, quando o conde se interpôs e acalmou, não sem custo, a rapariga exasperada, proclamando com autoridade que todas as opiniões sinceras eram respeitáveis. Entretanto a condessa e a mulher do industrial, que tinham nas suas almas o ódio irracional das pessoas decentes à República, e aquela instintiva ternura que todas as mulheres alimentam pelos governos arrogantes e despóticos, sentiam-se, contra sua vontade, atraídas para aquela prostituta cheia de dignidade, cujos sentimentos tanto se pareciam com os seus.

O cesto estava vazio. Os dez tinham-no esgotado sem custo, lamentando que ele não fosse maior. A conversa continuou durante algum tempo, contudo um pouco esfriada desde que tinham acabado de comer.

A noite caía, a pouco e pouco a escuridão tornou-se profunda e o frio, mais sensível durante as digestões, fazia estremecer Bola de Sebo, apesar da gordura. Então a senhora de Bréville ofereceu-lhe

a sua escalfeta, cujo carvão fora renovado várias vezes desde a manhã, e ela aceitou imediatamente porque sentia os pés gelados. As senhoras Carré-Lamadon e Passareau entregaram as suas às religiosas.

O cocheiro tinha acendido as lanternas, que iluminavam com um vivo clarão uma nuvem de humidade por cima das garupas suadas dos cavalos e a neve dos dois lados da estrada, que parecia desenrolar-se sob o reflexo móvel das luzes.

Dentro da carruagem já não se distinguia nada; mas de repente notou-se um movimento qualquer entre Bola de Sebo e Cornudet;

e Passareau, cujos olhos perscrutavam a sombra, julgou ver o homem de grandes barbas afastar-se vivamente como se tivesse recebido uma boa bofetada dada sem ruído.

Lá à frente apareceram na estrada uns pontinhos de fogo. Era Tôtes. Tinham andado onze horas, o que, com as duas horas de descanso dadas quatro vezes aos cavalos para comerem a aveia e respirarem ofegantes, fazia catorze. Entraram na vila e pararam diante do Hôtel du Commerce.

A portinhola abriu-se. Um ruído bem conhecido fez estremecer todos os passageiros: eram as

pancadas no chão da bainha de um sabre. Logo a voz de um alemão gritou qualquer coisa.

Embora a diligência estivesse parada, ninguém descia, como se esperassem ser massacrados à saída. Então o condutor apareceu, segurando na mão uma das lanternas, que subitamente iluminou até ao fundo do carro as duas filas de cabeças assustadas, cujas bocas estavam abertas e os olhos arregalados de surpresa e de pavor.

Ao lado do cocheiro estava, em plena luz, um oficial alemão, um rapagão muitíssimo esguio e loiro, apertado no seu uniforme como uma rapariga no corpete, e trazendo atravessado na cabeça o barrete liso e encerado que o tornava parecido com o mandarete de um hotel inglês. O seu bigode desmesurado, de longos pêlos eriçados, estreitando-se indefinidamente de cada um dos lados, e acabando num só fio loiro, tão fino que não se lhe distinguia o fim, parecia pesar-lhe sobre os cantos da boca, e, puxando-lhe a maçã do rosto, marcava-lhe os lábios com uma prega descaída.

Convidou os passageiros a saírem num francês de alsaciano, dizendo num tom rude: «Imporrdam-se de tescer, senhorres e senhorras?»

As duas irmãzinhas foram as primeiras a obedecer, com uma docilidade de santas donzelas habituadas a todas as submissões. A seguir apareceram o conde e a condessa, seguidos do industrial e da respectiva mulher; seguiu-se Passareau, empurrando à sua frente a sua volumosa cara-metade. Este, ao pôr pé em terra, disse ao oficial, mais por prudência que por cortesia: «Bom dia, cavalheiro.» O outro, insolente como todos os detentores do poder, olhou para ele sem responder.

Bola de Sebo e Cornudet, embora estivessem perto da portinhola, foram os últimos a descer, graves e altivos diante do inimigo. A gorda rapariga tentava dominar-se e conservar-se calma; o «Viva-a-Democracia» esgatanhava com mão trágica e algo tremente a longa barba arruivada. Queriam manter a sua dignidade, compreendendo que naqueles encontros cada um é um pouco o representante do seu país; e ambos igualmente revoltados pela maleabilidade dos seus companheiros, ela tratava de se mostrar mais orgulhosa que as suas vizinhas, as mulheres honestas, enquanto ele, sentindo bem que lhe era exigido o exemplo, prosseguia em toda a sua atitude na sua missão de resistência iniciada com o esburacar das estradas.

Entraram na vasta cozinha da estalagem, e o alemão, depois de mandar que lhe mostrassem a autorização de partida assinada pelo general comandante-chefe e onde eram mencionados os nomes, a sinalética e a profissão de cada passageiro, examinou demoradamente toda a gente, comparando as pessoas com as informações escritas.

E de repente disse: «'Tá pem», e desapareceu.

Então respiraram fundo. Ainda tinham fome: encomendaram a ceia. Tinham de esperar meia hora até a prepararem; e, enquanto as duas criadas pareciam estar a tratar disso, foram visitar os quartos. Situavam-se todos num comprido corredor que acabava numa porta envidraçada marcada com um número berrante.

Iam por fim sentar-se à mesa quando o patrão da estalagem apareceu pessoalmente. Era um antigo mercador de cavalos, um gordo asmático, sempre com assobios, com rouquidões, com cânticos de baba viscosa na laringe. Recebera do pai o nome de Follenvie.

Perguntou:

«A menina Elisabeth Rousset?»

Bola de Sebo estremeceu, virou-se:

— Sou eu.

— Menina, o oficial prussiano quer falar consigo imediatamente.

— Comigo?

— Sim, consigo, se se chama realmente Elisabeth Rousset.

Ela perturbou-se, reflectiu um segundo e depois declarou terminantemente:

— Pode ser, mas eu não vou.

Gerou-se um movimento à sua volta; todos discutiam e procuravam a causa daquela ordem. O conde aproximou-se:

— Faz mal, minha senhora, porque a sua recusa pode acarretar dificuldades consideráveis, não apenas para si, mas até para todos os seus companheiros. Nunca se deve resistir aos mais fortes. Por certo este procedimento não oferece qualquer perigo: trata-se sem dúvida de qualquer formalidade esquecida.

Toda a gente se juntou a ele, e a ela suplicaram-lhe, pressionaram-na, repreenderam-na, e acabaram por convencê-la; é que todos temiam as complicações que poderiam resultar de uma resposta rude. Por fim, ela disse:

— É por vós que o faço, podem ter a certeza!

A condessa pegou-lhe na mão:

— E ficamos-lhe gratos por isso.

Saiu. Esperaram por ela para se sentar à mesa. Todos se sentiam desolados por não terem sido chamados em lugar daquela rapariga violenta e irascível, e preparavam mentalmente umas sensaborias para o caso de serem também chamados.

Mas passados dez minutos ela reapareceu, ofegante, corada de sufocação, exasperada. Balbuciava: «Que canalha! Que canalha!»

Todos se precipitavam a querer saber, mas ela não disse nada; e, como o conde insistia, respondeu com grande dignidade: «Não, o assunto não lhe diz respeito; não posso falar.»

Sentaram-se então todos em redor de uma terrina de sopa donde se evolava um aroma de couves. Apesar deste alarme, a ceia foi alegre. A cidra era boa, e foi o que o casal Passareau e as irmãszinhas beberam, por economia. Os outros pediram vinho; Cornudet exigiu cerveja. Tinha uma maneira especial de tirar a tampa da garrafa, de fazer o líquido espumar, de o examinar inclinando o copo, que depois erguia entre o candeeiro e os olhos para apreciar bem a cor. Quando bebia, a sua grande barba, que conservara a tonalidade da sua bebida favorita, parecia estremeecer de ternura; os olhos entortavam-se-lhe para não perder de vista a caneca e ele parecia assim cumprir a única função para que tinha nascido. Dir-se-ia que estabelecia no seu espírito uma aproximação e como que uma afinidade entre as duas grandes paixões que ocupavam toda a sua vida: o «Pale-Ale» e a Revolução; e garantidamente não era capaz de saborear um sem a outra.

O senhor e a senhora Follenvie jantavam na ponta da mesa. O homem, estertorando como uma locomotiva estoirada, tinha excessiva dificuldade no peito para poder falar e comer ao mesmo tempo; mas a mulher não se calava. Contou todas as suas impressões da chegada dos prussianos, o que eles faziam, o que eles diziam, começando por detestá-los porque lhe custavam dinheiro e depois

porque tinha dois filhos no exército. Dirigia-se sobretudo à condessa, lisonjeada por estar a falar com uma senhora de categoria.

Depois baixava a voz para dizer as coisas delicadas, e o marido interrompia-a de vez em quando: «Era melhor que te calasses, senhora Follenvie.» Mas ela não lhe ligava e continuava:

«Sim, minha senhora, esta gente não faz outra coisa senão comer batatas com carne de porco, e depois carne de porco com batatas. E não acredite que são aseados. Nem por sombras! Fazem porcarias por toda a parte, com sua licença. E bem pode vê-los em exercícios horas e horas dias seguidos; estão lá todos num campo – marcha para a frente, marcha para trás, vira para aqui, vira para ali. Se ao menos cultivassem a terra, ou se trabalhassem nas estradas da terra deles! Mas não, minha senhora, estes militares não são úteis para ninguém! O pobre povo é que tem que os alimentar para eles só aprenderem a destruir! Eu não passo de uma velha sem educação, é verdade, mas ao vê-los estafar o coiro a bater os pés de manhã à noite, digo cá para mim: Quando há pessoas que fazem tantas descobertas para serem úteis, temos outras que têm tanto trabalho para serem prejudiciais! Realmente, não é uma abominação matar pessoas, sejam elas prussianos, ou ingleses, ou polacos, ou franceses? Se a gente se vinga em alguém que nos fez mal, está mal, porque somos condenados; mas quando exterminam os nossos rapazes como peças de caça, com espingardas, então está bem, visto que dão condecorações a quem mais os destrói? Não, bem vê, eu nunca hei-de entender isto!»

Cornudet ergueu a voz:

«A guerra é uma barbárie quando se ataca um vizinho pacífico; mas é um dever sagrado quando se defende a pátria.»

A velha baixou a cabeça:

«Sim, quando a gente se defende é outra coisa; mas não deveríamos antes matar todos os reis que fazem isto para se divertir?»

O olhar de Cornudet inflamou-se:

«Bravo, cidadã!»

O senhor Carré-Lamadon reflectia profundamente. Embora fosse um fanático admirador dos ilustres cabos de guerra, o bom senso daquela camponesa levava-o a pensar na opulência que tantos braços desocupados, e portanto ruinosos, que tantas forças que se mantêm improdutivas criariam num país se fossem utilizadas nas grandes obras industriais que levariam séculos a concluir.

Mas Passareau, saindo do seu lugar, foi conversar baixinho com o estalajadeiro. O homem gordo ria, tossia, cuspiu; a sua enorme barriga saltitava de satisfação com as graças do seu vizinho, e comprou-lhe seis quartolas de bordéus lá para a Primavera, depois da partida dos prussianos.

Logo que terminou a ceia, como estavam quebrados de cansaço, foram-se deitar.

No entanto, Passareau, que tinha observado tudo, meteu a mulher na cama e colou ora o ouvido ora o olho ao buraco da fechadura para tentar descobrir aquilo a que chamava «os mistérios do corredor».

Passada cerca de uma hora ouviu um ruge-ruge, espreitou logo e viu Bola de Sebo, que parecia ainda mais roliça coberta por um penteador de caxemira azul orlado de rendas brancas. Trazia uma palmatória na mão e dirigia-se para o grande número mesmo ao fundo do corredor. Mas ao lado entreabriu-se uma porta e, quando ela voltou passados alguns minutos, Cornudet, de suspensórios,

vinha atrás dela. Falavam baixinho e depois pararam. Bola de Sebo parecia proibir energicamente a entrada no seu quarto. Infelizmente Passareau não ouvia as palavras; mas por fim, como eles ergueram o tom de voz, conseguiu distinguir algumas. Cornudet insistia vivamente e dizia:

«Ora veja, não seja tola, que tem isso para si?»

Ela parecia indignada e respondeu:

«Não, meu caro, há ocasiões em que não se fazem essas coisas; e além disso, aqui, seria uma vergonha.»

Ele certamente não percebia, e perguntou porquê. Então ela irritou-se erguendo ainda mais a voz:

«Porquê? O senhor não percebe porquê? Quando há prussianos cá em casa, se calhar no quarto ao lado?»

Ele calou-se. Aquele pudor patriótico de rameira que não se deixava acariciar ao pé do inimigo deve ter despertado no seu coração a sua desfalecida dignidade, porque, depois de apenas a ter abraçado, regressou à sua porta nas pontas dos pés.

Passareau, muito inflamado, abandonou a fechadura da porta, fez uma cabriola no quarto, enfiou o barrete de dormir, ergueu o lençol sob o qual jazia a dura carcaça da sua companheira, que despertou com um beijo murmurando: «Gostas de mim, querida?»

Então toda a casa ficou silenciosa. Mas não tardou que algures, numa direcção indeterminada que tanto podia ser a cave como o sótão, se começou a ouvir um poderoso ressonar, monótono, regular, um ruído surdo e prolongado, com tremores de caldeira em pressão. Era o senhor Follenvie que dormia.

Como tinham decidido que partiriam no dia seguinte às oito horas, toda a gente se encontrou na cozinha; mas a carruagem, cuja caixa tinha uma cobertura de neve, erguia-se isolada no meio do pátio, sem cavalos e sem condutor. A este procuraram-no em vão nas cavalariças, nas arrecadações de forragens, nas cocheiras. Então todos os homens se resolveram a bater a zona e saíram. Foram ter à praça, com a igreja ao fundo e, de ambos os lados, casas baixas onde se distinguiam prussianos. O primeiro que viram estava a descascar batatas. O segundo, mais adiante, lavava a loja do barbeiro. Outro, barbudo até aos olhos, beijava um pirralho que chorava e embalava-o nos joelhos para tentar acalmá-lo; e as gordas camponesas, cujos homens estavam «na tropa da guerra», indicavam por meio de sinais aos seus vencedores obedientes o trabalho que havia a fazer: rachar lenha, temperar a sopa, moer o café; um deles estava até a lavar a roupa da sua hospedeira, uma avó que não podia fazê-lo.

O conde, espantado, interrogou o maceiro da confraria que ia a sair do presbitério. O velho rato de igreja respondeu: «Oh, eles não são maus: não são os prussianos de que falam. São de mais longe, não sei donde, e todos eles deixaram mulher e filhos na sua terra; ah, não, não se divertem nada na guerra! Tenho a certeza de que por lá também estão a chorar pelos homens; e isto irá causar uma grande miséria, tanto na terra deles como na nossa. Aqui, ainda vá, por agora não vai muito mal, porque eles não fazem mal nenhum e trabalham como se estivessem nas casas deles. Está o senhor a ver, os pobres têm de se ajudar uns aos outros... Quem faz a guerra são os grandes.»

Cornudet, indignado com o cordial entendimento que se estabelecera entre vencedores e vencidos, retirou-se, preferindo fechar-se na estalagem. Passareau largou uma graça: «Estão a repovoar as terras.» O senhor Carré-Lamadon disse gravemente: «Estão a consertar tudo.» Mas não encontravam

o cocheiro. Por fim, foram descobri-lo no café da aldeia, fraternalmente sentado à mesa com a ordenança do oficial. O conde interpelou-o:

— Não lhe tinham dado ordens para aparelhar às oito horas?

— Ah, pois foi, mas depois deram-me outra ordem.

— Qual?

— A de não aparelhar de todo.

— Quem é que lhe deu essa ordem?

— Ora essa! O comandante prussiano.

— Mas porquê?

— Isso não sei. Vá perguntar-lhe. Proíbem-me de aparelhar e eu cumpro. E pronto.

— Foi mesmo ele que lhe disse isso?

— Não, cavalheiro: foi o estalajadeiro que me deu a ordem da parte dele.

— E quando foi isso?

— Ontem à noite, quando ia deitar-me.

Os três homens regressaram muito inquietos.

Perguntaram pelo senhor Follenvie, mas a criada respondeu que o patrão, devido à sua asma, nunca se levantava antes das dez. Tinha até proibido formalmente que o acordassem mais cedo, excepto em caso de incêndio.

Quiseram falar com o oficial, mas era absolutamente impossível, embora ele estivesse alojado na estalagem. Só o senhor Follenvie estava autorizado a falar com ele acerca de assuntos civis. Então resolveram esperar. As mulheres tornaram a subir para os seus quartos e ocuparam-se em futilidades.

Cornudet instalou-se ao abrigo da alta lareira da cozinha, onde ardia um grande fogo. Mandou que lhe trouxessem para ali uma das mesinhas do café e uma caneca de litro, e puxou do cachimbo, que entre os democratas gozava de uma consideração que ombreava com a sua, como se servisse a pátria ao servir Cornudet. Era um soberbo cachimbo de espuma admiravelmente queimado, tão negro como os dentes do seu dono, mas perfumado, recurvado, luzidio, afeito à sua mão, e que lhe completava a fisionomia. E ficou-se imóvel, de olhos postos ora na chama da lareira ora na espuma que coroava a sua caneca; e de cada vez que bebia passava com um ar satisfeito os seus compridos dedos magros pelos compridos cabelos gordurosos, ao mesmo tempo que chupava o bigode franjado de espuma.

Passareau, a pretexto de desentorpecer as pernas, foi vender vinho aos retalhistas da terra. O conde e o industrial puseram-se a falar de política. Anteviam o futuro da França. Um acreditava nos Orleães, o outro num salvador desconhecido, num herói que haveria de revelar-se quando toda a esperança estivesse perdida: talvez um Du Guesclin, uma Joana d'Arc? ou outro Napoleão I? Ah, se o príncipe não fosse tão jovem! Cornudet ouvia-os e sorria com um ar de homem que está por dentro dos destinos. O seu cachimbo perfumava a cozinha.

Soavam as dez horas quando o senhor Follenvie apareceu. Interrogaram-no pressurosamente; mas ele não foi além de repetir duas ou três vezes, sem qualquer variante, estas palavras: «O oficial disse-me assim: “Senhor Follenvie, vai proibir que amanhã aparelhem a carruagem daqueles viajantes. Não quero que eles partam sem ordem minha. Ouviu? É tudo.”»

Quiseram então falar com o oficial. O conde mandou-lhe o seu cartão, onde o senhor Carré-

Lamadon acrescentou o seu nome e todos os seus títulos. O prussiano mandou responder que aceitaria falar com aqueles dois homens depois do seu almoço, isto é, por volta da uma hora.

As senhoras reapareceram e comeram alguma coisa, apesar da inquietação em que estavam. Bola de Sebo parecia doente e imensamente perturbada.

Estavam a acabar o café quando a ordenança veio buscar aqueles senhores.

Passareau juntou-se aos dois primeiros; quando tentavam arrastar Cornudet para conferir mais solenidade àquela diligência, este declarou altivamente que decidira não ter nunca qualquer relação com os alemães; e voltou para a sua lareira, pedindo outra caneca.

Os três homens subiram e foram introduzidos no mais belo quarto da estalagem, onde o oficial os recebeu, estendido num cadeirão, com os pés em cima da lareira, fumando um longo cachimbo de porcelana e embrulhado num flamante roupão, sem dúvida furtado na casa abandonada de algum burguês de mau gosto. Não se levantou, não os cumprimentou, não olhou para eles. Representava uma magnífica amostra da grosseria própria do militar vitorioso.

Passados alguns instantes disse por fim:

«Que querem daqui?»

O conde tomou a palavra: «Queremos ir embora, senhor.»

— Não.

— Poderei atrever-me a perguntar-lhe qual o motivo dessa recusa?

— Porque eu nom quero.

— Permita-me que respeitosamente lhe recorde que o vosso general comandante-chefe nos concedeu uma autorização para seguirmos até Dieppe, e acho que nada fizemos para merecer os seus rigores.

— Eu nom quero... e prronto... Podem descer.

Inclinaram-se os três e retiraram-se.

A tarde foi lamentável. Ninguém percebia este capricho de alemão, e as cabeças de todos sentiam-se perturbadas pelas ideias mais insólitas. Estava toda a gente na cozinha e discutiam infundavelmente, imaginando coisas inverosímeis. Talvez quisessem mantê-los como reféns – mas com que finalidade? – ou levá-los dali como prisioneiros... Ou então pedir-lhes um resgate de monta... Perante esta ideia sentiam-se transtornados de pânico. Os mais ricos eram os mais assustados, vendo-se já obrigados, para resgatarem as suas vidas, a entregar sacos cheios de ouro nas mãos daquele soldado insolente. Matavam a cabeça para descobrirem mentiras aceitáveis, para dissimularem as suas posses, para se fazerem passar por pobres, por muito pobres. Passareau retirou a sua corrente do relógio e escondeu-a na algibeira. A noite que caía aumentou as apreensões. Acendeu-se o candeeiro e, como ainda faltavam duas horas para o jantar, a senhora Passareau propôs um jogo do trinta e um. Seria uma distração. Aceitaram. O próprio Cornudet, depois de apagar o cachimbo por cortesia, tomou parte no jogo.

O conde baralhou e deu; Bola de Sebo tinha trinta e um logo de início; e não tardou que o interesse do jogo mitigasse o receio que atormentava os espíritos. Mas Cornudet percebeu que havia entendimentos no casal Passareau para fazerem batota.

Quando iam sentar-se à mesa reapareceu o senhor Follenvie, que declarou com a sua voz

entremeada de escarros e tosse: «O oficial prussiano manda perguntar à menina Elisabeth Rousset se ainda não mudou de opinião.»

Bola de Sebo permaneceu de pé, muito pálida; depois, fazendo-se subitamente da cor de carmin, teve uma tal sufocação de cólera que a impedia de falar. Por fim, estoirou: «Vá dizer a esse crápula, a esse porcalhão, a esse esterco de prussiano, que eu nunca aceitarei; está a ouvir, nunca, nunca por nunca ser!»

O gordo estalajadeiro saiu. Então Bola de Sebo foi rodeada, interrogada, solicitada por toda a gente a que revelasse o mistério da sua visita. Ela começou por resistir; mas a sua exasperação acabou logo por vencer e gritou: «Que é que ele quer?... que é que ele quer?... quer ir para a cama comigo!» Ninguém se chocou com a frase, de viva que foi a indignação. Cornudet partiu a sua caneca ao poisá-la na mesa com violência. Era um clamor de reprovação contra aquele militarão ignóbil, um hálito de cólera, uma união entre todos para a resistência, como se a cada um tivessem pedido uma parte do sacrificio que a ela fora exigido. O conde declarou enojado que aquela gente se portava à maneira dos antigos bárbaros. As mulheres, sobretudo, testemunharam a Bola de Sebo uma comiseração enérgica e carinhosa. As irmãs, que só apareciam às refeições, estavam de cabeça baixa e não diziam nada.

Contudo, jantaram logo que acalmou a fúria inicial; mas falavam pouco – reflectiam.

As senhoras retiraram-se cedo e os homens, fumando, organizaram um jogo do solitário, para o qual convidaram o senhor Follenvie, que tinham a intenção de interrogar habilmente acerca dos processos que haviam de utilizar para vencer a resistência do oficial. Mas ele só pensava nas suas cartas, sem ouvir nada, sem responder a nada; e repetia constantemente: «Vamos ao jogo, meus senhores, vamos ao jogo.» A sua atenção era tão tensa que se esquecia de escarrar, o que por vezes lhe metia pontos de suspensão no peito. Os seus pulmões sibilantes produziam toda a gama da asma, desde as notas graves e profundas até às rouquidões agudas dos jovens galos que tentam cantar.

Até se recusou a subir quando a mulher, a cair de sono, veio chamá-lo. Então ela foi-se embora sozinha, porque era «da manhã», sempre a pé com o sol, ao passo que o seu homem era «da tarde», sempre pronto a passar a noite com amigos. Ele gritou-lhe: «Põe-me a gemada diante do lume», e voltou ao jogo. Quando se aperceberam bem de que não podiam tirar nada dele, declararam que eram horas de acabar com aquilo e todos foram para a cama.

No dia seguinte ainda se levantaram bastante cedo com uma esperança indefinida, um desejo maior de partirem dali, um terror do dia que iam passar naquela horrível estalagenzinha.

Infelizmente os cavalos continuavam na cavaliariça e o cocheiro continuava invisível. Como não tinham nada que fazer, puseram-se a andar à volta da carruagem.

O almoço foi bem triste, e criara-se uma espécie de esfriamento relativamente a Bola de Sebo, porque a noite, que dá bons conselhos, modificara um pouco os juízos acerca dela. Agora quase levavam a mal que a rapariga não tivesse ido em segredo encontrar-se com o prussiano para proporcionar aos seus companheiros, quando acordassem, uma boa surpresa. Havia coisa mais simples? E, de resto, quem viria a saber? Poderia ter salvo as aparências levando o oficial a dizer que ela se compadecera da aflição deles. Para ela aquilo tinha tão pouca importância!

Mas ainda ninguém confessava os seus pensamentos.

À tarde, como estavam aborrecidos de morte, o conde propôs que dessem um passeio pelos arredores da aldeia. Todos se agasalharam cuidadosamente e o pequeno grupo partiu, com exceção de Cornudet, que preferia ficar ao pé do fogo, e das irmãs, que passavam os dias na igreja ou em casa do prior.

O frio, mais intenso de dia para dia, aguilhoava cruelmente o nariz e as orelhas; os pés tornavam-se tão dolorosos que cada passo era um sofrimento e, quando chegaram ao campo, ele pareceu-lhes tão assustadoramente lúgubre sob aquela brancura sem fim que toda a gente voltou rapidamente para trás, de alma gelada e coração apertado.

As quatro mulheres iam à frente, seguidas pelos três homens um pouco atrasados.

Passareau, que compreendia a situação, perguntou de repente se «aquela desavergonhada» iria fazê-los permanecer ainda por muito tempo num lugar como aquele. O conde, sempre delicado, disse que não se podia exigir de uma mulher um sacrifício tão penoso, e que devia nascer da sua própria vontade. O senhor Carré-Lamadon fez notar que, se os franceses realizassem, como se falava, uma retirada ofensiva via Dieppe, o confronto só em Tôtes poderia ter lugar. Esta reflexão causou preocupação aos outros dois. «Se a gente fugisse a pé...», disse Passareau. O conde encolheu os ombros: «Acha que sim, com esta neve? Com as nossas mulheres? E além disso seríamos logo perseguidos, apanhados em dez minutos e regressaríamos prisioneiros à mercê dos soldados.» Era verdade; e calaram-se.

As senhoras falavam de roupas; mas pareciam separadas por um certo constrangimento.

De repente, ao fim da rua, apareceu o oficial. A sua grande cintura de vespa fardada destacava-se sobre a neve que se prolongava até ao horizonte, e caminhava, de joelhos afastados, com aquele movimento próprio dos militares que se esforçam por não macular as botas cuidadosamente engraxadas.

Inclinou-se ao passar junto das senhoras e olhou desdenhosamente para os homens, que aliás tiveram a dignidade de não se descobrir, embora Passareau tivesse esboçado o gesto de tirar o chapéu.

Bola de Sebo corara até às orelhas; e as três mulheres casadas sentiam uma grande humilhação por serem assim vistas por aquele soldado na companhia de uma rapariga que ele tratara de um modo tão insolente.

Então puseram-se a falar dele, da sua figura, da sua cara. A senhora Carré-Lamadon, que conhecera muitos oficiais e que os apreciava com conhecimento de causa, achava que aquele não estava nada mal; até tinha pena de que ele não fosse francês, porque daria um lindíssimo hussardo, que de certeza daria a volta à cabeça a todas as mulheres.

Depois de regressados, não sabiam que haviam de fazer. Trocaram até palavras azedas a propósito de coisas insignificantes. O jantar silencioso pouco tempo durou, e todos subiram para se deitar, esperando dormir para passar o tempo.

No dia seguinte desceram com o cansaço na cara e corações exasperados. As mulheres quase não falavam a Bola de Sebo.

Repicou um sino. Era um baptizado. A rapariga gorda tinha um filho criado por uns camponeses de Yvetot. Só o via uma vez por ano, e nunca pensava nele; mas pensar naquele que iam baptizar

derramou-lhe no coração uma súbita e violenta ternura pelo seu, e quis absolutamente assistir à cerimónia.

Mal ela saiu, olharam todos uns para os outros, e depois aproximaram as cadeiras, porque sentiam que no fim de contas era mesmo preciso decidir qualquer coisa. Passareau teve uma inspiração: era de opinião que se propusesse ao oficial que ficasse apenas com Bola de Sebo e deixasse partir os outros.

O senhor Follenvie encarregou-se mais uma vez do recado, mas tornou a descer quase logo a seguir. O alemão, que conhecia a natureza humana, pusera-o na rua. Pretendia reter toda a gente enquanto o seu desejo não fosse satisfeito.

Então estoirou o temperamento popularucho da senhora Passareau: «Mas não havemos de morrer de velhos aqui. Já que a profissão dessa desavergonhada é aquela, é fazer aquilo com todos os homens, acho que ela não tem o direito de recusar este ou aquele. Podem ter a certeza de que aquilo é menina que pescou tudo o que encontrou em Ruão, até cocheiros! Sim, minha senhora, o cocheiro da Prefeitura! Eu bem sei, porque ele compra o vinho lá na casa. E hoje, quando se trata de nos livrar de um problema, arma-se em presumida, aquela ranhosa!... Eu acho que ele, o oficial, está a portar-se muito bem. Se calhar há muito tempo que não tem mulher; e aqui estávamos nós três que de certeza ele havia de preferir. Mas não, ele contenta-se com aquela que é de toda a gente. Respeita as mulheres casadas. Ora vejam: ele é que é o senhor. Bastava dizer: “Quero” e podia tomar-nos pela força com os seus soldados.»

As duas mulheres sentiram um pequeno arrepio. Os olhos da bonita senhora Carré-Lamadon brilhavam, e estava um pouco pálida, como se se sentisse já tomada pela força pelo oficial.

Os homens, que discutiam à parte, aproximaram-se. Passareau, furibundo, pretendia entregar ao inimigo «aquela miserável» de pés e mãos atadas. Mas o conde, que vinha de três gerações de embaixadores, e dotado de um físico de diplomata, era partidário da astúcia: «É preciso convencê-la», disse.

Então puseram-se a conspirar.

As mulheres juntaram-se, baixaram o tom de voz, e a discussão generalizou-se, com todos a dar a sua opinião. O que aliás era muito conveniente. As senhoras descobriam finuras de estilo, encantadoras subtilezas de expressão, para dizer as coisas mais escabrosas. Um estrangeiro não seria capaz de perceber nada, de tal modo eram observados os cuidados de linguagem. Mas como a leve camada de pudor que cobre qualquer senhora da sociedade só protege a superfície, elas abriam-se nesta aventura brejeira, no fundo divertiam-se loucamente, sentindo-se no seu elemento, manipulando o amor com a sensualidade de um cozinheiro glutão que preparasse a ceia de outro.

A jovialidade vinha sem esforço, de tal modo a história acabava por lhes parecer divertida. O conde disse umas graças um pouco audaciosas, mas tão bem ditas que faziam sorrir. Por sua vez, Passareau soltou alguns descaramentos mais rudes, com que ninguém se sentiu melindrado; e a ideia brutalmente expressa pela mulher dominava todos os espíritos: «Se a profissão da rapariga é a que se sabe, porque é que há-de recusar este mais que outro qualquer?» Ao que parece, a simpática senhora Carré-Lamadon até pensava que, no lugar dela, recusaria menos este que qualquer outro.

Prepararam longamente o cerco, como que de uma fortaleza a atacar. Todos aceitaram o papel que

lhes caberia, os argumentos em que iriam basear-se, as manobras que teriam de executar. Delinearam o plano de ataque, as manhas a usar e as surpresas do assalto, para forçarem aquela cidadela viva a receber o inimigo na praça.

Contudo, Cornudet mantinha-se de parte, completamente alheio ao assunto.

Os espíritos estavam tão embrenhados numa atenção tão profunda que não ouviram Bola de Sebo, que regressava. Mas o conde soprou um leve «chiu!» que fez erguer todos os olhos. Ela estava ali. Calaram-se de repente, e de início um certo embaraço impediu-os de lhe falar. A condessa, mais afeita que os outros às duplicidades dos salões, interrogou-a: «Era divertido, o baptizado?»

A rapariga gorda, ainda emocionada, contou tudo, as caras, as atitudes e até o aspecto da igreja. Acrescentou: «É tão bom rezar de vez em quando...»

Contudo, até ao almoço, as senhoras limitaram-se a ser amáveis com ela, para aumentar a sua confiança e a sua docilidade aos conselhos.

Mal se sentaram à mesa começaram as abordagens. Ao princípio foi uma conversa vaga sobre a abnegação. Citaram exemplos antigos: Judite e Holofernes e, depois, sem qualquer motivo, Lucrecia e Sexto, ou Cleópatra fazendo passar pelo seu leito todos os generais inimigos e lá os reduzindo a servidões de escravos. Então desenvolveram uma história fantasista, desabrochada na imaginação daqueles milionários ignorantes, em que as cidadãs romanas, em Cápua, iam adormecer Aníbal nos seus braços e, juntamente com ele, os seus lugar-tenentes e as falanges de mercenários. Citaram todas as mulheres que tinham detido conquistadores, que haviam feito do corpo um campo de batalha, uma maneira de dominar, uma arma, que tinham vencido com as suas carícias heróicas seres hediondos ou odiosos e sacrificado a sua castidade à vingança e à abnegação.

Falaram até em termos velados daquela inglesa de grandes famílias que deixara que lhe inoculassem uma horrível e contagiosa doença para a transmitir a Bonaparte, salvo miraculosamente por uma súbita fraqueza na hora do encontro fatal.

E tudo isto era contado de forma decente e moderada, onde por vezes estalava um entusiasmo intencional de molde a excitar a emulação.

Dir-se-ia, afinal, que o único papel da mulher neste mundo era um constante sacrificio da sua pessoa, um incessante abandono aos caprichos da soldadesca.

As duas freiras pareciam não ouvir, perdidas em profundos pensamentos. Bola de Sebo nada dizia.

Deixaram-na reflectir durante toda a tarde. Mas, em vez de a tratarem por «senhora», como até então, tratavam-na simplesmente por «menina», sem ninguém saber muito bem porquê, como se quisessem fazê-la descer um degrau na estima que ela tinha escalado, fazer-lhe sentir a sua situação vergonhosa.

Quando iam servir a sopa, o senhor Follenvie reapareceu, repetindo a sua frase da véspera. «O oficial prussiano manda perguntar à menina Elisabeth Rousset se ainda não mudou de opinião.»

Bola de Sebo respondeu secamente: «Não, senhor.»

Mas ao jantar a aliança enfraqueceu. Passareau pronunciou três frases infelizes. Todos puxavam pela cabeça para descobrir exemplos novos e não achavam nada, quando a condessa, possivelmente sem premeditação, sentindo uma vaga necessidade de prestar homenagem à religião, interrogou a mais idosa das irmãs acerca dos grandes acontecimentos da vida dos santos. Ora, muitos tinham

cometido actos que aos nossos olhos seriam crimes; mas a Igreja absolve sem dificuldade essas malfeitorias quando praticadas para a glória de Deus ou para o bem do próximo. Era um argumento poderoso – e a condessa aproveitou-o. Então, talvez graças a um daqueles entendimentos tácitos, daquelas complacências veladas em que quem quer que use vestes eclesiásticas é inigualável, ou talvez simplesmente em consequência de uma falta de compreensão feliz, de uma benéfica estupidez, a velha religiosa contribuiu para a conspiração com um formidável argumento. Dir-se-ia que era tímida, mas mostrou-se ousada, palavrosa, violenta. Esta não era perturbada pelas tentativas da casuística; a sua doutrina era como uma barra de ferro; a sua fé não hesitava nunca; a sua consciência não conhecia escrúpulos. Achava muito simples o sacrifício de Abraão, porque ela teria imediatamente morto o pai e a mãe em obediência a uma ordem vinda do alto; e nada, na sua opinião, podia desagradar ao Senhor quando a intenção era louvável. A condessa, aproveitando a autoridade sagrada da sua cúmplice inesperada, levou-a a fazer como que uma paráfrase edificante deste axioma da moral: «O fim justifica os meios.»

Perguntava-lhe:

— Então, irmã, pensa que Deus aceita todas as vias, e perdoa quando o motivo é puro?

— Quem poderá duvidar disso, minha senhora? Um acto censurável em si mesmo torna-se muitas vezes meritório por virtude da intenção que o inspira.

E assim por diante, destrinchando as vontades de Deus, prevendo as suas decisões, fazendo-o interessar-se por coisas que na verdade pouco tinham que ver com ele.

Tudo aquilo era velado, hábil, discreto. Mas cada palavra da santa mulher de touca abria uma brecha na resistência indignada da cortesã. Depois, como a conversa se desviou um pouco, a mulher do rosário pendurado falou das casas da sua ordem, da sua superiora, de si própria e da sua amorosa companheira, a querida irmã São Nicéforo. Tinham sido requisitadas do Havre para irem cuidar nos hospitais das centenas de soldados atacados de bexigas. E descrevia esses miseráveis, esmiuçava-lhes a doença. E, enquanto permaneciam detidas no caminho pelos caprichos de um prussiano, podiam morrer imensos franceses que se calhar poderiam ter sido salvos por elas! Ela era especialista em tratar de militares; estivera na Crimeia, na Itália, na Áustria e, ao contar as suas campanhas, revelou-se de repente uma daquelas religiosas espalhafatosas que pareciam feitas para acompanhar os acampamentos, recolher os feridos nas retiradas das batalhas e, melhor que um chefe, dominar com uma palavra os enormes militares indisciplinados; uma verdadeira irmãzinha Rataplã, cuja cara devastada, cavada de buracos sem número, parecia uma imagem das devastações da guerra.

Depois dela ninguém disse mais nada, para não estragar o excelente efeito.

Mal terminou a refeição subiram rapidamente para os quartos para tornarem a descer no dia seguinte com a manhã já adiantada.

O almoço foi tranquilo. Davam à semente semeada na véspera tempo suficiente para germinar e dar fruto.

A condessa propôs que dessem um passeio à tarde; e então o conde, como estava combinado, tomou o braço de Bola de Sebo e deixou-se ficar atrás dos outros com ela.

Falou-lhe naquele tom familiar, paternal, um pouco desdenhoso, que os homens de posição usam com as raparigas, tratando-a por «minha querida filha», do alto da sua posição social, da sua

indiscutível honorabilidade. E entrou logo no fundo da questão:

— Prefere então deixar-nos aqui, expostos, tal como você, a todas as violências que se seguiriam a uma derrota das forças prussianas, em vez de consentir numa daquelas complacências que tantas vezes teve na sua vida?

Bola de Sebo nada respondeu.

Ele abordou-a pelo lado da suavidade, do raciocínio, dos sentimentos. Soube permanecer «senhor conde», sem deixar de se mostrar galante tanto quanto o necessário, obsequioso, amável enfim. Exaltou o favor que ela lhes prestaria, falou da gratidão deles; e depois, de repente, tratando-a jovialmente por tu, disse: «E sabes, querida, ele poderia gabar-se de ter gozado dos favores de uma linda rapariga como não encontrará muitas na sua terra.»

Bola de Sebo não respondeu e juntou-se ao grupo.

Mal regressou subiu para o seu quarto e nunca mais apareceu. A inquietação era extrema. Que ia ela fazer? Se continuasse a resistir, era uma maçada!

Chegou a hora do jantar, e esperaram em vão. O senhor Follenvie, que entrou nessa ocasião, anunciou que a menina Rousset se sentia indisposta e que podiam sentar-se à mesa. Toda a gente apurou o ouvido. O conde aproximou-se do estalajadeiro e disse-lhe baixinho: «Já está? – Já.» Por respeito pelas conveniências, não disse nada aos seus companheiros, fez-lhes apenas um leve aceno de cabeça. E logo um grande suspiro de alívio saiu de todos os peitos, e a alegria estampou-se em todos os rostos. Passareau gritou: «Lindo! Pago eu o champanhe, se o houver na casa» – e a senhora Passareau sentiu-se angustiada quando o patrão regressou com quatro garrafas nas mãos. Todos se tinham tornado subitamente comunicativos e ruidosos; uma alegria galhofeira inundava os corações. O conde pareceu descobrir que a senhora Carré-Lamadon era encantadora, o industrial dirigiu elogios à condessa. A conversa tornou-se animada, divertida, plena de ditos espirituosos.

De repente Passareau, com cara de ansiedade e erguendo os braços, berrou: «Silêncio!» Todos se calaram, já quase assustados. Então ele apurou o ouvido fazendo «Chiu!» com as duas mãos, ergueu os olhos para o tecto, tornou a pôr-se à escuta e continuou com a sua voz normal: «Podem estar descansados, está tudo a correr bem.»

Hesitavam em compreender, mas depressa perpassou por eles um sorriso.

Passado um quarto de hora ele repetiu a mesma brincadeira, e fez o mesmo várias vezes durante o serão; fingia interpelar alguém no andar de cima, dando-lhe conselhos com duplo sentido oriundos do seu espírito de caixeiro-viajante. De vez em quando fazia um ar triste para suspirar: «Pobre rapariga!», ou então murmurava entre dentes com um ar agastado: «Que miserável, este prussiano!» Às vezes, quando já ninguém pensava nisso, soltava numa voz vibrante repetidos brados de «Basta! basta!» e acrescentava como se falasse consigo mesmo: «Oxalá a gente torne a vê-la, oxalá o velhaco não acabe com ela!»

Se bem que estas graçolas fossem de gosto deplorável, elas divertiam e não melindravam ninguém, porque a indignação, como o resto, depende dos ambientes, e a atmosfera que a pouco e pouco se criara à volta deles estava carregada de pensamentos licenciosos.

À sobremesa as próprias mulheres fizeram alusões espirituosas e discretas. Os olhos brilhavam: tinham bebido muito. O conde, que, mesmo nos seus desatinos, conservava a sua grande aparência de

gravidade, descobriu uma comparação muito apreciada sobre o fim das invernias no pólo e a alegria dos naufragos que vêm abrir-se um caminho para sul.

Passareau, entusiasmado, ergueu-se com um copo de champanhe na mão: «Bebo à nossa libertação!» Toda a gente se pôs de pé; aclamavam-no. Até as duas irmãs, solicitadas pelas senhoras, aceitaram molhar os lábios naquele vinho espumoso que nunca tinham provado. Declararam que se parecia com limonada gasosa, mas que no entanto era mais fino.

Passareau resumiu a situação:

— É uma pena não haver um piano, porque poderíamos tentar uma quadrilha.

Cornudet não dissera uma palavra nem fizera qualquer gesto; parecia até mergulhado nos seus pensamentos muito sérios, e de vez em quando, num gesto furioso, dava puxões na sua grande barba, que parecia querer alongar ainda mais. Por fim, por volta da meia-noite, quando iam separar-se, Passareau, a cambalear, deu-lhe de repente uma pancadinha na barriga e disse-lhe atabalhoadamente: «O senhor não está para brincadeiras esta noite; o senhor não diz nada, cidadão?» Mas Cornudet ergueu repentinamente a cabeça e, percorrendo o grupo com um olhar brilhante e terrível, disse: «Digo-vos a todos que acabais de cometer uma infâmia!» Levantou-se, dirigiu-se para a porta e repetiu mais uma vez: «Uma infâmia!» – e desapareceu.

Isto a princípio espalhou um frio nos circunstantes. Passareau, confundido, permanecia apalermado; mas recuperou o aprumo e depois, de súbito, torceu-se a rir repetindo: «Eles estão muito verdes, meu velho, eles estão muito verdes.» Como ninguém percebia, ele contou os «mistérios do corredor». Recomeçou então uma formidável galhofa. As senhoras divertiam-se como loucas. O conde e o senhor Carré-Lamadon choravam de tanto rir. Não podiam acreditar.

— Como? Tem a certeza? Ele queria...

— Digo-lhes que vi.

— E ela recusou...

— Porque o prussiano estava no quarto ao lado.

— Será possível?

— Juro-lhes.

O conde sufocava. O industrial apertava a barriga com as duas mãos. Passareau continuava:

— E, já perceberam, ele não acha graça nenhuma a esta noite, nenhuma mesmo.

E recomeçavam os três, doentes, ofegantes, a tossir.

E com isto separaram-se. Mas a senhora Passareau, que era como as urtigas, fez notar ao marido, no momento em que iam deitar-se, que «aquela fedúncia» Carré-Lamadon estivera de riso amarelo durante todo o serão: «Sabes, as mulheres diante de uma farda, seja de francês ou de prussiano, para elas é igual. Até faz pena, meu Deus!»

E durante toda a noite, na escuridão do corredor, correram como que uns frêmitos, uns leves ruídos, quase insensíveis, que pareciam hálitos, um perpassar de pés descalços, uns imperceptíveis estalidos. E só muito tarde adormeceram, de certeza, porque debaixo das portas deslizaram durante muito tempo fiozinhos de luz. O champanhe tem esses efeitos: ao que se diz, perturba o sono.

No dia seguinte um claro sol de Inverno tornava a neve deslumbrante. A diligência, enfim aparelhada, esperava em frente da porta, enquanto um exército de pombas brancas, abafadas nas suas

penas espessas, com um olho rosado, pintalgado no meio por um ponto negro, passeava gravemente entre as pernas dos seis cavalos e procurava fazer pela vida nos excrementos fumegantes que eles espalhavam.

O cocheiro, embrulhado na sua pele de carneiro, fumava um cachimbo na almofada, e todos os passageiros, radiantes, empacotavam rapidamente mantimentos para o resto da viagem.

Só estavam à espera de Bola de Sebo. E ela apareceu.

Parecia um pouco confusa, envergonhada, e avançou timidamente para os seus companheiros, que, todos eles, num só movimento, se viraram como se não tivessem dado por ela. O conde tomou com dignidade o braço da mulher e afastou-a daquele contacto impuro.

A rapariga gorda parou, estupefacta; então, reunindo toda a sua coragem, aproximou-se da mulher do industrial com um «bom dia, minha senhora» humildemente murmurado. A outra acenou só com a cabeça um pequeno cumprimento impertinente, que fez acompanhar de um olhar de virtude ultrajada. Toda a gente parecia atarefada, e mantinham-se afastados como se ela trouxesse uma infecção nas saias. Depois precipitaram-se para a carruagem, aonde ela chegou sozinha, em último lugar, e retomou em silêncio o lugar que ocupara durante a primeira parte do caminho.

Pareciam não a ver, não a conhecer; mas a senhora Passareau, encarando-a de longe com indignação, disse para o marido a meia-voz: «Felizmente não estou ao lado dela.»

A pesada carruagem estremeceu e a viagem recomeçou.

A princípio ninguém falou. Bola de Sebo não se atrevia a levantar os olhos. Sentia-se ao mesmo tempo indignada contra todos os seus vizinhos, e humilhada por ter cedido, maculada pelos beijos daquele prussiano para cujos braços a tinham hipocritamente atirado.

Mas a condessa, virando-se para a senhora Carré-Lamadon, não tardou a quebrar aquele penoso silêncio.

— Penso que conhece a senhora d’Etreilles?

— Sim, é minha amiga.

— Que mulher encantadora!

— Deslumbrante! Uma verdadeira mulher de escol, aliás muito instruída, e artista até à ponta dos dedos; canta maravilhosamente e desenha na perfeição.

O industrial conversava com o conde, e no meio do barulho dos vidros brotava aqui e além uma palavra: «*Coupon* – vencimento – valorização – a prazo.»

Passareau, que tinha rapinado o velho baralho de cartas da estalagem, gorduroso de cinco anos de ser esfregado nas mesas mal enxutas, iniciou um jogo de besigue com a mulher.

As freirinhas retiraram da cinta o comprido rosário que levavam pendurado, fizeram em conjunto o sinal da cruz, e de repente os seus lábios começaram a mover-se vivamente, cada vez mais depressa, precipitando o seu vago murmúrio como que numa corrida de *oremus*; e de tempos a tempos beijavam uma medalha, persignavam-se outra vez, e recomeçavam o seu rosnar rápido e contínuo.

Cornudet reflectia, imóvel.

Ao fim de três horas de caminho, Passareau juntou as suas cartas e disse: «Ele tem fome.»

Então a mulher esticou-se para um embrulho atado donde retirou um pedaço de carne de vitela fria. Cortou-o correctamente em fatias finas e firmes, e ambos começaram a comer.

«E se nós fizéssemos o mesmo?», disse a condessa. Concordaram, e ela desembalou os mantimentos preparados para os dois casais. Num daqueles recipientes alongados com uma lebre de faiança na tampa, para indicar que lá por baixo jaz uma lebre em *pâté*, havia uns enchidos suculentos, onde brancos riachos de toucinho riscavam a carne castanha da caça, misturada com outras carnes bem picadas. Um belo quadrado de *gruyère*, trazido num jornal, conservava impressas as palavras «notícias diversas» na sua massa untuosa.

As duas irmãzinhas desdobraram uma rodela de salpicão que cheirava a alho; e Cornudet, mergulhando as duas mãos ao mesmo tempo nos vastos bolsos do seu casaco-saco, tirou de um deles quatro ovos cozidos e do outro um pedaço de pão. Descascou os ovos, deitando as cascas para debaixo dos pés na palha e pôs-se a morder os ovos, deixando cair na sua grande barba pedacinhos de gema esbranquiçada que, nela, pareciam estrelas.

Bola de Sebo, com a pressa e azáfama com que se levantou, não tinha podido pensar em nada; e contemplava exasperada, sufocando de raiva, todas aquelas pessoas que comiam placidamente. De início, crispou-a uma tumultuosa cólera, depois repelida, como coisa suja e inútil. Pensou então no seu grande cesto cheiinho de coisas boas que eles tinham vorazmente devorado, nos seus dois frangos brilhantes de geleia, nos seus *pâtés*, nas suas pêras, nas suas quatro garrafas de bordéus; e quando a sua fúria caiu de repente, como uma corda demasiado tensa que se parte, sentiu-se prestes a chorar. Fez esforços terríveis, endireitou-se, engoliu os soluços como fazem as crianças; mas o pranto subia, brilhava-lhe na beira das pálpebras, e não tardou que duas grossas lágrimas, soltando-se-lhe dos olhos, lhe rolassem lentamente pelas faces. Outras se lhe seguiram mais rápidas, escorrendo como gotas de água que transpiram de uma rocha, caindo-lhe regularmente na curva rechonchuda do peito. Permanecia direita, de olhar fixo, de rosto rígido e pálido, esperando que não a vissem.

Mas a condessa deu por isso, e preveniu o marido com um sinal. Ele encolheu os ombros como que dizendo: «Que quer? A culpa não é minha.» A senhora Passareau soltou uma gargalhada muda de triunfo e murmurou: «Está a chorar a sua vergonha.»

As duas irmãzinhas haviam recomeçado a rezar depois de terem enrolado num papel o resto do seu salpicão.

Então Cornudet, que digerira os seus ovos, estendeu as longas pernas sobre a banquetta em frente, encostou-se para trás, cruzou os braços, sorriu como um homem que acaba de descobrir uma boa piada, e pôs-se a assobiar *A Marselhesa*.

Todas as caras se tornaram sombrias. A canção popular não agradava certamente aos seus vizinhos. Ficaram nervosos, irritados, e pareciam prestes a uivar como os cães ao ouvir um realejo.

Ele deu por isso, e não parou. Por vezes até cantarolava a letra:

*Amor sagrado da pátria,
Guia e sustenta nossos braços vingadores,
Liberdade, liberdade amada,
Combate com os teus defensores!*

Iam mais depressa, porque a neve era mais dura; e até Dieppe, durante as longas horas melancólicas da viagem, através dos solavancos do caminho, na noite que caía, e depois na escuridão profunda da

carruagem, ele continuou, com uma obstinação feroz, o seu assobio vingador e monótono, obrigando os espíritos cansados e exasperados a acompanhar a canção de uma ponta à outra, a recordar cada palavra que situavam em cada compasso.

E Bola de Sebo continuava a chorar. Por vezes, nas trevas, um soluço que não conseguira reprimir introduzia-se entre duas estrofes.

(Abril de 1880)

Uma Ida ao Campo

Havia cinco meses que tinham projectado ir almoçar nos arredores de Paris, no dia da festa do santo da senhora Dufour, que se chamava Pétronille. Por isso, como esta ida tinha sido aguardada com impaciência, levantaram-se muito cedo naquela manhã.

O senhor Dufour pedira emprestada a carroça do leiteiro, e era ele que a conduzia. A carripiana, de duas rodas, era muito adequada: tinha um tecto apoiado em quatro prumos de ferro aos quais se atavam umas cortinas, que tinham levantado para ver a paisagem. Só a de trás flutuava ao vento como uma bandeira. A mulher, ao lado do marido, abundava num extraordinário vestido cor de cereja. Iam também sentadas em duas cadeiras uma velha avó e uma jovem. Distinguia-se ainda a cabeleira amarelada de um rapaz que, à falta de assento, se estendera no chão, e de quem só se via a cabeça.

Depois de ter seguido pela avenida dos Campos Elísios e atravessado as fortificações na porta Maillot, começaram a olhar à sua volta.

Ao chegarem à ponte de Neuilly o senhor Dufour dissera: «Finalmente cá está o campo!», e a mulher, depois deste sinal, enternecera-se com a natureza.

Na rotunda de Courbevoie foram tomados de admiração perante a lonjura dos horizontes. À direita, à distância, estava Argenteuil, de campanário erguido; por cima surgiam as colinas de Sannois e o Moinho de Orgemont. À esquerda, desenhava-se o aqueduto de Marly no céu claro da manhã, e avistava-se também, de longe, a esplanada de Saint-Germain; ao passo que em frente, na extremidade de uma correnteza de montes, havia umas terras removidas que assinalavam o novo forte de Cormeilles. Mesmo ao fundo, numa formidável extensão, acima das planícies e das aldeias, entrevia-se uma escura verdura de florestas.

O sol começava a queimar os rostos; a poeira não parava de chegar aos olhos, e de ambos os lados do caminho desenrolava-se uma campina interminavelmente nua, suja e malcheirosa. Dir-se-ia que fora devastada por uma lepra que a corroía até às casas, porque havia esqueletos de edifícios arruinados e abandonados, ou então pequenas cabanas inacabadas por falta de pagamento aos construtores, ostentando as suas quatro paredes sem telhado.

De longe em longe cresciam no solo estéril compridas chaminés de fábrica, única vegetação daqueles campos pútridos onde a brisa da Primavera passeava um cheiro a petróleo e a xisto, misturado com outro aroma ainda menos agradável.

Por fim, tinham atravessado o Sena pela segunda vez e, na ponte, fora um deslumbramento. O rio rebrilhava de luz; evolava-se dele uma nuvem de humidade, bombeada pelo sol, e experimentava-se uma doce quietação, uma frescura que fazia bem respirar, enfim, um ar mais puro que não varrera o fumo negro das fábricas ou os miasmas das estrumeiras.

Um homem que ia a passar dissera o nome da terra: Bezons.

A carroça parou e o senhor Dufour pôs-se a ler a tabuleta convidativa de uma tasca: *Restaurante Poulin, caldeiradas e frituras, gabinetes para grupos, matas e baloiços*. «Muito bem! Ó senhora Dufour, isto convém-te? Então, decides-te?»

A mulher leu por sua vez: *Restaurante Poulin, caldeiradas e frituras, gabinetes para grupos, matas e baloiços*. E depois observou demoradamente a casa.

Era uma estalagem rural, branca, postada à beira da estrada. Através da porta aberta mostrava o zinco brilhante do balcão, diante do qual estavam dois operários endomingados.

Por fim, a senhora Dufour decidiu-se: «Sim, está bem», disse; «e além disso tem vista.» O carro entrou num amplo terreiro plantado de grandes árvores que se estendiam por trás da estalagem e que só estava separado do Sena pelo caminho de sirga.

Então desembarcaram. O marido foi o primeiro a saltar e a seguir abriu os braços para receber a mulher. O degrau, seguro por dois braços de ferro, estava muito distante, de modo que, para lhe chegar, a senhora Dufour teve de deixar ver a parte de baixo de uma perna cuja delgadeza primitiva desaparecia agora debaixo de uma invasão de gordura que lhe descia das coxas.

O senhor Dufour, que o campo já pusera de bom humor, beliscou-lhe com força a barriga da perna e depois, pegando-a nos braços, depositou-a pesadamente no chão, como um enorme embrulho.

Ela deu umas pancadinhas com a mão no vestido de seda para sacudir o pó e depois contemplou o lugar onde estava.

Era uma mulher de cerca de trinta e seis anos, forte de carnes, expansiva e agradável à vista. Respirava com dificuldade, violentamente estrangulada pelo corpete excessivamente apertado; e a pressão daquele artefacto fazia-lhe subir até ao duplo queixo o volume flutuante do peito superabundante.

Depois, a jovem, poisando a mão no ombro do pai, saltou com ligeireza sozinha. O rapaz de cabelos amarelados tinha descido assentando um pé na roda, e ajudou o senhor Dufour a descarregar a avó.

Então desatrelaram o cavalo, que foi amarrado a uma árvore; e o carro caiu sobre o nariz, com os dois varais no chão. Os homens, depois de despirem as sobrecasacas, lavaram as mãos num balde de água e juntaram-se às senhoras já instaladas nos baloiços.

A menina Dufour tentava baloiçar-se de pé, sozinha, sem conseguir um impulso suficiente. Era uma bela rapariga de uns dezoito ou vinte anos; uma daquelas mulheres que, quando as encontramos na rua, nos fazem sentir açoitados por um desejo súbito e nos deixam até à noite uma vaga inquietação e uma agitação dos sentidos. Alta, de cintura fina e ancas largas, tinha a pele muito morena, os olhos muito grandes, o cabelo muito preto. O vestido desenhava-lhe com nitidez as plenitudes firmes da carne, mais acentuadas ainda pelos golpes de rins que exercia para subir. Os braços estendidos seguravam as cordas por cima da cabeça, de modo que o peito se erguia, sem estremecer, a cada impulso que dava. O chapéu, levado por um golpe de vento, caíra para trás; e o baloiço tomava velocidade a pouco e pouco, mostrando de cada vez que retornava as pernas finas até ao joelho, e atirando à cara dos dois homens que a observavam rindo o ar das suas saias, mais capitoso que os vapores do vinho.

Sentada no outro baloiço, a senhora Dufour gemia de um modo monótono e constante: «Cyprien, vem empurrar-me; vem aqui empurrar-me, Cyprien!» Por fim, ele foi e, depois de arregaçar as mangas da camisa, como antes de começar um trabalho qualquer, pôs a mulher em movimento com infinito custo.

Agarrada às cordas, ela mantinha as pernas estendidas, para não bater no chão, e gozava com o entontecimento provocado pelo vaivém do mecanismo. As suas formas, sacudidas, tremelicavam incessantemente como geleia num prato. Mas, à medida que os impulsos aumentavam, foi tomada de vertigens e de medo. Em cada descida soltava um grito pungente que fazia com que todos os garotos da terra viessem a correr; e diante dela, à distância, por cima da sebe do jardim, distinguia vagamente um friso de cabeças brejeiras de maneiras diversas distorcidas por gargalhadas.

Apareceu uma criada e encomendaram o almoço.

«Uma fritada do Sena, um coelho salteado, uma salada e sobremesa», decidiu a senhora Dufour com ares de importância. «Traga dois litros e uma garrafa de bordéus», disse o marido. «Vamos comer sentados no chão ao ar livre», acrescentou a rapariga.

A avó, tomada de ternura quando viu o gato da casa, andava atrás dele havia dez minutos, dirigindo-lhe inutilmente os mais doces vocativos. O animal, por certo intimamente lisonjeado com aquela atenção, mantinha-se sempre perto da mão da boa mulher, porém sem se deixar agarrar, e dava tranquilamente a volta às árvores, contra as quais se esfregava, de cauda erguida, com um pequeno ronronar de prazer.

«Olha!», gritou de repente o rapaz de cabelos amarelos que andava a esquadrihar o terreiro, «olha uns barcos giros!» Foram ver. Debaixo de um pequeno telheiro de madeira estavam suspensos dois soberbos ioles de canoagem, esguios e esculpados como móveis de luxo. Jaziam lado a lado, como duas rapariguinhas magras, com o seu comprimento estreito e brilhante, e davam vontade de deslizar sobre a água nas belas tardes suaves ou nas claras manhãs de Verão, de rasar as margens floridas onde árvores inteiras mergulham os ramos na água, onde estremece o eterno arrepio dos canaviais e donde levantam voo, como relâmpagos azuis, rápidos guarda-rios.

Toda a família os contemplava respeitosamente. «Ah, aquilo sim, é giro», repetiu gravemente o senhor Dufour. E identificava-os um a um como conhecedor. Nos seus tempos de juventude também ele praticara canoagem, dizia; e até com aquilo nas mãos – e fazia o gesto de puxar os remos – troçava de toda a gente. Em tempos, em Joinville, em corridas, tinha dado coças a muitos ingleses; e brincou com a expressão «machos-fêmeas», com que se designam as ligações dos remos ao barco, dizendo que os que fazem canoagem, justamente, nunca saíam sem as suas «fêmeas». Excitava-se enquanto perorava, e propunha-se teimosamente apostar que com um barco como aqueles era capaz de fazer seis léguas à hora, e sem se apressar.

«Está pronto», disse a criada, que apareceu à entrada. Correram para lá; mas eis que no melhor lugar, que a senhora Dufour tinha intimamente escolhido para se instalar, estavam já a almoçar dois jovens. Eram certamente os proprietários dos ioles, porque estavam vestidos de canoeiros.

Estavam estirados em cadeiras, quase deitados. Tinham a cara tisonada pelo sol e o peito apenas coberto por uma fina camisola de algodão branco, donde saíam os braços nus, robustos como os dos ferreiros. Eram dois sólidos rapagões, que se impunham muito pelo vigor, mas que mostravam em todos os seus movimentos aquela graciosidade elástica dos membros que se adquire com o exercício, tão diferente da deformação que o esforço penoso, sempre o mesmo, causa no operário.

Trocaram um sorriso rápido quando viram a mãe, e depois um olhar quando descobriram a filha. «Vamos ceder-lhes o nosso lugar», disse um deles, «e assim travamos conhecimento». O outro

levantou-se imediatamente e, segurando na mão o gorro meio encarnado e meio preto, ofereceu-se cavalheirescamente para ceder às senhoras o único lugar do jardim onde o sol não batia. Elas aceitaram desfazendo-se em desculpas; e para que fosse mais campestre a família instalou-se no chão, sem mesa nem cadeiras.

Os dois jovens levaram os seus talheres para um pouco mais longe e recomeçaram a comer. Os braços nus, que mostravam constantemente, incomodavam um pouco a rapariga. Ela até fingia que virava a cabeça e que não dava por eles, enquanto a senhora Dufour, mais ousada, solicitada por uma curiosidade feminina que talvez fosse desejo, olhava para eles a todo o momento, por certo comparando-os pesarosamente com as fealdades secretas do marido.

Tinha-se deixado cair sobre as ervas, com as pernas dobradas à maneira dos alfaiates, e agitava-se constantemente, a pretexto de que as formigas lhe tinham entrado algures. O senhor Dufour, que tinha ficado de mau humor devido à presença e à amabilidade daqueles estranhos, procurava uma posição cómoda, que aliás não encontrou, e o jovem de cabelos amarelos comia silenciosamente como um ogre.

«Está um belíssimo dia», disse a anafada senhora a um dos canoieiros. Queria ser amável por causa do lugar que eles haviam cedido. «Sim, minha senhora», respondeu ele; «vem muitas vezes ao campo?»

— Oh, só uma ou duas vezes por ano, para apanhar ar; e o senhor?

— Eu venho cá dormir todas as noites.

— Ah, deve ser muito agradável...

— Ah, pois é, minha senhora.

E contou a sua vida de todos os dias, poeticamente, de forma a pôr a vibrar no coração daqueles burgueses privados de erva e esfomeados de passeios ao campo o amor estúpido da natureza que os obceca ao longo de todo o ano atrás do balcão da loja.

A rapariga, emocionada, ergueu os olhos e fitou o canoeiro. O senhor Dufour falou pela primeira vez. «Isso é que é vida», disse ele; e acrescentou: «Mais um pouco de coelho, minha linda. — Não, obrigada, meu caro.»

Ela virou-se outra vez para os jovens e, apontando-lhes para os braços, disse: «Nunca têm frio assim vestidos?»

Desataram os dois a rir e aterraram a família com a narrativa das suas fadigas prodigiosas, dos banhos que tomavam a escorrer suor, das suas corridas no meio da névoa das noites; e bateram violentamente no peito para mostrarem o som que fazia. «Ah, parecem mesmo sólidos!», disse o marido, que já não falava do tempo em que desancava os ingleses.

Agora a jovem observava-os de lado; e o rapaz de cabelo amarelo, que tinha bebido de corpo torcido, tossiu loucamente, regando o vestido de seda cor de cereja da patroa, que se zangou e que mandou buscar água para lavar as nódoas.

Entretanto a temperatura tornava-se terrível. O rio brilhante parecia fazer o calor de uma fornalha, e os vapores do vinho perturbavam as cabeças.

O senhor Dufour, sacudido por um violento soluço, desabotoara o colete e a parte de cima das calças; entretanto, a mulher, tomada de sufocações, ia desapertando o vestido a pouco e pouco. O

aprendiz baloiçava alegremente a gadelha cor de linho e servia-se de copos sucessivos. A avó, sentindo-se tonta, mantinha-se muito hirta e muito digna. Quanto à rapariga, não deixava transparecer nada; só os olhos se lhe iluminavam vagamente, e a sua pele muito morena coloria-se nas faces de uma tonalidade mais rosada.

O café acabou com eles. Falou-se de cantar, e cada um recitou o seu refrão, que os outros aplaudiram freneticamente. Depois levantaram-se do chão com dificuldade, e, enquanto as duas mulheres, estonteadas, respiravam, os dois homens, completamente bêbados, faziam ginástica. Pesados, flácidos, rubicundos, penduravam-se desajeitadamente dos anéis sem conseguirem elevar-se; e as camisas estavam sempre a ameaçar sair-lhes das calças para baterem ao vento como estandartes.

Entretanto os canoieiros tinham posto os seus ioles na água e voltavam para propor delicadamente às senhoras um passeio pelo rio.

«Senhor Dufour, não te importas? Por favor!», gritou-lhe a mulher. Ele olhou para ela com olhos de bêbado sem perceber. Então aproximou-se um dos canoieiros com duas linhas de pescador na mão. A esperança de apanhar um cadoz, que é um ideal dos lojistas, iluminou os olhos sombrios do homenzinho, que permitiu tudo o que quisessem e se instalou à sombra debaixo da ponte, com os pés a baloiçar por cima do rio, ao lado do jovem de cabelo amarelo, que adormeceu ali ao pé dele.

Um dos canoieiros sacrificou-se: embarcou a mãe. «Vamos para a mata da ilha dos ingleses!», gritou enquanto se afastava.

O outro iole seguiu mais devagar. O remador olhava de tal modo para a sua companheira que já não pensava noutra coisa, e fora tomado de uma emoção que lhe paralisava as forças.

A rapariga, sentada no assento do timoneiro, deixava-se embalar pela suavidade de andar na água. Sentia-se invadida por uma renúncia a pensar, por uma quietação dos seus membros, por um abandono de si mesma, como que tomada por uma embriaguez múltipla. Fizera-se muito corada, com uma respiração sacudida. As tonturas do vinho, dilatadas pelo calor torrencial que escorria à sua volta, punham a cumprimentá-la ao passar todas as árvores da margem. Uma vaga necessidade de prazer, uma fermentação do sangue percorriam-lhe a carne excitada pelos ardores daquele dia; e estava igualmente perturbada neste encontro a sós sobre a água, no meio daquela zona despovoada pelo incêndio do céu, com aquele rapaz que a achava bela, cujos olhos lhe beijavam a pele, e cujo desejo era penetrante como o sol.

A sua incapacidade de falar aumentava a emoção dos dois, e olhavam em redor. Então, fazendo um esforço, ele perguntou-lhe o nome. «Henriette», disse ela. «Tem graça! Eu chamo-me Henri», retrucou ele.

O som das suas vozes tinha-os acalmado. Contemplaram as margens do rio. O outro iole tinha parado e parecia estar à espera deles. O seu tripulante gritou: «Vamos ter convosco à mata; vamos até Robinson, porque a senhora está com sede.» Depois deitou-se sobre os remos e afastou-se tão rapidamente que logo deixaram de o ver.

Entretanto aproximava-se muito depressa um ronco contínuo que desde havia algum tempo se distinguia vagamente. O próprio rio parecia estremecer, como se o ruído surdo subisse das suas profundezas.

«Que é isto que se ouve?», perguntou ela. Era a queda de água da barragem que cortava o rio em dois na ponta da ilha. Estava ele a perder-se numa explicação quando, através do barulho da cascata, chegou até eles o canto de um pássaro que parecia muito distante. «Olha», disse ele, «se os rouxinóis cantam de dia: é porque as fêmeas estão a chocar os ovos».

Um rouxinol! Ela nunca tinha ouvido nenhum, e a ideia de escutar este fez-lhe subir no coração a visão das poéticas ternuras. Um rouxinol! – isto é, a invisível testemunha dos encontros amorosos que Julieta invocava na sua varanda; aquela música do céu concedida aos beijos dos homens; aquele eterno inspirador de todas as langorosas romanças que abrem um ideal azul aos pobres coraçõezinhos das meninas enternecidas!

Ela ia portanto ouvir um rouxinol.

«Não façamos barulho», disse o seu companheiro, «vamos poder descer na mata e sentar-nos pertinho dele».

O iole parecia deslizar. Apareceram árvores na ilha, cuja margem era tão baixa que os olhos mergulhavam na espessura do cerrado. Pararam; o barco foi amarrado e, com Henriette apoiada no braço de Henri, avançaram entre os ramos. «Curve-se», disse ele. Ela curvou-se e entraram num inextricável enredado de lianas, folhas e caniços, num abrigo difícil de encontrar e que era preciso conhecer, e a que o jovem chamava a rir o seu «gabinete particular».

Justamente por cima das suas cabeças, empoleirado numa das árvores que lhes serviam de abrigo, o pássaro continuava a esganiçar-se. Soltava trinados e garganteios, e depois desfiava grandes sonoridades vibrantes que enchiam os ares e pareciam perder-se no horizonte, desenrolando-se ao longo do rio e evolvendo-se por cima das planícies, através do silêncio de fogo que entorpecava os campos.

Não falavam com medo de o afugentar. Estavam sentados um junto do outro e, lentamente, o braço de Henri rodeou a cintura de Henriette e apertou-a numa suave pressão. Ela, sem zanga, agarrou naquela mão audaciosa, e afastava-a constantemente quando ele a aproximava, aliás sem sentirem um e outro qualquer embaraço com aquele carinho, como se fosse uma coisa inteiramente natural que com igual naturalidade ela repelia.

Ela escutava o pássaro, perdida num êxtase. Sentia infinitos desejos de felicidade, bruscas ternuras que a atravessavam, revelações de poesias sobre-humanas, e um tal amolecimento dos nervos e do coração que chorava sem saber porquê. O rapaz agora apertava-a contra si e ela já não o repelia, nem pensava nisso.

O rouxinol calou-se de repente. Uma voz ao longe gritou: «Henriette!»

«Não responda», disse ele baixinho, «espantava o pássaro».

Ela também não pensava responder.

Ficaram algum tempo assim. A senhora Dufour tinha-se sentado algures, porque se ouviam vagamente de vez em quando os gritinhos da anafada senhora, a quem o outro canoeiro estava a fazer diabruras.

A jovem continuava a chorar, penetrada de sensações muito doces, com a pele quente e por toda a parte picada de cócegas desconhecidas. A cabeça de Henri estava deitada no seu ombro; e de repente ele beijou-a na boca. Ela teve uma revolta furiosa e, para o evitar, deitou-se de costas. Mas ele caiu

sobre ela cobrindo-a com todo o seu corpo. Perseguiu longamente aquela boca que lhe fugia e depois, quando a conseguiu, colou-lhe a sua. Então, atordoada por um desejo formidável, ela correspondeu ao beijo, apertando-o contra o peito, e toda a sua resistência se desmoronou, como que esmagada sob um grande peso.

Em redor tudo estava calmo. O pássaro tornou a cantar. Começou por soltar três notas penetrantes que pareciam um apelo de amor e depois, passado um momentâneo silêncio, iniciou numa voz enfraquecida lentíssimas modulações.

Perpassou uma brisa mole, erguendo um murmúrio de folhas, e na espessura dos ramos passavam dois suspiros ardentes que se misturavam com o canto do rouxinol e com a leve respiração da mata.

Uma embriaguez invadia o pássaro, e a sua voz, acelerando-se a pouco e pouco como um incêndio que se ateia ou como uma paixão que cresce, parecia acompanhar um crepitar de beijos debaixo da árvore. A seguir, o delírio da sua garganta desenfreava-se perdidamente. Tinha delíquios prolongados numa frase, grandes espasmos melodiosos.

Às vezes descansava um pouco, desfiando apenas dois ou três sons leves que terminava de repente numa nota agudíssima. Ou então soltava-se numa corrida louca, com jorros de escalas, de frémits, de sacudidelas, como um cântico de amor furioso, seguido de gritos de triunfo.

Mas calou-se, escutando por baixo de si um tão profundo gemido que se poderia tomar pelo adeus de uma alma. O ruído prolongou-se por muito tempo e terminou num soluço.

Estavam ambos muito pálidos quando deixaram o leito de verdura. O céu azul parecia-lhes escurecido; a seus olhos o sol ardente estava apagado; davam-se conta da solidão e do silêncio. Caminhavam rapidamente, um junto do outro, sem se falarem, sem se tocarem, porque pareciam ter-se tornado inimigos irreconciliáveis, como se uma repugnância se tivesse interposto entre os seus corpos, um ódio entre os seus espíritos.

De vez em quando Henriette gritava: «Mãe!»

Ouviu-se um tumulto debaixo de uma moita. Henri julgou ver uma saia branca que era rapidamente descida sobre a barriga de uma perna gorda; e a enorme senhora apareceu, um pouco confusa e mais vermelha ainda, de olhos muito brilhantes e de peito tempestuoso, talvez excessivamente perto do seu vizinho. Este devia ter visto coisas bem engraçadas, porque a sua cara era cruzada por gargalhadinhas subtis que a atravessavam involuntariamente.

A senhora Dufour tomou-lhe o braço com um ar de carinho e voltaram para os barcos. Henri, que caminhava à frente, sempre mudo ao lado da rapariga, julgou distinguir de repente como que um grande beijo abafado.

Voltaram por fim a Bezons.

O senhor Dufour, dissipada a bebedeira, estava impaciente. O rapaz do cabelo amarelo comia qualquer coisa antes de deixar a estalagem. O carro estava atrelado no pátio e a avó, que já tinha subido, estava desolada porque tinha medo de ser apanhada pela noite na planície, e os arredores de Paris não eram seguros.

Apertaram as mãos uns dos outros e a família Dufour partiu. «Até à próxima!», gritavam os canoeiros. Responderam-lhes um suspiro e uma lágrima.

Dois meses depois, quando ia a passar na rua des Martyrs, Henri leu numa porta: *Dufour, Quinquilharias*.

Entrou.

Ao balcão avultava a anafada senhora. Reconheceram-se imediatamente e, depois de mil e uma cortesias, ele pediu notícias. «E a menina Henriette, como vai ela?»

— Muito bem, obrigada; casou.

— Ah!...

Ele sentiu-se estrangulado por uma emoção; acrescentou:

— E... com quem?

— Ora, com o rapaz que ia connosco, como sabe; é ele que vai suceder no estabelecimento.

— Ah, perfeitamente.

Ia-se embora, muito triste, sem saber muito bem porquê. A senhora Dufour chamou-o.

— E o seu amigo? —, disse ela timidamente.

— Ora, vai bem.

— Dê-lhe os nossos cumprimentos, claro; e quando ele passar por aqui diga-lhe para nos visitar...

Corou muito, e acrescentou: «Terei muito prazer; diga-lhe isso.»

— Não deixarei de lhe dizer. Adeus!

— Não... Até breve!

No ano seguinte, num domingo em que fazia muito calor, todos os pormenores desta aventura, que Henri nunca esquecera, ocorreram-lhe de repente, tão nítidos e tão desejáveis que regressou sozinho ao seu recanto na mata.

Ao entrar ficou estupefacto. Ela estava lá, sentada na erva, com um ar triste, enquanto a seu lado, sempre em mangas de camisa, o marido, o rapaz do cabelo amarelo, dormia conscienciosamente como um animal.

Ela empalideceu tanto ao vê-lo que Henri julgou que ia desfalecer. Depois começaram a conversar naturalmente, exactamente como se nada se tivesse passado entre eles.

Mas quando ele estava a contar-lhe que gostava muito daquele lugar e que vinha ali muitas vezes descansar, ao domingo, pensando em muitas recordações, ela olhou-o longamente nos olhos:

— Eu penso naquilo todas as noites —, disse ela.

— Vamos lá, mulher — interrompeu o marido bocejando —, acho que são horas de irmos andando.

(Abril de 1881)

Numa Noite de Primavera

Jeanne ia casar-se com o primo Jacques. Conheciam-se desde crianças e entre eles o amor não assumia as formas cerimoniais que geralmente conserva na sociedade. Tinham sido criados juntos sem suspeitar de que se amavam. É verdade que a rapariga, um pouco *coquette*, não deixava de fazer muitos mimos inocentes ao primo; além disso, achava-o simpático e bom rapaz, e sempre que o via beijava-o com todo o ardor, mas sem qualquer arrepio, sem aquele arrepio que parece beliscar a carne da ponta das mãos à ponta dos pés.

Quanto a ele, pensava simplesmente: «É amorosa, a minha priminha»; e pensava nela com aquela espécie de enternecimento instintivo que um homem sente sempre por uma rapariga bonita. Os seus pensamentos não iam mais longe.

Aconteceu que um dia Jeanne ouviu por acaso a mãe dizer à tia (à tia Alberte, porque a tia Lison ficara solteirona): «Garanto-te que estes jovens não tardarão a amar-se; é evidente. Para mim, o Jacques é sem dúvida o genro dos meus sonhos.»

E imediatamente Jeanne começou a adorar o primo Jacques. A partir dali corara ao vê-lo, a mão tremera-lhe na mão do rapaz; baixava os olhos quando encontrava o olhar dele e fazia-se rogada para deixar que ele a beijasse – e de tal modo que ele se apercebera de tudo isso. Compreendera e, num impulso em que havia tanto de vaidade satisfeita como de verdadeiro afecto, envolvera a prima nos seus braços sussurrando-lhe ao ouvido: «Amo-te, amo-te!»

A partir desse dia tudo eram arrulhos, galanteios, etc., um estendal de todas as fórmulas amorosas a que a sua intimidade passada retirava incómodo ou embaraço. Na sala, Jacques beijava a noiva diante das três velhas senhoras, as três irmãs: a mãe dele, a mãe de Jeanne e a tia Lison. iam passear os dois sozinhos, dias inteiros, nas matas, ao longo do riacho, através dos prados húmidos onde a erva estava crivada de flores campestres. E esperavam a ocasião fixada para a sua união, sem excessiva impaciência, mas envolvidos, enrolados numa deliciosa ternura, saboreando o encanto refinado das carícias insignificantes, dos dedos apertados, dos olhares apaixonados, tão longos que as almas parecem fundir-se; e vagamente atormentados pelo desejo ainda indeciso dos grandes amplexos, sentindo algo parecido com inquietações nos lábios que se atraíam, que pareciam espiar-se, esperar-se, prometer-se.

Por vezes, depois de terem passado todo o dia naquela espécie de tepidez apaixonada, naquelas platónicas ternuras, sentiam, ao entardecer, como que uma insólita lassidão, e ambos soltavam profundos suspiros, sem saberem porquê, sem os compreenderem, suspiros inflados de espera.

As duas mães e a irmã, a tia Lison, contemplavam aquele jovem amor com sorridente enternecimento. A tia Lison, sobretudo, parecia muito comovida ao vê-los.

Era uma mulher baixinha que falava pouco, que se apagava sempre, que não fazia barulho, que só aparecia às horas das refeições para depois tornar a subir para o quarto, onde se deixava ficar fechada todo o tempo. Tinha um aspecto bondoso e avelhentado, um olhar doce e triste, e quase não contava na família.

As duas irmãs, que eram ambas viúvas e tinham tido a sua posição na sociedade, consideravam-na um pouco como um ser insignificante. Tratavam-na com uma familiaridade descontraída que escondia uma espécie de bondade um pouco desdenhosa para com a solteirona. Chamava-se Lise, nascera no tempo em que Béranger reinava em França. Quando verificaram que ela não arranjava casamento, que certamente não viria a casar-se, tinham mudado Lise para Lison. Hoje era a «tia Lison», uma humilde velhota apuradinha, horrivelmente tímida mesmo com os seus familiares, que a amavam com um afecto que tinha algo de hábito, de compaixão e de benevolente indiferença.

Os jovens nunca subiam ao seu quarto para lhe darem um beijo. Só a criada lá entrava. Mandavam-na chamar para falar com ela. Quase não sabiam onde ficava aquele quarto, aquele quarto onde solitariamente se escoava toda aquela pobre vida. Não ocupava lugar. Quando não estava presente nunca falavam dela, nunca pensavam nela. Era um daqueles seres apagados que permanecem desconhecidos mesmo para os seus próximos, como que inexplorados, e cuja morte não abre um buraco nem um vazio numa casa, um daqueles seres que não sabem entrar nem na existência nem nos hábitos, nem no amor dos que vivem a seu lado.

Andava sempre com passinhos apressados e mudos, nunca fazia ruído, nunca esbarrava em nada, parecia comunicar aos objectos a propriedade de não produzirem qualquer som; as mãos dela pareciam ser feitas de uma espécie de algodão, de tal modo manipulavam leve e delicadamente aquilo em que tocavam.

Quando se dizia: «Tia Lison», estas duas palavras não despertavam por assim dizer qualquer pensamento no espírito de ninguém. Era como se se dissesse: «A cafeteira», ou «O açucareiro».

A cadela Loute possuía sem dúvida uma personalidade muito mais marcada; faziam-lhe festas constantemente, chamavam-lhe «querida Loute, linda Loute, pequenina Loute». Seria chorada infinitamente mais.

O casamento dos dois primos iria ter lugar no fim do mês de Maio. Os jovens viviam de olhos nos olhos, de mãos nas mãos, de pensamentos unidos, de corações colados. A Primavera, tardia nesse ano, hesitante, até então a tiritar debaixo das geadas claras das noites e do frescor nevoento das manhãs, acabava de brotar de repente.

Alguns dias quentes, um pouco velados, tinham agitado toda a seiva da terra, abrindo as folhas como que por milagre, e espalhando por toda a parte aquele belo aroma amolecedor dos rebentos e das primeiras flores.

Depois, certa tarde, o sol vitorioso, secando enfim as brumas flutuantes, tinha-se estendido, irradiando sobre toda a planície. A sua clara jovialidade enchera os campos, penetrara em toda a parte, nas plantas, nos animais e nos homens. Os pássaros apaixonados esvoaçavam, batiam as asas, chamavam uns pelos outros. Jeanne e Jacques, ligados por uma felicidade deliciosa, mas mais tímidos que de costume, inquietos com aqueles sobressaltos novos que entravam por eles com a fermentação das matas, tinham ficado o dia inteiro lado a lado num banco diante da porta do solar, não se atrevendo já a afastarem-se sozinhos e contemplando com olhos vagos, ao longe, no espelho de água, os grandes cisnes que se perseguiam.

Depois, chegada a noite, haviam-se sentido apaziguados, mais tranquilos e, depois do jantar, conversando baixinho, tinham-se posto à janela aberta do salão, enquanto as respectivas mães

jogavam aos centos na claridade redonda formada pelo *abat-jour* do candeeiro, e a tia Lison tricotava meias para os pobres da terra.

Ao longe, por trás do tanque, estendia-se um alto bosque, e, entre as folhas ainda débeis das grandes árvores, a Lua aparecera de repente. Subira a pouco e pouco através dos ramos que se recortavam na sua esfera e, atravessando o céu, no meio das estrelas que fazia desaparecer, começara a derramar sobre o mundo aquele clarão melancólico onde flutuam brancuras e sonhos, tão caros aos que se sentem enternecidos, aos poetas, aos apaixonados.

Os jovens tinham começado por contemplá-la e, depois, totalmente impregnados da doçura terna da noite, daquele clarear vaporoso das ervas e das moitas, tinham saído a passos lentos e passeavam no grande relvado branco até ao espelho de água que brilhava.

Logo que terminaram as quatro partidas do jogo dos centos que jogavam todas as noites, as duas mães, adormecendo progressivamente, sentiram a necessidade de ir deitar-se.

«É preciso chamar os meninos», disse uma.

A outra percorreu com um olhar rápido o horizonte pálido onde vagueavam suavemente duas sombras:

«Deixa-os», respondeu ela, «está tão bom lá fora! A Lison espera por eles, não é verdade, Lison?»

A solteirona ergueu os seus olhos inquietos e respondeu na sua voz tímida:

«Claro, eu espero por eles.»

E as duas irmãs foram para a cama.

Então a tia Lison levantou-se também e, deixando no braço do cadeirão o trabalho que começara, a sua lã e a comprida agulha, veio pôr-se à janela e contemplou a noite encantadora.

Os dois apaixonados caminhavam sem fim, através da relva, desde o tanque até ao portão, do portão até ao tanque, apertavam os dedos um do outro e já não falavam, como que saídos de si mesmos, misturados com a poesia visível que se exalava da terra. Jeanne avistou de repente no enquadramento da janela o perfil da solteirona desenhado pela claridade do candeeiro.

«Olha», disse ela, «está ali a tia Lison a olhar para nós».

Jacques ergueu a cabeça.

«Pois é», respondeu, «a tia Lison a olhar para nós».

E continuaram a sonhar, a caminhar lentamente, a amar-se.

Mas as ervas estavam cobertas de orvalho. Sentiram um pequeno arrepio de frescura.

«Vamos para dentro agora», disse ela.

E regressaram.

Quando entraram no salão a tia Lison tinha voltado ao seu tricô; tinha a testa inclinada sobre o seu trabalho e os seus dedinhos magros tremiam um pouco, como se estivessem muito fatigados.

Jeanne aproximou-se:

«Tia, nós agora vamos dormir.»

A solteirona voltou os olhos para eles. Estavam vermelhos como se tivesse chorado. Jacques e a noiva não deram atenção ao facto. Mas o rapaz viu os finos sapatos da jovem completamente cobertos de água. Foi tomado de inquietação e perguntou ternamente:

«Não tens frio nos teus queridos pezinhos?»

E de súbito os dedos da tia foram sacudidos por um tremor tão forte que o trabalho se lhes escapou: o novelo de lã rolou para longe pelo soalho; e, cobrindo subitamente a cara com as mãos, a solteirona começou a chorar em grandes soluços convulsivos.

Os dois jovens correram para ela; Jeanne, de joelhos, abriu os braços, transtornada, repetindo:

«Que tens tu, tia Lison? Que tens tu, tia Lison?...»

Então a pobre velha, titubeando, com a voz molhada de lágrimas e o corpo crispado de tristeza, respondeu:

«É que... é que... quando ele te perguntou: “Não tens frio... nos teus queridos pezinhos?...” É que nunca... a mim... a mim nunca ninguém me disse coisas dessas!... nunca!... nunca!»

(Maio de 1881)

História de Um Cão

Toda a imprensa respondeu recentemente ao apelo da Sociedade Protectora dos Animais, que pretende fundar um *asilo* para os bichos. Seria uma espécie de hospício, e um refúgio onde os pobres cães sem dono achariam alimentação e abrigo, em lugar do nó corredio que a administração lhes reserva.

A este propósito os jornais recordaram a fidelidade dos bichos, a sua inteligência, a sua dedicação. Citaram exemplos de sagacidade admirável. Quero, por minha vez, contar a história de um cão perdido, mas de um cão sem nada de especial, feio, de aspecto vulgar. Esta história, muito simples, é verdadeira ponto por ponto.

Nos subúrbios de Paris, nas margens do Sena, vive uma família de burgueses ricos. Possuem uma mansão elegante, um grande jardim, cavalos e carruagens, e numerosos criados. O cocheiro chama-se François. É um tipo do campo, apenas meio desemburrado, um pouco bronco, espesso, obtuso, e bom rapaz.

Quando uma tarde regressava a casa dos patrões começou a ser seguido por um cão. De início não reparou no facto; mas a teimosia do bicho em lhe seguir as pisadas não tardou a fazê-lo virar-se para trás. Olhou bem para ver se conhecia aquele cão – mas não, nunca o tinha visto.

Era uma cadela de horrível magreza, com grandes tetas pendentes. Trotava atrás do homem com um ar lastimoso e esfomeado, de rabo apertado entre as patas, orelhas coladas à cabeça; e, quando ele parava, ela parava também, e tornava a andar quando ele recomeçava a caminhar.

Quis afugentar aquele bicho esquelético e gritou: «Vai-te embora, desaparece, vai! vai!» Ela afastou-se dois ou três passos e sentou-se sobre as patas traseiras, à espera; depois, logo que o cocheiro tornou a caminhar lá voltou ela atrás dele.

Fingiu que apanhava pedras do chão. O animal fugiu para um pouco mais longe, com um grande baloiçar das tetas flácidas; mas voltou mal o homem virou as costas. Então o cocheiro François chamou-a: a cadela aproximou-se timidamente, curvando a espinha em círculo e com todas as costelas à flor da pele. Ele afagou aqueles ossos salientes e, tomado de piedade pela miséria do animal, disse: «Vamos, vem comigo!» Ela abanou logo o rabo, sentindo-se acolhida, adoptada, e, em vez de continuar colada às pernas do dono que tinha escolhido, começou a correr à frente dele.

Instalou-a na palha da cavaliça e correu à cozinha a buscar pão. Depois de ter enchido a barriga, a cadela adormeceu toda enovelada.

No dia seguinte os patrões, avisados pelo cocheiro, autorizaram-no a ficar com o animal. No entanto, a presença do bicho na casa cedo se revelou motivo de constantes incómodos. Ela era sem dúvida a mais desavergonhada das cadelas; e, ao longo de todo o ano, os pretendentes de quatro patas montaram cerco ao lugar onde morava. Vagueavam pela estrada, diante da porta, imiscuíam-se por todas as aberturas da sebe viva que cercava o jardim, devastavam os canteiros arrancando as flores, abrindo buracos nas grades de protecção, exasperavam o jardineiro. De dia e de noite era um

concerto sem fim de latidos e batalhas.

Os donos da casa encontravam, até na escada, ora uns pequenos fraldiqueiros de cauda erguida, uns cães amarelados, dos que rondam as propriedades, dos que vivem de imundícies, ora uns terra-nova enormes de pêlos encaracolados, ora ainda uns caniches bigodudos – todas os exemplares da raça ladrante.

A cadela, a que sem malícia François pusera o nome de «Cocote» (e ela bem merecia o nome), recebia todas aquelas homenagens; e produzia, com uma fecundidade verdadeiramente fenomenal, multidões de cachorrinhos de todas as espécies conhecidas. De quatro em quatro meses, o cocheiro ia até ao rio afogar uma meia dúzia de seres fervilhantes, que já rabujavam e pareciam sapos.

Cocote entretanto fizera-se enorme. Tanto quanto fora magra era agora obesa, com uma barriga inchada sob a qual se continuavam a arrastar as suas compridas tetas oscilantes. Tinha engordado de repente, em poucos dias; e andava com dificuldade, de patas afastadas, como andam os muito gordos, de goelas abertas para respirar, e extenuada mal caminhava dez minutos.

O cocheiro François dizia dela: «Não há dúvida de que é um bom animal, mas palavra que é completamente pílulas.»

O jardineiro queixava-se todos os dias. Com a cozinheira aconteceu o mesmo. Ia encontrar cães debaixo do forno, debaixo das cadeiras, na arrecadação do carvão; e que roubavam tudo que por lá estava.

O patrão ordenou que François se desfizesse da Cocote. O criado, desesperado, chorou, mas teve que obedecer. Ofereceu a cadela a toda a gente e ninguém a quis. Tentou perdê-la e ela voltou. Um caixeiro-viajante meteu-a na bagageira do carro para a abandonar numa cidade distante. A cadela reencontrou o caminho e, apesar da pança descaída, e certamente sem comer, bastou-lhe um dia para regressar; e voltou tranquilamente a deitar-se na sua cavaliariça.

Desta vez o patrão zangou-se, e chamou François para lhe dizer iradamente: «Se você não me afogar esse bicho dentro de água até amanhã, vai para a rua, está a ouvir?»

O homem ficou aterrado. Adorava a Cocote. Voltou para o seu quarto, sentou-se na cama e a seguir fez a mala disposto a ir-se embora. Mas reflectiu que lhe seria impossível encontrar outro emprego, porque ninguém o havia de querer enquanto arrastasse atrás de si aquela cadela, sempre seguida de um batalhão de cães. Logo, tinha que se desfazer dela. Não podia oferecê-la; não podia perdê-la; o rio era a única solução. Pensou então em dar vinte soldos a alguém que procedesse à execução. Mas, quando pensou nisso, foi tomado de uma pungente tristeza; pensou que um outro qualquer a faria sofrer, lhe bateria pelo caminho, lhe tornaria duros os últimos momentos, lhe daria a entender que queriam matá-la, porque aquele animal percebia tudo! E decidiu-se a fazer a coisa pessoalmente.

Não dormiu. Levantou-se da cama de madrugada e, levando uma corda forte, foi buscar a Cocote. Ela ergueu-se lentamente, sacudiu-se, esticou os membros e veio cumprimentar o dono.

Então ele sentou-se e, pondo-a nos joelhos, fez-lhe festas demoradamente, beijou-a no focinho. Depois, levantando-se, disse: «Vem.» E ela agitou a cauda, percebendo que iam sair.

Chegaram à margem do rio e ele escolheu um lugar onde a água parecia funda.

Então amarrou uma das pontas da corda ao pescoço do animal e, apanhando uma grande pedra, amarrou-a à outra ponta. A seguir pegou na cadela nos braços e beijou-a furiosamente, como a uma

pessoa de quem se fosse separar. Mantinha-a apertada contra o peito, embalava-a; e ela entregava-se às carícias rosnando de satisfação.

Dez vezes a quis atirar para a água e de todas as vezes lhe faltaram as forças. Mas de repente decidiu-se e, com toda a força, lançou-a para o mais longe possível. Ela flutuou por um segundo, debatendo-se, tentando nadar como quando ele lhe dava banho; mas a pedra arrastava-a para o fundo; lançou-lhe um olhar de angústia; e a cabeça desapareceu em primeiro lugar, enquanto as patas traseiras se agitavam ainda fora da água. Seguidamente vieram à superfície algumas bolhas de ar. François imaginava a sua cadela a retorcer-se no lodo do rio.

Ficou quase aparvalhado e durante um mês andou doente, obcecado pela memória da Cocote que ouvia ladrar constantemente.

Tinha-a afogado em fins de Abril. Só recuperou a tranquilidade muito tempo depois. Por fim, quando já quase não pensava no caso, em meados de Junho, os patrões foram-se embora e levaram-no para os arredores de Ruão, onde iam passar o Verão.

Numa manhã em que fazia muito calor, François saiu para tomar banho no Sena. Quando ia a entrar na água, um cheiro nauseabundo levou-o a olhar em redor, e avistou nos canaviais um cadáver, o corpo putrefacto de um cão. Aproximou-se, surpreendido pela cor do pêlo. Tinha ainda amarrada ao pescoço uma corda podre. Era a sua cadela, a Cocote, trazida pela corrente para uma distância de sessenta léguas de Paris.

Permanecia de pé com água pelos joelhos, assombrado, transtornado como diante de um milagre, perante uma aparição vingadora. Vestiu-se imediatamente e, tomado de um louco pavor, pôs-se a caminhar em frente, ao acaso, de cabeça perdida. Assim vagueou o dia inteiro e, quando a tarde caiu, perguntou o caminho, que não conseguia encontrar. Nunca mais a partir daí se atreveu a tocar num cão.

Esta história tem um único mérito: é verdadeira, inteiramente verdadeira. Se não fosse o estranho achado do cão morto, seis semanas passadas e a sessenta léguas de distância, eu não lhe teria certamente prestado atenção: tantos são esses pobres animais sem abrigo que vemos todos os dias!

Se o projecto da Sociedade Protectora dos Animais vier a concretizar-se, talvez venhamos a encontrar menos desses cadáveres de quatro patas encalhados nas margens do rio.

(Junho de 1881)

Miss Harriet

À Senhora...

Éramos sete no breque, quatro mulheres e três homens, um dos quais sentado ao lado do cocheiro, e subíamos, ao passo dos cavalos, a grande arriba por onde a estrada serpenteava.

Tendo partido de Etrétat ao alvorecer para irmos visitar as ruínas de Tancarville, ainda dormitávamos, entorpecidos na aragem fresca da manhã. As mulheres, sobretudo, pouco dadas àquele madrugar de caçadores, a todo o momento deixavam descair as pálpebras, inclinavam a cabeça ou bocejavam, insensíveis à emoção do nascer do Sol.

Estávamos no Outono. De ambos os lados do caminho estendiam-se os campos nus, amarelecidos pelo pé curto das aveias e dos trigos ceifados que cobriam o solo como uma barba mal rapada. A terra enevoadada parecia fumegar. Pelo ar cantavam calhandras e outros pássaros piavam nas moitas.

Por fim, o Sol ergueu-se diante de nós, muito vermelho, ao fundo do horizonte; e, à medida que subia, mais claro de minuto para minuto, o campo parecia despertar, sorrir, sacudir-se, e despir, como uma rapariga à saída da cama, a sua camisa de alvos vapores.

O conde de Etraille, sentado no seu lugar, exclamou: «Olhem, uma lebre», e estendia o braço para a esquerda, apontando para um campo de trevo. O animal corria, quase escondido por aquela vegetação e mostrando apenas as grandes orelhas; depois disparou por um terreno lavrado, parou, lançou-se outra vez numa corrida louca, mudou de direcção, parou outra vez, inquieto, à espreita de qualquer perigo, indeciso quanto ao caminho a tomar; depois voltou a correr com grandes saltos das patas traseiras e desapareceu numa vasta plantação de beterrabas. Todos os homens acordaram seguindo a marcha do animal. René Lemanoir declarou: «Não estamos a ser galantes esta manhã», e, olhando para a sua vizinha, a pequena baronesa de Sérennes, que lutava contra o sono, disse-lhe a meia-voz: «Está a pensar no seu marido, baronesa. Fique descansada, que ele só regressa no sábado. Ainda tem quatro dias.»

Ela respondeu com um sorriso sonolento: «Que estupidez a sua!» Depois, sacudindo o seu torpor, acrescentou: «Vá lá, diga-nos qualquer coisa que nos faça rir. Aí o senhor Chenal, que passa por ter tido mais conquistas que o duque de Richelieu, conte-nos uma história de amor que lhe tenha acontecido, o que quiser.»

Léon Chenal, um velho pintor que em tempos fora muito bonito, muito forte, muito orgulhoso do seu físico, e muito amado, passou a mão pela longa barba branca e sorriu; então, passados alguns momentos de reflexão, fez-se muito sério de repente.

— Não será alegre, minhas senhoras; vou contar-lhes o mais doloroso amor da minha vida. Oxalá os meus amigos não inspirem qualquer amor semelhante.

Tinha eu então vinte e cinco anos e era aprendiz de pintor, percorrendo as costas normandas.

Chamo ser «aprendiz de pintor» àquela vagabundagem de mochila às costas, de albergue em albergue, a pretexto de fazer estudos e paisagens do natural. Não conheço nada melhor que essa vida errante, ao acaso. Somos livres de entraves de toda a espécie, andamos sem cuidados, sem preocupações, sem sequer pensarmos no dia de amanhã. Seguimos pelo caminho que nos agrada, sem outro guia que não seja a nossa fantasia, sem outro conselheiro que não seja o prazer dos nossos olhos. Paramos porque um riacho nos seduziu ou porque cheiravam bem as batatas fritas à porta de uma casa de comidas. Por vezes foi o aroma de uma clematite que decidiu a nossa escolha, ou a olhadela ingénuo da criada de uma estalagem. Não desprezemos essas rústicas ternuras. Essas moças também têm uma alma e sentidos, e faces firmes, e lábios frescos; e o violento beijo delas é forte e saboroso como um fruto selvagem. O amor tem sempre um preço, venha ele donde vier. Um coração que bate quando aparecemos, uns olhos que choram quando partimos, eis coisas tão raras, tão doces, tão preciosas, que nunca devemos desprezá-las.

Tive ocasião de conhecer encontros em valas cheias de primulas, atrás do estábulo onde as vacas pernoitam, e em cima da palha dos celeiros ainda mornos do calor do dia. Guardo recordações de um cinzento pano grosseiro cobrindo carnes elásticas e rudes, e a nostalgia de ingénuas e francas carícias, mais delicadas na sua brutalidade sincera que os subtis prazeres obtidos de mulheres encantadoras e distintas.

Mas aquilo de que gostamos acima de tudo nessas viagens aventureosas é do campo, das matas, do nascer do Sol, dos crepúsculos, do luar. Para os pintores são viagens de núpcias com a terra. Estamos sozinhos junto dela naquele longo encontro tranquilo. Deitamo-nos num prado, entre margaridas e papoilas, e, de olhos abertos, sob um claro Sol que declina, contemplamos ao longe a aldeiazinha com o seu campanário pontiagudo que toca o meio-dia.

Sentamo-nos à beira de uma nascente que brota aos pés de um carvalho, no meio de uma cabeleira de ervas esguias, altas, brilhantes de vida. Ajoelhamo-nos, inclinamo-nos, bebemos daquela água fria e transparente que nos molha o bigode e o nariz, bebemo-la com um prazer físico, como se beijássemos a fonte, lábios nos lábios. Por vezes, quando achamos um buraco ao longo desses delgados cursos de água, mergulhamos, nus, e sentimos debaixo da pele, da cabeça até aos pés, uma espécie de carícia gelada e deliciosa, o frémito da corrente viva e leve.

Sentimo-nos alegres no alto de uma colina, melancólicos à beira dos charcos, exaltados quando o Sol se afoga num oceano de nuvens sangrentas e lança nos rios rubros reflexos. E à noite, sob a Lua que passa no fundo do céu, pensamos em mil e uma coisas estranhas que não nos ocorreriam sob a ardente claridade do dia.

E deste modo, vagueando assim por esta mesma região em que estamos este ano, cheguei uma tarde à pequena aldeia de Benouville, em cima da falésia, entre Yport e Etretat. Vinha de Fécamp seguindo pela costa, pela alta costa vertical como uma muralha, com as suas saliências de rochas gredosas que caem a pique sobre o mar. Caminhara desde a manhã por sobre aquela relva rasa, fina e flexível como um tapete que cresce à beira do abismo sob o vento salgado do largo. E, cantando a plenos pulmões, caminhando a passos largos, contemplando ora a fuga lenta e redonda de uma calhandra passeando no céu azul a curva branca das suas asas, ora, no mar verde, a vela escura de um barco de

pesca, passara um dia feliz de despreocupação e de liberdade.

Indicaram-me uma quintarola onde albergavam viajantes, uma espécie de estalagem dirigida por uma camponesa no meio de um pátio normando rodeado de uma dupla fila de faias.

E assim, afastando-me da falésia, dirigi-me para o lugarejo rodeado pelas suas grandes árvores e apresentei-me em casa da tia Lecacheur.

Era uma velha camponesa enrugada, severa, que parecia receber sempre os fregueses a contragosto, com uma espécie de desconfiança.

Estávamos em Maio; as macieiras em flor cobriam o pátio de um tecto de flores perfumadas, semeavam incessantemente uma chuva rodopiante de folíolos rosados que caíam infundavelmente sobre as pessoas e sobre a erva.

Perguntei: «Então, senhora Lecacheur, tem um quarto para mim?»

Espantada ao ver que eu lhe conhecia o nome, respondeu: «É conforme, está tudo alugado. Mas mesmo assim vamos ver.»

Em cinco minutos chegámos a acordo e poisei o meu saco no chão de terra de uma divisão rústica, mobilado com uma cama, duas cadeiras, uma mesa e uma bacia. Dava para a cozinha, que era grande, fumarenta, onde os hóspedes tomavam as suas refeições com o pessoal da quinta e a patroa, que era viúva.

Lavei as mãos, e saí. A velha estava a preparar um frango de fricassé para o jantar, na sua vasta chaminé donde pendia a cremalheira negra de fumo.

— Tem então hóspedes nesta altura? —, disse-lhe eu.

Respondeu com o seu ar descontente: «Têngo iuma senhora, iuma inglesa d'idade. 'Tá no outro quarto.»

Graças a um aumento de cinco soldos por dia consegui o direito de comer sozinho no pátio quando estivesse bom tempo.

E assim, puseram-me a mesa diante da porta e comecei a trinchar à dentada os membros magros da galinha normanda bebendo cidra clara e mastigando um grande pão branco, com quatro dias de idade, mas excelente.

De repente abriu-se a barreira de madeira que dava para o caminho e dirigiu-se para a casa uma estranha personagem. Era muito magra, muito alta, tão apertadinha no seu xaile escocês aos quadrados encarnados que a julgaríamos sem braços se não tivéssemos visto uma mão comprida aparecer à altura das ancas, segurando uma sombrinha branca de turista. A sua cara de múmia, enquadrada de canudos de cabelo cinzento enrolado, que saltitavam a cada passo que dava, levou-me a pensar, não sei porquê, num arenque fumado que usasse papelotes. Passou rapidamente diante de mim, baixando os olhos, e entrou na choupana.

Esta singular aparição alegrou-me; era de certeza a minha vizinha, a inglesa de idade que a nossa dona da casa mencionara.

Não tornei a vê-la naquele dia. No dia seguinte, quando já me tinha instalado para pintar ao fundo daquele vale encantador vosso conhecido e que desce até Etretat, avistei, ao erguer os olhos de repente, algo de insólito, de pé na crista do outeiro: dir-se-ia um mastro engalanado. Era ela. Quando me viu desapareceu.

Regressei ao meio-dia para almoçar e sentei-me à mesa comum para travar conhecimento com aquela velha original, mas ela não respondeu às minhas palavras corteses, e foi até insensível aos meus pequenos gestos amáveis. Servi-lhe água insistentemente, passei-lhe os pratos diligentemente. Um leve aceno de cabeça, quase imperceptível, e uma palavra inglesa de tal modo murmurada que eu não a ouvia, eram os seus únicos agradecimentos.

Deixei de lhe prestar atenção, embora ela me perturbasse o pensamento.

Passados três dias sabia tanto a seu respeito como a própria senhora Lecacheur.

Chamava-se miss Harriet. Quando andava à procura de uma aldeia perdida para passar o Verão, detivera-se em Benouville, seis semanas antes, e não parecia disposta a ir-se embora. À mesa nunca falava, e comia depressa lendo ao mesmo tempo um livro de propaganda protestante. Distribuía a toda a gente livros desses. Até o prior tinha recebido quatro, levados por um garoto que ganhara dois soldos para fazer o recado. De vez em quando, de repente, ela dizia à nossa hospedeira sem que nada tivesse preparado tal declaração: «Amo o Sinhorr acima de tudo; admirro-o em toda a sua criação, adorro-o em toda a sua natureza, anda sempre comigo no meu coração.» E entregava logo à camponesa surpreendida uma daquelas brochuras destinadas a converter o universo.

Na aldeia não gostavam dela. Como o professor declarara: «É uma ateia», pesava sobre ela uma espécie de reprovação. O prior, a uma consulta da senhora Lecacheur, respondeu: «É uma herética, mas Deus não quer a morte do pecador, e acredito que é uma pessoa de perfeita moralidade.»

Estas palavras, «Ateia – Herética», cujo exacto significado desconheciam, lançavam dúvidas em todos os espíritos. Diziam, além disso, que a inglesa era rica e que passara a vida a viajar por todos os países do mundo porque a família a tinha expulsado. Mas porque é que a família a expulsara? Naturalmente, por causa da sua impiedade.

A verdade é que ela era uma daquelas exaltadas com princípios, uma daquelas puritanas pertinazes como tantas que a Inglaterra produz, uma daquelas boas solteironas insuportáveis que atormentam todas as mesas redondas de hotéis da Europa, que estragam a Itália, que envenenam a Suíça, que tornam inabitáveis as encantadoras cidades do Mediterrâneo, que levam para toda a parte as suas manias extravagantes, os seus costumes de vestais petrificadas, as suas *toilettes* indescritíveis com um certo cheiro a borracha que poderia levar a acreditar que à noite as metem num estojo.

Eu, quando num hotel deparava com uma dessas, fugia logo como os pássaros quando vêm um espantalho num campo.

Aquela, porém, parecia-me tão especial que não me desagradava.

A senhora Lecacheur, instintivamente hostil a tudo o que não fosse do campo, sentia no seu espírito limitado uma espécie de ódio aos modos extáticos da solteirona. Encontrara uma palavra para a qualificar, um termo certamente depreciativo, que não sei como lhe ocorrera, que lhe surgira chamado por não sei que confuso e misterioso trabalho do seu espírito. Dizia ela: «É uma demoníaca.» E esta palavra, colada àquele ser austero e sentimental, parecia-me de irresistível comicidade. Eu próprio já só lhe chamava «a demoníaca», experimentando um estranho prazer quando, ao vê-la, pronunciava em voz alta estas sílabas.

Perguntava à tia Lecacheur: «Bem, que é feito da nossa demoníaca hoje?»

E a camponesa respondia com um ar escandalizado:

— O senhor acredita qu'ela apanhou um sapo c'uma pata esmagada e qu'o levou pró quarto e o meteu na bacia e fez-lh'um penso com'a um home? Atão não é uma profanação?

De outra vez, ia a passear junto da falésia e comprou um grande peixe que acabava de ser pescado, só para tornar a lançá-lo ao mar. E o marítimo, embora tivesse sido bem pago, tinha-lhe dirigido abundantes injúrias, mais exasperado que se ela lhe tivesse tirado o dinheiro do bolso. Passado um mês ainda não era capaz de falar do caso sem se enfurecer e sem gritar insultos. Ah, sim, era mesmo uma demoníaca, a miss Harriet: a tia Lecacheur tivera uma inspiração de génio ao baptizá-la assim.

O criado da cavaliariça, a quem chamavam Sapador porque em novo servira em África, emitia outras opiniões. Dizia com um ar malandro: «Ela é uma das tais que já fez o seu tempo.»

Se a pobre rapariga tivesse sabido...

Céleste, a criadita, não a servia de boa vontade, e eu não percebia porquê. Talvez apenas por ela ser estrangeira, de outra raça, de outra língua e de outra religião. Enfim, era uma demoníaca!

Passava o tempo a vaguear pelos campos, procurando e adorando Deus na Natureza. Fui dar com ela uma tarde, de joelhos numa moita. Como distinguira qualquer coisa encarnada através das folhas, afastei os ramos e miss Harriet levantou-se, confusa por ter sido descoberta assim, fitando em mim uns olhos assustados, como os das corujas surpreendidas em pleno dia.

Às vezes, quando ia trabalhar para os rochedos, avistava-a de repente à beira da falésia, semelhante a um sinal de semáforo. Contemplava apaixonadamente o vasto mar dourado de luz e o grande céu purpureado de fogo. De outras vezes lobrigava-a no fundo de um vale, caminhando apressada no seu passo elástico de inglesa:

e dirigia-me para ela, atraído não sei por quê, só para lhe ver o rosto de iluminada, o seu rosto seco, indizível, com o contentamento de uma alegria interior e profunda.

Muitas vezes ainda, encontrava-a num recanto de uma herdade, sentada no chão, à sombra de uma macieira, com o seu livrinho bíblico aberto nos joelhos e o olhar flutuando ao longe.

Porque eu nunca mais saía dali, apegado que estava àquela terra calma por mil e um laços de amor às suas vastas e doces paisagens. Sentia-me bem naquela quinta ignorada, longe de tudo, junto da terra, da boa, saudável, bela e verde terra que nós próprios, com os nossos corpos, um dia havemos de adubar. E talvez, há que confessá-lo, havia também um nadinha de curiosidade que me retinha em casa da tia Lecacheur. Ambicionava conhecer um pouco aquela estranha miss Harriet e saber o que se passa nas almas solitárias dessas velhas inglesas errantes.

2.

Travámos conhecimento de um modo bastante singular. Eu acabara de concluir um estudo que me parecia arrojado e que o era. Foi vendido por dez mil francos quinze anos mais tarde. Aliás, era mais simples que dois e dois serem quatro, e ultrapassava as regras académicas. Todo o lado direito da minha tela representava uma rocha, uma enorme rocha verrugosa, coberta de sargaços castanhos, amarelos e vermelhos, sobre os quais o Sol escorria como óleo. A luz, proveniente do astro que não se via, escondido atrás de mim, caía sobre a pedra e dourava-a de fogo. Era isso. Um grande plano

prodigioso de claridade, inflamado, soberbo.

À esquerda o mar – não o mar azul, o mar de ardósia, mas o mar de jade, esverdeado, igualmente leitoso e duro sob o céu carregado.

Estava tão contente com o meu trabalho que vinha a dançar ao trazê-lo para a estalagem. Desejava que o mundo inteiro o visse imediatamente. Lembro-me de que o mostrei a uma vaca à beira do caminho, gritando-lhe:

— Olha para isto, amiga. Não hás-de ver coisas assim muitas vezes.

Ao chegar diante da casa chamei imediatamente a tia Lecacheur berrando a plenos pulmões:

— Olá! Olá! Ó patroa, venha cá e veja-me isto!

A camponesa chegou e observou a minha obra com o seu olhar estúpido que não distinguia nada, que nem sequer via se aquilo representava um boi ou uma casa.

Miss Harriet vinha a chegar, e ia a passar atrás de mim precisamente no momento em que, segurando a minha tela de braços abertos, eu a estava mostrando à estalajadeira. A demoníaca não pôde deixar de a ver, porque eu tinha o cuidado de mostrar aquilo de tal maneira que não escapasse ao seu olhar. Ela parou logo, impressionada, estupefacta. Era a sua rocha, ao que parece, aquela por onde ela trepava para ir sonhar à sua vontade.

Murmurou um «Âuuu!» britânico tão acentuado e tão lisonjeiro que me virei para ela a sorrir; e lhe disse:

— É o meu último estudo.

Ela murmurou, extasiada, cómica e enternecedora:

— Oh, o sinhorr compreende a naturreza de uma manêra palpitante.

Palavra que corei, mais comovido com este elogio do que se tivesse sido proferido por uma rainha. Estava seduzido, conquistado, vencido. Capaz de a beijar, palavra de honra!

À mesa sentei-me junto dela, como sempre. Pela primeira vez ela falou, continuando a sua ideia em voz alta: «Oh! Eu amo tanto a naturreza!»

Servi-a de pão, de água, de vinho. Ela agora aceitava com um pequeno sorriso de múmia. E comecei a conversar sobre a paisagem.

Depois da refeição, e depois de nos termos levantado ao mesmo tempo, fomos passear pelo pátio; depois, atraído sem dúvida pelo incêndio formidável que o Sol poente ateava no mar, abri a barreira que dava para a falésia e lá fomos, lado a lado, contentes como duas pessoas que acabam de se entender e de se descobrir.

Era um fim de tarde morno, amolecido, uma daquelas horas de bem-estar em que a carne e o espírito estão felizes. Tudo é prazer e tudo é encanto. O ar morno, perfumado, pleno de cheiros a ervas e a algas, afaga o olfacto com o seu aroma bravio, acaricia o palato com o seu sabor marinho, acaricia o espírito com a sua penetrante doçura. Seguíamos agora à beira do abismo, acima do vasto mar que rolava, cem metros abaixo de nós, as suas pequenas vagas. E, de boca aberta e peito dilatado, bebíamos aquele sopro fresco que atravessara o oceano e nos deslizava pela pele, lento e salgado pelo longo beijo das ondas.

Apertada no seu xaile aos quadrados, com um ar inspirado, dentes ao vento, a inglesa olhava para o enorme Sol que descia para o mar. À nossa frente, ao longe, ao longe, nos limites da nossa vista, um

três-mastros coberto de velas desenhava o seu perfil sobre o céu afogueado, e um vapor, mais perto, passava desenrolando o seu fumo que deixava atrás de si uma nuvem sem fim que atravessava todo o horizonte.

A bola vermelha continuava a descer, lentamente. E não tardou a tocar a água, precisamente atrás do navio imóvel que surgiu, como que numa moldura de fogo, no meio do astro rebrilhante. Mergulhava a pouco e pouco, devorado pelo oceano. Viamo-lo mergulhar, diminuir, desaparecer. Acabava. Só o pequeno barco continuava a mostrar o seu perfil recortado sobre o fundo de ouro do céu distante.

Miss Harriet contemplava com um olhar apaixonado o fim flamejante do dia. E sentia certamente um imoderado desejo de abraçar o céu, o mar, todo o horizonte.

Murmurou: «Oh! Eu gosto... gosto... gosto...» Vi-lhe uma lágrima nos olhos. Continuou: «Gostava de serr um passarrinho parra voarr no firmamento.»

E permanecia de pé, como muitas vezes a vira, especada na falésia, também ela vermelha no seu xaile de púrpura. Apeteceu-me desenhá-la no meu álbum. Parecia a caricatura do êxtase.

Virei-me de costas para não sorrir.

Depois falei-lhe de pintura, como falaria com um colega, anotando os tons, os valores, os fulgores, com termos do ofício. Ela escutava-me atentamente, compreendendo, procurando adivinhar o sentido obscuro das palavras, penetrar o meu pensamento. De vez em quando declarava: «Oh! Comprrendo, comprrendo. É muito palpitante.»

Regressámos.

No dia seguinte, quando me viu, veio pressurosamente estender-me a mão. E ficámos imediatamente amigos.

Era uma excelente criatura, que tinha uma espécie de alma de molas, que partia para o entusiasmo por saltos. Faltava-lhe equilíbrio, como a todas as mulheres que ficaram solteiras aos cinquenta anos. Parecia conservada numa inocência ácida; mas conservara no seu coração algo muito jovem, algo de fogo. Amava a natureza e os animais, com o amor exaltado, fermentado como uma bebida excessivamente envelhecida, com o amor sensual que não dera aos homens.

Era mais que certo que o espectáculo de uma cadela a dar de mamar, de uma égua a correr num prado com o seu poldro atrás

de si, do ninho de uma ave de bico aberto, de cabeça enorme, de corpo despido, cheio de passarinhos a piar – tudo a fazia palpitante com uma exagerada emoção.

Pobres seres solitários, errantes e tristes das mesas redondas dos hotéis, pobres seres ridículos e lastimáveis, amo-vos desde que conheci aquela mulher!

Não tardei a perceber que ela tinha qualquer coisa para me dizer, mas que não se atrevia, e divertia-me a sua timidez. Quando eu saía de manhã com a minha caixa às costas, ela acompanhava-me até à extremidade da aldeia, muda, visivelmente ansiosa e procurando as palavras com que haveria de começar. Depois deixava-me de repente e ia-se embora apressada no seu passo saltitante.

Um dia, por fim, ganhou coragem: «Gostava de verr você como você faz a pinturra. Pode serr? Curiosidade minha.» E corava como se tivesse pronunciado palavras extremamente audaciosas.

Levei-a ao fundo do Petit-Val, onde estava a começar um grande estudo.

Ela ficou de pé atrás de mim, acompanhando todos os meus gestos com uma atenção concentrada.

Depois, de repente, talvez por temer incomodar-me, disse-me «Obrigada» e foi-se embora.

Mas em pouco tempo tornou-se mais familiar e começou a acompanhar-me todos os dias com visível prazer. Trazia debaixo do braço o seu banquinho de armar, sem me autorizar a transportá-lo, e sentava-se ao meu lado. Ficava ali horas, imóvel e muda, seguindo com os olhos a ponta do meu pincel em todos os seus movimentos. Quando eu obtinha um efeito perfeito e inesperado, graças a uma larga mancha de cor bruscamente colocada com a espátula, ela soltava involuntariamente um pequeno «Âuuu!» de espanto, de alegria e de admiração. Tinha um sentimento de respeito enternecido pelas minhas telas, de respeito quase religioso por aquela reprodução humana de uma parcela da obra divina. Os meus estudos eram para ela como que quadros de santidade; e por vezes falava-me de Deus, tentando converter-me.

Ah, era um homenzinho esquisito aquele Deus dela, uma espécie de filósofo de aldeia, sem grandes meios e sem grande poder, porque ela o imaginava sempre desolado com as injustiças cometidas diante dos seus olhos – como se ele não as pudesse impedir.

Aliás, ela tinha excelentes relações com ele, até parecia ser confidente dos seus segredos e contrariedades. Dizia: «Deus querr» ou «Deus não querr» como um sargento que anunciasse ao recruta que «o coronel mandou».

No fundo do coração ela deplorava a minha ignorância das intenções celestes que se esforçava por me revelar; e todos os dias ia encontrar nas minhas algibeiras, no chapéu quando o poisava no chão, na caixa das tintas, nos sapatos engraxados diante da minha porta de manhã, aquelas pequenas brochuras piedosas que ela por certo recebia directamente do Paraíso.

Eu tratava-a como se fosse uma velha amiga, com uma cordial franqueza. Mas não tardei a perceber que os seus modos se tinham alterado um pouco. Nos primeiros tempos não prestei atenção ao facto.

Enquanto eu trabalhava, no fundo do meu vale ou num qualquer caminho lá em baixo, via-a muitas vezes chegar no seu andar rápido e sacudido. Sentava-se de repente, ofegante, como se tivesse vindo a correr ou como se alguma emoção profunda a agitasse. Estava muito corada, com aquele rosado inglês que nenhum outro povo possui; e depois, sem motivo, empalidecia, ficava cor de terra e parecia prestes a desfalecer. No entanto, a pouco e pouco via-a retomar a sua fisionomia habitual e começava a falar.

Então, subitamente, deixava uma frase a meio, levantava-se e ia-se embora tão depressa e de uma maneira tão estranha que eu procurava descobrir se não teria feito algo que tivesse podido desagradar-lhe ou feri-la.

Acabei por pensar que aqueles deviam ser os seus modos habituais, certamente um pouco modificados em atenção a mim nos primeiros tempos do nosso conhecimento.

Quando regressava à quinta depois de andar horas a caminhar pela costa batida pelo vento, os seus longos cabelos torcidos em espirais haviam-se muitas vezes desenrolado e vinham pendurados com se se lhes tivesse quebrado a mola. Dantes não se inquietava muito com isso e vinha jantar sem embaraço, assim despenteada pela sua irmã brisa.

Agora, subia ao quarto para arrumar aquilo a que eu chamava os seus vidros de candeeiro; e quando eu lhe dizia com familiar galanteria que sempre a escandalizava: «Hoje está linda como um astro,

miss Harriet», o sangue subia-lhe imediatamente às faces, sangue de rapariguinha, sangue de quinze anos.

Depois tornou-se outra vez selvagem e deixou de vir ver-me pintar. Pensei: «É uma crise, isto passa.» Mas não passava. Agora, quando falava com ela, respondia-me umas vezes com uma indiferença afectada, outras com uma surda irritação. E tinha repentes, impaciências, nervos. Eu só a via às refeições e quase não conversávamos. Pensei que realmente a tinha melindrado em qualquer coisa; e uma tarde perguntei-lhe: «Miss Harriet, porque é que já não é a mesma para mim? Que fiz eu que lhe tenha desagradado? Está a desgostar-me muito!»

Ela respondeu, num tom de cólera muito engraçado: «Eu foi parra você a mesma que dantes. Nom é verrdade, nom é verrdade» – e correu a fechar-se no quarto.

Em certos momentos olhava para mim de uma maneira estranha. Pensei muitas vezes desde então que os condenados à morte devem ter aquele mesmo olhar quando lhes anunciam o seu último dia. Havia nos seus olhos uma espécie de loucura, uma loucura mística e violenta; e outra coisa ainda, uma febre, um desejo exasperado, impaciente e impotente, do irrealizado e do irrealizável! E parecia-me que havia nela também uma luta em que o seu coração combatia contra uma força desconhecida que ela queria dominar, e talvez ainda outra coisa... Sei lá! Sei lá!

3.

Foi verdadeiramente uma singular revelação.

Havia algum tempo que eu trabalhava todas as manhãs, desde o alvorecer, num quadro cujo tema era o seguinte:

Uma ravina funda, cavada, dominada por dois taludes de silvas e árvores, estendia-se, perdida, afogada naquele vapor leitoso, naquele algodão que às vezes flutua sobre os vales, ao nascer do dia. E, lá ao fundo daquela bruma espessa e transparente, víamos vir na nossa direcção, ou, antes, adivinhávamos um par humano, um rapazola e uma rapariga, abraçados, enlaçados, ela de cabeça erguida para ele, ele inclinado para ela, e de bocas coladas.

Um primeiro raio de Sol, insinuando-se por entre os ramos, atravessava aquela névoa de alvorecer, iluminava-o com um reflexo rosado por trás dos rústicos apaixonados, lançava as suas sombras vagas numa claridade prateada. Era bonito, palavra, bem bonito.

Trabalhava no declive que leva ao pequeno vale de Etrepat. Por sorte, naquela manhã tinha o vapor húmido de que precisava.

Algo se ergueu à minha frente, uma espécie de fantasma, e era miss Harriet. Quando me viu, quis fugir. Mas eu chamei-a, gritando: «Venha, venha cá, tenho aqui um quadrinho para si.»

Ela aproximou-se, como que a contragosto. Estendi-lhe o meu esboço. Não disse nada, mas ficou-se muito tempo a olhar; e de repente pôs-se a chorar. Chorava com espasmos nervosos como quem lutou muito contra as lágrimas e já não pode mais, como quem se abandona resistindo ainda. Levantei-me de um salto, também eu comovido por aquele desgosto que não compreendia, e peguei-lhe nas mãos num movimento de brusco afecto, um verdadeiro movimento de francês que age mais depressa do que

pensa.

Durante alguns segundos ela deixou as suas mãos nas minhas, e sentia-as frementes como se todos os seus nervos se tivessem torcido. Depois retirou-as de repente, ou, antes, arrancou-as.

Eu tinha reconhecido aquele frémito porque já o havia sentido: e nada me poderia iludir nele. Ah, o frémito de amor de uma mulher, tenha ela quinze anos ou cinquenta, seja ela do povo ou da alta sociedade, vai-me tão direito ao coração que nunca hesito em entendê-lo.

Toda a sua pobre pessoa tremera, vibrara, desfalecera. Eu sabia. Foi-se embora sem que eu tivesse dito uma palavra, deixando-me surpreendido como perante um milagre, e desolado como se tivesse cometido um crime.

Faltei ao almoço. Fui dar uma volta pela beira da falésia, com tanta vontade de chorar como de rir, achando a aventura cómica e deplorável, sentindo-me ridículo e considerando-a uma infeliz que estava a enlouquecer.

Perguntava a mim mesmo que havia de fazer.

Achei que não podia fazer outra coisa senão partir, e decidi-me logo a isso.

Depois de ter vagueado até ao jantar, um pouco triste, um pouco pensativo, voltei à hora da sopa.

Sentámo-nos à mesa como de costume. Miss Harriet estava ali, comia com gravidade, sem falar com ninguém e sem levantar os olhos. De resto, tinha a cara e a atitude habituais.

Esperei pelo fim da refeição e depois, virando-me para a patroa, disse: «Bem, senhora Lecacheur, não tarda e vou deixá-la.»

A mulherzinha, surpreendida e desgostosa, exclamou na sua voz arrastada: «Qu' é que 'tá p' r' aí a dizer, meu bom senhor? Vai deixar-nos! 'Távamos tão bem acostumados a si!»

Eu observava de longe miss Harriet; a sua cara não revelara qualquer sobressalto. Mas a Céleste, a criadita, acabava de erguer os olhos para mim. Era uma rapariga gorda de dezoito anos, corada, fresca, forte como um cavalo, e, coisa rara, limpa. Eu às vezes beijava-a pelos cantos da casa, por hábitos que tinha de frequentador de estalagens, mas nada mais que isso.

E o jantar terminou.

Fui fumar o meu cachimbo para debaixo das macieiras, caminhando de um lado para o outro, de uma ponta à outra do pátio. Todas as reflexões que fizera durante o dia, a estranha descoberta da manhã, aquele amor grotesco e apaixonado agarrado a mim, recordações vindas a reboque daquela revelação, recordações encantadoras e perturbantes, talvez também aquele olhar de serviçal fixado em mim perante o anúncio da minha partida, tudo isso misturado, combinado, me punha agora no corpo um humor folgazão, um formigueiro de beijos nos lábios, e, nas veias, aquele não-sei-quê que nos leva a fazer asneiras.

Caía a noite, insinuando a sua sombra sob as árvores, e avistei a Céleste que ia fechar o galinheiro do outro lado do pátio. Dirigi-me para lá a correr, em passos tão leves que ela não ouviu nada, e, quando ela ia endireitar-se depois de ter baixado o pequeno alçapão por onde as galinhas entram e saem, agarrei-a nos meus braços, lançando-lhe na cara larga e gorda um granizo de carícias. Ela debatia-se, mas rindo-se, acostumada que estava àquilo.

Porque é que a deixei de repente? Porque é que me virei num salto? Porque é que senti alguém atrás de mim?

Era miss Harriet que regressava e que nos vira, e que permanecia imóvel como diante de um espectro. Depois desapareceu na noite.

Voltei para casa envergonhado, confuso, mais desesperado por ter sido assim surpreendido por ela do que se me tivesse encontrado a cometer um qualquer acto criminoso.

Dormi mal, imensamente enervado, atormentado por pensamentos tristes. Pareceu-me ouvir chorar. Estava certamente enganado. Também por várias vezes julguei ouvir alguém andar pela casa e abrir a porta da rua.

Com a aproximação da manhã, esmagado pelo cansaço, o sono acabou por se apoderar de mim. Acordei tarde e não apareci para o almoço, ainda confuso, sem saber a atitude a tomar.

Ninguém tinha visto miss Harriet. Esperaram por ela e não apareceu. A tia Lecacheur entrou no quarto dela: a inglesa tinha saído. Devia até ter saído de madrugada, como muitas vezes saía, para ver o nascer do Sol.

Ninguém se admirou e começámos a comer em silêncio.

Fazia calor, muito calor, era um daqueles dias ardentes e pesados em que não bole uma folha. Tinham posto a mesa lá fora, debaixo de uma macieira; e de vez em quando o Sapador ia encher à adega a bilha de cidra, de tanto que se bebia. A Céleste trazia os pratos da cozinha, um guisado de carneiro com batatas, um coelho salteado e uma salada. Depois poisou à nossa frente um prato de cerejas, as primeiras da estação.

Como queria lavá-las e refrescá-las, pedi à criadita que me fosse buscar um balde de água bem fria.

Regressou passados cinco minutos declarando que o poço estava seco. Depois de ter descido toda a corda o balde tocara no fundo e tornara a subir vazio. A tia Lecacheur quis verificar pessoalmente e foi olhar a abertura. Voltou anunciando que se via qualquer coisa no poço, qualquer coisa que não era natural. Por certo, um vizinho, por vingança, tinha atirado para lá fardos de palha.

Eu também quis ir ver, na esperança de saber distinguir melhor, e inclinei-me sobre a borda. Descortinei vagamente um objecto branco. Mas o quê? Tive então a ideia de fazer descer uma lanterna na ponta de uma corda. O clarão amarelo dançava nas paredes de pedra, baixando a pouco e pouco. Éramos quatro inclinados sobre o buraco, pois o Sapador e a Céleste tinham vindo juntar-se a nós. A lanterna parou em cima de um volume indistinto, branco e preto, singular, não identificável. O Sapador exclamou:

— É um cavalo. 'Tou a ver um casco. Deve ter caído esta noite depois de fugir do prado.

Mas de repente estremeci até à medula. Acabava de reconhecer um pé, e depois uma perna levantada; o corpo todo e a outra perna desapareciam debaixo de água.

Balbuciei muito baixinho e a tremer tanto que a lanterna dançava loucamente por cima do sapato:

— É uma mulher que... que... que está lá dentro... é miss Harriet.

Só o Sapador não pestanejou. Já vira muitas outras em África.

A tia Lecacheur e a Céleste desataram em gritos pungentes e fugiram a correr.

Houve que fazer a recuperação do cadáver. Amarrei solidamente o criado pela cintura e depois desci-o graças à roldana, muito devagar, vendo-o mergulhar na sombra. Levava nas mãos a lanterna e outra corda. Não tardou e a sua voz, que parecia vir do centro da terra, gritou: «Pare!»; e vi-o repescar qualquer coisa dentro de água, a outra perna; depois atou os dois pés um ao outro e gritou

outra vez: «Pode içar!»

Puxei-o para cima; mas sentia-me de braços partidos, de músculos moles, tinha medo de soltar a amarra e de deixar o homem cair outra vez. Quando a cabeça dele apareceu na abertura do poço, perguntei: «Então?», como se estivesse à espera de que ele me desse notícias daquela que estava lá no fundo.

Subimos os dois para o rebordo de pedra e, de frente um para o outro, inclinados sobre a abertura, começámos a içar o corpo.

A tia Lecacheur e a Céleste espiavam-nos de longe, escondidas atrás do muro da casa. Quando avistaram, saindo do buraco, os sapatos pretos e as meias brancas da afogada, desapareceram.

O Sapador agarrou-a pelos tornozelos e tirámo-la de lá, àquela pobre e casta mulher, na posição mais imodesta. A cabeça estava horrível, negra e dilacerada; e os longos cabelos grisalhos, completamente soltos, desfeitos para sempre, pendiam, a escorrer água e lama. O Sapador declarou com ar de desprezo:

«Deus do céu, com'ela é magra!»

Levámo-la para o quarto e, como as duas mulheres não apareciam, fiz-lhe a *toilette* mortuária juntamente com o moço de cavaliariça.

Lavei o seu triste rosto decomposto. À pressão do meu dedo um olho abriu-se um pouco, olhando-me com aquele olhar pálido, com aquele olhar frio, com aquele olhar terrível dos cadáveres, que parece provir das traseiras da vida. Cuidei-lhe como pude dos cabelos espalhados, e com as minhas mãos inábeis arrumei-lhe sobre a testa uma cabeleira nova e singular. Tirei-lhe depois as roupas encharcadas, pondo-lhe um pouco à mostra, com vergonha, como se cometesse uma profanação, os ombros e o peito, e os seus longos braços tão esguios como ramos.

A seguir fui procurar flores, papoilas, cinerárias, margaridas, e erva fresca e perfumada, com que lhe cobri o leito fúnebre.

Tive depois de cumprir as formalidades usuais, já que estava sozinho ao pé dela. Uma carta que se lhe encontrou na algibeira, escrita à última hora, pedia que a enterrassem naquela aldeia onde tinham decorrido os seus últimos dias. Um horrível pensamento apertou-me o coração. Não seria por minha causa que queria ficar naquele lugar?

Ao fim da tarde as comadres da vizinhança chegaram para contemplar a defunta; mas impedi-as de entrar; queria ficar sozinho junto dela, e velei toda a noite.

Contemplei-a à luz das lamparinas, a pobre mulher desconhecida de toda a gente, que morrera tão longe, tão lamentavelmente. Deixaria ela algures amigos ou parentes? Como teriam sido a sua infância, a sua vida? Donde vinha ela assim, sozinha, errante, perdida como um cão expulso de casa? Que segredo de sofrimento e de desespero estava encerrado naquele corpo desgraçado, naquele corpo que transportara, qual tara vergonhosa, durante toda a sua existência, invólucro ridículo que expulsara para longe dela todo o afecto e todo o amor?

Quantos seres infelizes existem! Sentia pesar sobre aquela criatura humana a eterna injustiça da implacável natureza! Para ela acabara a esperança de ser alguma vez amada, sem que possivelmente tivesse tido alguma vez isso que é o sustentáculo dos mais deserdados! Se não, porque se escondia ela assim, porque fugia dos outros? Porque amava ela com tão apaixonada ternura todas as coisas e

todos os seres vivos que não os homens?

E compreendia que aquela mulher acreditasse em Deus, e que tivesse colocado noutra lugar a esperança da compensação da sua miséria. Ia agora decompor-se e, por sua vez, fazer-se planta. Iria florir ao Sol, seria roída pelas vacas, levada como semente pelos pássaros, e, carne dos animais, iria tornar-se carne humana. Mas aquilo a que se chama a alma tinha-se extinguido no fundo do negro poço. Ela já não sofria. Trocara a sua vida por outras vidas que faria nascer.

Passavam as horas naquele encontro a sós sinistro e silencioso. Um clarão pálido anunciou o despontar do dia; e depois um raio vermelho insinuou-se até à cama, pôs uma tira de fogo nos lençóis e nas mãos. Era a hora de que ela gostava tanto. Os pássaros despertavam e cantavam nas árvores.

Abri a janela de par em par, afastei as cortinas para que nos visse o céu inteiro e, debruçando-me sobre o cadáver gelado, segurei nas minhas mãos a sua cabeça desfigurada e, lentamente, sem terror e sem repugnância, depus um beijo, um longo beijo naqueles lábios que jamais tinham recebido algum.

Léon Chenal calou-se. As mulheres choravam. Ouvia-se o conde de Etraille que, no seu lugar, se assoava repetidas vezes. Só o cocheiro dormitava. E os cavalos que haviam deixado de sentir o chicote, tinham afrouxado o andamento, puxavam indolentemente. O breque só a custo avançava, agora subitamente pesado como se tivesse sido carregado de tristeza.

(Julho de 1883)

Nostalgia

A Léon Dierx

O senhor Saval, a quem em Mantes chamam «o tio Saval», acaba de se levantar. É um triste dia de Outono: caem as folhas. Caem lentamente à chuva, como se fossem uma outra chuva mais espessa e mais lenta. O senhor Saval não está alegre. Anda da lareira para a janela e da janela para a lareira. A vida tem dias sombrios. Para ele, agora, só terá dias sombrios, porque tem setenta e dois anos! Está sozinho, solteirão, sem ninguém à sua volta. Como é triste morrer assim, tão só, sem qualquer afecto dedicado!

Pensa na sua existência tão nua, tão vazia. Recorda no antigo passado, no passado da sua infância, a casa, a casa com os seus pais; depois o colégio, as saídas, os seus tempos de Direito em Paris. Depois a doença e a morte do pai.

Voltou para viver com a mãe. Viveram os dois, o jovem e a velha senhora, pacificamente, sem quaisquer ambições. Ela morreu também. Como a vida é triste!

Ficou só. E agora, por sua vez, não tardará a morrer. Irá desaparecer, e tudo acabará. Deixará de haver um senhor Saval neste mundo. Que coisa horrível! Outros haverá que irão vivendo, amando, rindo. Sim, outros haverá a divertir-se, mas ele, ele já não existirá! É estranho que alguém possa rir, divertir-se, estar alegre e ao mesmo tempo estar ciente daquela eterna certeza da morte. Se esta fosse apenas provável, ainda seria possível esperar; mas não, ela é inevitável, tão inevitável como a noite depois do dia.

Ainda se a sua vida tivesse sido bem preenchida! Se tivesse feito alguma coisa – se tivesse tido aventuras, grandes prazeres, êxitos, satisfações de toda a espécie... Mas não, nada. Não fizera nada, nunca fizera mais nada além de se levantar da cama, comer às mesmas horas e deitar-se. E assim chegara aos setenta e dois anos. Nem sequer se tinha casado, como os outros homens. Porquê? Sim, porque é que não se tinha casado? Teria sido possível, porque possuía alguns meios de fortuna. Terá sido porque não surgira uma ocasião? Talvez! Mas essas ocasiões somos nós que as criamos! Era um desleixado, era isso. O desleixo fora o seu grande mal, o seu defeito, o seu vício. Quantas pessoas falham na vida por desleixo! Há pessoas para quem é tão difícil levantar-se, mexer-se, tomar atitudes, falar, estudar os problemas...

Nem sequer fora amado. Nenhuma mulher dormira sobre o seu peito num completo abandono de amor. Não conhecia as angústias deliciosas da espera, o divino arrepio da mão apertada, o êxtase da paixão triunfante.

Que felicidade sobre-humana devia inundar-nos o coração quando os lábios se encontram pela primeira vez, quando o amplexo de quatro braços transforma num único ser, num ser soberanamente feliz, dois seres loucos um pelo outro!

O senhor Saval estava sentado, de pés junto do fogo, de roupão.

Na verdade a sua vida fora um fracasso, um completo fracasso. E, no entanto, tinha amado. Amara

secretamente, dolorosamente e desleixadamente, como tudo o que fazia. Sim, amara a sua velha amiga, a senhora Sandres. Ah, se a tivesse conhecido em nova! Mas encontrara-a demasiado tarde, quando já era casada. A essa não teria dúvidas em pedi-la em casamento! E, no entanto, como ele a amara, sem tréguas, desde o primeiro dia!

Lembrava-se da sua emoção de cada vez que a via, das suas tristezas quando a deixava, das noites em que não conseguia adormecer a pensar nela.

De manhã acordava sempre um pouco menos apaixonado que à noite. Porque seria?

Como ela era bonita, dantes, como era graciosa, loira, de cabelo ondulado, amiga de rir! Sandres não era homem para ela. Ela tinha agora cinquenta e oito anos, e parecia feliz. Ah, se ela o tivesse amado naquele tempo, se ela o tivesse amado! E porque não haveria deamá-lo, a ele, Saval, já que a amava tanto?

Se ao menos ela tivesse adivinhado qualquer coisa... Será que não adivinhara nada, que não vira nada, que nunca entendera nada? Então que terá ela pensado? Se ele tivesse falado, que teria ela respondido?

E Saval interrogava-se acerca de mil outras coisas. Revivia a sua vida, procurava reunir uma multidão de pormenores.

Recordava todos os longos serões a jogar *écarté* em casa de Sandres, quando a mulher dele era nova e tão encantadora.

Recordava as coisas que ela lhe dissera, tons de voz que tinha nesses tempos, sorrisinhos mudos que traduziam tantos pensamentos.

Recordava os passeios que davam, a três, ao longo do Sena, os piqueniques, sempre ao domingo porque Sandres era empregado na subprefeitura. E de repente veio-lhe nítida à memória a lembrança de uma tarde que passara com ela numa pequena mata na margem do rio.

Tinham saído de manhã, levando as provisões embrulhadas. Era um dia intenso de Primavera, um daqueles dias inebriantes. Tudo cheira bem, tudo parece feliz. Os pássaros soltam gritos mais alegres e batem as asas mais depressa. Tinham comido no chão, à sombra dos salgueiros, muito perto da água entorpecida pelo sol. O ar era morno, cheio de aromas a seiva; bebiam-no deliciados. Que lindo dia aquele!

Depois do almoço Sandres adormecera deitado de barriga para o ar: «A melhor soneca da sua vida», disse ele ao acordar.

A senhora Sandres tinha tomado o braço de Saval e tinham ido passear os dois ao longo da margem. Ela amparava-se nele. Ria e dizia: «Estou tonta, meu amigo, completamente tonta.» Ele olhava-a estremecendo até ao íntimo, sentindo-se empalidecer, temendo que os seus olhos fossem por demais ousados, que algum tremor da mão revelasse o seu segredo.

Ela enfeitara-se com uma coroa feita de ervas grandes e lírios aquáticos e perguntara-lhe: «Gosta de mim assim?»

Como ele não disse nada – porque não achara nada para responder, o que lhe apetecia era cair de joelhos – ela pusera-se a rir, com um riso descontente, atirando-lhe à cara isto: «Mas que animal! Ao menos fale!»

Ele quase desatara a chorar, sem encontrar mais uma vez uma única palavra para dizer.

Tudo aquilo lhe ocorria agora, tão nítido como no primeiro dia. Porque lhe teria ela dito aquilo: «Mas que animal! Ao menos fale!»

E lembrou-se de como ela se apoiava ternamente nele. Ao passarem sob uma árvore baixa ele sentira a orelha dela encostada à sua cara e recuara bruscamente, com receio de que ela julgasse que aquele contacto era voluntário.

Quando ele dissera: «Não serão horas de voltar?», ela lançara-lhe um olhar esquisito. Não havia dúvidas, olhara para ele de uma maneira estranha. Não tinha pensado nisso na altura – e eis que se lembrava agora.

— Como quiser, meu amigo. Se está cansado, voltemos para trás.

E ele respondera:

— Não é que esteja cansado; mas se calhar Sandres já acordou.

E ela dissera encolhendo os ombros:

— Se receia que o meu marido tenha acordado, isso é diferente; regressemos!

No regresso permaneceu silenciosa; e já não se amparava no braço dele. Porquê?

Aquele «porquê?» nunca antes ele o tinha perguntado. Parecia-lhe agora descortinar algo que nunca tinha entendido.

Será que...?

O senhor Saval sentiu-se corar e levantou-se transtornado, como se trinta anos mais novo tivesse ouvido a senhora Sandres dizer-lhe: «Amo-o!»

Seria possível? Esta suspeita que acabava de lhe penetrar na alma torturava-o! Seria possível ele não ter visto, não ter adivinhado?

Oh, se aquilo era verdade, se ele tinha passado ao lado daquela felicidade sem a agarrar!

Pensou: Quero saber. Não posso ficar nesta dúvida. Quero saber!

E arranjou-se rapidamente, vestiu-se à pressa. Pensava: Tenho setenta e dois anos e ela tem cinquenta e oito; estou à vontade para lhe perguntar.

E saiu.

A casa de Sandres era do outro lado da rua, quase em frente da sua. Dirigiu-se para lá. A criadita veio abrir ao bater da aldraba.

Ficou espantada ao vê-lo tão cedo:

— Senhor Saval, já? Aconteceu algum acidente?

— Não, minha filha, mas vai dizer à tua patroa que eu gostava de lhe falar imediatamente.

— É que a senhora está a fazer a sua colecção de compotas de pêra para o Inverno e está ao forno; portanto, não está vestida.

— Sim, mas diga-lhe que é para um assunto muito importante.

A criadita foi para dentro e Saval pôs-se a andar pela sala em grandes passadas nervosas. No entanto, não se sentia embaraçado. Ah, ia perguntar-lhe aquilo como se lhe pedisse uma receita de cozinha. É que tinha setenta e dois anos!

A porta abriu-se e ela apareceu. Era agora uma mulher gorda, vasta e roliça, de faces cheias e riso sonoro. Vinha com as mãos afastadas do corpo e com as mangas arregaçadas nos braços nus, lambuzados de sumo açucarado. Perguntou inquieta:

— Que é que tem, meu amigo: estará doente?

Ele replicou:

— Não, minha cara amiga, mas quero perguntar-lhe uma coisa que tem para mim muita importância e que me tortura o coração. Promete que me responde com toda a franqueza?

Ela sorriu.

— Eu sou sempre franca. Diga.

— Aqui está. Eu amei-a desde o dia em que a vi. Teve noção disso?

Ela respondeu a rir, com qualquer coisa do tom de antigamente:

— Mas que animal! Bem vi isso desde o primeiro dia!

Saval pôs-se a tremer e gaguejou:

— A senhora sabia!... Então...

E calou-se.

Ela perguntou:

— Então o quê?

Ele replicou:

— Então... que é que pensava disso?... Que é que... que é que... que é que teria respondido?

Ela riu mais alto. Escorriam-lhe gotas de xarope das pontas dos dedos, que caíam no soalho.

— Eu? Mas o senhor não me perguntou nada. Não me cabia a mim fazer-lhe uma declaração!

Então ele deu um passo na direcção dela:

— Diga-me... diga-me... Lembra-se daquele dia em que Sandres adormeceu na erva depois do almoço... em que estivemos juntos lá, até à volta?...

Ficou à espera. Ela parara de rir e olhava-o nos olhos.

— É claro que me lembro.

Ele continuou a tremer:

— Bem... naquele dia... se eu tivesse sido... se eu tivesse sido... atrevido... que é que a senhora teria feito?

Ela tornou a sorrir como uma mulher feliz que não lamenta nada, e respondeu com franqueza, numa voz clara onde despontava a ironia:

— Teria cedido, meu amigo.

Depois virou costas e foi-se para as suas compotas.

Saval saiu para a rua, aterrado como depois de um desastre. Caminhava em grandes passadas debaixo de chuva, sempre a direito, descendo para o rio, sem pensar no destino. Quando chegou à margem virou à direita e continuou. Caminhou por muito tempo, como que impelido pelo instinto. As roupas estavam encharcadas, o chapéu deformado, mole como um farrapo, e escorria como um telhado. Continuava a andar, a andar sempre em frente. Foi dar ao lugar onde tinham almoçado no dia longínquo cuja memória lhe torturava o coração.

Então sentou-se sob as árvores nuas, e chorou.

O Colar

Era uma daquelas lindas e encantadoras jovens que, por uma espécie de erro do destino, nascem numa família de funcionários. Esta não tinha dote, não tinha esperanças, nem qualquer maneira de se tornar conhecida, compreendida, amada, desposada por um homem rico e distinto; e deixou-se casar com um modesto amanuense do Ministério da Instrução Pública.

Sempre se apresentou com simplicidade, já que não o podia fazer com enfeites, mas foi infeliz como se tivesse decaído para uma classe inferior; porque as mulheres não têm castas nem raças: nelas a beleza, a graciosidade e o encanto fazem as vezes da condição de nascimento e de família. A finura natural, o instinto de elegância, a agilidade de espírito são a sua única hierarquia e tornam raparigas do povo iguais às damas da mais alta sociedade.

Sofria incessantemente, sentindo-se nascida para todos os refinamentos e para todos os luxos. Sofria com a pobreza da sua habitação, com a miséria das paredes, com o desgaste das cadeiras, com a fealdade dos tecidos. Tudo coisas em que qualquer outra mulher da sua classe nem sequer teria reparado, mas que a ela a torturavam e indignavam. Quando pensava na pequena bretã que tratava do seu lar humilde, cresciam nela desoladas nostalgias e desvairados sonhos. Sonhava com as antecâmaras silenciosas, acolhoadas de reposteiros orientais, iluminadas por altos tocheiros de bronze, e com os dois grandes lacaios de calção curto adormecidos nos vastos cadeirões devido ao calor pesado do calorífero. Sonhava com os grandes salões forrados de seda antiga, com os móveis finos com inestimáveis bibelôs em cima, sonhava com as saletas galantes perfumadas, feitas para a tagarelice das cinco horas com os amigos mais íntimos, os homens conhecidos e solicitados a que todas as mulheres aspiram e cujas atenções desejam.

Quando se sentava para jantar diante da mesa redonda coberta por uma toalha de três dias, diante do marido que destapava a terrina da sopa declarando com um ar encantado: «Ah cá está o belo cozido! Não há nada melhor que isto...», ela sonhava com os jantares elegantes, com as pratarias reluzentes, com as tapeçarias que povoavam as paredes de personagens antigos e de pássaros estranhos no meio de uma floresta de conto de fadas; sonhava com os pratos requintados servidos em maravilhosas baixelas, com os galanteios segredados e escutados com um sorriso de esfinge enquanto se mastiga a carne rosada de uma truta ou as asas de uma franguinha.

Não possuía *toilettes*, nem jóias, nada. E só gostava dessas coisas: sentia-se feita para elas. Como desejaria agradar, ser invejada, ser sedutora e solicitada...

Tinha uma amiga rica, uma colega de convento que já não ia visitar por sofrer tanto ao regressar a casa. E chorava dias inteiros, de tristeza, de nostalgia, de desespero e de angústia.

Ora uma tarde o marido chegou a casa com um ar glorioso e trazendo na mão um grande sobrescrito. — Olha, disse ele, uma coisa para ti.

Ela rasgou rapidamente o papel e tirou de lá de dentro um cartão impresso com estas palavras: «O Ministro da Instrução Pública e a senhora de Georges Ramponneau convidam o senhor e a

senhora Loisel a dar-lhes a honra de vir passar o serão no palácio do Ministério na segunda-feira, 18 de Janeiro.»

Em lugar de ficar encantada, como o marido esperava, ela atirou despeitadamente o convite para cima da mesa, murmurando:

— Que queres tu que eu faça com isto?

— Ora, querida, pensei que ias ficar contente. Tu nunca sais, e aqui tens uma ocasião, uma bela ocasião! Bem me custou arranjar o convite. Toda a gente o queria: é muito procurado e não dão muitos aos funcionários. Vais encontrar lá todo o mundo oficial.

Ela olhava-o com olhos de irritação e declarou com impaciência:

— Que queres tu que eu ponha em cima do corpo para lá ir?

Ele não tinha pensado nisso e balbuciou:

— Ora, o vestido com que vais ao teatro. A mim parece-me muito bem...

Calou-se estupefacto, atordoado, ao ver que a mulher estava a chorar. Duas grossas lágrimas desciam-lhe lentamente dos cantos dos olhos para os cantos da boca; ele gaguejou:

— Que tens tu? que tens tu?

Mas, num esforço violento, ela dominara o seu desgosto e respondeu numa voz calma, enxugando as faces húmidas:

— Nada. Simplesmente, não tenho *toilette* e por consequência não posso ir a essa festa. Dá o teu cartão a um colega que tenha uma mulher mais bem vestida que eu.

Ele estava desolado. Replicou:

— Ora vejamos, Mathilde. Quanto é que custaria uma *toilette* decente que ainda te pudesse servir para outras ocasiões, uma coisa qualquer muito simples?

Ela reflectiu durante alguns segundos, fazendo as suas contas e pensando também na soma que poderia pedir sem ter como resposta uma recusa imediata e uma exclamação assustada do frugal amanuense.

Por fim, respondeu hesitante:

— Não sei ao certo, mas parece-me que com quatrocentos francos poderia chegar lá.

Ele tinha empalidecido um pouco, porque reservava precisamente aquele montante para comprar uma espingarda e poder ir a umas caçadas, no Verão seguinte, na planície de Nanterre, com alguns amigos que iam lá aos domingos atirar às calhandras.

No entanto, disse:

— Está bem. Dou-te quatrocentos francos. Mas vê lá se arranjas um belo vestido.

O dia da festa aproximava-se e a senhora Loisel parecia triste, inquieta, ansiosa. Porém, a sua *toilette* estava pronta. O marido disse-lhe uma noite:

— Que tens tu? Estás muito esquisita de há três dias para cá.

E ela respondeu:

— Aborrece-me não ter uma jóia, nem uma pedra, nada para pôr. Terei uma ar miserável como tudo. Quase preferia não ir.

Ele replicou:

— Pões flores naturais. É elegantíssimo nesta estação. Por dez francos tens duas ou três rosas magníficas.

Ela não estava nada convencida.

— Não... não há nada mais humilhante que ter um ar de pobre no meio de mulheres ricas.

Mas o marido exclamou:

— Que estupidez! Vai falar com a senhora Forestier e pede-lhe que te empreste umas jóias. Tens tão boas relações com ela que podes pedir-lhe isso.

Ela soltou um grito de alegria:

— É verdade. Não tinha pensado nisso.

No dia seguinte foi a casa da amiga e contou-lhe a sua aflição.

A senhora Forestier foi ao seu armário de espelho, pegou num cofrezinho grande, trouxe-o de lá, abriu-o e disse à senhora Loisel:

— Escolhe, minha querida.

Ela começou por examinar as pulseiras, depois um colar de pérolas, depois uma cruz veneziana, ouro e pedrarias, admiravelmente trabalhada. Experimentava os adereços diante do espelho, hesitava, não era capaz de se decidir a pô-los de lado, a devolvê-los. Perguntava sempre:

— Não tens mais nada?

— Claro que tenho. Procura. Não sei o que te poderá agradar.

De repente descobriu numa caixa de cetim preto um soberbo colar de diamantes; e o coração começou a bater-lhe num desejo imoderado. As mãos tremiam-lhe ao pegar-lhe. Pô-lo ao pescoço, por cima do seu vestido afogado, e ficou-se em êxtase diante de si mesma.

Depois perguntou, hesitante, cheia de angústia:

— Podes emprestar-me isto, só isto?

— Sim, claro que sim.

Ela saltou ao pescoço da amiga, beijou-a entusiasticamente, e foi-se com o seu tesouro.

Chegou o dia da festa. A senhora Loisel obteve um grande êxito. Era a mais bonita de todas, elegante, graciosa, sorridente e louca de alegria. Todos os homens a observavam, perguntavam o nome dela, tentavam ser-lhe apresentados. Todos os adidos do gabinete queriam dançar com ela. O Ministro reparou nela.

Ela dançava numa embriaguez, com entusiasmo, inebriada de prazer, sem pensar em mais nada, no triunfo da sua beleza, na glória do seu êxito, numa espécie de nuvem de felicidade feita de todas aquelas homenagens, de todas aquelas admirações, de todos aqueles desejos despertados, daquela vitória tão completa e tão doce ao coração das mulheres.

Saiu por volta das quatro da manhã. O marido desde a meia-noite que dormia numa salinha deserta com outros três cavalheiros cujas mulheres se divertiam muito.

Ele lançou-lhe pelos ombros os abafos que trouxera para a saída, roupas modestas da vida de todos os dias, cuja pobreza contrastava com a elegância da sua *toilette* de baile. Ela sentiu isso, e quis fugir para não ser notada pelas outras mulheres que se embrulhavam em ricas peles.

Loisel retinha-a:

— Espera aí. Vais apanhar frio lá fora. Eu vou chamar um trem de praça.

Mas ela não o ouvia e descia a escada a correr. Quando chegaram à rua não encontraram o trem e começaram à procura de um, gritando aos cocheiros que viam passar de longe.

Iam a descer para o Sena, desesperados, tiritantes. Por fim, encontraram no cais um daqueles velhos cupês noctívagos que só se vêem em Paris depois do cair da noite, como se de dia se envergonhassem da sua miséria.

Levou-os ele até à porta, na rua des Martyrs, e subiram tristemente até casa. Para ela, estava tudo acabado. Mas ele pensava que tinha de estar no Ministério às dez da manhã.

Ela despiu as roupas com que embrulhara os ombros, diante do espelho, para se ver a si mesma mais uma vez na sua glória. Mas de repente soltou um grito. Já não tinha o colar no pescoço!

O marido, já meio despido, perguntou:

— Que tens tu?

Ela virou-se para ele de cabeça perdida:

— Eu... eu... já não tenho o colar da senhora Forestier.

Ele pôs-se de pé, atordoado:

— Quê?... Como assim?... Não é possível!

Procuraram nas pregas do vestido, nas pregas do casaco, nos bolsos, por toda a parte. Não o encontraram.

Ele perguntava:

— Tens a certeza de que ainda o tinhas quando saíste do baile?

— Tenho, toquei-lhe no vestíbulo do Ministério.

— Mas se o tivesses perdido na rua tê-lo-íamos ouvido cair. Deve estar no trem.

— Pois é. É provável. Tomaste nota do número?

— Não. E tu, não reparaste?

— Não.

Olhavam um para o outro, aterrados. Por fim, Loisel tornou a vestir-se.

— Vou tornar a fazer todo o trajecto que fizemos a pé, disse ele, a ver se o encontro.

E saiu. Ela ficou com a *toilette* de cerimónia, sem forças para se deitar, caída numa cadeira, sem fogo, sem raciocínio.

O marido voltou por volta das sete. Não encontrara nada.

Foi à Prefeitura da Polícia, aos jornais para oferecer uma recompensa, às companhias de trens de praça, foi a toda a parte aonde o levasse um fiozinho de esperança.

Ela esperou todo o dia no mesmo estado de desorientação perante aquele horrível desastre.

Loisel voltou à tarde, de faces cavadas, pálidas; não descobrira nada.

— Temos de escrever à tua amiga – disse ele –, dizendo que quebraste o fecho do colar dela e que o mandaste reparar. Isso vai dar-nos tempo de tomar medidas.

Ela escreveu o que ele lhe ditou.

Passada uma semana tinham perdido todas as esperanças.

E Loisel, que envelhecera cinco anos, declarou:

— É preciso tratar de substituir aquela jóia.

No dia seguinte pegaram na caixa onde o colar estivera guardado e foram ao joalheiro cujo nome nela figurava. Ele consultou os seus livros:

— Minha senhora, não fui eu que vendi este colar; eu só devo ter fornecido o estojo.

Então andaram de joalheiro em joalheiro, procurando um adereço semelhante ao outro, consultando a memória de cada um, ambos doentes de tristeza e de angústia.

Encontraram, numa loja do Palais-Royal, um rosário de diamantes que lhes pareceu absolutamente semelhante ao que procuravam. Valia quarenta mil francos. Deixavam-lho por trinta e seis mil.

Pediram então ao joalheiro que esperasse três dias sem o vender. E puseram como condição que o retomasse por trinta e quatro mil francos se o primeiro fosse encontrado até ao fim de Fevereiro.

Loisel possuía dezoito mil francos que o pai lhe deixara e pediria o resto emprestado.

E contraiu empréstimos, pedindo mil francos a um, quinhentos a outro, cinco luíses aqui, três luíses acolá. Passou letras, assumiu compromissos ruinosos, foi obrigado a entender-se com os usurários, com todas as espécies de prestamistas. Empenhou-se até ao fim da vida, arriscou a sua assinatura sem saber sequer se poderia honrá-la, e, apavorado pelas angústias do futuro, pela negra miséria que ia abater-se sobre si, pela perspectiva de todas as privações físicas e de todas as torturas morais, foi buscar o colar novo, depondo em cima do balcão do comerciante trinta e seis mil francos.

Quando a senhora Loisel levou o adorno à senhora Forestier, esta disse-lhe com um ar melindrado:

— Devias ter-mo devolvido mais cedo, porque eu podia ter precisado dele.

Não abriu o estojo, como a amiga temia. Se desse pela substituição que pensaria a proprietária? E que diria ela? Não seria tomada por ladra?

A senhora Loisel conheceu a vida horrível dos indigentes. Aliás, resignou-se definitivamente, heroicamente. Era preciso pagar aquela dívida assustadora. E ela havia de pagá-la. Despediram a criada; mudaram de casa; alugaram uma mansarda.

Ficou a saber o que são os pesados trabalhos da lida da casa, as odiosas tarefas da cozinha. Lavou a loiça, gastando as unhas cor-de-rosa nos barros gordurosos e no fundo das panelas. Ensaboou a roupa suja, as camisas e os panos de cozinha, que estendia a secar numa corda; todas as manhãs trazia o lixo para baixo, para a rua, e trepava a escada com a água parando em cada andar para recuperar o fôlego. E, vestida como uma mulher do povo, ia à frutaria, à mercearia, ao talho, de alfofa debaixo do braço, regateando, maltratada com insultos, defendendo tostão a tostão o seu miserável dinheiro.

Todos os meses havia que pagar letras, que reformar outras, que ganhar tempo.

O marido trabalhava ao fim da tarde a escriturar as contas de um comerciante, e à noite, muitas vezes, fazia cópia a cinco soldos por página.

E durou esta vida dez anos.

Dez anos passados, tinham pago tudo, tudo, incluindo a taxa de usura e os juros acumulados.

Agora a senhora Loisel estava uma velha. Transformara-se na mulher forte, e dura, e rude, dos lares pobres. Mal penteada, com as saias de esguelha e as mãos avermelhadas, falava alto, lavava o soalho a baldes de água. Mas às vezes, quando o marido estava na repartição, sentava-se ao pé da janela e

pensava naquela *soirée* de há tanto tempo, naquele baile onde estivera tão bela e fora tão festejada.

Que teria acontecido se ela não tivesse perdido aquele adereço? Quem sabe? Quem sabe? Como a vida é estranha, como ela muda! Como uma coisa mínima basta para nos perder ou para nos salvar!

Ora, um domingo, uma vez que foi dar uma volta pelos Campos Elísios para descansar das tarefas da semana, avistou de repente uma mulher que andava com uma criança a passear. Era a senhora Forestier, sempre jovem, sempre bela, sempre sedutora.

A senhora Loisel ficou emocionada. Hesitou em ir falar-lhe. Sim, claro que ia. E agora que tinha pago ia contar-lhe tudo. Porque não?

Aproximou-se.

— Bom dia, Jeanne.

A outra não a reconhecia, espantada por ser tratada com tanta familiaridade por aquela burguesa. Balbuciou:

— Ora... Minha senhora... Não sei... Deve estar enganada...

— Não. Eu sou a Mathilde Loisel.

A amiga soltou um grito:

— Oh! Minha pobre Mathilde, como tu mudaste!...

— Pois mudei, vivi uns tempos bem duros, desde a última vez que te vi; e muitas misérias... E tudo isso por causa de ti!...

— De mim... Como assim?

— Deves lembrar-te bem daquele colar de diamantes que me emprestaste para ir à festa do Ministério.

— Sim, e então?

— Pois foi, eu perdi-o.

— Ora essa! Mas tu devolveste-mo...

— O que eu te levei era outro muito parecido. E passámos dez anos a pagá-lo. E, como imaginas, não era fácil para nós, que não tínhamos um tostão... Enfim, acabou, e estou imensamente satisfeita.

A senhora Forestier estacou.

— Dizes tu que compraste um colar de diamantes para substituir o meu?

— Pois foi. Não tinhas dado por isso, hem? Eram mesmo parecidos.

E sorria com uma alegria orgulhosa e ingénua.

A senhora Forestier, muito comovida, agarrou-lhe as duas mãos.

— Oh, minha pobre Mathilde! Mas o meu era falso! Valia, quando muito, uns quinhentos francos!...

(Fevereiro de 1884)

A Felicidade

Era a hora do chá, antes de entrarem os candeeiros. A moradia era sobre o mar; o Sol que desaparecera deixara o céu completamente rosado à sua passagem, untado de poalha de ouro; e o Mediterrâneo, sem uma ruga, sem um arrepio, liso, reluzente ainda sob a luz moribunda, parecia uma chapa de metal polida e desmesurada.

Ao longe, à direita, as montanhas recortadas desenhavam o seu perfil negro sobre a púrpura pálida do poente.

Falava-se do amor, discutia-se esse velho tema, repetiam-se coisas que já haviam sido ditas muitas vezes. A doce melancolia do crepúsculo retardava as palavras, fazia flutuar nas almas uma qualquer brandura, e a palavra «amor», que soava incessantemente, ora pronunciada por uma forte voz de homem, ora dita por uma voz de mulher de timbre levezinho, parecia encher a saleta, parecia esvoaçar nela como um passarinho, planar por ali como um espírito.

Será possível amar vários anos seguidos?

— Sim, pretendiam uns.

— Não, afirmavam os outros.

Fazia-se distinção entre diversos casos, estabeleciam-se demarcações, citavam-se exemplos, e todos, homens e mulheres, plenos de memórias emergentes e perturbadoras, que não podiam citar e que lhes subiam aos lábios, pareciam comovidos, falavam dessa coisa banal e soberana que é o acordo terno e misterioso de dois seres com uma emoção profunda e um interesse ardente.

Mas, de repente, houve um que, de olhos fitos ao longe, exclamou:

— Oh! Vejam ali ao longe, que será?

No mar, ao fundo do horizonte, aparecia uma mancha cinzenta, enorme e confusa.

As mulheres tinham-se posto de pé e olhavam sem compreender para aquela coisa surpreendente que nunca tinham visto.

Alguém disse:

— É a Córsega! Consegue ver-se assim duas ou três vezes por ano em certas condições atmosféricas excepcionais, quando o ar de limpidez perfeita deixa de a esconder com aquelas brumas de vapor de água que costumam velar as distâncias.

Distinguiam vagamente os cumes, julgaram reconhecer a neve dos picos. E todos continuavam surpreendidos, perturbados, quase assustados por aquela brusca aparição de um mundo, por aquele fantasma saído do mar. Talvez aqueles que, como Colombo, partiram a navegar pelos oceanos inexplorados tenham tido destas visões estranhas.

Então um senhor de certa idade, que ainda não tinha dito nada, declarou:

— Olhem, naquela ilha ali à nossa frente, como que para ser ela mesma a responder ao que estávamos dizendo e para me trazer à memória uma singular recordação, naquela ilha conheci eu um exemplo admirável de amor constante, de um amor inacreditavelmente feliz.

Aqui o têm.

Aqui há cinco anos fiz uma viagem à Córsega. Esta ilha selvagem é mais desconhecida e está mais longe de nós que a América, embora às vezes, como hoje, possamos vê-la das costas da França.

Imaginem um mundo ainda em caos, uma tempestade de montanhas separadas por ravinas estreitas por onde rolam torrentes; nem uma planície, mas sim imensas vagas de granito e de gigantescas ondulações de terra cobertas de mato rasteiro ou de altas florestas de castanheiros e pinheiros. É um solo virgem, inculto, deserto, embora aqui e além se aviste uma aldeia, que parece um montão de rochedos no alto de um monte. Não há culturas, indústrias ou artes. Nunca se encontra um pedaço de madeira trabalhada, uma peça de pedra esculpida, nunca a memória do gosto infantil ou refinado dos antepassados pelas coisas graciosas e belas. Nisto reside o que mais impressiona naquela terra soberba e dura: na indiferença hereditária por essa busca das formas sedutoras a que chamamos arte.

A Itália, onde cada palácio, cheio de obras-primas, é ele próprio uma obra-prima, em que o mármore, a madeira, o bronze, o ferro, os metais e as pedras atestam o génio do homem, em que os mais pequenos objectos antigos que abundam nas velhas casas revelam a divina inquietação da graça, é para nós todos a pátria sagrada que amamos porque nos mostra e nos prova o esforço, a grandeza, o poder e o triunfo da inteligência criadora.

E, diante dela, a Córsega selvagem permaneceu como era nos seus primeiros dias. Cada um vive na sua casa grosseira, indiferente a tudo o que não diz respeito à sua vida pessoal ou às suas querelas de família. E permaneceu cada um com os defeitos e as qualidades das raças incultas, violento, rancoroso, sanguinário na sua inconsciência, mas também hospitaleiro, generoso, dedicado, ingénuo, abrindo a porta a quem passa e oferecendo a sua fiel amizade em troca do mínimo sinal de simpatia.

Aconteceu que eu andava vagueando há um mês por aquela ilha magnífica, com a sensação de estar no fim do mundo. Não se viam estalagens, nem tabernas, nem estradas. Seguindo por carreiros de mulas chegamos a uns lugarejos agarrados ao flanco das montanhas, debruçados sobre tortuosos abismos, donde à noite ouvimos subir o ruído constante, a voz surda e profunda da torrente. Batemos às portas das casas, pedimos abrigo para a noite e algo para nos mantermos até ao dia seguinte. E sentamo-nos à mesa humilde, e dormimos sob o humilde tecto; e de manhã apertamos a mão estendida do nosso hospedeiro que nos foi guiar até aos limites da aldeia.

Ora, uma tarde, depois de dez horas de caminhada, cheguei a uma pequena morada isolada ao fundo de um estreito vale que ia desembocar no mar a uma légua de distância. As duas encostas íngremes da montanha, cobertas de mato, de rochas esfareladas e de grandes árvores, fechavam como duas escuras muralhas aquela ravina lastimosamente triste.

Em redor da choupana, alguns pés de vinha, uma pequena horta e, mais adiante, alguns grandes castanheiros; enfim, algo para viver, uma fortuna para aquela terra pobre.

A mulher que me recebeu era velha, severa e, por excepção, limpa. O homem, sentado numa cadeira de palha, levantou-se para me cumprimentar e depois tornou a sentar-se sem dizer palavra. A companheira disse-me:

— Perdoe-lhe: ele ficou surdo. Tem oitenta e dois anos.

Falava o francês de França. Fiquei surpreendido e perguntei-lhe:

— A senhora não é da Córsega?

Ela respondeu:

-Não; nós somos continentais. Mas há cinquenta anos que vivemos aqui.

Fui tomado por uma sensação de angústia e de medo ao pensar naqueles cinquenta anos passados naquele buraco escuro, tão longe das cidades onde vivem os humanos. Entrou um velho pastor e começámos a comer o único prato do jantar, uma sopa espessa feita de batatas e couves cozidas com toucinho.

Acabada a curta refeição, fui sentar-me diante da porta, de coração angustiado pela melancolia da paisagem triste, aguilhoado por aquela aflição que por vezes se apodera dos viajantes em certas tardes sombrias, em certos lugares desolados. Parece que tudo está prestes a acabar, a existência e o universo. Descobrimos bruscamente a horrível miséria da vida, o isolamento de todos, o nada de tudo, e a negra solidão do coração que em sonhos se embala e a si mesmo se ilude até à morte.

A velha juntou-se a mim e, torturada por aquela curiosidade que vive sempre no fundo das almas mais resignadas, disse-me:

— Então o senhor vem de França?

— Sim, viajo por prazer.

— Se calhar é de Paris?

— Não, sou de Nancy.

Pareceu-me agitada por uma emoção extraordinária. Não faço ideia de como é que vi isso, ou antes, de como o senti.

Ela repetiu numa voz lenta:

— É de Nancy?

O homem apareceu diante da porta, impassível como costumam ser os surdos.

Ela continuou:

— Não faz mal. Ele não ouve.

E, passados alguns segundos:

— Então conhece gente em Nancy?

— Claro, conheço quase toda a gente.

— A família de Sainte-Allaize?

— Ah, muito bem; eram amigos do meu pai.

— Como é que o senhor se chama?

Disse-lhe o meu nome. Ela olhou fixamente para mim e depois declarou, naquela voz baixa que as recordações despertam:

— Sim, sim, lembro-me bem. E os Brisemare, que é feito deles?

— Morreram todos.

— Ah, e os Sirmont, conhecia-os?

— Sim, o último é general.

Então, fremente de emoção, de angústia, de um qualquer sentimento confuso, poderoso e sagrado, de uma qualquer necessidade de confessar, de dizer tudo, de falar daquelas coisas que até então tinha guardado secretas no fundo do coração, e daquelas pessoas cujo nome lhe perturbavam a alma, disse:

— Pois é, Henri de Sirmont. Bem sei. É meu irmão.

E eu ergui os olhos para ela, atordoado de surpresa. E de repente lembrei-me.

Tinha acontecido, em tempos, um grande escândalo na nobre Lorena. Uma jovem, bela e rica, Suzanne de Sirmont, fora raptada por um sargento dos hussardos, do regimento comandado pelo pai dela.

Aquele soldado que seduzira a filha do seu coronel era um belo rapaz, filho de camponeses, mas a quem assentava bem o seu dólman azul. Ela, certamente, ao ver desfilar os esquadrões, vira-o e reparara nele, e amara-o. Mas como lhe falara, como tinham conseguido encontrar-se, entender-se? Como se atrevera ela a dar-lhe a entender que o amava? Isso nunca ninguém soube.

Ninguém tinha adivinhado nada, nada havia pressentido. Um fim de tarde, justamente quando o soldado acabara o seu serviço, desapareceu com ela. Procuraram-nos mas não os descobriram. Nunca tiveram notícias deles, e a ela davam-na como morta.

E assim a encontrava eu naquele sinistro vale.

Então, por minha vez, falei:

— Sim, lembro-me muito bem. Estou diante da menina Suzanne.

Ela fez que sim com a cabeça. Deslizavam-lhe lágrimas dos olhos. Então, indicando-me com um olhar o velho, imóvel no limiar do seu casebre, disse-me:

— É ele.

E percebi que ela continuava a amá-lo, que o via ainda com os seus olhos seduzidos.

Perguntei:

— Ao menos foi feliz?

Respondeu com uma voz que lhe vinha do coração:

— Ah, sim, muito feliz. Ele fez-me muito feliz. Nunca me arrependi de nada.

Eu olhava para ela, triste, surpreendido, maravilhado com o poder do amor! Aquela jovem rica fora atrás daquele homem, daquele camponês. E também ela se tornara uma camponesa. Amoldara-se à sua vida sem encantos, sem luxo, sem qualquer espécie de refinamento, vergara-se aos seus hábitos simples. E continuava a amá-lo. Transformara-se na mulher de um rústico, de touca, com uma saia de pano grosso. Comia num prato de barro, numa mesa de madeira, sentada numa cadeira de palha, um cozido de couves e batatas com toucinho. Dormia numa esteira ao lado dele.

Nunca pensara em nada senão nele! Nunca lamentara nem os enfeites, nem os tecidos, nem as elegâncias, nem a macieza das cadeiras, nem a tepidez perfumada dos quartos de paredes forradas, nem a suavidade dos colchões de penas onde os corpos mergulham a descansar. Nunca precisara de nada além dele; estando ele, nada mais desejava.

Saíra da vida muito nova, saíra do mundo, abandonara os que a tinham criado e amado. Viera, sozinha com ele, para aquela bravia ravina. E ele fora tudo para ela, tudo o que se deseja, tudo o que se sonha, tudo o que constantemente se espera, tudo aquilo a que infinitamente se aspira. Ele enchera a sua vida de felicidade, de uma ponta à outra.

Nunca poderia ter sido mais feliz.

E durante toda a noite, ao escutar a respiração rouca do velho soldado estendido no seu catre, ao lado daquela que o seguira de tão longe, eu pensava naquela estranha e simples aventura, naquela felicidade tão completa, feita de tão pouco.

E parti ao nascer do Sol, depois de ter apertado a mão dos dois velhos esposos.

O narrador calou-se. Uma mulher disse:

— Ora, ora!, ela tinha um ideal muito fácil, necessidades muito primitivas e exigências muito simples. Era estúpida, com certeza.

Outra declarou em voz lenta:

— Não interessa. Foi feliz.

E lá longe, ao fundo do horizonte, a Córsega mergulhava na noite, entrava lentamente no mar, desvanecia a sua grande sombra que surgira como que para ser ela mesma a contar a história de dois humildes amantes acoitados nas suas costas.

(Março de 1884)

Alexandre

Foi naquele dia às quatro horas que, como todos os dias, Alexandre levou para diante da porta da pequena morada do casal Maramballe a cadeira de paralítico, de três rodas, onde até às seis da tarde passeava, por prescrição do médico, a sua velha e deficiente patroa.

Depois de ter encostado o pequeno veículo ao degrau, precisamente no local onde lhe era fácil ajudar a subir a volumosa senhora, entrou na casa e não tardou a ouvir-se lá dentro uma voz furiosa, uma voz enrouquecida de antigo soldado, vociferando pragas: era a do patrão, o ex-capitão de infantaria reformado Joseph Maramballe.

Seguiram-se ruídos de portas fechadas com violência, de cadeiras empurradas, de passos agitados, e depois mais nada; e, passados alguns instantes, Alexandre reapareceu à porta da rua, segurando com todas as suas forças a senhora Maramballe, extenuada pela descida da escada. Depois de a instalar, não sem dificuldades, na cadeira rolante, Alexandre passou para trás, agarrou na barra revirada que servia para empurrar o veículo e pô-lo a caminho da margem do rio.

Atravessavam assim a cidadezinha todos os dias, por entre as saudações respeitosas que talvez se dirigissem tanto ao empregado como à patroa, porque, embora ela fosse amada e considerada por toda a gente, ele, sim, aquele velho soldado de barba branca, de barba de patriarca, passava por ser o modelo dos criados.

O sol de Julho caía brutalmente sobre a rua, afogando as casas baixas sob a sua luz triste de tanto ser ardente e impiedosa. Nos passeios dormiam cães na linha de sombra das paredes, e Alexandre, ofegando um pouco, estugava o passo para chegar mais depressa à avenida que vai até à beira de água.

A senhora Maramballe já dormitava debaixo da sua sombrinha branca, cuja ponta desgovernada ia encostar-se às vezes ao rosto impassível do homem.

Quando por fim chegaram à alameda das Tílias, ela acordou completamente à sombra das árvores e disse numa voz benevolente:

«Vá mais devagar, meu rapaz, que senão mata-se com este calor.»

No seu egoísmo ingénuo, não passava pela cabeça da boa da senhora que, se agora queria ir mais devagar, era justamente porque acabava de chegar ao abrigo das folhas.

Junto daquele caminho coberto pelas velhas tílias talhadas em abóbada, o Navette corria num leito tortuoso entre duas sebes de salgueiros. O gorgolejar dos remoinhos, dos choques com as rochas, dos bruscos desvios da corrente, espalhavam ao longo de todo aquele passeio uma doce canção de água e uma frescura de ar molhado.

Depois de ter respirado e saboreado longamente o encanto húmido do lugar, a senhora Maramballe murmurou:

«Vá lá, está melhor. Mas hoje não se levantou de bom humor.»

Alexandre respondeu:

«Ah, pois não, minha senhora.»

Havia trinta e cinco anos que estava ao serviço daquele casal, primeiro como ordenança do oficial, e depois como simples criado que não quis deixar os seus patrões; e havia seis anos que todas as tardes empurrava a cadeira de rodas da patroa pelos estreitos caminhos à volta da cidade.

Desse longo serviço dedicado, e depois desse quotidiano tempo a sós, tinha resultado entre a velha senhora e o seu serviçal uma espécie de familiaridade, afectuosa nela e respeitosa nele.

Falavam dos assuntos da casa como se fala entre iguais. O seu principal tema de conversa e de inquietação era aliás o mau feitio do capitão, azedado por uma longa carreira que começara com brilho, que depois decorrera sem progressos, e que por fim terminara sem glória.

A senhora Maramballe continuou:

«Quanto a disposição, hoje levantou-se de mau humor. Acontece-lhe muitas vezes desde que deixou o serviço.»

E Alexandre, com um suspiro, completou o pensamento da patroa:

«Oh, minha senhora, bem pode dizer que lhe acontece todos os dias, e que lhe acontecia também antes de ter saído do exército.»

«É verdade. Mas também não teve sorte, aquele homem. Começou com um acto de bravura graças ao qual foi condecorado aos vinte anos, e depois entre os vinte e os cinquenta não conseguiu ir além de capitão, quando ao princípio contava reformar-se pelo menos como coronel.»

«A senhora bem pode dizer, além disso, que no fim de contas a culpa é dele. Se não tivesse sido sempre tão meigo como um pingalim, os chefes teriam gostado mais dele e tê-lo-iam protegido mais. Ser duro não serve de nada, é preciso agradar aos outros para se ser bem visto.»

«E se a nós nos trata assim, a culpa também é nossa, porque queremos viver com ele, mas para os outros é diferente.»

A senhora Maramballe reflectia. Ah, havia anos e anos que assim pensava todos os dias nas brutalidades do marido, com quem em tempos casara, sim, há tanto tempo, porque ele era um belo oficial, condecorado tão novo e, segundo se dizia, cheio de futuro. Como nos enganamos na vida!

Murmurou:

«Vamos parar aqui um pouco, meu pobre Alexandre, e descanse aí no seu banco.»

Era um banquinho de madeira meio podre situado numa curva da alameda para os passeantes de domingo. Sempre que vinham para aqueles lados Alexandre costumava retomar o fôlego ali sentado durante alguns minutos.

Sentou-se e, passando as duas mãos, num gesto habitual e cheio de orgulho, pela sua barba branca aberta em leque, apertou-a e depois fê-la deslizar fechando os dedos até à ponta, que reteve por alguns instantes na curva do estômago, como para ali a fixar, e como para verificar mais uma vez o grande comprimento daquela vegetação.

A senhora Maramballe continuou:

«Eu casei com ele; é justo e natural que suporte as suas injustiças, mas o que eu não compreendo é que você, meu bom Alexandre, o tenha aturado também!»

Ele encolheu vagamente os ombros e disse apenas:

«Ah, eu... minha senhora...»

Ela acrescentou:

«Realmente. Pensei nisso muitas vezes. Você era a ordenança dele quando me casei e não tinha outro remédio senão suportá-lo. Mas depois, porque é que ficou connosco, quando nós lhe pagamos tão pouco e o tratamos tão mal, e quando podia ter feito como toda a gente, estabelecer-se, casar-se, ter filhos, fundar uma família!»

Ele repetiu:

«Ah, eu, minha senhora, é diferente.» Depois calou-se; mas puxava pela barba como se tocasse um sino que ressoava dentro de si, como se procurasse arrancá-la, e revirava os olhos assustados parecendo muito embaraçado.

A senhora Maramballe continuava o seu pensamento.

«Você não é um campónio. Teve educação...»

Ele interrompeu-a com orgulho:

«Tinha estudado para ser geómetra agrimensor, minha senhora.»

«Então porque é que ficou connosco, desperdiçando a sua vida?»

Ele balbuciou:

«É assim! é assim! A culpa é do meu feitio.»

«Do seu feitio, como?»

«Sim, quando me prendo, fico preso e pronto.»

Ela pôs-se a rir.

«Ora, não vai tentar convencer-me de que as boas maneiras e a brandura de Maramballe o prenderam a ele para sempre.»

Ele agitava-se no seu banco, visivelmente de cabeça perdida, e rosnou por entre os longos pêlos do bigode:

«Não foi a ele, foi a si!»

A velha senhora, que tinha um rosto muito doce, coroado entre a testa e o chapéu por uma linha nevada de cabelos todos os dias cuidadosamente enrolados em anéis, e brilhantes como penas de cisne, fez um movimento na sua cadeirinha e contemplou o criado com olhos de grande surpresa.

«Como, a mim, meu pobre Alexandre?»

Ele pôs-se a olhar para o ar, e depois de lado, e depois para longe, virando a cabeça, como fazem os homens tímidos quando obrigados a confessar segredos vergonhosos. Depois declarou com uma coragem de soldado que recebe ordem de fazer fogo:

«É assim. Da primeira vez que levei à menina uma carta do tenente e a menina me deu vinte soldos fazendo-me um sorriso, ficou decidido assim.»

Ela insistia, não percebia bem.

«Ora vá lá, explique-se.»

Então ele soltou com o terror de um miserável que confessa um crime e que se perde:

«Tive um sentimento pela senhora. Foi isso!»

Ela não disse nada, parou de olhar para ele, baixou a cabeça e reflectiu. Era uma pessoa boa, cheia de rectidão, de doçura, de razão e de sensibilidade.

Pensou, no espaço de um segundo, na imensa dedicação daquele pobre ser que renunciara a tudo para viver ao pé dela, sem dizer nada. E teve vontade de chorar.

Depois, fazendo uma cara um pouco séria, mas não zangada, disse:

«Voltemos para casa.»

Ele levantou-se, pôs-se atrás da cadeira de rodas, e tornou a empurrá-la.

Quando se aproximavam da aldeia avistaram a meio do caminho o capitão Maramballe que vinha na sua direcção.

Logo que chegou ao pé deles disse à mulher com visível vontade de se zangar:

«Que é que temos para o jantar?»

«Um franguinho com feijão.»

Ele exaltou-se.

«Um frango, outra vez frango, sempre frango, raios o partam! Estou farto, estou mais que farto do teu frango. Não és capaz de meter na cabeça que me obrigas a comer todos os dias a mesma coisa?»

Ela respondeu, resignada:

«Ora, meu querido, sabes que é o que o médico te prescreve. Ainda é o que há de melhor para o estômago. Se não fosses doente do estômago dava-te para comer muitas coisas que não me atrevo a servir-te.»

Então ele, exasperado, plantou-se em frente de Alexandre.

«Se sou doente do estômago, a culpa é desta besta. Há trinta e cinco anos que ele me envenena com a porcaria da sua cozinha.»

A senhora Maramballe, de repente, voltou a cabeça quase completamente para conseguir ver o velho criado. Então os olhos de ambos encontraram-se, e com esse único olhar disseram um e outro:

«Obrigado.»

(Setembro de 1889)